

102  
3/4

# Heloisa d'Arlemont

## (Trilogia)

---

A CORTE de PROVENÇA

por

**ZEFERINO GALVÃO**

(Do INSTITUTO ARQUEOLÓGICO E GEOGRÁ-  
FICO DE PERNAMBUCO)

---

**PESQUEIRA**

Tip. da "Gazeta de Pesqueira"  
1918

Helena d'Atalmon

(1818)

A CORTE DE PROVEDORES

por

ZEFERINO GALVÃO

Do Instituto Agrícola e Industrial  
(Rio de Janeiro)

PARIS

Tip. de Gaxeta de Resposta

1818

Dito Deseoio:  
8/11/994.

**A Côrte  
de  
PROVENÇA**

*Manuscrit de la Bibliothèque  
de la Ville de Paris*

PROVENÇA  
de  
A Corte

## Obras de Zeferino Galvão

---

### PUBLICADAS

- O INCONFIDENTE (2.<sup>a</sup> edição esgotada) Romance de costumes nacionais. Reproduzido em folhetim pelo *Araguari*, Minas, *O Tempo*, Faxina, e *Nova Cruzada*, Ribeirão Preto, S. Paulo.
- EULÁMPIO CORVO (esgotado) romance histórico do tempo de Napoleão I. Reproduzido pel'*OFacho*, das ilhas Hawaii, Oceânia.
- O CADETE BONIFÁCIO, romance de costumes nacionais.
- ARCA DE NOÉ, estudo crítico-social. Reproduzido pelo *Capivari*, de S. Paulo, e *Cetama*, Barbalha, Ceará.
- MIRZA, romance psicológico.
- RESSURREIÇÃO, análise sobre a vida intelectual de uma poetiza sertaneja.
- ATRAVÉZ DOS SÉCULOS, poesias.
- INVESTIGAÇÕES FILOLÓGICAS, tratado sobre a reforma ortográfica e colocação dos pronomes.
- NA DOBRA DA MORTALHA, poemeto.
- CORAÇÃO E CÉREBRO, questões filosóficas, religiosas, políticas e sociológicas.
- O TURBILHÃO, artigos filosóficos e de combate. Reproduzidos pel'*O Tocantins*, de Carolina, Maranhão.
- PAZ, GUERRA E CIVISMO, conferência, com os hinos do Tiro de Alagoïnhas e dos Escoteiros Paraenses.
- CARTAS AO DIABO, história político-filosófica do mal no mundo.
- LABIRINTO DE CRETA, seção combativa, na *Gazeta de Pesqueira*, contra a tirania dos governos.

## INÉDITAS

O MOSTEIRO DE NIMES ;

A GUERRA DOS CAMISARDOS, romances históricos, sobre o declínio do reinado de Luiz XIV ( trilogia ).

PSICOLOGIA SOCIAL, doutrinas e conceitos sobre as miragens da vida.

A TAÇA DE AMARGURA, história de um cárcere.

A VORÁGEM DOS SÉCULOS, estudo filosófico e religioso.

MEMÓRIAS DE UM LITERATO, auto-biografia.

A COMÉDIA POLÍTICA, romance.

A CONQUISTA DE PERNAMBUCO, narrativa de uma tragédia.

O CONLÚCIO DOS PATIFES, romance.

EPICOMBOS, poesias, em 8 livros, estando publicado o 1.º  
( *Atravéz dos Séculos* ), e denominando-se os outros

*Turibulo de Pétalas*

*Vibrações elétricas*

*Bombardas a esmo*

*Gorgeios da Alma*

*Conquistas da Razão*

*Cerrações do Espírito*

*Filigranas iluminadas.*

A SORBONA CELESTE, sátira.

DICIONÁRIO BIOGRÁFICO UNIVERSAL, 31 mil páginas,  
in-fólio.

## EM PREPARO

POEMA DO CREPÚSCULO, páginas sobre a tristeza de uma vida em decadência.

## Excerptos de numerosos juízos críticos sobre obras já publicadas

**Atravéz dos Séculos.** Con questo titulo il noto giornalista e distinto poeta ha publicato un libro di versi bellissimi pieni di vita. ( *Il Messaggero*, S. Paulo )



Admirável autor dos livros formosos **Atravéz dos Séculos** e **O Inconfidente**.

*Don Manuel Lorenzo d'Ayot*  
( autor do poema LA IBERIADA, Hispanha )



Aí ha scenas que arrancam lágrimas, bem pintadas, bem vistas, e sobretudo, extraordinariamente sentidas.

*Dr. Orlando Marçal* ( Portugal ).



Os seus interessantes romances históricos, que li com grande prazer e pelos quais o felicito...

*Dr. Oliveira Lima.*



Que otros elementos valiosos como usted imitasen su ejemplo...

*Enrique Deschamps* ( diretor da parte latino-americana da « Enciclopedia Universal Ilustrada », Barcelona, Hispanha ).



Valiosos trabalhos literários, prova eloquente de sua erudição...

*José Lopes da Silva* ( Cabo Verde )



**O Inconfidente.** Voilà encore un petit chef d'œuvre de littérature nationale, emanant du meilleur des auteurs du Nord du Brésil... ( *Le Messager de S. Paulo* )



Poesias sentidas e interessantes...

*Guerra Junqueiro.*



E aproveito a ocasião para cumprimentar o meu distinto colega pela atitude que tem dado ao seu jornal.

*Fernando Mendes Júnior* ( Pariz )

Está escrito por certo com atrevimiento de lenguaje que retratan el temperamento y los ideales del autor, demonstrando grandes conocimientos de la história de Europa.

( *Brasil en España*, Madrid ).



**Coração e Cérebro** é um livro á maneira dos **Mistérios da vida**, de Hæckel, e embora tenha a feição leve de um volume de crónicas, é no entanto profundamente filosófico... e nada estopante, o que é uma grande cousa. O essencial é que Zeferino Galvão tem um ideal e dispõe de cultura, duas cousas atualmente muito raras.

( *Fon-Fon*, Rio )



Conocemos muy favorablemente el galano escritor de Peruambuco, pues nos habiamos deleitado con la lectura de **Mirza, O Inconfidente, Arca de Noé** y otras varias obras debidas á su bien acreditada pluma.

( *América*, New York, revista de Zayas Enriquez )



Os dois livros com que teve a fineza de enriquecer a biblioteca de seu admirador. **Goran Bjorkman** ( Suécia )



... onde tão brilhantemente fulge o seu talento.

*Luiz Pistarini*, ( Rio )



Vem desta fórma **O Cadete Bonifácio** fortalecer o nome ja conhecido de Zeferino Galvão.

( *Jornal Pequeno*, Recife )



E' um exemplo de operosidade. No jornal faz todo trabalho, a começar pelo de tipógrafo. Poeta e romancista, tem vários volumes publicados, com a particularidade de os haver composto com as próprias mãos que escreveu.

( *Diário de Pernambuco* )



O belo trabalho em que o orador termina com uma vibrante saudação á pátria.

( *Jornal do Recife* )



E' um trabalho patriótico, escrito em bom estilo.

( *A Provincia*, Recife )

# RETROSPECTO

## I

### Ao século XIX

“**L**IBERDADE para sempre!” exclamou Adam Smith nas convulsões da morte, lembrando-se de si e do espírito que se desagregava.

Palavras esplendorosas, que as faz ouvir um moribundo, um economista célebre, e são dignas das gerações futuras, no sentido exato das coisas subjetivas.

Em nome dessa mesma liberdade fala também o autor deste livro, porque lhe era preciso expandir as suas idéas febricitantes e que se desencadeiam com uma juventude de vinte anos.

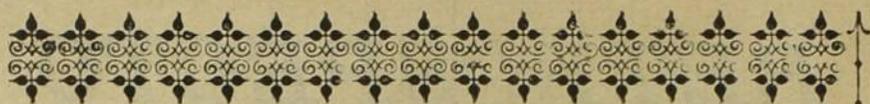
Vacilante. . . sem o fraseado dos romancistas modernos, nem o lirismo dos grandes poetas, — ergueu-se das sombras do aniquilamento em que vive, e traçou este romance.

E realmente, páginas escritas entre o desespero que exacerba e a descrença que deprime, — darão o molde de um romance histórico? Páginas desnudas da esperança, sem o sopro da ilusão religiosa?! . . .

Sim; a página da dor é um romance também.

Há erros e muitos erros nesta multidão de páginas? . . . Melhores e mais corretas não podiam ser: o seu autor não é tão vaidoso que se julgue um sabio; é muito pobre e não se veste de púrpura.

PESQUEIRA, 15 DE MARÇO DE 1884.



## II A Europa no século XVII

**T**ODA a Europa gemia sob o peso da desolação, ocasionada pelos reis absolutos, que alegremente mantinham a ignorância crassa, — tão peculiar ás classes desprotegidas —, e sobretudo, o fanatismo religioso, que em todos os tempos dominou o mundo. Nada a podia socorrer nessa decadência social. . . Montesquieu não era conhecido ainda; a **Enciclopédia** nem por sonhos se projetava. A influência da Idade-média se tinha inoculado bastante para envenenar-lhe o sangue.

O seu pranto era legítimo: a África também chorava. Uma, oprimida na liberdade de consciência; a outra, desfrutada como escrava. A Ásia permanecia na sombra; a América era uma região desconhecida. Nada mais deplorável do que o quadro europeu: o feudalismo na Alemanha; a atrocidade na Rússia; a ambição na Inglaterra; o despotismo na França; a simonia na Itália; a lascívia na Turquia; o fanatismo na Espanha!

Nessa desordem salientava-se a França. Afasta o reposteiro do século com o assassinio de Henrique IV pelo frade Ravallac. O cardeal de Richelieu, com a sua política maquiavélica, tinha amedrontado o velho-mundo, e Luiz XIII era simplesmente um d. José I ás ordens desse poderosíssimo marquez de Pombal. Quem tudo movia era o seu ministro. Suplantava as conspirações, dispunha do cadafalso, reduzia os protestantes, guerre-

ava á Áustria e á Hispanha. Foi assim que La Rochelle deixou de abrigar os calvinistas ; os judeus foram expulsos do território dos francos ; Bouteville, Chalais, Marillac, Cinq-Mars e Montmorency caíram sob o cutelo do algoz. Campanella era tirado dos cárceres de Milão, pelo cardeal-ministro, para fazer o horoscópio do delfim.

Descartes publicava, em 1637, o seu **Discurso sobre o Método** ; há mezes o Cid de Corneille se tornára conhecido, não obstante o despeito do ministro, que não se contentava em ser politico somente, e queria tambem os louros de dramaturgo. O brado de Saulx Tavannes, esse grito feroz de « Sangrai ! sangrai ! . . » e que fôra impellido na tenebrosa noite de S. Bartolomeu, — ainda repercutia, como na hora do crime. Por isto queimaram o desgraçado Urbano Grandier ! . . Nefasto homem ! pavoroso estadista ! esse Armando de Richelieu, que veio ao mundo unicamente para a infelicidade do pensamento livre e a desventura da nobreza ! . .

Um outro cardeal, mas, de origem italiana, foi o seu substituto. Mazarino, durante a regência de Ana d'Áustria, tencionando seguir a mesma política do seu predecessor, não fruiu, entretanto, tamanha fortuna como aquele. Duas conspirações o detiveram ; a dos *Importantes* e a *Fronde*. A primeira, debelada logo ; a segunda, renitente e contando chefes como o príncipe de Condé e o cardeal de Retz, esteve a ponto de fazel-o baquear ; mas, o ministro venceu e gozou vantajosamente do segundo período do seu governo, que foi o início do reinado de Luiz XIV.

Chegou um dia em que o neto de Filipe III disse ao mundo : « O Estado sou eu ! . . » Os destinos da França foram submetidos aos caprichos do Rei-Sol. Um raio de luz inundou todo o paiz, e os seus reflexos derramaram-se por toda a Europa. As armas francezas passearam triunfantes nas mais populosas cidades : parecia que a Fortuna beijára a fronte dos gaulezes ! . . Depois a sombra desceu as suas azas pardacentas sobre o luxuoso trono dos Bourbons.

Em 1676 Flechier recitava, em Pariz, a oração fúnebre de Turenne. Luiz XIV entregava-se à prostituição e às práticas religiosas. Não o affligiam as cabeças decepadas dos grandes generais, abatidos estupidamente pela tirania de seus avós. Contemplava o cadáver de Maria de Médicis, morta à fome, em Colônia, para contentar somente a vingança do cardeal de Richelieu, — e era insensível a tanta degradação! . . . Instituiu a *Câmara ardente*, — o tribunal lutuoso para o julgamento dos delitos excepcionais. Deixava que Fontenelle, porque escrevera a **História dos Oráculos**, fosse perseguido por Letellier.

Colbert garantia a causa protestante, e mal cerrava os olhos, logo os seus adeptos cairam, como que fulminados de morte, porque previam ter descido áquele túmulo a última centelha das suas liberdades. Assim foi. Lachaise e Letellier, os dois jesuitas confessores, transformavam Luiz XIV em máquina que, á vontade, tangiam. Lamothe le Vayer e Desbarreaux eram mostrados ao povo como ateus; portanto, os seus escritos molestavam a beatice de Versalhes.

O príncipe de Condé ja não servia á patria, porque, atacado de reumatismo, descansava na sua quinta de Chantilly. Luiz XIV, induzido pela cõrte de Roma, revogava o Édito de Nantes, promulgado por seu avô Henrique IV, e assim permitia que 50 mil famílias, sem patria e sem pão, saíssem errantes e povoassem os paizes vizinhos, dotando-os com as artes, a manufatura, o comércio e as sciências. As dragonadas percorreram a França, e sobretudo, as Cevenas; a guerra, como enorme giboia, enroscou-se em tórno das nações. . . Foi um fim de século que se amortalhou em sangue! . . .

Agora falemos da Inglaterra.

Nesta análise do século XVII cada nação terá de ligurar no banquete político, como conviva obrigado que é. Surge a Britânia dos celtas. Principia com a *Conspiração da Pólvora*, atribuida ao desgraçado Gui Fawkes, que sofreu a pena do impugnado crime; depois a guer-

ra civil entre o Parlamento e o rei, — guerra porliada e de consequências graves, que recordou a época das *Duas-rosas*. Carlos I é conduzido ao cêpo, e do seu sangue rebentou uma fantástica república na pessoa de Olivério Cromwell. A restauração succede-se. Um pavoroso incêndio abraza a sonolenta Londres, e os jesuítas são acusados pela calamidade. O duque de Monmouth aspira ao trono; é executado pela audácia, mas os Stuarts não se lucram desse castigo implacavel, porque, trez anos depois, foram espoliados do deslumbrante scetro.

Carlos X subia ao trono da Suécia, por abdicção de sua prima Cristina I. A filha de Gustavo Adolfo é uma mentecapta, que no palácio de Fontainebleau faz assassinar o marquez de Monaldeschi, — seu amante e pseudo escudeiro —, e dirige-se á Polónia, julgando ser eleita por esse povo! . . Carlos XI é um déspota odioso.

A Hispanha expulsava os mouros. Carlos II era um fanático, tanto que uma vez, em 1685, tendo saído a passeio num coche, e encontrando no caminho o viático, que ia ser ministrado a um enfêrmo, — mostrou-se abrazado por uma fé excessiva de religião, apeou-se, enquanto o padre ocupava o seu lugar, e assim o monarca o acompanhou a pé, com a cabeça descoberta, cercado de muito povo.

João Sobieski, á frente de um corpo de saxónios e bávaros e com um exército de 26 mil polacos, levantou o bloqueio de Viena d'Áustria, que era atacada por 200 mil turcos de Kara Mustaphá.

Na Holanda os arminianos perseguidos, até lhes decapitarem Barneveldt, — um dos fundadores da república das Províncias Unidas. Já no declínio do século renovavam as mesmas scenas de selvageria, e deste modo foram massacrados os dois valorosos De Witt.

Galileu, na Itália, gemia nos cárceres da Inquisição, porque descobrira a rotação da Terra. Nápoles sublevava-se ao grito de Mazaniello. Paulo V tentando contra a existência de Veneza; Urbano VIII exercendo um

abusivo nepotismo ; Inocência X condenando as *Proposições* de Jansênio ; Inocência XII deprimindo o mais piedoso dos padres, o mais humilde cidadão, — como o bom Fenelon, arcebispo de Cambraia —, eram exemplos palpitantes da intolerância pontificia.

A guerra dos *Trinta anos* havia assolado a Alemanha. A rivalidade da casa d'Áustria e os Bourbons de França alimentava-se de vidas, e assim prosseguiria nesse enfraquecimento recíproco, até á dissolução do império e ao extermínio do reino.

Portugal, atrelado ao jugo dos Filipes de Hispanha, readquiria, depois de meio século, a sua querida independência, mas, em condições tão frágeis que o brilho de outrora lhe abandonava a corôa, e nunca mais voltou !

Entretanto, desse embrião erguia-se um homem, que apesar da sua cubica desmedida e da sua perversidade bárbara, poudo arrancar a Rússia da miséria em que estava, e a colocou ao nível das outras nações. Foi ele, Pedro o Grande, o esposo da infiel Catarina I.

Foram estes os materiais que se agruparam para a grande revolução do século XVIII. . . e ao contrário da torre de Babel, ergueu-se o edificio sem a confusão das linguas e nem a dispersão dos homens.

Desgraçados tempos ! . . Um príncipe era um déspota : rivalizava com o sultão da Turquia, o rajá da Índia ou o califa de Bagdad. Tinha um poder onipotente, e o plebeu era escravo da injúria até descer ás profundezas da cova.

Um pagueiro só possuia de belo a luz do sol, e isto enquanto vagava nas campinas, porque dormia á sombra dos bosques, tendo por tapete a relva florída, e por lençol o manto do infinito. Podia amar ; mas, á estrela que scintila, ao vento que murmura na folhagem densa ! . . Si frequentava a cidade, era recebido pelo insulto do garôto e pelo desprezo do fidalgo ! . .

Todos estes dados forneceram assunto para o romance que vai. A História é o romance da humanidade.

# Um Conspirador

## (Prólogo)

### I

### Os conjurados

**E**m todos os tempos têm surgido esses homens que se rebelam contra o despotismo das côrtes. Uns triunfam, e a maior parte é vítima do seu arrojo. O que abalou a realza da antiga Roma foi a reprezália ao nefando crime de Sexto Tarquínio, que violentára Lucrecia; o que abateu a teocracia da igreja Católica foi a desrespeitosa bofetada de Nogaret no rosto de Bonifácio VIII.

Contra o poder que exercia discrecionariamente o cardeal de Richelieu, organizou-se a conspiração de Cinq-Mars. Como todas as conjurações que se têm urdido no seio dos descontentes, ela apregoava também os seus nobres sentimentos, salientando os ambiciosos planos do ministro. Ana d'Áustria, rainha de França, João Batista Gastão, duque de Orleans, e Frederico de la Tour d'Aubigné, duque de Bouillon, eram do número dos conjurados. O próprio Luiz XIII tinha sciência de alguns projetos da rebelião.

Era ameaçadora a tempestade a desencadear-se. A Hispanha apoiava todos os conjurados e eles contavam com uma vitória indubitavel.

Cinq-Mars, válido de Luiz XIII, fôra muito hábil em predispor tantos ânimos e interessal-os na temerária revolta. Era igualmente um espirito ambicioso, e que

só concebêra o plano dessa conspiração, porque, desejando casar com Maria Gonzaga, filha do duque de Nevers e Mântua, encontrou no cardeal um obstáculo ao seu amoroso projeto. Uma única circunstância concorria para o seu triunfo: os ressentimentos bem profundos de todos os conjurados contra Richelieu. Já o duque de Orleans fôra derrotado pelo cardeal na sua primeira conspiração, em que entraram a rainha-mãe e Maria de Médicis. Vencido pelas armas, refugiou-se em Bruxelas. Maria de Médicis, sua mãe e de Luiz XIII, obrigada a viver em Colônia, morreu de fome e de miséria!

Richelieu, apesar de tolhido pela paralisia de todos os membros e viver deitado numa liteira, em que o transportavam de um sitio para outro, — não perdia ocasiões. Trabalhava em tudo e sem enfado. Com uma única conferência, obtida de Luiz XIII, aniquilou todos os planos dos seus inimigos, tal era o domínio que exercia no espirito desse rei covarde! Era um Juvenal des Ursins fulminando a conspiração dos Borguinhões. E a História teve a fraqueza de designar Luiz XIII com o qualificativo de *Justo*!

A época terrível principiou então... Cinq-Mars e o seu amigo De Thou, filho do historiador do mesmo nome, que escreveu uma **História geral** do seu tempo, — foram decapitados em Lyon, a 12 de Setembro de 1642. O duque de Bouillon perdeu Sedan, a sua capital; Gastão de Orleans viu-se obrigado a fugir novamente e foi para a Saboia, donde renunciou a todas as dignidades e cargos que possuía, afim de ser perdoado pelo cardeal-ministro.

Outros compartilharam de igual sorte. O conde de Langeais foi um deles e fugiu também. Correu até ao porto e embarcou para a Inglaterra. Já cumprir o seu desterro; mas, num paiz, que apesar das restrições, dispensava alguma tolerância. Aos 22 anos de idade já se tinha envolvido na fatal politica, que tantos dissabores lhe causaria depois.

Na Inglaterra também lavrava a guerra civil. O Par-

lamento e o rei digladiavam-se. Os emigrados inglezes procuravam na França um asilo mais seguro, assim como os francezes o encontravam na outra margem da Mancha.

Voltemos ao conde de Langeais. Este fidalgo, foragido hoje, tornou-se orfão aos dois anos de idade; seu pai, o marquez de Langeais, fôra uma das vítimas da guerra contra os huguenotes. O velho marquez, que nascêra sob o reinado de Carlos IX e presencêra, ainda menino, a terribilíssima noite de S. Bartolomeu, — revoltou-se, alguns anos depois, contra o seu rei; amaldiçoou uma religião que mata impunemente em nome de Deus, e constituiu-se, ao lado dos oprimidos, — um temerário guerreiro. Descendente de uma casa nobre e que sempre tivêra a sua espada para defender o soberano e a religião do Cristo, — viu-se ele constrangido a sustentar uma escandalosa luta contra o próprio pai! . . . Amadigoado tambem, por todos os membros da família, expatriou-se, e errante como um precito, ora vagou na Holanda e na Alemanha, ora na Inglaterra e na Irlanda. Saboreou o pão do exílio, porque era calvinista.

Um dia, estando o marquez em Dublin, soube que seu pai tinha morrido repentinamente e não deixára testamento. Chorou, contudo, a morte do autor dos seus dias e voltou á França. Tinha sofrido muito e, portanto, mercia compaixão. Apresentou-se como o legítimo herdeiro e poudo obter facilmente todos os títulos de seu pai. Apenas reconhecido como o chefe da casa, invertiram-se os papeis: a sua família, de poderosa que era, passou á fileira dos oprimidos. Henrique III reinava; favorecia os protestantes e guerreava os ligueiros. O marquez de Langeais, lembrando-se do que sofrêra e esquecendo ressentimentos, — foi o sustentáculo dos parentes. Afastou-os das lutas religiosas; mas, no reinado seguinte quiz experimentar a vicissitude das batalhas, e esteve sempre com Henrique IV, enquanto este monarca se conservou fiel á causa dos reformados.

Professando semelhantes doutrinas, acabou como vi-

tima. Em 1622, aos 53 anos de idade, foi assassinado no seu castelo, por um bando de fanáticos, dirigidos por um frade. Em traços rápidos eis a linhagem do conde de Langeais, cujo nome já foi designado e passa a figurar como protagonista deste prólogo.

A morte de seu pai sem vingança, e isto no mesmo reinado em que o jôven conde vivia, ocasionou-lhe uma profunda aversão ao absolutismo. Era huguenote, como fôra o marquez; odiava todas as outras religiões. Um dia, em que conferenciava com os seus companheiros de conjuração, ousou dizer-lhes:

— Luiz XIII nos levará ao abismo. Desde muito que eu considero perdida a nossa causa.

— Porque?... perguntou o duque de Bouillon.

— Porque é um rei. Odeio tanto esses vampiros, que sempre me reputarei infeliz, enquanto eles estiverem ao meu lado.

Os conjurados riram-se.

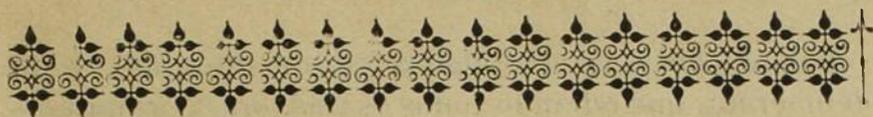
— E's muito desconfiado, Langeais!.. disse Cinq-Mars.

— Tenho razões de sobra. O sangue de meu pai ainda hoje pede vingança. Parece-me, que só ficarei satisfeito, quando embeber a minha espada no peito de um coroadado.

Palavras tão sábias e previdentes foram esquecidas logo. Quando se reconheceram sacrificados, foi então que se lembraram do que lhes disséra o conde de Langeais... mas, era tarde.

Desde o momento em que o governo de Richelieu perdeu a esperança de apanhar nas suas malhas o atrevido conspirador Langeais, como o fizéra com o marquez de Cinq-Mars, — tratou, sem mais embargos, de lhe confiscar os bens. Só lhe deixou o título, e por ser este — hereditário.

D'ora em diante veremos um fidalgo maltrapilho.



## 11

### Em Londres

**O** conde de Langeais, apesar de moço, já era uma figura respeitável. Consideravelmente triste, nem por isto escondia uns olhos vivos e buligosos, que denotavam uma inteligência. Cirano de Bergerac, — célebre escritor burlesco e original —, foi um dos seus colegas; ambos estudaram juntos. Podia-se dizer que era ilustrado. Fôra seu preceptor uma das primeiras capacidades do século: o erudito Saumaise.

Londres é a cidade milionária, mas onde a miséria é excessiva. Aí é que vamos encontrar o fugitivo francez e em péssimas condições. Como adquirir os meios de subsistência, quem não possui um amigo? Como comprar um pão, quando a algibeira não contém um *penny*? De que valem nobrezas ante a lei imperiosa da necessidade? . . . Eis um problema difícil de resolver.

Quando Napoleão I queria submeter toda a Europa, e as emigrações eram numerosas, Chateaubriand, que foi uma das vítimas, — dentro da capital britânica valeu-se da sua pena, para não morrer de fome. Mas, nem todos sabem escrever e nem tão pouco se encontra quem compre todos os escritos. Um novo embaraço para a vida! . . . O conde de Langeais nunca tinha escrito obra alguma; mas, como o dissemos, era ilustrado e para a inteligência nada é custoso.

Poude conhecer um inglez, editor tipógrafo, velho democrata, que odiando todos os reis, era, portanto, infenso á causa de Carlos I. O conde de Langeais falou-lhe, para ser um dos colaboradores do seu jornal, mediante uma pequena remuneração : foi aceito sem relutância. Os primeiros artigos saíram. Era uma explosão no campo inimigo. A veemência, a ousadia e o republicanismo notavam-se em cada palavra.

A guerra civil tomava proporções aterradoras : alastrava-se até á Escócia. Um dia, em que o jôven conde trazia um dos seus artigos incendiários, disse-lhe o velho editor :

— Não podemos continuar. A guerra assola todo o paiz. A miséria é demasiada. A imprensa não resiste no meio da anarquia. Suspendo a nossa publicação.

— E' uma fatalidade para mim : acaba-se igualmente o meu pão !

O tipógrafo pensou por algum tempo. Depois ergueu a cabeça :

— Aceita outro qualquer emprego, que eu lhe propuzér ?

— A esmola não se regateia.

— Então, venha comigo. Quero leval-o á casa de um banqueiro.

O conde não replicou e seguiu taciturno. Atravessaram muitas ruas. Pararam em frente de um palacete.

— E' aqui. . . disse o inglez.

— Como se chama o banqueiro ?

— James Drudge.

Entraram por um portão de ferro, que estava escancarado ; atravessaram um jardim de plantas exóticas ; depois uma galeria, e chegaram á porta principal do andar térreo, onde estacionava um criado de libré.

— Mylord Drudge ? . . perguntou o tipógrafo.

— Está no seu gabinete.

— Desejo conversal-o.

O criado tangeu uma sineta, e imediatamente lhe appareceu outro, de fôrmas elegantes.

— Dize a mylord. que mister Hall está aqui. . . e si é possível recebê-lo ?

O segundo criado desapareceu num longo corredor ; depois subiu por uma escada de mármore ; atravessou muitas salas primeiro que chegasse ao gabinete do millionário. Aí, terceiro criado foi o incumbido de transmitir a mensagem a James Drudge, embora vacilasse um pouco antes que se decidisse á missão. O banqueiro era um tipo excêntrico. Nem todas as vezes permanecia de bom humor, e encolerizava-se com uma simples pergunta.

Drudge estava cercado de papeis, aos quais ia passando uma revista minuciosa. O criado afastou vagarosamente, com mão subtil, o pesado reposteiro de seda e introduziu a cabeça para o interior do gabinete. Comtudo, o banqueiro presentiu-o e voltou-se :

— Que queres ?

— Mister Hall está lá embaixo e deseja falar-vos.

— Faze-o subir para a sala da biblioteca.

O conde de Langeais e o tipógrafo foram introduzidos num salão aristocrata. Sentaram-se em duas cadeiras estufadas, de veludo, e esperaram pelo banqueiro. Confronte ao conde ficava um enorme espelho de Veneza, que reproduzia um quadro figurando a *Sagração de Clovis pelo arcebispo Remigio*. Dos jarros da Pérsia exalava um aroma inebriante, que parecia adormecer os sentidos. As rosas e as túlipas eram em profusão.

Passados uns dez minutos, abriu-se uma porta no fundo do salão e appareceu James Drudge. Trajava uma longa sobrecasaca e calçava uns sapatos de meia entrada. Trazia cabelos longos e corredios, segundo a época ; conservava bigode e barba á Cavaignac ( como dizemos hoje ), um tanto baixa e cuidadosamente tratada.

Os visitantes, logo que avistaram James Drudge, ergueram-se respeitosamente. O banqueiro recebeu-os com o riso nos lábios e sentou-se á esquerda do tipógrafo.

— De que se trata, Mister ? . . perguntou em seguida.

— De uma pretensão, tão favoravel a mim quanto a mylord.

— Pode explicar-se : estou disposto a ouvi-lo.

— Ja encontrou o secretario de que necessitava ?

— Não ; ficou de apparecer-me um, esta tarde.

— E si eu apresentar um outro, com todas as qualidades exigidas ?

— Ficarei sumamente grato.

— Pois, aqui tem o sr. conde de Langeais, meu especial amigo e candidato ao lugar. . . e assim dizendo, mister Hall apontou para o seu companheiro, que era atento a todo este colóquio.

— O conde de Langeais ? ! . . . retrucou o banqueiro admirado.

— Sim, mylord. E' um imigrado francez, que não tendo meios de subsistência, procura um emprego qualquer e do qual possa viver.

— Perfeitamente ! Não é accusado de algum crime ?

— Unicamente o de ter feito parte da conspiração de Cinq-Mars.

— Não vem ao caso : é um crime politico. Aceito, confiado na sua palavra.

O velho editor fez uma pequena cortezia em sinal de gratidão.

— Responsabilizo-me pela sua conduta. Inteligência tem de sobra. Era um dos colaboradores do nosso jornal. Não contrata condições ; espera tudo da sua generosidade.

— Pode contar comigo. Quando vem ?

— Amanhã.

— Estou satisfeitíssimo. Hoje, á tarde, irá um dos meus criados á sua casa para trazer a mala do meu novo secretario. Ficarã instalado num dos aposentos deste palacete. E queiram desculpar-me ; tenho necessidade urgente em sair, afim de entender-me com um commissário do Banco.

— Oh ! pois não ! . . . concordou o tipógrafo.

James Drudge cumprimentou-os de novo e retirou-se

pela mesma porta que entrára. O criado appareceu e reconduziu os visitantes até á galeria.

Uma vez na rua, mister Hall voltou-se para o conde e lhe disse :

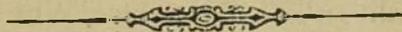
— Vê, que arranjei tudo. Faça por ser feliz, que neste novo emprego se encerra um futuro.

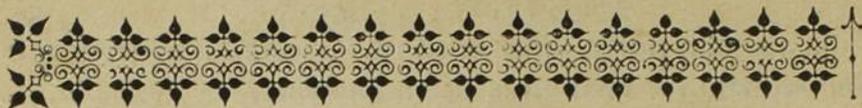
O conde não teve expressões para lhe agradecer. Só fez abraçal-o, sem se atrapalhar com a multidão que transitava e se comprimia a cada passo.

— Há favores que jamais se esquecem. Enquanto um sopro de vida me animar o ser, este peito há de fremir pelo influxo da santa gratidão.

— Não precisa tanto. O que eu fiz por você, é filho da amizade, e os amigos fizeram-se para as ocasiões precárias.

No dia seguinte já o conde de Langeais se via alojado no elegante palacete de James Drudge. Ocupava, no segundo andar, uma câmara completamente mobiliada. Pelas janelas penetrava a luz, e o asseio não faria vergonha a uma habitação holandeza.





### III

## A filha do banqueiro

**B**ÁRBARA Drudge era uma donzela de 18 anos, alta, sem que se tornasse disforme, corada como uma perfeita ingleza, de cabelos ruivos quási brancos, pele macia e assetinada, sobrancêlhas arqueadas e mãos pequeninas. Não era bela, mas tinha o porte da distincção britânica. As suas maneiras agradaveis e assinaladas de polidez emprestavam-lhe todo o encanto. Simpática naturalmente, cativaria, sem dificuldade alguma, qualquer espírito, por mais prevenido que fosse.

Trajava como uma princeza. Era caridosa para com os desgraçados e altiva para os maus. Contam as crónicas desse tempo, que na moderna *Londin*, uma vez em que a elegante virgem atravessava uma das praças menos populosas da *cidade dos navios*, vira uma criancinha a chorar com fome, cair desanimada e morrer em poucos minutos; e que esta scena angustiosa fôra um golpe para a su'alma: ajoelhou-se ao pé daquele cadáver de anjo, tomou-o nos braços, como o faria uma desolada mãe, e verteu sentidas lágrimas! . . .

Era esta a filha do banqueiro. Para ele, tinha a fascinação de um ídolo. Adorava-a; satisfazia-lhe todas as exigências. A esposa imitava o fanatismo do marido: tambem sacrificava-se pela filha.

O conde de Langeais, só no fim de oito dias poude

conhecer Bárbara Drudge, passando ella a alguma distância. Na manhã seguinte encontraram-se no mesmo salão. Cortejaram-se com acanhamento, e sentiram ambos uma certa impressão ao separarem-se.

O banqueiro desvanecia-se com o novo secretário: caíra-lhe em graça. Sempre que se encontrava com o velho editor, tinha um elogio para o protegido. Passaram-se seis mezes. Bárbara Drudge e o conde de Langkais amaram-se. Durante esse tempo foi um idílio de venturas. O conde chegou a esquecer a sua pátria. Tornou-se quasi um membro da família, e James Drudge o admitiu á sua mesa. Tratou-o como filho. Um dia chamou-o ao seu gabinete. O conde compareceu, na persuasão de aviar algum trabalho de escrita. O banqueiro, depois de curto silêncio, fitou-o como um juiz:

— Diga-me, conde! ama á minha filha?

Si um raio tivesse caído aos pés do fidalgo não lhe causaria tanto abalo como esta pergunta. Mil idéas lhe passaram no cérebro. Num momento viu-se expulso da casa, e novamente reduzido á miséria; empalideceu.

— Vamos, responda. Não se apavore, que eu trabalho no seu futuro.

— Para que exige esta resposta?.. gaguejou vacilante.

— Porque é necessária.

Revestiu-se de coragem e improvisou á semelhança dos poetas:

— Bem; eu amo-a como a flor ama o orvalho; parece-me que uma só gota do seu amor no cálice do meu coração, seria bastante para despertar em mim todos os desejos da vida.

— Basta. Não é preciso expandir-se tanto.

E em seguida James Drudge levantou-se, deixando o conde soterrado. Este, que não comprehendia o alcance da indagação do chefe, resignou-se e esperou, comtudo, pelo que dêsse e viesse. . . Como que abstraído, murmurou depois:

— São caprichos dos filhos de Albion. Sofrel-os com paciência, ja que vivo arrostando o desterro.

Subiu até ao segundo andar e deitou-se. Dormiu um pouco, mas não se lhe apagaram as impressões. Tornou-se pensativo. No dia seguinte Bárbara ao vê-lo, correu até ele. Ia balbuciar-lhe uma frase, mas não teve tempo. Seu pai, afastando um reposteiro, interrompeu o colóquio e avançou para os dois. Com o semblante severo, á moda dos juizes, sentou-se pacificamente, voltou-se para a filha e lhe disse com a mesma calma :

— De hoje a oito dias serás condessa de Langeais.

O conde, espantado com a notícia, abriu a bôca e recuou dois passos ; Bárbara Drudge perdeu a côr e pronunciou a medo :

— Eu ? ! . .

— Sim . . . tu.

E vendo que ambos guardavam silêncio, continuou :

— Que diz, sr. conde ? Repele a minha proposta ? ! . .

— Não, mylord . . . a alegria emudeceu-me.

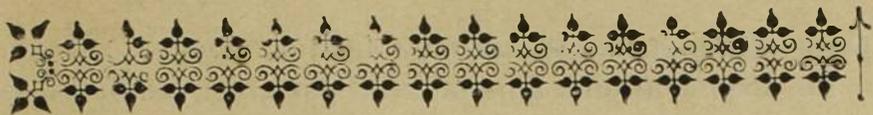
E apoderando-se imediatamente das mãos de James Drudge, beijou-as com sofreguidão. O inglez ficou enternecido. Pegou na mão de sua filha e chegou-a aos labios do mancebo. Este, acanhado sempre e parecendo um palerma, nem soube o que fizesse : correspondeu com um beijo desazado e frio ! . .

Uma noite bailava-se no palacete de James Drudge. Aí se reunira a flor da aristocracia ingleza. O luxo era assombroso e digno dos milionários. A filha do banqueiro tinha casado. O conde de Langeais via-se novamente na posse de uma riqueza.

O feliz secretário, dando o braço ao seu amigo mister Hall, levou-o consigo até á presença de Bárbara de Langeais, e com um sorriso afetuoso, disse para a noiva :

— Apresento o homem a quem exclusivamente devemos a nossa felicidade.

Bárbara de Langeais, como perfeita *gentlewoman*, saudou-o, cheia de vivo interesse e de profundo reconhecimento. O velho editor correspondeu com toda a gentileza de um homem de espirito.



#### IV

### Repetem-se as aventuras

**D**ESDE 1642 que Richelieu havia morrido. A proscricção do conde de Langeais cessára. Após cinco anos de desterro voltou á patria. No ano seguinte, isto é, em 1648, rebentou a guerra civil da *Fronde*, cujo intuito era combater a cõrte e especialmente o cardeal de Mazarino : o conde de Langeais aderiu-a e foi um dos partidários do cardeal de Retz. Bateu-se nas barricadas de Pariz. Tomou parte no assédio dessa capital e aí foi ferido por uma bala de clavina, disparada do cimo de uma torre e que se lhe cravou na cõxa direita.

Durante dois mezes conservou-se inabilitado de qualquer serviço, e quando se ergueu, claudicava. Uma febre perniciosa atacou á condessa de Langeais, e em menos de quinze dias ele a viu morrer nos seus braços. Foi um choque terrível. Tornou-se misantrôpo e não mais prestou atenção aos sucessos da *Fronde*.

Na Inglaterra a mesma miséria ateava-se. Carlos I já tinha sido decapitado, desde 30 de Janeiro de 1649. A guerra causára inúmeros prejuizos ao comércio, que definhava consideravelmente. Muitos banqueiros arrebutaram. James Drudge foi um deles. Até no modo de pensar demonstrou o quanto era inglez : julgou-se totalmente arruinado, sem que houvesse reabilitação para si : viu-se acometido de um formidavel *spleen*, e sem

mais nem menos mandou uma bala á cabeça!

Em 1653 veio uma anistia geral para os *frondistas*, e a paz restabeleceu-se; mas, o conde de Langeais não a gozou, porque procurára um novo clima. As conspirações, para si, tinham-se constituido um prazer, ou antes uma necessidade; farejava-as como um perdigueiro e ia buscal-as onde quer que fossem. Dirigiu-se á Hispânia, e Madrid foi a cidade em que viveu. Madrid parecia-lhe, em tudo, diferente das outras capitais européas. Aí, o ar que se respirava, era livre e impregnado de um aroma delicioso.

Condé se tinha passado para as fileiras hispanholas. Estava ressentido com a sua prisão, que a rainha Ana d'Áustria e Mazarino haviam efetuado. Queria vingarse, e continuar a servir soberanos tão desliais, seria uma ignávia e uma falta de brio. Um general não se pode conservar quieto. O inimigo aceitava os seus serviços; a vingança se lhe apresentava facilmente e sem perfidia. Recordava-se do condestavel de Bourbon. Esposou, sem argumentos, a desfórta.

O conde de Langeais travou relações de amizade com um dos cortezãos da época. O marquez de Rojas Salsero era um desses tipos que naturalmente se insinuam. Tinha um pedantismo desbragado: impostor muitas vezes, e portanto, cobarde diante do perigo e atrevido quando não o devia ser. Ostentava um orgulho excessivo para com os inferiores, e queria primar em delicadeza e atenções para com os soberanos. Era ardiloso e fino para o embuste. Alardeava um luxo desmedido e fingia-se de abastado. A este homem fraudulento e pernicioso foi que o conde de Langeais se entregou. Por ele, conseguiu entrada no Escorial e conhecimento com Filipe IV. Desejava alistar-se no exército hispanhol e facilmente logrou o seu intento. Em seguida foi mandado para Flandres, onde a guerra se mantinha. Aí, deu batalha sob as ordens do príncipe de Condé.

Um dia achou-se ao lado do duque de Ossuna, e no momento em que um soldado piemontez apontava o seu

mosquete para o fidalgo hispanhol, prestes a detonal-o, o conde de Langeais, mais ligeiro do que o felino, voou sobre o soldado e prostrou-o ao chão com um golpe de espada. O duque ficou tão reconhecido, que no meio do combate, entre o sibilar das balas e o rufar dos tambores, o estreitou nos braços, como si fosse um irmão.

— Quando findarmos a batalha, si eu fôr vivo, tenha a bondade de acompanhar-me.

O conde sorriu.

— E si eu morrer?

— Infelicidade nossa. Tudo estará perdido.

Mal terminava estas palavras, quando uma bala atingiu o hombro do conde e arrancou-lhe a dragona.

— Ferido?! . . gritou o duque, pálido de comoção e correndo para o valoroso francez.

— Não. . . foi uma brincadeira de mau gosto ; mas, isto não val a pena. Talvez seja tambem a fortuna que me envia beijos para ver si eu me entusiasmo com as suas carícias. . . no entanto, engana-se ; eu sou de mármore.

O canhão ribombava. Uma carga de cavalaria arrastou consigo os dois combatentes, e na confusão apartaram-se. Quando se tornaram a ver, o conde estava coberto de pó e sangue. Um soldado arrojára-o do cavalo abaixo e ia matal-o, si por sua vez não caísse fulminado pelo estilhaço de um obuz, que lhe fez voar a cabeça.

O duque de Ossuna levou o conde para a sua barraca. Os ferimentos eram leves e não impossibilitariam a viagem. A noite envolvia-se nas trevas, e grossos pingos de chuva ja tamborilavam na folhagem densa. Mandaram vir os cavalos e partiram nessa mesma hora, acompanhados de trez mosqueteiros, e sem medo da bórriaca, que foi bastante forte. Os cinco militares seguiam para Madrid, onde chegaram depois de muitos dias de marcha, e foram portadores do resultado da batalha, que logo anunciaram a Filipe IV. A quinta do duque de Ossuna ficava num dos arrabaldes da capital, — o mais solitário. Tudo ali transluzia encantador e modesto.

Quando o general e os seus companheiras se apea-

ram, dois rostos de criança, por assim dizermos, vieram recebel-o no pavimento térreo. Eram realmente as filhas de Castela. Poder-se-ia afoitamente apontar para uma dessas virgens e garantir : — Eis a Vénus de Médicis —, que a outra responderia logo : — Não me causa inveja, porque sou a Vénus de Milo ! Prazenteiras e dedicadas como eram, atiraram-se nos braços do velho duque e depuzeram-lhe, nas faces, dois carinhosos beijos. O general apoderou-se das suas mãos e disse bondoso :

— Apresento-lhes o conde de Langeais, o homem, a quem atualmente devo a vida.

O conde desculpou-se :

— Não, sr. duque ! . . . pratiquei unicamente o que faria qualquer soldado com um seu companheiro.

— Só eu sei o quanto lhe devo.

E voltando-se, continuou :

— Minhas filhas ! cumprimentem ao sr. conde.

Elas curvaram-se com gentileza e atenciosamente lhe apertaram a mão.

Brunhilde tinha 17 anos de idade ; Placídia completara 15 primaveras. Nos génios não se irmanavam, embora possuíssem qualidades de subido valor. Placídia era altiva, impetuosa, revolucionária como um democrata, amante da liberdade e fácil de ressentir-se. Brunhilde, a mais velha, não deixava de manifestar o orgulho da nobreza ; mas, era moderada nas suas paixões, inabalável num plano que desejasse pôr em prática e positiva para com todos. Sabia acariciar os inocentes e socorrer os infelizes. Mergulhava o seu olhar profundo nos olhares de quem quer que fosse e irresistivelmente o arrastava numa onda de atração. Nas horas melancólicas, quando o sol se escondia nas dobras do ocidente e vagava sobre a terra a imagem de uma saudade infinita, — ela reclinava a fronte para o seio, tornava-se pensativa e modulava então uma xácara tão fúnebre como a prece de um condenado. Era uma alma incompreensível. Parecia divulgar negros pezares, reservados ao futuro desse viver tão plácido e tão sedutor agora.

O duque de Ossuna era da têmpera de Epaminondas : nem gracejando mentia. Um espartano no lar e na guerra. No fim de quinze dias o nobre general declarou a sua vontade ao conde de Langeais : propunha-lhe um casamento com a formosa Brunhilde. O conde meditou ligeiramente e respondeu aceitando o vantajoso consórcio. Tendo contraído segundas núpcias, despia a farda e fixou residência no mesmo domicilio do sogro.

Quando, em 1659, fez-se a *Paz dos Pireneus* entre a França e a Hispanha, o príncipe de Condé foi reintegre em todas as suas honras, com plena anistia. O conde de Langeais, querendo obter iguais favores e suspirando pelo delicioso clima da querida pátria, — deixou a condessa na Hispanha e correu até Pariz. A' sua chegada, em vez de obséquios, recebeu uma ordem de prisão. Mazarino mandava lanal-o na Bastilha, por tempo indeterminado, — nesse túmulo de tantos homens célebres, que apenas decaidos na c rte, eram logo sepultados em vida ! O Chatelet, no tempo dos Armagnacs, f ra a prisão do Estado ; mas, depois que Carlos V lançou os fundamentos daquela infame masmorra, intitulada Bastilha, — tornou-se ela o terror popular. Era a semelhança de um cárcere da Inquisio. No fundo dos seus calabouços ninguem tinha voz altiva. O espírito mais forte acabrunhava-se. Tambem, durante este pavoroso reinado, — o de Luiz XIV —, foi recolhido   fortaleza, por causa do seu espírito satírico, o conde de Bussy ; depois o exilaram para as suas terras, onde morreu em 1693.

Era dolorosa a situao do conde de Langeais ; contudo, e porque fosse um espírito forte, não desanimou. Entristecia-se algumas vezes, mas imediatamente recuperava a calma e procurava amenizar a sorte. Mantinha c msigo uma esperança : alguem arrancal-o-ia do fundo daquele abismo. Si pelo menos lhe fosse permitido escrever ! . . Mas, não ; ali não se consentia a entrada de um simples livro e ainda menos o papel e a tinta que pudessem produzir uma carta. Assim esteve o con-

de de Langeais nesta incerteza horrivel durante o espaço de seis mezes! . . . Ninguem sabia que fim lhe fôra dado. Mil notícias circulavam, mas, todas elas sem fundamento algum. O duque de Ossuna expediu agentes secretos, afim de percorrerem o território francez, e eles nada puderam descobrir que satisfizesse as exigências do fidalgo hispanhol. O segredo de Estado não transpirava, pois os seus guardas temiam a fúria do cardeal-ministro. Alguem se lembrava vagamente do conde de Langeais, e afirmava tel-o visto numa das ruas mais frequentadas de Pariz; mas, avançando um passo além desta reminiscência, nada mais poderia dizer.

Certo dia, em que o príncipe de Condé, ja reconciliado com a côrte, se entretinha numa conferência com o cardeal de Mazarino, ouviu este pronunciar o nome do conde de Langeais. O nome deste revolucionário despertou a curiosidade do grande general, visto que desde a guerra da *Fronde* tinham contraído relações de amizade. Interrogou ao cardeal sobre o destino do conde, e o ministro esquivou-se de lhe confessar a verdade. Instado fortemente pelo émulo de Turenne, declarou, por fim, qual o paradeiro do infeliz conspirador. O príncipe de Condé intercedeu por ele; fez lembrar ao cardeal as suas nobres qualidades, confessando mais, que fôra um seu companheiro d'armas.

— O meu des'gnio. . . disse o cardeal de Mazarino. . . era fazel-o soffrer muitos anos; mas, emfim, podeis ficar descansado, que o mandarei soltar. O culpado fui eu; porque, no nome de um conspirador como aquele, não se fala nunca, sem que sejam ordens terminantes de lhe arrancar a cabeça. É um relapso, e si não tivermos energia com semelhante espécie de gente, teremos feito, pelas nossas próprias mãos, a revolução que desejam.

— Perdão, Eminência! . . . Eu tambem fui conspirador e inimigo da pátria; mas, nem por isto mereço morrer como um bandido.

— Si conspirastes contra nós, tambem precisávamos do vosso braço. A homens do vosso calibre e de tanta

utilidade, não se repele impunemente. E' certo que ja vos odiei bastante ; mas, tenho o coração bondoso e perdoei sem grande dificuldade. Emfim, o que ja se passou, não convem lembrar.

Dois dias após este diálogo ábria-se a porta da prisão do conde de Langeais. Da mesma fôrma que fôra preso, obteve a liberdade ; isto é, sem lhe dizerem nunca — qual o seu crime ! . . Mais uma ferida sangrava naquele peito ; mais uma idéa de revolução ia-se embutir naquele cérebro exaltado. Desejava o conde que todo os troncos dependessem de si, afim de abatel-os sem a menor repugnância e como quem pratica uma ação meritória. Os espíritos republicanos, em todas as épocas, foram devorados por esse fogo de justiça, que muitas vezes degenera em crueldade. Só uma alma desinteressada e pura será capaz de emprezas tão heróicas

Nas suas divagações recordava-se o conspirador de todo esse passado histórico, e comparando desde os tempos de Nimrod até essa data de reacção, via sempre a mesma marcha sanguinolenta.

Quando voltou á Hispanha, foi o mesmo que ter resuscitado. Julgavam-no morto. As suas narrações causaram lágrimas á jóven condessa, que as enxugou beijando o esposo na frente.

— Mas, agora não sofrerás tantas afrontas ; viveremos juntos. . . não é ?

— Quem sabe !

— Por acaso conspirarás ainda ? ! . .

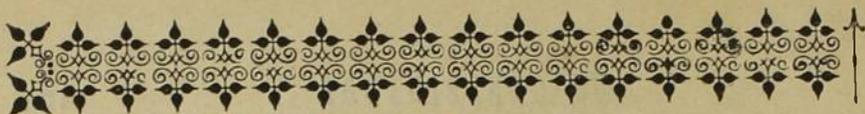
— Talvez. A dor renovou-se no meu peito. Meu pai, o velho marquez de Langeais, foi assassinado barbaramente no seu castelo, e a sua morte ficou impune. Eu tornei-me a vingança. Si pudesse, extinguiria esta humanidade nojenta !

— Que idéas ! Para ficares tu só ? ! . .

— Dizes isto, porque não sofreste como eu.

A condessa de Langeais sorriu :

— Eu amo-te muito. . . completou, abraçando-o.



## V

### O barão de Latour du Pin



ORRE o ano de 1672.

A guerra da Holanda rebenta de novo e o exército francez invade trez provincias e ocupa quatro fortalezas. Os holandezes, para salvar a pátria, abrem os diques e deixam que as ondas do mar inundem o paiz. Foi o único recurso, para que os francezes fugissem.

O conde de Langeais, no seu castelo, perto de Narbonne, vive indifferente, nesta hora, a todo e qualquer movimento político. Qual a causa dessa transformação? Os filhos, e nada mais. Ricardo tem 12 anos; Ivette unicamente 10. Desde o instante em que lhe nascêra o primeiro filho, compreendeu o conde ser preciso viver para eles.

Entregou-se á literatura e resolveu escrever. Como Molière, congregava toda a família e lia-lhe o que tinha produzido. Assim passavam uma parte da noite, junto ao fogão, enquanto lá fóra nevava. Durante o estio passeavam pelas margens do canal de la Robine e discutiam sobre a natureza. Notando as flores da primavera, recordava-se o conde dos seus dias de martírio e sentia o remorso apoderar-se de si. Mas, ao mesmo tempo lembrava-se de seu pai, que um dia vira ensanguentado, ja sem vida, porque um grupo de sicários assim quizêra fazer. Era uma luta incessante: tentava olvidar tudo.

Londres e a tumultuosa Pariz? . . . A figura sorridente de Bárbara Drudge, e finalmente desmaiada, aparecia-lhe nos seus sonhos. Depois surgia o espectro da Política, que nem consente o descansar da alma! . . . Um dia, em que palestrava com a condessa, quiz discorrer sobre os infortúnios da França:

— Tudo propende ao aniquilamento. Os partidos esfacelam-se; o despotismo vence; a liberdade constituiu-se unicamente uma palavra; Luiz XIV responde com a suprema insolência: « O Estado sou eu », a quantos lhe perguntam a quem se devem dirigir; os patriotas desaparecem. . . Para onde seguiremos nós?! . . .

— A Hispanha tambem sofre. . . obtemperou Brunhilde de Langeais. . . Carlos II é o representante dessa miséria. A Inquisição amedronta todos os espiritos. Filipe IV é o pai de trinta bastardos. A depravação, em todos os sentidos, é o cancro da minha pátria; portanto, não te lastimes.

— Sim; falemos antes de literarura. . . é preferivel á política das côrtes. Comecemos por Calderon de la Barca, o grande poeta, que, aos 14 anos de idade, escreveu **El carro del cielo**.

— Há mais proveito nestes comentários. Calderon de la Barca é incontestavelmente o chefe da literatura hispanhola, neste fim de século, pois, Lope de Vega, o mestre, o fecundo dramaturgo, há muito que se finou. Cervantes Saavedra foi o dissidente. Comtudo, Calderon tem erros, anacronismos injustificaveis e uma vida accidentada. Guerreiro e finalmente padre, não admirando que seja o contraste das doutrinas ensinadas. Eu o conheço pessoalmente.

— Que avalias do poema épico de Luiz de Camões? Já o leste?

— Soberbo como a **Encida**! . . . Pouco entusiasmo desperta, porque a literatura portugueza é desconhecida; mas, o futuro lhe fará justiça. Quem não leu a **Divina Comédia**, a **Jerusalem Libertada**, o **Paraíso Perdido** ou os **Lusiadas**, ignora a poesia.

O conde de Langeais, como que abstrato e preso á idéa primitiva, disse com ênfase :

— Vendôme de Beaufort, o *Rei das Praças Públicas*, como lhe chamávamos, há trez anos que morreu no cêrco de Cândia. Colbert, substituindo a Fouquet na pasta das finanças, encontrou uma dívida de 150 milhões de escudos, devoradas as rendas dos dois anos que haviam de vir, e só entrando para o tesouro 11 milhões dos 28 que anualmente rendem os impostos! . . . Como evitará o ministro as fauces desse abismo, que se escancaram para engulil-o?! . . . Eu prevejo uma revolução, que rebentando hoje ou amanhã, assolará inevitavelmente a desgraçada França.

— Quando ela vier, não seremos mais vivos. . . ponderou Brunhilde de Langeais. . . E isto é uma felicidade : ninguém se liberta com sangue.

— Contesto : a liberdade é filha da violência.

\*  
\*  
\*

O barão de Latour du Pin era dotado de excessivo egoísmo, hipócrita, insultante, duelista e temerário. Certo dia mandou esquartejar um burguez, que se atrevêra repelir a sua audácia. Um dos seus criados morreu na cruz, sob o pretexto de perfidia. Já trez ou quatro vezes que se tinha batido, ignorando o público quais as razões desse procedimento. Contava 28 anos de idade. Residia a duas léguas de distância do conde de Langeais ; mas, este nunca lhe fizêra uma visita, porque o reputava um espadachim. O egoísmo do barão exacerbou-se com semelhante conduta, e compreendendo ser aquilo um insulto da parte do conde de Langeais, não trepidou em maldizel-o. Este, ao saber dos acintes do inimigo e sempre desprezando os seus aleives, dava uma desculpa qualquer, no propósito de justificar-se porque não o visitava.

Uma noite de trevas, em que o céu era nublado e o horizonte triste como um cemitério de aldeia, encontraram-se os dois rivais em Narbonne. O barão de Latour du Pin, assemelhando-se a um daqueles soldados

do *brenno* gaulez, que, ao cercarem o Forum de Roma, se aproximou de Marco Papírio e lhe puxou as barbas, muito longas, — fez o mesmo ao conde, proferindo :

— Velho idiota ! a um fidalgo como eu, respeita-se.

Era o cúmulo da insolência. Só um covarde recuaria sem a mínima represália. O conde de Langeais que não o era, fastou o pé atrás, cerrou o punho e arremessou-lhe nos peitos um formidável sóco.

— O conde de Langeais assim responde aos fedelhos.

O barão caíra redondamente, e quando se ergueu, estava o conde de pé firme : puxou, então, pela espada e arremeteu contra o rival :

— Cubra-se, que é um duelo de morte. . . gritou para o conde de Langeais.

Não havia mais remédio. As espadas cruzaram-se e o eco morreu abafado aos pés dos combatentes. Quando terminaram, o corpo do conde havia rolado de encontro ao chão, atravessado de meio a meio, e o barão apresentava o rosto e o hombro esquerdo retalhados. Enquanto Langeais agonizava, o seu rival fugia. A primeira pessoa que appareceu, serviu de secretário ao moribundo. Era uma carta para a condessa de Langeais, concebida nos seguintes termos :

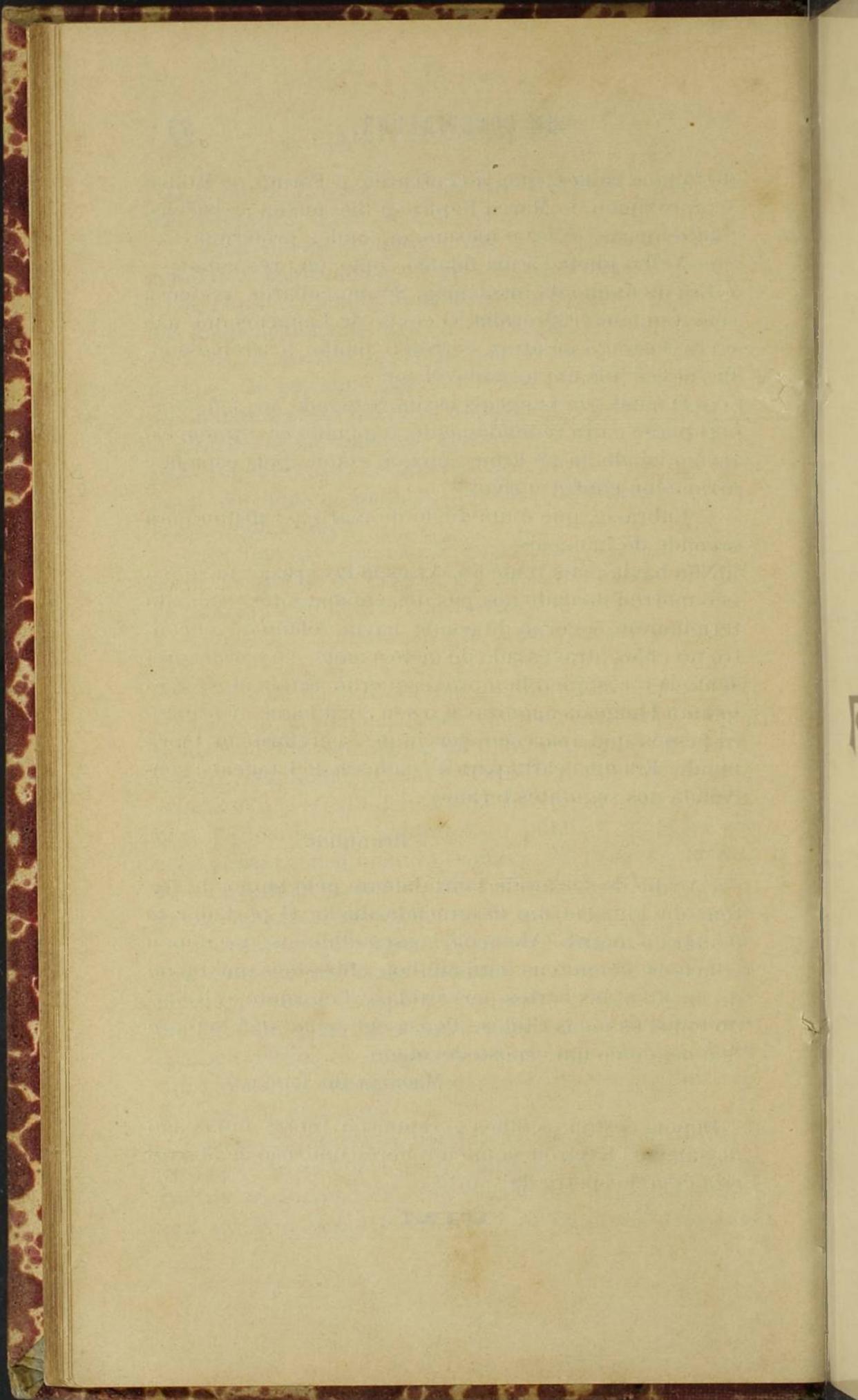
« Brunhilde

« Acabo de ser ferido mortalmente pelo barão de Latour du Pin, em um desgraçado duelo. O portador te contará o motivo. Abençôa nossos filhinhos por mim e educa-os, como tens feito até hoje. Dize-lhes que fujam do fausto e das côrtes pervertidas. Transmito a Ricardo todos os meus títulos. Pensa em mim, que sempre te amei como um esposo devotado.           Teu

Macário de Langeais ».

Depois cerrou os olhos e repousou inerte num lago de sangue. Expirou como um herói que não se aterroriza com o espectro da morte.

**FIM**



A CORTE  
DE  
PROVENÇA

A GORTÉ  
DE  
PROVENÇA

# A Corte de Provença

## I

### A caçada entre os nobres

**E**RA de tarde.  
O céu azul ; as campinas verdejantes ; os prados floridos.  
Projeta-se uma caçada. O príncipe d'Arlemont é o chefe da comitiva. O conde de Saint-Flour, o barão de Poligny, misser Gargouche e mais uns seis cavaleiros preenchiam o séquito.

Passa-se isto no castelo de Saint-Pont. Esta velha habitação relembra os tempos em que o direito das Gentes era repisado impunemente, sem que um brado de desafronta partisse dos lábios daqueles povos.

Aix é uma cidade da Provença, cuja fundação é tão remota que dela não trata a História. Sabe-se unicamente que em 123 antes de J. Cristo foi erigida em estação romana por Caio Séptimo Salvino e depois em colônia por Julio César, quando este andava conquistando as Gálias. Recorrendo-se ás cartas geográficas, vemol-a figurando nessa época sob o nome de *Aquæ Sextiæ*. Renato, o Bom, instituiu-a capital da Provença, e Luiz XI, rei de França, anexou-a á corôa, em 1481.

Ao poente desta cidade é situado o castelo do príncipe d'Arlemont. Um jardim circula a residência, que parece afrontar os céus com a sua majestade gótica. Divisa-se, a certa distância, um feiticeiro bosque, onde um regato faz rolar as suas aguas cristalinas, que fo-

gem brandamente á sombra do arvoredo. Diante desses edificios sumptuosos o espirito filosófico suspende-se e forçosamente medita. A história da humanidade é muito longa e tem bastante que reflitir.

O sol ia esconder-se. Viam-se, ao longe, as montanhas aniladas, com a mesma côr celeste que o oxigênio lhe empresta, — e uma saudade taciturna se apodeva então da alma doentia. Para o ocaso, na altura do horizonte, desenhava-se uma fita rubra, como si fosse uma franja suspensa no infinito.

A hora da partida havia soado. As trompas reboaram; os cães de caça ladraram, como na ocasião de lhes desatarem a trela; os cavalos nitriram e bateram com os patas, escarvando o solo coberto de relva. Os cavaleiros empunharam as suas armas, como os que voam á guerra, e partiram de estrada afóra. Todas as janelas do castelo, abertas de par em par, lhe davam esse aspecto de vida que se contempla nos solares opulentos. Em baixo, uma brisa sussurrante que roubava o aroma das flores e o espargia no espaço; em cima, rostos de mulheres que resplandecem de suavidade, e lábios que murmuram o carinhoso adeus da despedida.

A princeza d'Arlemont e sua filha, debruçadas numa das janelas do riquíssimo palácio, olhavam a cavalgada que se fazia ao largo. E só ergueram-se do peitoril, quando os últimos clangores das trompas se extinguiram além. Foi um momento sublime e tétrico ao mesmo tempo. O som da trompa, que se perde e traz a lembrança dos paladinos que morriam entre um sorriso de magua e um suspiro de dor, — é melancólico demais. Alfredo de Vigny, na sua elegia sobre a morte de Rolando. — o célebre personagem dos romances da Cavalaria andante, disse :

« Eu amo o som da trompa, á tarde, lá nos bosques,  
da corça embora cante a convulsão da morte,  
o adeus do caçador que acolhe frágil eco,  
e que, de folha em folha, agoita o vente norte. »

A profundeza do silêncio reinou. Os últimos raios do astro incandescente morreram no horizonte pálido. O céu tornou-se côr de chumbo. A noite apareceu. As duas princezas recolheram-se. Um criado, pouco tempo depois, cerrou as vidraças. Um primoroso candelabro, de luz vivíssima, iluminava todo o salão. A baroneza Marion de Beziers, dama de honôr, entretinha-se em percorrer vagarosamente as **Epístolas** de Clemente Marot, o poeta favorito de Francisco I. Recitava, nessa ocasião, aquela que fôra dirigida ao prisioneiro de Carlos Quinto, depois da batalha de Pavia.

Atravessando os longos corredores, que eram iluminados também por artísticas lanternas, suspensas na parede, — chegou até ao salão, onde estavam reunidas as senhôras, o dr. Fabre de Liancourt. Era o médico do príncipe d'Arlemont, e ocupava, nesse mesmo castelo, um quarto que deitava as janelas para o lado do bosque. Em baixo cresciam os salgueiros frondosos e os álamos esguios, que elevavam as suas hâsteas para os céus.

Fabre de Liancourt era um filósofo que não pertencia a nenhuma das escolas dominantes. A Escolástica com a sua teologia; a Renascença com a sua exaltação pelos sistemas antigos; Bacon com o seu **Método Experimental**, e Descartes derrubando a Escolástica com o seu espiritualismo exagerado, erguendo assim nova cortina para dar entrada á moderna filosofia, que toma proporções gigantescas com mais um século que surge, — o século XVII; Malebranche, Locke, Espinosa e Leibnitz, que continuam a organizar essa revolução de idéas, — são todos repelidos pelo médico filósofo. Mas, que pensava ele? . . . perguntarão os leitores, já enfadados com tanto exclusivismo. Pensava muita coisa, respondemos nós; — era ilustrado e professava o materialismo de Epicúro; dedicava-se ao ateísmo de Protágoras. Nos seus estudos de medicina tivêra um mestre, uma notabilidade, — o dr. Fagon, que era o primeiro médico de Luiz XIV. Pelo lado da sua genealogia co-

locava-se entre a nobreza. O moralista Laroche-foucauld era seu primo, em quarto grau.

Logo que o médico se apresentou no salão, um murmúrio de prazer ouviu-se da parte dos circumstantes. O dr. Fabre, sem desvanecimento e nem enfado, sentou-se em frente da princeza d'Arlemont. Esta lançou-lhe o seu olhar cerúleo, cheio de uma expressão augusta :

— Dr ! já sentíamos a sua ausência. Não avalia quanto apreciamos a sua retórica, que se parece expandir como as aguas que jorram do alto das catadupas.

— Estou acanhado, princeza ! O manto dos vossos elogios envolve a minha individualidade, e não sei o que vos responda de satisfatório.

— Isto mesmo que diz. Quero ouvi-lo sempre nesta dialética divina, e morrerei contente. Creio, que si estivesse condenada a viver só, nos vastos saloes deste castello, seria aniquilada em breve tempo pelos tormentos do aborrecido tédio. Felizmente, não é assim : este castello é um *centro*, onde os vivos circulam e para onde convergem. É a cõrte da Provença, embora anexada á corõa.

— Sem dúvida. . . Si o silêncio fez-se agora e reina como um soberano das trevas, é simplesmente durante uma noite, porque a nobreza abandonou o castello e entregou-se aos prazeres da cinegética, que sempre foi o passatempo de todas as cõrtes. Comtudo, retiremo-nos deste salão e desçamos aos pavimentos térreos : ouviremos aí a festiva algazarra dos criados. Foi o que me obrigou fugir do gabinete. Estudava a **Descoberta do Cálculo diferencial**, e comprazia-me com a discussão travada entre Newton e Leibnitz sobre o mesmo assunto ; mas, fui interrompido. Quando o som da trompa se extinguiu por traz das altas colinas, os servos improvisaram uma espécie de sarau, e afinando um alaude começaram então a representar uma scena lírica. Mas, ah ! que decepção ! . . em vez de harmonia, tínhamos pandorga ! . . Foi impossivel continuar estudando.

A princeza sorriu brandamente com a narração do médico. Marion de Beziere tinha deixado o seu livro e escutava Heloisa d'Arlemont, — a filha dos nobres. Esta, com uma das mãos pousada no hombro da baroneza e com a outra segurando-lhe uma das madeixas do cabelo negro, — contava-lhe um caso infantil, que se passára comsigo, quando ella vivia para os sonhos da innocência e para as flores da campina. A baroneza, num verdadeiro *far niente*, prestava-lhe respeitosa attenção.

Walter Scott, — o Homero das familias —, desejaria este quadro para reproduzillo, não obstante as suas fiéis descrições do **Quintino Durward**, — o magistral romance, em que desenha o carácter de Luiz XI, historizando as suas desavenças com o primo Carlos o Temerário, duque de Borgonha, e a revolta dos liegezes contra este belicoso príncipe. O pincel de Velásquez não deixaria de perpetuar uma scena, que exalça a intimidade do lar.

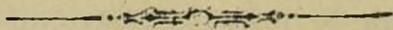
Entre estas duas princezas, tão lindas e tão esperançosas, desejávamos esculpir a pureza sem mácula; mas, a influencia da corte de Luiz XIV invadia todos os palácios, e seremos arrastados pela impetuosidade dos acontecimentos. Alexandre Dumas, escrevendo **A Princeza do Mónaco**, traçou com perfeição a impudicicia da nobreza. Este sopro pestilento já tinha perpassado no castello de Saint-Pont.

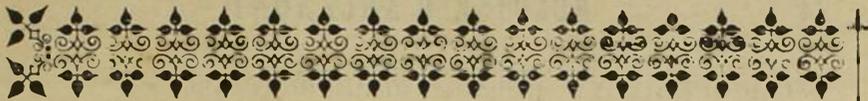
Falemos agora do príncipe d'Arlemont. Não ocultemos nada do seu retrato, por mais desfavoravel que seja. O grande titular era um devasso, e torpemente manchado pela crápula. A filoginia faz desenvolver a crueldade. O príncipe não deixava, portanto, de ser perverso e acentuadamente falso. Catarina de Medicis cercou seus filhos das mais escandalosas orgias, onde exhibiu em completa nudez rapazes desbriados ou mulheres prostituídas, e assim instigou aqueles príncipes, para que se tornassem mais tarde os assassinos da França.

A realeza tem sido uma úlcera. Expurgal-a é o dever do homem livre. Cada cidadão é um médico, para evitar que a gangrena se manifeste. Só desta fórma cessa-

rão, de uma vez para sempre, as perfidias de um Fernando o Católico, que mandou encadear Colombo, depois de haver recebido um Mundo. O sopro da civilização varrerá do Oriente esses monstruosos harens, onde se sacrificam centenas de mulheres á insaciavel lascívia de um sultão. A moralidade terá um Templo, e os projetos do filantrôpo abade de Saint-Pierre não continuarão totalmente no número das utopias.

Nessa época, cometas não assombrarão, e antes serão contemplados através dos vidros de um telescópio, contando a sciência astronómica mais uma vitória na terra. Fantasmas e profecias deixarão as trevas em que vivem e de onde atormentam as classes desfavorecidas, infelizmente educadas no mais deploravel preconceito.





## II

### Um fidalgo fugitivo

**P**ELA ponte do rio Are passaram dois cavaleiros, que galopavam continuamente. Foram deixando atraz de si todas as casas da cidade de Aix. As magnificências da pátria de Vauvenargues não lhes causavam admiração. Eram mudos ante o aspecto dos edificios imponentes. Depois só avistaram naquela planície fértil, — colinas cerradas e árvores que sombreavam o areial da estrada. Acharam-se finalmente ao pé de um portão que vedava a entrada do recinto. Aí dentro se destacava um vulto grandioso e branco, apesar da noite.

Era o castelo de Saint-Pont.

Um dos cavaleiros rompeu o sepulcral silêncio :

— Perrique ! deve ser este.

— Creio, que sim.

— Não era o primeiro castelo que encontrássemos ao sair da cidade ?

— Foi isto, Ricardo.

— Dá umas argoladas, para nos certificarmos.

O cavaleiro foi prestes em obedecer : esporeou o ginhete e aproximou-se do portão. Pegou na aldraba e fez ouvir trez pancadas fortes e a compasso. Após alguns minutos de delonga o velho portão rodou nos gonzos e a luz de uma lanterna furta-fogo fugiu pela brecha. O vulto de um homem apareceu :

— Quem batia? . . perguntou em seguida.

— Fui eu. . . E' este o castelo de Saint-Pont?

— Exatamente.

— Queremos entrar. Trazemos cartas de recomendação para o sr. príncipe d'Arlemont.

— E os cavaleiros quem são?

— O conde de Langeais e Perrique Van der Helst.

— O sr. príncipe não está no castelo. Os grandes fidalgos também estão ausentes: foram todos a uma caçada nas florestas seculares; mas, os srs. podem entrar sem receio. Aqui recebem até aos desgraçados que não têm um pão para comer. Lá em cima há gente de sóbra, e os ilustres cavalheiros serão tratados com toda a etiqueta das côrtes.

O nosso guarda-portão era um tagarela, desses que falam pelos cotovêlos. Sabia entremear uma conversa de cortezão com uma desbragada vénia. Era do século.

Os cavaleiros entraram, e, ao apearem-se, ouviu-se o arrastar das longas espadas. Um criado guiou-os pelas escadarias, e outro os conduziu a um salão próprio dos hóspedes recém-vindos. Aí, sem a menor cerimônia, ocuparam duas poltronas, ricamente acolchoadas, e que estavam fronteiras. O salão era forrado a papel de lindas paizagens, representando scenas do Oriente, como aquelas dos fantásticos contos das **Mil e uma noites**.

Em um instante viram-se completamente sós. O criado tinha desaparecido. Trocaram, então, um olhar significativo, e o conde falou ao companheiro:

— Bonito prólogo! . . Si o epílogo fôr como promete o romance, estamos felizes.

— Esperemos. Desde a fatal noite de Pariz que andamos como dois perseguidos. Percorrer mais de 150 léguas em doze dias, não é brinquedo. Si também não descansarmos aqui, o diabo que leve semelhante vida.

— E' verdade! Como não estará minha desvelada mãe? Minha irmã, a tua querida Ivette, que a vi chorar na hora da partida, quando lhe dizíamos o último adeus? Quem sabe, si receberiam a carta, que lhes escrevi de Blois?!

E a fronte do conde pendeu para o peito. Caiu numa lúgubre meditação, — e o seu companheiro, seu irmão, como ele o chamava, pareceu rospeitar aquela dor, pois não o quiz interromper. Esteve assim uns cinco minutos, quando foi sacudido pela voz do criado :

— A princeza d'Arlemont pede o obsèquio de declararem, a quem tem a honra de receber no seu castelo !

— Ao conde de Langeais e seu irmão Perriquer Van der Helst.

— Roga-lhes tambem, que tenham a gentileza de esperar um pouco, enquanto chamam o criado de quarto, que está lá em baixo.

— Estamos bem. Ninguém se incomode conosco.

A conversação que fôra cortada por alguns minutos, recomeçou. O conde ergueu-se da sua poltrona e foi sentar-se ao lado de Perriquer.

— Sim. . . disse ele. . . Mil idéas me percorrem o cérebro num tropel vertiginoso. A imagem de minha mãe antepõe-se aos meus olhos ; a mão pequenina e frágil de Ivette parece sustentar a minha fronte. Tenho medo da loucura, bom irmão ! . .

— Coragem ! Ricardo. . . Aquele que soube vingar a morte de um pai, deve tambem se avir com os rigores da fortuna. Eu que me vi um dia sem família e sem pátria, e chorei como criança, — consegui resignar-me como um homem. Sejamos cosmopolitas em todos os sentidos da vida. Si ao mínimo desgosto nos deixássemos acabrunhar, há muito que a humanidade teria desaparecido. Com alguns dias eu correrei até Narbonne, para aliviar as maguas da velha condessa e as aflições de tua irmã, — que ainda devem chorar, como na hora da partida. A vida não vale o que custa.

— Eu compreendo e sei que os teus conselhos são máximas para mim. Consolo-me ; os teus discursos são como os de Nestor : — cheios de sabedoria e de prudência.

— Nem tanto. Basta-me que seja teu amigo. Tu és um meu irmão. Já que a natureza não me os deu, a caridade fez-me este beneficio.

Uma porta, á esquerda, abriu-se com estrondo ; um reposteiro afastou-se e appareceu então a figura altiva da baroneza Marion de Beziers, acompanhada por um criado de libré. A fascinante dama cumprimentou os dois mancebos, tendo nos lábios o mais aprazivel sorriso, e aproximou-se deles.

— Venho da parte da princeza d'Arlemont convidal-os que se dignem de passar á sala immediata, onde Sua Alteza os espera.

— E' muita honra, e á qual não nos podemos furtar ; mas, estamos ainda em trajos de viagem ! . . . objetou o conde de Langeais, com uma delicadeza fidalga.

— Não importa. Um criado virá servil-os. Depois eu voltarei para os conduzir ao salão.

E fazendo outra vénia retirou-se, enquanto que o criado de quarto se apresentava para servil-os.

A baroneza, que ficára viuva, há trez anos, quando ainda contava 24 primaveras, era uma dessas mulheres expansivas e cuja loquacidade a transformava em loureira. Em Pariz seria olhada pela turba de libertinos como um *tesouro*. Em todos os tempos esteve a garridice em voga. Nas grandes cidades ella se torna um *objeto* de luxo, de fórma que o seu desprezo, na linguagem dos *dandys*, não é mais do que um refinado carolismo. Assim, Marion de Beziers encontraria algures — fórma do seu pé. Mesmo á surdina e no castelo de Saint-Pont ella pintava o *Simão*. Simulava pudicicia e ao mesmo tempo sabia trocar uma olhadela apaixonada e um sorriso de prazer, que entusiasmavam e faziam um mancebo ardente delirar de amores. Trazia os cabelos soltos, de modo que pela nivea fronte lhe caíam simetricamente lindos aneis còr de azeviche. A face era um tanto pálida ; mas, os lábios graciosos contentavam a vista.

Logo que os dois hóspedes mudaram de vestes, a baroneza os guiou ao salão. Por toda a parte um luxo fabuloso, comprovando de quanto é capaz a vaidade humana. O salão era espaçoso ; o tecto formava uma abóbada. Todo e qualquer ruído ali morria abafado. Um ri-

quissimo tapete fazia com que os passos não fossem pressentidos.

Trez eram as pessoas que esperavam os dois mancebos: a princeza d'Arlemont, sua filha e o médico. Ergueram-se á chegada desses desconhecidos, e após as saudações do estilo, cederam-lhes lugares entre o médico e a princeza.

— Soube que traziam cartas de recomendação. . . disse a linda castelã. . . Poderão declarar a quem são elas dirigidas?

— Com muito prazer. As cartas são para vosso esposo, o sr. príncipe. Trazemos duas: uma do bispo Flechier, e a outra, da marquezia de Lambert. Vimos de Pariz.

— Qual de vós é o conde de Langeais?

— Falais com ele. . . e o fidalgo curvou-se em sinal de reverência.

— Pertenceis, sem dúvida, á familia que traz o braço do vosso título.

— Sim, Alteza! . . . Meu pai tinha o mesmo titulo que eu, e há treze anos foi morto pelo barão de Latour du Pin, num duelo singular. Meu avô foi o marquez de Langeais, assassinado em 1622 na guerra contra os huguenotes.

— Que familia de mártires! . . .

— Talvez seja o olho da Fatalidade que vela sobre nós.

— E crêdes nela?

— Inteiramente, não; mas, de alguma forma, sim.

A princeza sorriu.

— Tradicionalmente conheço a vossa familia; ela tem representado um papel importante.

— Obrigado.

Fez-se algum silêncio. O conde aproveitou a ocasião e passou ás mãos da princeza as duas cartas.

— Serão entregues com pontualidade. Já deveis saber que D'Arlemont foi á caça.

— O guarda-portão me o disse.

— E' a primeira vez que vindes á Provença?

— Sim, Alteza! . . . Tenho viajado pouco. Nasci e cri-

ei-me no meu castelo, em Narbonne, de sorte que desconheço o mundo. Tenho, entretanto, um Mentor, que me desvia dos grandes perigos. Eil-o : é meu irmão.

E o conde apontou para Perriquer Van der Helst, que se conservára sempre mudo,

— E' vosso irmão legítimo ?

— Não, Alteza ! . . E' um pobre obandonado da fortuna, que recolhido por meus pais, adquiriu o direito de fraternidade. Estimo-o tanto, que desejar mais, fôra impossível. Os irmãos legítimos não são mais prezados.

— Não perguntei por leviandade ; mas, porque não se parece comvosco, e creio que será da vossa idade.

— E' mais velho dois anos. Tem percorrido o mundo. Deixou a pátria, quando apenas contava nove anos.

— E é estrangeiro ?

— Sou holandez. . . respondeu Perriquer, decidido á palestra, que se tornára íntima.

— E os vossos pais ?

— Conheci unicamente mãe ; esta morreu quando eu completava sete anos. Fiquei ao abandono e fui roubado por um rancho de boémios. Com eles percorri a Bélgica e a Alemanha ; ao penetrar na França e aproximarme de Narbonne, fui tomado então pelo velho conde de Langeais, que me recolheu ao seu castelo. Desde essa época me constituíram filho daquela casa.

— Si fostes infeliz na vossa pátria, deveis estar hoje bem consolado, porque encontrastes corações piedosos.

— Com certeza. A Providência vela pelos miseráveis.

A conversa fez uma pausa. O conde conservou-se garboso. Os circumstantes o miravam com insistência : tinham simpatizado involuntariamente com aquêle porte. Há homens que, por natureza, são uns sedutores, e Ricardo de Langeais entrava neste número. Não era um fidalgo pervertido, embora, nessa juventude de 25 anos, já tivesse amado algumas vezes e continuasse celibatário. Mas, que amores seriam ? . . Arrastado por eles, como que por uma corrente magnética, via-se finalmente amando. . . E uma causa dolorosa, ás vezes extranha

e desconhecida, tirava-o de todo e qualquer propósito !

Era obrigado esquecer no outro dia todas as mulheres, que lhe causavam os devaneios do amor, — sem que pudessem definir esse comportamento. Ai ! tinha um juramento comsigo, e não o devia quebrar. . .

Heloïsa d'Arlemont fitava-o com um deslumbramento inexplicavel. O dr. Fabre de Liancourt, fisionomista profundo, descobrira no conde um espirito fácil de se reduzir á consecução de todos os feitos nobres. Esse homem deveria ser aquele que insistentemente buscava com a lanterna de Diógenes. Necessitava fazer-se seu amigo, para que ele correspondesse á dedicação. Tratou, assim, de lhe dirigir a palavra :

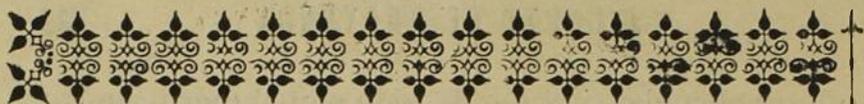
— O sr. conde que noticias nos traz da capital ? Correm boatos assustadores para a causa protestante. E' verdade ? ! . .

— Realmente. A França vai despenhar-se num abismo. Luiz XIV concorre para o esfacelamento da pátria. Louvois, Lachaise e Letellier trabalham pela revogação do Êdito de Nantes. O rei talvez ponha em prática essa medida anti-política, que tem feito a ruína de inúmeras nações, pois a liberdade de consciência é o primeiro dogma de um povo. A morganática M<sup>me</sup> de Maintenon tambem quer e insta pela revogação. Luiz XIV há de ceder, e sem lhe ficar remorsos.

— E' um século ameaçador. . . concordou o médico. . . Tempo virá, em que os historiadores, ja livres do jugo tirânico, digam a verdade. A nossa geração morreu em face dos povos liberais.

— Justamente. ! Há cinco anos que foi instituida a *Câmara ardente*. . . e o conde de Langeais animou-se. . . Do alto da tribuna sagrada, em nome de um Deus, todo bondoso e infinito, apregôa-se o extermínio de morte. Os padres jesuítas querem restituir a soberania da Igreja, e renovar os tempos em que foram carbonizados Savonarola, Jordano Bruno e João Huss ! . .

O médico sorriu de contente. Si esse homem não era pensador livre, facilmente esposaria a causa.



### III

## No fundo do mar a pérola

**O** conde de Langeais e Perrique Van der Helst dormiram no mesmo quarto. Foi um profundo sono. O cansaço e o acolhimento requeriam isto. Quando acordaram, os primeiros raios do sol vinham-se projetando no cume do edificio. Era muito cedo para a nobreza que dorme até ao meio dia; mas, o conde passara á condição de fidalgo fugitivo. Puzeram-se de pé; vestiram-se e desceram ao jardim. Era uma vista pitoresca. Extensas alamêdas; frondosos plátanos, enlaçados com grinaldas de convólulus, produzindo assim um fascinante efeito; caramanchões voluptuosos, que resguardavam os bancos esparsos por toda aquella planície; lagos serenos, de agua tão límpida como o cristal; e flores variegadas numa profusão encantadora. A rosa de Jericó, que revive depois de sêca, balouçava-se ao lado do jasmim do Cabo. Os cólquicos, — esses lírios verdes —, tremulavam num recanto.

O jardineiro aguava as plantas. Era um velho de frente espaçosa e calva. Cabelos cõr de neve caíam-lhe para traz formando aneis. Nos lábios lhe pairava um sorriso de contentamento. A ambição parecia não invadir aquele espirito. Ele entoava uma canção, muito em voga; a sua voz era harmoniosa e tinha aquele trinado de certos pássaros canóros. A cantiga dizia:

« Feliz quem entre os seus, aborrecendo  
o ódio e a vil cubiça, vai vivendo,  
fugindo do tumulto e do fragor,  
amando os campos, as florestas densas,  
e não vendendo a liberdade — amor —  
para agradar, dos reis, paixões intensas. »

O cónego Filipe Desportes escreveu-a. Era um dos melhores poetas da seu tempo, e digno continuador de Malherbe. O conde entusiasmou-se com o jardineiro. Deu o braço a Perriquer e marchou para o velho :

— Muito bem, respeitavel ancião da idosa Grécia ! A sua canção é um brado de liberdade ; o seu sorriso um indício de prazer.

O jardineiro largou o jarro com que regava as flores e voltou-se para o interlocutor :

— Infelizmente, sr ! não gozo do que cantei. A minha pátria ficou além ; eu vago á lei do destino.

— Como ? ! . . Explique-se.

— Eu ja sorri um dia. Ja repousei sobre a relva, ao pé das altíssimas palmeiras, açoitadas pelo vento americano. A minha pátria é bela como um gesto de valkyrias. Tudo ali respira amor e vida. E comtudo, ela é escrava tambem. . . geme sob o azorrague dos opressores vis.

— E essa terra ? . .

— E' o Brazil, sr ! . .

— Muito pode o amor da pátria ! . . E chora esse paiz de selvagens ! . . Onde fica ele ? Na Etiópia ? ! . .

— Não o insulteis assim. Respeitai a dor e o sofrimento. Si nunca fostes errante, não podereis calcular o tormento que me acompanha.

O conde arrependeu-se do remoque. Vira que nos olhos do brasileiro assomavam duas lágrimas bemditas.

— E porque vive assim ?

— Porque defendi a pátria. Bati-me contra os holandezes e eles me aprisionaram. Fui levado para Rotterdam, e trataram-me como um escravo. Quando me deram a liberdade e que eu a julguei segura, foi para mai-

or servidão ; estava feito soldado e me atiraram ao mar. Vi Cromwell quando entrava em Londres, cercado das multidões. Fui a Roma, e na basílica de S. Pedro assisti Clemente IX abençoando os crentes do catolicismo. Na África horrorizei-me ante o quadro da abjeção daqueles povos. Observei as caravanas da Arábia marchando sob um sol abrazador, e as tempestades de areia que fazem desaparecer em um momento a vastidão dos oásis. Fitei as pirâmides do Egito. Esmoreci com uma borrasca no das Índias. Uma noite, escura como breu, fomos investidos pelo intrépido João Bart e logo obrigados a fugir. Ante o espetáculo grandioso de tantas maravilhas e de tão repetidos perigos, não foi possível se me varrer da memória a lembrança do adorado Brazil! . .

— Como não voltou á pátria, viajando tanto?! . .

— Assim os dias se passam ! Aquém do Atlântico eu vi todos povos, sem jamais sulcar os mares americanos. Franqueei os Alpes, unicamente só, como fizera o Dante e lembrei-me dos Andes. Os aludes vinham cair aos meus pés, com aquele fracasso medonho, e eu era indiferente a tudo. A' tarde tive fome ; o gelo caiu com intensidade e fiquei meio sepulto por ele. Quando tornei a mim, reconheci que fôra recolhido pelos frades bernardos, escapando eu da morte ja decretada.

— Parece uma fábula ! . . disse o conde, vacilante.

— E' a realidade pura. Luiz de Castro não mente.

— De sorte que hoje vive dos seus serviços, ignorado de todos, num canto da Provença ! . .

— E consolo-me. Rio sempre, porque não hei de chorar como o filósofo grego, aquele idiota que chamaram...

— Heráclito. . . completou o conde de Langeais.

— Exatamente. Tenho 65 anos de idade. Tenho experiência ; tenho saudades da infância. Envelheci nos mares ; acostumei-me com o rugido das ondas furiosas.

— Tem sofrido muito e o sofrimento santifica as almas. Conversal-o-ei doutra vez, e então me contará melhor as suas grandes aventuras — um tanto parecidas com as de Sindibad, o marítimo.

O jardineiro curvou-se em sinal de agradecimento, e os seus admiradores afastaram-se em direção de uma alamêda. Perrique Van der Helst torceu o bigode, voltou para o conde os seus olhos azuis e disse pensativo :

— Por toda parte a miséria ! Aquele velho que entoava uma canção de liberdade e tinha um sorriso de alegria, é um desgraçado ! . . . Quem diria ? ! . . . Ninguém. Miséria ! sempre miséria ! . . . O viver é um sonho ; nós somos as vítimas de um pesadelo. Feliz só é quem morre, porque tem descansado e fugido ás leis inevitáveis do sofrimento. Quem sabe o que há além da campa ? Não será, por acaso, um não viver, como antes do nada tomar fôrma ? Quem sabe ? ! . . .

— Perrique ! isto é o sceticismo. Ele é pernicioso como o veneno a galopar nas veias.

— Deixa-me dizer, que agora as idéas borbulham. O nosso século é opressor ; mas, os irmãos se podem confessar reciprocamente.

Tinham chegado junto a um lago. Uma corrente da-gua, com alguma impetuosidade, atirava-se nessa bacia. Um rumor harmonioso notava-se continuamente ; depois a correnteza fugia por cima de miudas pedras e ia perder-se além. Um banco de madeira rija era posto entre dois bôrdos, que se curvavam até acultal-o.

Os dois irmãos sentaram-se aí. Um raio do sol, inter-nando-se furtivamente por entre os ramos, refletia alguma luz no interior. Comtudo, uma brisa fagueira ali girava. Era um sítio melancólico e confortavel ao mesmo tempo. Os passarinhos trinavam e os colibris investiam as flores orvalhadas pelas lágrimas da manhã. O conde ficou triste. Uma nuvem de desgosto nublava o céu da sua frente.

Trocaram poucas palavras e não saíram do lugar. Pelas dez horas receberam convite da parte do médico, que os esperava. A princeza ja tinha abandonado o leito e recolhêra-se ao toucador. Os dois hóspedes foram introduzidos no gabinete do dr. Fabre de Liancourt.



#### IV

### Um gabinete singular

**U**MA biblioteca de uns quinhentos volumes era o que se via logo á entrada do gabinete do médico-filósofo. Aí existiam as melhores obras, como fossem : **Os homens illustres** de Plutarco, **A Política** de Aristóteles, o **Discurso sobre a Corôa** de Demóstenes, os **Ensaios** de Montaigne e a **História Universal** do calvinista Agripa d'Aubigné. Numa segunda estante notavam-se o **Orlando furioso** de Ludovico Ariosto, o **D. Quixote** de Miguel Cervantes, **A Divina Comédia** de Dante Alighieri, a **Encida** de Virgílio, a **História dos doze Césares** de Suetónio e a **Iliada** de Homero. No meio de uma multidão de belezas literárias, que se constituem, por si, o prazer do verdadeiro sábio, — destacava-se o tratado **Da natureza das Coisas**, composto pelo insigne Lucrécio e luxuosamente encadernado num custoso pergaminho.

Sobre uma mesa via-se um tinteiro de vidro, manufacturado pelo hábil marsehez Guilherme. Uma caveira humana repousava ao lado da **História natural** de Plínio, o Antigo. Na parede estavam quadros primorosos e d'entre os quais sobressaíam : *O repouso da caça* de Rubens, *Os meninos brincando com o báculo* de Albano, e *os Pastores da Arcádia* de Poussin. Por cima de uma estante lia-se, em letras gordas, o seguinte aforismo científico : « NATURA NON FACIT SALTUS », isto é, « A Natureza

não dá saltos ». Quási na sombra, frente a frente, havia uma inscrição enigmática para todos, — verdadeiro hieroglifo —, só decifrável para o médico. O retrato de Galileu parecia impor silêncio a tudo aquilo. Hipócrates figurava ao seu lado.

Quando Perriquer e o conde chegaram, o médico se conservava sentado numa cadeira, de costas para a porta, e escrevia. Ao ruído que os dois mancebos fizeram, ele voltou-se alegremente :

— Oh ! esperava-os. Venham sentar-se. Estou ansioso por dois dedos de prosa, e durante esse tempo em que não os via, aproveitava-o escrevendo mais um capítulo. É uma obra que tenciono deixar inédita, como também as minhas **Memórias**, embora desejasse publicar estas.

— Sobre que trata, dr ? . . . perguntou o conde.

— Sobre a decadência social e as aspirações do século

— Bonito assunto ! Isto lhe dará um nome na História.

— Não espero, sr. conde !

— Porque ? ! . . .

— A glória é uma coisa tão vã, que só favorece, na maioria dos casos, a quem não deve.

— Não o contesto, embora reconheça que ela faz justiça, e repetidas vezes, quando immortaliza certos homens, verdadeiramente grandes nos feitos e na sciência.

— E não sabe que ela elevou com o mesmo arrojo o miseravel Vitélio e o devasso Heliogábalo, como decantou o mavioso Homero e o rígido Pedro Ramus ?

— Perfeitamente ! . . . É o único defeito que lhe noto, si isto é defeito. Mas, aqueles homens, por acaso, não são conhecidos com um nome conspurcado, enquanto que estes são puros e sublimes ? ! A glória não é mais do que a proclamação eterna dos feitos de um homem, quer sejam bons, para que sirvam de exemplo aos vindouros, quer sejam maus, para que os possamos verberar. Compreendo por *glória* simplesmente isto, sem o objetivo de contradizer o illustre sábio que me dispensa atenção.

— Tem o direito de contestar. Exponho as minhas idéas, mas não tenho a empáfia de um frade pregador. Não

faço propaganda ; digo, em segredo, o que penso.

— Pode fazel-o sem receio : eu admiro os filósofos.

— Quão longe estou eu deles !

— Não apoiado. Si o dr. se dedicasse ao público, em que seria inferior a Montaigne ? Não poderia descrever, como Brantôme, os costumes do nosso século ?

— Poderia ; mas, sem o espírito desses escritores.

— Depende de hábito ; portanto, tenha fé na glória e não seja tão scético para com ela. As divindades tambem são suscetíveis de despeito, e a glória é uma delas.

— Talvez que vaidosa como Juno, ou cheia de presunção como Vénus.

— Não seja tão sarcástico. Protendo vel-o ainda — a subir nas azas da fama e abraçar dois horizontes.

— Bem pode succeder. Tambem Ícaro voou ; mas, desgraçadamente caiu, porque as suas azas eram de cêra.

O conde sorriu com a mordacidade do mêtico. Perriquet Van der Helst escutava-os, sem perder palavra.

— Quando falo desta fórma. . . continuou o dr. Fabre. . . é porque tenho carradas de razão. Os meus escritos incendiários, impregnados de descrenças, não passariam incólumes. Seriam queimados na praça pública pela mão do algoz, e eu acabaria num Auto de fé.

— E são tão perigosos os seus escritos ? Falam de Deus e do mundo ? ! . .

— São terríveis ! . . Foi a pena de Satan que se embebeu em fel para traçar aquelas páginas.

— Misericórdia ! . .

— Bata nos peitos, do contrário cairá um raio.

Os trez explodiram na gargalhada.

— Que escritos são esses, que não podem sair a lume ? ! . . perguntou o conde com curiosidade.

— Aconselham a derrocada dos tronos.

— Não importa.

— Insuflam mais uma gravidade. . . disse o dr. Fabre fitando o conde, como si lhe quizesse estudar, pela fisionomia, os pensamentos naquela occasião.

— Qual ?

— Os meus escritos são declaradamente incrédulos. O conde poz-se a rir e retorquiu:

— Nunca refleti sobre matéria de religião. Sou huguenote, porque meu pai o foi; católico pelo lado materno. Nunca me entreguei ao trabalho de indução.

— Pois é uma coisa de suma importância, principalmente neste século em que tudo se tem visto. Os padres fazem da religião um negócio particular. A perversão dos costumes é excessiva. Desenvolve-se a mais vil devassidão. Lachaise, que exerce uma influência perniciosa sobre Luiz XIV, faz com que ele abandone e inutilize a marquiza de Montespan e tome para sua amante a refinada Mme de Maintenon, com quem casar-se-á um dia, como outrora Pedro o Cruel de Castela, com Maria Padilla. Há dois anos que Maria Tereza é morta; pode fazel-o. A um déspota nada é impossível.

— Realmente é um rei devasso como um sátiro. . . acrescentou o conde de Langeais. . . La Vallière e a duquesa de Fontanges ainda são vítimas da infâmia desse testa coroadada. E dentro do próprio Paço, transformado em prostíbulo, a intriga e o enredo, que são a alma das côrtes pervertidas, não deixam de ser terríveis. E' o duque de Lauzun forçado a fugir para a Inglaterra, por causa do seu espírito intrigante e cheio de aventuras, mas, que estava de acôrdo com as misérias de Versalhes; a porta da Bastilha que se abre para encerrar homens misteriosos como o *Máscara de ferro*; o cadafalso, finalmente, que faz o seu officio.

O conde de Langeais havia falado como um cidadão, verdadeiramente ressentido dos infortúnios da pátria; o médico estava contentíssimo. Ele, perante o príncipe d'Arlemont, não se podia expandir, porque Luiz XIV protegia toda esta família. Os cortezãos que frequentavam o castelo de Saint-Pont eram perfeitos áulicos. O único, que se transviava da regra, era o marquez de Clisson e isto porque fôra ofendido pelo rei déspota.

O bisavô do nosso príncipe exercêra o cargo de secretário particular de Catarina de Médicis. Na noite de S.

Bartolomeu fez fogo juntamente com Carlos IX das janelas do Paço. Tomou parte nas monstruosas orgias com que a filha de Lourenço de Médicis divertia os próprios filhos. Era um homem corrompido, e só se viu fóra de todas as graças, quando, pelos reinados de Henrique III e Henrique IV, a causa protestante gozou de algum apoio. Foi desterrado para o seu castelo da Provença e aí morreu, quando reinava Luiz XIII. Aos 40 anos de idade foi pai, cujo filho déra para um beberrão insuportável e casou com uma dansarina alemã. Iguamente fizeram o marquez de Fleury casando com M<sup>lle</sup> Dufresne, e o conde de Clermont com M<sup>lle</sup> Le Duc.

A dansarina, avó do nosso príncipe, era linda como a mitológica Ariadna. Henrique IV que a tinha visto em Pariz, e há nove anos perdêra a sua Gabriela d'Estrées, — enamorou-se da bailarina. O esposo era testemunha dessas scenas e propositalmente as consentia, na esperança de cair novamente em graça ante o filho de António de Bourbon. Foi de balde; Henrique IV gozou tão somente, sem nada dispensar.

Deste cansórcio nasceram trez filhos. Si todos eram do matrimónio, não o podemos afirmar. O mais velho herdou todos os títulos, com prejuizo dos outros dois, que não tiveram a mínima culpa de ser dos últimos. Habitou sempre o castelo de Saint-Pont, e em 1648, tornou-se pai do nosso príncipe d'Arlemont. Luiz XIV encheu-os, então, dos maiores beneficios.

O nosso príncipe, em atenção aos favores recebidos, tinha para com o seu soberano quási a mesma adulação que o visconde de La Feuillade. E desse homem, no velho castelo em que estamos, o dr. Fabre de Liancourt era médico.

Feita esta necessária explicação, continuemos. Após algum silêncio reencetaram a palestra.

— Sim; há tudo isto. . . disse o médico. . . mas, quero avisal-o de uma coisa, que talvez ignore,

— Serei imensamente agradecido.

— Diante do príncipe d'Arlemont não fale em religião

e, muito menos, contra a cõrte de Luiz XIV.

— Não ignorava. Flechier esclareceu-me a situação.

— Bem. Demora-se aqui ou segue para outra parte?

— Depende do acolhimento do príncipe. As cartas de recomendação parecem valiosas. A marquiza de Lambert afirmou-me que tinha grande intimidade com o príncipe, e que eu poderia contar com a sua protecção.

— Juntos, então, gozaremos muitos dias. Eu simpatizei-o. Querendo dar-se ao estudo de sciências ou de litteratura, aqui terá sempre a minha biblioteca à sua disposição.

— E' muita bondade.

— Vou mostrar-lhe uma excentricidade. . . e o médico ergueu-se para buscar a caveira.

— Uma caveira humana! . . pronunciou o conde, como quem pede uma explicação.

— Justamente. Adivinhe, a quem pertenceria esta?

— Impossivel! Não tem letreiro! . . Mas, comtudo, pelas protuberâncias, tão salientes, atrevo-me a dizer que foi de um sábio ou de um louco.

— Talvez. . . E' a caveira de Torquato Tasso.

— Admiravel! . . Como arranjou isto?

— Quando eu viajava na Itália. Conheci um anatomista, que primava em adquirir essas curiosidades, e me fez presente deste cráneo. Estimei grandemente a lembrança, não só porque sou médico, como também, porque professo o materialismo.

Perrique soltou uma gargalhada estridente. O conde e o médico fitaram o flamengo, e pelos olhares inquiriram a causa dessa ruidosa cachinadã.

— Pobre género humano! Nem sabe a quantas anda! Lá, na Itália, não terá ficado outra caveira do poeta?! . . completou finalmente o filho da Batávia.

Os dois compreenderam a sátira e dispararam também na gargalhada. Um criado grave appareceu e disse para todos:

— A digníssima princeza manda anunciar o almogo.



## V

### Um almoço divertido e nobre

**R**ETRATAR com a pena e sair-se bem, é quasi impossivel para um romancista obscuro. Avancos tão colossais reservaram-se unicamente para um Victor Hugo, o poeta dos arroubos filosóficos ; um Lamartine, o vate da cândida harmonia em todos os quadros que esboçava ; um Júlio Verne, o romancista da sciência ; ou mesmo um psicólogo como Gustavo Flaubert.

O autor deste livro, si tenta percorrer o labirinto, receia não lograr a sorte de Dédalo, — e então recúa. Não se lamenta como Júlio César, ao lembrar-se este que Alexandre Magno na sua idade ja havia conquistado impérios. Consola-se com a sua inferioridade, mas, não deixa de ambicionar a luz. As almas efervescentes procuram a luta intelectual.

Depois deste cavaco, falemos sobre as duas princezas d'Arlemont. E' traço deira a descripção que ideamos ; mas, não embarga. . . *Audentes fortuna juvat*, ensinou Virgilio, o grande épico latino. Sim. . . falemos destas mulheres célebres. Desenhemos, que alguma coisa há de ficar.

Heloisa d'Arlemont era uma beleza angélica ; sua mãe — um primor, uma peregrina fada, como pode fantazial-a a mais ardente imaginação. Parece uma extravagância de novela a proposição que avançamos. . . entretanto, não é.

Si Heloísa d'Arlemont semelhava uma criança, inocente como os lírios da manhã, onde as chispas do sol não podiam incidir por muito tempo, — a princeza-mãe era um cofre de bondades, em que os infelizes buscavam um alívio para as suas maguas, e os expatriados um sorriso de ventura. Uma adorava a pureza, quasi passando á utopia; a outra, só tinha amado na terra o seu esposo.

Heloísa d'Arlemont, — compadecida dos que choram, pronta a defender os oprimidos, e de um caráter benévolo e firme até ao estoicismo: a princeza Laura de Provins, — altiva, sem que tivesse orgulho; com um sorriso sedutor, sem que ali existisse a malícia; e sensata em todo o seu procedimento.

Quanto ao fisico, a princeza-mãe era uma formosura para a espécie humana. A notavel M<sup>me</sup> Recamier não podia excedel-a nos atrativos plásticos. Tudo lhe ficava bem; tudo lhe era ornado de um prestígio, que seduzia involuntariamente. Os seus cabelos semi-louros, que muitos fisiólogos desdenham, condiziam com o todo. A face era rósea e a tez de um puro jaspe. Nariz perfeito e elegante, parecendo antes haver saído do escopro de um estatuário do que das mãos da natureza. Lábios rubicundos; pescoço modelado, sem que se assemelhasse ao das ninfas de João Goujon ou das deusas de Coustou, que eram altas e delgadas. Corpo de sílfide; um ar de majestade, para qualquer lado que dirigisse os passos.

E Heloísa d'Arlemont? Como descrevel-a agora, quando se nos afigura que todas as côres de uma fascinante imagem já foram utilizadas no primitivo quadro? . . . E' uma nova luta que travaremos na intelligência. Mas, como?! . . . Delinear todas aquelas fôrmas infantis; uma fronte nivea e uns lábios purpurinos, que parecem prestes a soltar uma frase de candura e amor, — será emprehendel-o muito. Comtudo. . . Os seus cabelos bastos e negros como a consciência do malvado, fingiam de manto, desde que soltos lhe ondeavam no regaço. O ros-

to perfeitamente oval, e sempre enrubescido, como si trouxesse o carmin das granadas preciosas. E o olhar profundo, qual o das vírgens pensativas, — olhar misterioso, que realça a beleza casta e transforma a mulher num anjo. A's vezes tinha um sorriso ; mas, ele não traduzia gozo e ainda menos sofrimento. Ninguem o poderia definir.

A suas mãos eram de princeza circassiana ; e o talhe esbelto, soberbo como o da palmeira, incitaria obrigatoriamente, por uma lei da fatalidade, as mais violentas paixões a qualquer mancebo de imaginação enérgica, que a fitasse, mesmo de relance. E contava 15 anos —, a idade do idealismo para a mulher formosa.

Sua mãe, mais velha 16 anos, dir-se-ia, uma irmã ; eram como as rosas de Malherbe. . . cheias de perfume e de vida, e reservadas, talvez como elas, para só durarem uma manhã ! . .

Voltemos ao assunto capital. Já a princeza d'Arlemont e sua filha ocupavam a mesa, quando aí chegaram os nossos trez personagens. Também servia-se do almoço um botânico de Pariz, vindo especialmente á Provença, para estudar a flora dessa região do sul.

A princípio trocaram-se os cumprimentos ; depois reinou o silêncio, como o início de todas as refeições, ouvindo-se tão somente o ruído dos pratos e dos talheres. O vinho derramou-se nas taças, que foram imediatamente esgotadas. O efeito das bebidas não se fez esperar : foi transgredido o mutismo, e a simpática alegria sentou-se logo entre os convivas. A palestra amena surgiu de todos os pontos.

O som harmónico e dolente de um organ fez-se escutar na sala imediata. O conde de Langeais sentiu um choque com aquela música, que parecia inebriar e comover a alma. Tocava-se uma opereta de Lambert, e as notas que se evolavam desse instrumento majestoso, tão ajustado á imponência das catedrais, — tinham o encanto da variedade, entre o *trémolo* e o *pianíssimo* : gemiam, por vezes, como a harpa còlia.

Na sua vida nunca se reconhecêra o conde tão sensibilizado. A lembrança da casa paterna acudia-lhe ao espírito. Telémaco, na ilha Ogígia, chorára ao pé de Calipso, quando as ninfas cantavam as façanhas de seu pai Ulisses. Os egípcios repeliam a música, porque sustentavam que ela só serve para enervar a alma.

Nesta ocasião o exemplo se manifestava sobre o jóven narbonense, embora os gregos rejeitassem essa idéa e dissessem que a música inspirava a castidade, citando Penélope que conservou a sua virtude ao som da lira.

O efeito foi rápido; o conde ponde esmagar o seu desânimo, e declamou:

— A música me enternece a alma. Quando ouço uma harmonia que se esvai, como o fumo subindo para o infinito, — desço ás questões do *ser e do não ser*, e fico extático! . . . Porque recebi dos céus uma alma que vacila tanto?! . . . Mesmo na época, em que a tormenta me agitava o peito, — eu entristecia, si, do cimo das montanhas, as camponezas entoavam os seus cánticos doridaos! . . . A saudade se apodera do meu coração e torno-me fraco nesses momentos lúgubres. . . Há pessoas que riem ao som da música sentimental, como outras que dansam ao rufar dos tambores e ao reboar dos canhões. Comigo é inteiramente o contrário que succede: cerro as pálpebras; vejo uma mortalha através dos cílios e emudeço de agonia.

— Conde! isto é uma ilusão. . . disse o médico. . . A luz que reflete de uma lâmpada, vem equivaler á treva de um túmulo.

— Nunca! . . . Isto é um absurdo! . . . Sejam realistas em todo e qualquer terreno.

— E, por acaso, a luz e a treva não serão uma realidade?

— Concorde; mas, eu não quererei a treva, quando existe a luz. Progresso é a minha legenda. Marchar é a minha idéa. Um óbice aos direitos da humanidade só lançam os espíritos do mal.

— Também está comigo. Não lhe combato o juízo que

formula sobre a música ; mas, afirmo também que *anti-patia e simpatia* são meras palavras, adotadas para o uso social.

— Que sofisma ! Segundo a sua teoria : o vício pode ser simpatizado e mesmo apetecido, porque *amor e ódio* são sentimentos idênticos !

— Não ; há diferenças, e portanto, entenda-me. Devemos odiar o vício, porque ele, na sua essência é mau. Todas as nossas ações são filhas do interesse. Penso como Aristipo que dizia : « Quando praticamos a virtude, é com um fito todo pessoal. »

Iam continuar nesta discussão escabrosa ; mas, foram interrompidos pela princeza d'Arlemont que lhes disse :

— Deixem as questões filosóficas ; conversemos sobre outras coisas, como si fôssemos uma família reunida.

— Sim ; é mais conveniente. . . acentuou Perriquet.

— Ouçamos este *noturno* que se executa no organ. E' melancólico ; mas, o sr. conde abandonará a tristeza. Os mancebos devem rir. Creio que uma alma jóven não pode deixar de amar.

— Até as plantas se amam. . . disse o botânico, entrando pela primeira vez na conversação.

— Talvez isto não passe de exdrúxulas suposições. . . contrariou o conde.

— Qual ! A botânica é uma sciência concreta, positiva. Os seus fenómenos são os mais naturais. Assim como as plantas respiram, dormem, procreiam-se e executam movimentos, quer sejam pelos efeitos das correntes atmosféricas ou de uma mecânica desconhecida, — elas também sentem a grandeza do amor. Lembremos da valisnéria espiral.

— E' muito coerente. . . observou o médico, . . Da mesma fôrma que o reino animal vive cercado de fenómenos assombrosos e inexplicaveis, — o vegetal deve tel-os, sem que sejam uma transgressão ás leis da natureza.

— E eu que me tenho dedicado á botânica, com todas as energias da minha alma ! . . Estudei uma infinidade de plantas, e na Holanda, consegui descobrir diversas famí-

lias, que Tournefort desejaria para as suas admiráveis classificações.

O dr. Fabre de Liancourt preparava-se para aduzir mais outras observações, e não poudo continuar. Uma vozeria enorme, partida lá de fóra, chegava aos ouvidos de todos. Eram gritos, uma tropelada como de alguém que corre, e gargalhadas retumbantes. Isto foi de um efeito extraordinário: todos se ergueram sem ordem e foram postar-se nas janelas. Cada qual que primeiro quizesse saber da causa. Então viram uma scena, em que figurava um desgraçado lobo.

A criadagem havia afluído ao pátio, armada de chucos, estacas e forcados. Tudo isto, mais que suficiente para acabar com a vida do infeliz carnívoro, que esganicava ás bordoadas.

Penetrara no jardim, sem se saber como, e foi o bastante para darem o grito de alarma. A perseguição do bicho tornou-se quasi uma festa. Em poucos minutos foi ele reduzido á expressão mais simples. Seguiu-se, depois, cada um dos criados a contar os seus feitos de bravura, pouco faltando que permatassem murros, porque as opiniões não se concertavam!.. Até aqui chega a estupidez humana, que julga ter praticado inauditas façanhas em casos como este, e ainda tem vontade de esbofetear o comparsa que as duvida!.. E o que não diriam semelhantes idiotas, si lograssem, uma só vez, matar leões, não como Júlio Gerard, o explorador da costa occidental da África, mas, á maneira do *Tartarin* de Afonso Daudet?!..

Na mesma janela em que o conde de Langeais se postára, veio acidentalmente colocar-se Heloisa d'Arlemont. Ele sentiu as pulsações do seu peito e o hálito perfumoso da sua respiração: abalou-se completamente, notando em si próprio a vertigem da intelligência. A flama do amor parecia avivar-se, quando, há muito, ele a considerava extinta!

O amor, que sempre foi a vida dos romances, nem por isto deixa de existir como se idealiza. «E' a saudação

dos anjos aos astros », segundo a frase de Victor Hugo. No bojo de um túmulo também existe. Não que a sua essência parta do coração do morto : mas, há o coração de um vivo que incessantemente gravita e não esquece o cadáver, que se decompõe no fundo de uma cova. E comtudo, há infelizes de tal ordem, para quem o amor não lhes surgiu como um farol no oceano da vida, ou como o epitáfio que se incrusta na insensível campa !

Desde esse momento o conde de Langeais percebeu-se outro. O amor é o que há de incompreensível : tem os roncões da tempestade e os arrulos do inocente pombo. O homem que ama, torna-se cego e nada mais enxerga a não ser o vulto da mulher amada. A mulher sacrifica-se, e facilmente se despe das vestias do pudor, contanto que fascine o escolhido de su'alma. Há um magnetismo que involuntariamente arrasta dois entes para o mesmo polo, traçando-lhes uma estrada bem diferente da que projetavam seguir.

Que homem há, que possa resistir ao riso misterioso, ao olhar penetrante e á fôrma feiticcia da mulher, que durante muitas noites o fez revolver-se no seu leito, com a fronte em fogo, o coração agitado e a comprimir o espaço, ralando-se em mil idéas profanas ?! . . . Quem fôra capaz de tanto ? . . .

Basta de análise, e completemos o quadro. O médico, acercando-se do conde de Langeais, cochichou-lhe :

— Hoje, á noite, teremos teatro, e bailado em seguida. Isto aqui é muito divertido.

Os olhos do conde relampaguearam.





## VI

### O som da trompa

**O**s últimos raios do sol, esses raios lânguidos e moribundos pela aproximação do crepúsculo, — douravam a copa das gigantes árvores. A limpidez ficava no infinito azul. Nas colinas já havia sombra. O som da trompa rompeu o espaço e foi ouvido á distância. As mēigas e embalsamadas virações do norte perpassaram gemendo pelas ogivas do castelo. Os caçadores avizinhavam-se.

Eis que uma lembrança vaga, porém, dolorosa e triste, percorre o nosso espirito. Recorda a Idade-média com o seu fausto dramático e o seu cortejo fúnebre. Um e outro simbolizam cavaleiros francos que galopam nos seus corceis pelos verdejantes campos da vetusta Gália; Carlos Magno nas umbrosas florestas da Germânia, levando, á caça, sua esposa Hildegarda; Filipe o Belo que, em Fontainebleau, cai do cavallo e expira.

Mesmo depois de morto o império Bizantino, um quez que seja de misterioso envolve as gerações que hauriram o envenenado sopro das priscas eras e voltaram os olhos para os pórticos do Oriente. As tenebrosas orgias de Alexandre VI ressentiam-se daquele reflexo que as saturnais romanas dardejaram sobre os povos submetidos.

Quando os caçadores chegaram e ouviu-se distinta-

mente o tinir de esporas e o tilintar de estribos, já existiam sombras por toda parte. O jardim era um parque ameno. O emblema da fascinação parecia seduzir a todos os espíritos. Uma majestade expandia-se em chispas de cristal. Os fidalgos gritavam e riam desbragadamente, como si estivessem no seio de uma bacanal. A razão era lógica: tinham esvasiado muitas garrafas do precioso vinho de Borgonha. Muitos cérebros esquentados tornam-se revolucionários.

Ao invadirem o castelo, dir-se-ia, uma tempestade em pleno oceano. Homens embriagados, capazes de incendiar o palácio, como Alexandre Magno quando reduziu Persépolis a cinzas.

— Baila-se hoje! . . . gritava o barão de Poligny. . . Tenho sede de prazeres. A vida, sem distração, é uma espécie de morte.

— E eu dansarei uma valsa ingleza. Sei correr em todo o circuito de um salão, até cair estafado pelas vertigens. Ai! uma cintura débil e franzina de mulher galante; umas mãos sedosas e minúsculas, que apertam e queimam como fogo, — fazem-nos morrer de delírios.

Quem pronunciára estas frases foi um rapaz moreno, de olhos lânguidos e corpo frágil. A sua palidez sobressaía a tudo. Era o tipo de um libertino. A doença dos prostíbulos já o tinha estragado consideravelmente. O pescoço tumefacto constataba a existência de acentuadas escrófulas. Dizia-se milionário; gastava dinheiro ás mãos cheias; era indiferente ao futuro. Tinha o nome de Pierrot Follet. . . e o apelido lhe assentava bem.

Misser Gargouche assobiava uma ária de Lulli, e com a mesma desfaçatez de um garoto. Não havia quem dissesse que este homem tinha consigo o insolente orgulho, — esse tresvario que tanto depõe do rei da Criação. Garrick, o ator inglez, que foi acusado de uma soberba atinente á loucura, — não o podia exceder. Misser Gargouche exhibia o pedantismo de Menage, faltando-lhe a ilustração do gramático. Conversava sobre tudo, sem de nada entender; censurava a todos, e não se

corrigia dos inúmeros defeitos. Era incapaz de declarar-se voluntariamente pela razão.

Esta é a imagem viva da nobreza daquele século. Tanta ruína, vindo de longe e se amontoando incessantemente, só podia ter um resultado mau. A revolução era inevitável e veio, portanto, como um incêndio que expurga a face da terra. A liberdade dos povos foi iniciada em 1789.

O conde de Langeais e Perriquet Van der Helst que presenciavam a chegada dos caçadores foram, em breve tempo, conduzidos ao príncipe, que os recebeu com o sorriso nos lábios. O dr. Fabre de Liancourt se tinha incumbido de apresental-os. Após a recepção disse o príncipe d'Arlemont ao seu médico :

— Queira leval-os ao meu gabinete : esperem-me enquanto mudo de trajos.

Curvaram-se diante do grande fidalgo e desapareceram em seguida. O príncipe viu-se cercado unicamente dos seus companheiros de caça, e projetava deixal-os também, quando foi interrompido por um criado, que humildemente falou :

— A princeza, vossa esposa, pede que chegueis ao seu toucador. Deseja conversar.

— Anuncia-lhe que serei breve. Vou mudar os trajos da caça.

Quando o príncipe d'Arlemont se dirigiu ao toucador da esposa, vinha elegantemente vestido de côrte. Antes de penetrar nesse recinto de pudicícia e luxo, anunciou-se por discretas pancadas. A princeza, que estava junto a uma cômoda, ricamente lavrada no século XVI, quando reinava Francisco I, — ouvindo baterem, compreendeu logo que era o esposo e apressou-se em abrir a porta. O toucador era iluminado com delicadeza e graça. Laura d'Arlemont apoderou-se de uma das mãos do príncipe, depoz-lhe um beijo na fronte e conduziu-o para o interior. Sentou-se ao seu lado.

— Como te foste na caça ?

— Muito bem. Contado foi o tiro que perdemos. Di-

vertimo-nos a valer ; a nossa sociedade sabe desempenhar o seu papel. O peor foi para o barão de Poligny, que tendo bebido como um ódre, deu uma desastrada queda. Felizmente, as consequências não foram deploráveis.

— Pedi para te falar, porque guardo duas cartas, dirigidas a ti.

— Quem as trouxe ? . . O conde de Langeais ?

— Sim.

— Ele me o disse. Vejamos o que exigem Flechier e a marquezia de Lambert.

O príncipe recebeu as cartas e rasgou-lhes os sobrescritos. Flechier pedia que protegesse ao conde de Langeais ; a marquezia salientava as boas qualidades do fidalgo e terminava a sua missiva, — fazendo um apêlo para a amizade subsistente. Não era difficil satisfazer os empenhos : competia simplesmente examinar o caso, uma vez que as cartas não o esclareciam. O príncipe devolveu as epístolas á esposa e ergueu-se para sair. Voltou-se, ja de marcha, e perguntou brandamente :

— Heloisa onde está ?

— Creio, que na sua câmara, com a baroneza Marion.

— Avisa-lhes que hoje teremos teatro e sarau. O salão principia a encher-se.

Desapareceu, num passo grave, de grande fidalgo, a fim de entender-se com os seus recomendados.

No páteo estacionavam muitos carros, dentre os quais sobressaíam o do marquez de Clisson, que o trouxera em companhia da esposa e da irmã, a viscondessa de Chiourme, viuva espirituosa e digna imitadora de Ana Gonzaga, — a célebre *princeza palatina* ; o de Augusto Javelot, rico banqueiro de Aix, e sua filha Elisabeth, palaciana virgem, que ainda se conservava casta e pura como as filhas de Loth na impudica Sodoma.

Acendiam as luzes do teatro. Uma orquestra bem organizada e de peças escolhidas, reanimava o salão, que se ia enchendo pouco a pouco. O príncipe d'Arlemont conferenciava com o conde de Langeais e dizia :

— Acabo de ler as cartas. Prestei a devida atenção a tudo que me pedem. Desejam que eu me constitúa protetor do illustre conde, e entretanto, ignoro o principal motivo.

O conde de Langeais arregalou os olhos e correu a vista em torno de si, como si tivesse medo de falar. Depois confessou :

— O motivo é simplesmente este : sou perseguido e fujo do perigo.

— Porque ?

— Há quinze dias bati-me em duello com o barão de Latour du Pin, e matei-o.

— Ah ! A coisa é um tanto grave ! . . . Matar um fidalgo, não é o mesmo que dar a morte a um plebeu.

— As nossas leis entendem assim.

— E são equitativas. . . Mas, examinemos as causas que o induziram a isso. . . Alguma aventura amorosa, talvez ! . .

— Não, sr. príncipe ! . . Foi um juramento a cumprir.

— Melhor um pouco.

— Há treze anos pesava-me uma vingança, e só agora chegou o tempo de lhe dar execução.

— Era muito criança nessa época !

— Tinha doze anos. Uma noite, na cidade de Narbonne, encontraram-se meu pai e o barão de Latour du Pin. Eram inimigos e bateram-se então. Meu pai, o conde de Langeais, fôra vilmente insultado e caiu ferido de morte. As suas últimas palavras ficaram escritas como uma lição de sabedoria: Contudo, jurei sobre o seu cadáver, lavar-lhe o sangue com o sangue do assassino. . . E dei tempo ao tempo.

— Muito bem ! . . Nobreza de caráter. . . Estendo-lhe a mão, sr. conde de Langeais.

— E eu que agradeço todos os beneficios. . . Pariz é muito grande para ocultar quem quer que seja ; mas, eu não queria viver amedrontado. O céu da Provença é mais alegre. Já fiz o que devia fazer ; d'ora em diante só aspiro o descanso da alma e do corpo.

— Viva sem terrores. O príncipe d'Arlemont empenha-lhe a sua palavra de honra, e garante que enquanto o seu braço valer alguma coisa, estará sempre disposto a protegê-lo.

— Não necessito de tanto. Sou tão obscuro no mundo, que um sorriso benévolo é o bastante para me amparar. Um gesto bondoso, e nada mais.

— Isto é modéstia da sua parte. Não sei andar com panos mornos. Quando entendo de ceder uma proteção, resolvo-me logo, sem mais subterfúgios. Do mesmo modo procedo, si não quero prestar os meus favores a uma pessoa indigna.

— Obrigado.

— Não há de quê. Vamos, agora, para o teatro; depois teremos o bailado.

Os quatro abandonaram o gabinete. O dr. Fabre aproveitou o ensejo para dizer ao conde de Langeais:

— Felizardo! Dou-lhe os parabens pela recepção que teve. Incontestavel fortuna!

— Acha, que estou garantido?

— Pois, não! . . . O príncipe tem os seus defeitos; mas, depois de empenhar a sua palavra, prima em cumpril-a religiosamente. Pode ser que ainda se transforme num mau homem; mas, até ao presente, nada temos que dizer em seu desabono. Consiga-se desvial-o do carolismo e da bajulação a Luiz XIV; e trataremos com um príncipe superior a todos esses Capêtos, Valois e Bourbons. Tanto mais, o sr. conde agradou á princeza e ela exerce grande ascendente sobre o esposo.

— Isto me agrada. Preciso de muita paz, afim de refazer o espirito, tão abalado em poucos dias. Leve-me ao teatro; quero apreciar-o detidamente.

— Tem pouco que observar. E' um teatro de provincia, e sobretudo, provisório.

— Não importa. O gosto é que influi.

O médico guiou os dois hóspedes. O salão, destinado para o teatro, era magnífico. Espaçoso, alto e com tecto de madeira. Pintado com habilidade e enriquecido de

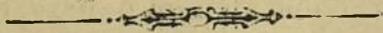
lindos quadros, como fossem : *A Virgem do cacho de uvas*, de Nicolau Mignard ; a *Santa Madalena*, de Guido Réni ; *A Sepultura de Cristo*, de Van Dyck, e *O Juízo final*, de Jordaens.

A iluminação parecia elétrica, tanto era clara, e viva como a luz do sol. O palco tapizado de flores aromáticas ; a orquestra, no seu lugar competente, donde fazia ouvir as suas melodiosas sinfonias durante os intervalos. Era um teatro de província, na expressão do dr. Fabre ; mas, comtudo, notavam-se ali a força de vontade e o bom gosto.

O conde de Langeais ficou satisfeito, tanto que disse, depois da inspeção :

— As Belas-artes triunfam ! . . Entretanto, a sciência política regressa ! . .

— Apoiado ! . . confirmou o médico, esfregando as mãos em sinal de regozijo.





## VII

### As mulheres sábias



salão do teatro estava apinhado de espectadores. Via-se de tudo naquele recinto: nobreza, burguezes de Aix, campónios dos arredores do castelo, criados de toda laia. A's oito horas subiu o pano; iam representar, segundo o programa, uma scena cômica: **As mulheres sábias**, de Molière.

Esta peça, que desde 1672 fôra exhibida em Pariz, ainda estava em voga. O grande comediôgrafo, que se immortalizára com **A Escola dos maridos**, **O Tartufo**, **Jorge Dandin** e muitas outras sátiras de fino gosto, não podia deixar de receber aplausos, e principalmente depois de morto.

**O Misantrôpo**, como alguém o disse, é uma data, uma época na história do teatro francez, assim como o são **O Cid** de Corneille e a **Andrômaca** de Racine. Molière, esse homem semelhante a Lafontaine, na frase de Chamfort, e que escrevêra tantas obras primas, era realmente digno de ser ouvido.

Portanto, **As mulheres sábias**, a comédia escolhida para a representação dessa noite, — tinha um valor já conhecido. O conde de Saint-Flour e Misser Gargouche eram do número dos atores, não obstante o desconhecimento que perseguia esses artistas. Um, fazia o papel de Vadius, e o outro, o de Trissotin.

O pano está em cima : uma salva de palmas acolheu a entrada das primeiras personagens. Todos os papeis foram desempenhados com satisfação do público. Findando o primeiro ato, novas aclamações estrugiram. Houve um intervalo de vinte minutos. Diversos cavalleiros abandonaram as suas cadeiras e consumiram o tempo, dirigindo galanteios e espirituosos ditos ás encantadoras damas. O dr. Fabre de Liancourt, que estava ao lado do conde de Langeais, perguntou-lhe :

— Já viu a viscondessa de Chiourme ?

— Não. . . Quem é ?

— Uma gentil viuva, fresca como uma flor entreaberta. Creio que os colibris ainda não conseguiram chupar todo o mel daquele cálice.

— Assim ! . . . Então é uma flor exposta aos beijos dessas avesinhas, que se alimentam do néctar ? !

— E' exato. . . E que deduz d'aí ?

— Nada demais. . . Entretanto, é preciso ser um colibri para beijar a flor.

— Engano, sr. conde ! . . . Onde o colibri introduz o seu agudo biquinho, tambem o inseto nauseabundo adormece. Essa flor torna-se um veneno lento ; uma alma casta não a pode aspirar, porque bebe a morte, julgando que é perfume.

— Que filosofia pessimista ! . . .

O médico soltou uma gargalhada retumbante, e disse depois :

— Não se admire : vou descrever-lhe a viscondessa.

— Estou ansioso por isto.

— E' irmã do marquez de Clisson. Eu a comparo com a Belise desta comédia, que se representa. Observa todos os erros que damos, e talvez julgue sobreviver um dia ao lado de Vaugelas. . . Mas, deixemos isto de parte, que não tem relação nenhuma com o caso. . . E' uma Ninon de Lenclos.

— Proveito para a humanidade ! . . .

— Sem dúvida.

— Dr. Fabre ! apresente-me á viscondessa.

— Neste momento. . . E veja : não fique apaixonado !

— Qual ! . . . As cortezãs desfrutam-se, independente de compromissos.

— E' o que pensa ! . . . Comtudo, guarde reservas diante de Pierrot Follet. Ele é considerado, atualmente, o favorito da viscondessa.

— Serei discreto.

O médico deu o braço ao seu amigo e guiou-o por entre as filas de cadeiras. A viscondessa de Chiourme se mantinha languidamente recostada ao espaldar, e notando que se encaminhavam para o seu lado, tomou uma atitude de completa vaidade. Fez com que um sorriso lhe aflorasse aos lábios, e fitou os dois fidalgos com pasmosa afoiteza. Fabre de Liancourt, que a conhecia perfeitamente, dirigiu-lhe a palavra, com a subtileza de um diplomata :

— Viscondessa ! apresento-lhe o meu especial amigo, o sr. conde de Langeais.

— Orgulho-me de tanta bondade. . . respondeu ela, com desvanecimento. . . Cumprimento-o, sr. conde ! . . e desejo communicar-o na intimidade do nosso palacete.

O conde de Langeais inclinou-se :

— Diante de uma senhõra espirituosa e atrativa não me posso conservar firme.

— Lisonjeia-me, sr. conde ! . . Não creio que seja uma sátira. Seria cruel, para a primeira vista ! . .

— Não, viscondessa ! Sou correto em todos os meus atos. Eu não teria a vileza de injuriar uma dama, sendo ela, especialmente, galante.

— O sr. é pariziense ?

— Não, minha senhõra ! . . Nasci em Narbonne. Vim passar alguns mezes nesta idolatrada Provença.

— Em busca de aventuras românticas ?

— Quem sabe ? ! . . O século XVII exige de tudo. Quando encontramos uma Julieta, quem não será Romeu ?

— Fala como um epicúreo ! . .

— Conforme o modo de entender. Si o epicurista é aquele libertino, como definiram em Roma, — eu não o

sou; si é simplesmente o que procura o prazer, com um fito indispensavel á conservação da vida e ao sustentáculo da honestidade, — então accito o qualificativo. Não gosto do sibarita.

— Perfeitamente! . . . Penso da mesma fôrma; e por isto appliquei o termo. . . enveredou a viscondessa de Chiourme a rir-se e mostrando os dentes de pérola.

A sineta annunciou que se ia levantar o pano. Todos procuraram os seus lugares. O barão de Poligny deu estrepitosas gargalhadas, quando entrou a scena, em que Martine, a criada, é expulsa de casa por Philaminte, mulher de Chrysale; e este, indagando pela causa, veio a saber, depois de muito custo, não existir outro motivo, afóra a repetida ofensa que Martine fazia ás regras grammaticais!

O príncipe d'Arlemont, durante a comédia, entreteve-se em dirigir galanteios á marquezia de Clisson, que os correspondia, sem decair da sua dignidade. Quem se dêr ao trabalho de folhear as páginas das **Mulheres elegantes** de Brantôme e as **Mémórias** do duque de Saint-Simon, curvará a fronte, tomado de escândalo e de vergonha pelas torpezas palacianas que aí se descrevem.

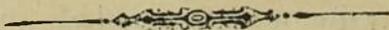
Desde a fatal noite de S. Bartolomeu, em que as cortesãs do Paço fizeram a revista obscena dos fidalgos mortos no pátio e despojados das suas roupas, como o refere Larousse, que a licenciosidade tocou á méta. Os povos só adquiriram parte dos seus títulos, com a grande Revolução social, que os espíritos livres, e sobretudo os Enciclopedistas, traçaram

O cinismo, a perversão de costumes e a imoralidade no seu auge ostentam-se, quando o cardeal de Richelieu, querendo seduzir a duqueza de Chaulnes e não conseguindo o seu desígnio, mandou, por officiais de marinha, uma noite em que ella voltava de Saint-Denis, que lhe invadissem a carruagem e fizessem todo o possivel de lhe quebrar, no rosto, garrafas de vinho! E, segundo Alexandre Dumas, nada existe que desfigure tanto; porque, o vidro corta, a tinta penetra nas feridas e não

desaparece mais. Portanto, não é admirável a atenção que presta o príncipe d'Arlemont á esposa do seu amigo.

Os cinco atos correram regularmente. O teatro esva-siou-se como o refluxo de uma onda que foge. As lâmpadas se apagaram uma a uma, cedendo espaço á treva impenetravel. O conde de Langeais oferecêra o braço a Heloïsa d'Artemont ; Pierrot Follet trazia a viscondessa de Chiourme.

E as noites passavam-se assim, em toda sorte de prazeres, sem que os convivas trepidassem ante um leito nupcial e a sala de um prostíbulo ! . . Não é exagerado o que relatamos nas páginas deste romance. . . e até, por um pouco de decência, esquivamo-nos de pintar os quadros como deveriam ser. A sociedade do século XVII foi detestavel, e principalmente, na França de Luiz XIV.





## VIII

### Como se bailava outrora

**A**TRAVÉZ dos reposteiros e dos cortinados transparentes ouvia-se o som vibrante e cadenciado de uma orquestra, ensobrecida de gozo e de alegria. Duas harpas acompanhadas de instrumentos de sopro, executavam as contradanças, que se reproduziam a miúdo. Durante os intervalos, o som longínquo do organ se destacava, e espargia nos sentidos uma sensibilidade etérea. Reinava a satisfação em todos os semblantes. Parecia que o bailado desta noite não era a reprodução de muitos outros, tão ruidoso e tão entusiástico se ostentava!

Si eram indivíduos afeitos á dissolução, embriagados de vinho e sempre insaciáveis no prazer! . . . E riam-se de si mesmos! . . . E os pares rodopiavam com aquele frenesi de loucura que precede ao contentamento. O baile é uma insensatez voluptuosa, e de fôrma, que fascina o espírito, e quási todos o cortejam.

O conde de Langeais e Heloïsa d'Arlemont compuzeram-se para uma polaca e estacionaram no meio do salão, á espera do compasso. A música rompeu. Todos os olhares se voltaram para eles. Como disse M<sup>me</sup> de Staël no seu romance *Delina*: « Esta danza tem um encanto superior a toda a idéa; é uma mistura de indolência e satisfação, de gozo inteiramente asiático. »

Um garbo e uma altivez natural aos espíritos educados, notavam-se naquele par, verdadeiramente um composto de graças e de atractivos. Ouvia-se tão somente um murmúrio de vozes abafadas, que se deleitavam na contemplação ou na inveja reprimida. E quando a música parou, sumindo-se no espaço o último acôrde de divinal candura, — os grupos se confundiram.

O conde de Saint-Flour atirou-se nessa voragem e dirigiu os seus passos ao acaso. Estacou á entrada de um gabinete, — forrado de sêda azul, entretecida de lindas ramagens côr de oiro, — onde o reflexo das lâmpadas que crepitavam, fazia de tudo aquilo um panorama arrebatador e com os toques do fantástico. Nos divans de veludo muitas senhóras descansavam voluptuosamente. Umas, de faces incendidas pela excitação do baile, — tenras flores de primavera, que tinham haurido o orvalho da manhã; outras, com o esmaecor do rosto, — pálidas camélias, despidas do perfume, semelhando flores que se desgallham num chão de espinhos.

O conde de Saint-Flour fitou-as detidamente. A filha de Augusto Javelot estava reclinada ao colo da baroneza Marion de Beziers. Sorria como um anjo de inocência. Saint-Flour, qual o espírito das trevas, afastou uma ponta da cortina que descia, e chegou-se para diante.

— Mlle! será preciso que lembre? . . disse ele com os ademanes de um libertino.

Elisabeth Javelot estremeceu de surpresa, endireitou-se no divan, e reconhecendo o sr. de Saint-Flour, — replicou :

— Que deseja, sr. conde ?

— Oh ! ja sei que é esquecida ! . .

— Juro, que não me recordo.

— Conceda, que lhe avive a memória.

— Sim : diga o que foi.

— Prometeu-me dar o braço e chegarmos á galeria.

— Ah ! . .

E Elisabeth Javelot espargiu um olhar de dúvida sobre todos que a cercavam.

— Recusa? . . interrogou o conde, com um requebro efeminado.

— Não, sr.

E a filha de Augusto Javelot ergueu-se pesadamente, enquanto os sorrisos maliciosos brincavam de lábio em lábio. Arrimou-se ao braço do conde de Saint-Flour e desapareceram num extenso corredor. O cortezão do príncipe d'Arlemont estremecia de animalidade. A loucura dos desejos lhe minava o corpo. Esses homens não viviam para outra coisa, que não fosse o gozo da matéria.

Criados vieram com bandejas enormes, e nas quais traziam refrescos em abundância. Estes eram completamente diversos daqueles que o marquez de Sades fizera servir, um século depois, no seu banquete de Marselha: não tinham *venenos*. . . Vasos de cristal, cheios de um licor excitante, passavam de mão em mão.

Um lustre de doze bicos iluminava toda a galeria. Muitos pares aí se achavam aspirando o doce ambiente das brisas. As verdes heras formavam um caramanchão esplêndido; em baixo, lá no páteo, sobressaíam duas avenidas de frondosas tílias.

E duas bocas se beijaram! . . Quem sabe si não seria uma profanação de amor? . . Dois peitos que palpitavam em um só desejo; duas idéas concebidas em um mesmo crime?! . . A luz dos lampeões sorriam. A viscondessa de Chiourme e Pierrot Follet conversavam meigamente, sentados num espaçoso banco.

— Sabes que o amor é uma realidade pura, mas, que tem todas as formas plásticas do idealismo? . . gorgoeu Pierrot Follet.

— Sim... Em qualquer sentido o compreendo grande e assombroso. A vida sem amores é como a pétala da flor caída. No primeiro dia, emurchece; no segundo, morre.

— Lindo! . . Com toda a certeza este século merece o nome de romântico. Parece que todos os espiritos desprendem os seus vãos aos acórdes sentimentais da lira de Racine. Ele é o homem da época. Boileau é o Juvenal francez. Molière, o nosso Aristófanes, — ja é morto;

Corneille também sumiu-se na profundeza de um túmulo. . . mas, possuímos ainda o cómico Regnard, que vai à posteridade.

A viscondessa de Chiourme sentiu a vaidade do sexo invadir-lhe todo o ser. Sacudiu levemente a fronte. Pousou uma das mãos no hombro do galã.

— Falas maravilhosamente! . . . Ouço que dansam; a música estrondeia; não percamos este ensejo.

O barão de Poligny dansava numa desordem monumental. Estava completamente ébrio. Durante a ceia occupou-se em contar anedotas, passadas consigo, a maior parte desenxabidas e cheias de imoralidade. No entanto, tal era a corrupção do século, que diante das senhóras, por mais castas que fossem reputadas, narravam os mais vergonhosos casos! . . . E tinham ingresso, consideravel apoio, não dignos da civilização!

Os **Contos** de Bocácio, as descrições licenciosas de Brantôme, as rimas extravagantes que foram compostas por Aretino. — eram os livros que repousavam nas alcôvas, á cabeceira das vírgens, e muitas vezes de envôlta com as **Poesias espirituais** de Santa Tereza de Jesus! Um fidalgo bêbado era a coisa mais natural da época. Aqui desaparecia a censura. Era até uma proeza: beber como Bassompierre; jogar como Henrique IV; prostituir-se como César Bórgia.

O barão de Poligny era um verdadeiro fidalgo.

— Não sabem? . . . disse ele, por ocasião da ceia... Meu pai foi o amante favorito de Marion Delorme.

Uma gargalhada geral ecoou em toda a extensão da mesa.

— Não riam, que eu só digo a verdade. Conheço a Marion Delorme como as palmas das minhas mãos. Apesar dos seus 73 anos de idade, das suas incríveis aventuras e de já a terem dado por morta, não deixa de ser a mulher espirituosa. Não conserva aquella beleza e aquella galantaria que a faziam sobressair a Ninon de Lençlos; mas, a flor que teve o viço e o perfume, embora já tenha as pétalas fanadas, mostrará o que foi outrora.

E sabem porque meu pai a deixou? Querem ouvir? . . .

Nova gargalhada, ainda mais estridente, ressoou. O barão era corajoso como um arlequim; não enrubescou ante o chasco, e pelo contrário, animou-se. Temperou a guela, que estava rouca pelos efeitos do sobejo vinho, e continuou, com um sorriso de satisfação:

— Não se vexem, meus amigos! . . . Vou contar-vos uma história um tanto cómica, porém, verdadeira. Bem sabeis que não minto. Um dia atribuíram que Marion Delorme era amante do cardeal de Richelieu; mas. . . uma pura calúnia.

— A prova? . . . bradaram alguns cavalheiros.

— Muito simples. Ela achava-o feio e antipático. Lembrando-se que tivera, por amantes, todos os grandes da Europa, repeliu de si o amor nauseabundo de um padre. Isto foi suficiente para que o cardeal, sempre vingativo, não tendo a grandeza d'alma que manda perdoar, — principiasse a arruinal-a. Trata, quanto antes, de a difamar, e assim obtem que todos os amantes a abandonem. Substituiu-a pela Ninon de Lenclos, apesar de menos bela; Ninon venceu-a nos seus amores com o Marquez de Villarceaux, o marechal d'Estrées e outros tantos nobres. Hoje, Marion Delorme vive no esquecimento. Meu pai foi do número desses amantes volúveis.

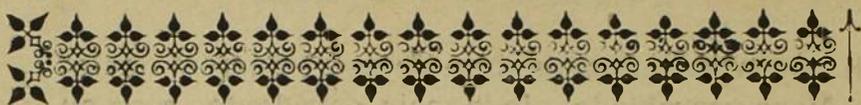
Perrique Van der Helst voltou-se para o conde de Langeais e cochichou:

— Que barão relaxado e mentiroso! . . . Pois, a Marion não é morta, há mais de trinta anos?!

— Assim é tudo mais. Não se tira um, que seja superior ao outro! . . .

— Ah! mil vezes preferível é o silêncio do nosso castelo de Narbonne. Amanhã partirei daqui. Levarei a consolação á boa condessa e a alegria para a nossa cãndida Ivette.

— Sim, parte. . . Eu te conjuro, por tudo.



## IX Amor de mãe

**H**á quem possa descrever esta paixão veemente, que se denomina *amor materno*? Haverá quem explique as suas causas, com todos os seus efeitos, repletos de filantropia, ou ainda mais, com a grandeza do amor platónico? . . . É difícil, muito embora a psicologia sustente o contrário.

Narbonne silenciosa parecia envolver-se numa cortina alvacentas. Caía saraiva; um só mortal não transitava pelas sombrias estradas. A noite avançava; o receio invadia todos os espíritos. Além, por traz de esguias e gigantescas árvores assomava um castelo, que já o conhecemos no prólogo deste livro. Lá, no fundo de um salão iluminado por um candelabro de dois bicos, á beira do fogão, — estavam sentadas trez mulheres, consideravelmente pensativas.

Não sabemos o que há de misterioso para os que sofrem de tristeza, — pois, tudo mais que os cerca ou deles se avezinha, parece contaminado do mesmo mal. Nessa noite a própria natureza dormia. *O Silêncio* de Aníbal Carrache, esse quadro primoroso e que representa o sono do menino Jesus, — impunha-se nesse momento de frieza e de saudade, embora, numa daquelas paredes do castelo se conservasse esquecido. . . Estava ali como a expressão enérgica, a miniatura que acena-

va, si em qualquer sentido é admissível a metáfora.

As trez mulheres imitavam o quadro, e como disse Honoré de Balzac: « O silêncio ouve-se ». A mais velha, contando apenas 44 anos de idade, já se mostrava ornada de longos fios de prata. Ao seu lado víamos outra e que se assemelhava ás virgens de Albano. A terceira, embora tivesse « a mocidade, que é a primavera da vida », segundo Metastásio, — não possuía essa beleza que sempre a imaginamos no semblante de uma donzela, e sim, a fealdade das mulheres abatidas. . . Mas, tudo isto desaparecia ante a bondade do seu coração. A mulher feia era o simulacro da candura.

Não queremos romancear como Escrich, que pinta *mulheres mártires e virgens inocentes*. Não preferimos também os retratos de Júlio Lermina: são muito sombrios. A mulher é uma vítima da educação que recebe. Instigado pelo ciúme foi que Francisco I escreveu nas vidraças de Chenonceaux:

« Não raro a mulher varia,  
louco quem nela confia. »

Voltemos ás nossas personagens. Nessa mudez se conservavam Ivette de Langeais, a condessa-mãe e Eugénia de Calabre. Ouvia-se distintamente o tique-taque do relógio, e o ponteiro grande percorreu o espaço de dez minutos.

Ivette segura um livro, marcado por uma tira de papel, demonstrando que a leitura já ia para mais do meio. A virgem sacudiu a fronte e ergueu a vista. Fixou os negros olhos na condessa de Langeais, e disse numa expressão piedosa:

— E' um tormento, que nos persegue, minha santa mãe! . . . Vivemos continuamente votadas á angústia inexorável! . . . Que significa a felicidade? Quem a pode definir?! . . .

— Ai! tu nunca sofreste. Era preciso que fosses mãe, afim de ajuizar o que seja a dor. A mulher que não verte uma lágrima pela desgraça de um filho, é indigna de

figurar entre os humanos. Que de lágrimas não tenho derramado! . . . Um dia vi o teu pai cadáver. A primeira desventura traepassou-me o coração, e a fronte congelou-se logo. Depois, o filho que eu adorava, fugiu do lar doméstico e correu como um louco, para satisfazer uma vingança. Tudo isto arranca lágrimas, e essas lágrimas queimam como carvões acesos.

— Entretanto, só tivemos uma carta, escrita de Blois, em que ele nos anunciava estar próximo de desobrigar-se do terrível juramento. . . refletiu Ivette de Langeais.

— Unicamente. . . Quem sabe que succedeu depois? . . . Quem adivinha, si a esta hora não é cadáver, ou geme nas tenebrosas masmorras da Bastilha?!

E duas lágrimas rolaram pelas faces da condessa.

— Coragem! . . . balbuciou Eugénia de Calabre. . . Deus, esta fé suprema! protege os desgraçados.

A condessa e sua filha calaram-se. Recairam nas suas meditações. Quando Ivette se dispoz a recommençar a leitura, eram nove horas em ponto. O vento zunia lá fóra. O granizo amiudava.

A irmã de Ricardo de Langeais abriu as páginas dos **Pensamentos** de Pascal e leu o capítulo que trata da immortalidade da alma. Só a condessa de Langeais era alheia a tudo isto, que se desenrolava em tórno de si. Um coração, que sofre, conduz a agonia ao cérebro. Pouca atenção prestou, ou quasi nenhuma, á leitura de sua filha, tanto que volveu á conversação, interrompida há muito.

— Nem ao menos Perriquer está conosco. . . Ele que se tornou um filho querido e um irmão dedicado; que nos trazia a consolação nas horas de tédio, e a alegria nos momentos de prazer, — também seguiu! Sim. . . fez como um irmão; não o criminemos por isto. Mas, quem sabe si a fatalidade, que acompanha os infelizes, não o terá acolhido de braços abertos? Desconfio; receio muito, minha bôa filha! O terror constituiu-se o meu algoz.

— E que fazer? . . . ponderou Ivette, com um sorriso de amargura. . . Ainda nos resta a esperança, e emquan-

to a possuímos no fundo do coração, não somos totalmente desgraçados. Agora tenho um pressentimento. O coração é fiel e me diz que eles vivem, e brevemente os abraçaremos. Coragem ! para vencermos o desánimo.

— Pudéra !

— E porque, não ?!

— Não te sei explicar. Há ocasiões em que a nossa intelligência fica embotada. Os menores pensamentos que nos acodem, por mais necessários que sejam, — fogem immediatamente.

— Engano, talvez. Expressa-se com tanto raciocínio !

— Além de tudo : quando temos a velhice conosco, sempre uma sombra esquálida e pavorosa acompanha os nossos passos. . . E' a recordação de um passado, que nos foi brilhante. Tudo que existe de *presente*, se torna pesado e morto : e o futuro surge tão negro, como uma noite de cruel tormenta.

— Fala em coisas tão tristes ! . . Isto me entibia a alma. . . objetou Ivette de Langeais.

— Quem se reconhece escravo do sentimentalismo, não pode falar em linguagem lírica.

— O' querida mãe ! Eu também sou vítima da mesma saudade ; mas, esqueçamos de momento estas dilacerantes maguas. Conte-me histórias da Hispanha : gosto de ouvi-las tanto ! . . Ao recitarem-se os contos das fadas ; as riquezas dos mouros ; as bravuras da cavalaria andante ; a amenidade daquele céu tão límpido, — fico embevecida horas inteiras, e creio que um bálsamo salutarífico inunda o meu coração.

O semblante da condessa iluminou-se :

— Sim. . . a Hispanha é bem diferente da tua pátria. Dirás que esta distincção é filha do amor próprio. Jamais ! . . Faço justiça somente. Uma, é minha pátria ; a outra, de meus filhos. Elevando aquella, farei injúria a esta. Entretanto, a verdade impõe-se.

— Sei que o amor próprio domina todos os espiritos ; mas, não posso negar a superioridade de muitas nações. A Hispanha sobrepua na sua delícia de um céu sem nu-

vens. A Grécia destaca-se pela majestade daquelas ruínas antigas, que rescendem de poesia. A Itália é o paiz das belas-artes. Mas, a França vencerá no concurso : é o baluarte da civilização ! . .

— Que o seja. Dize lá o que entenderes. . . Tudo isto é encantador, mas, nas horas de recreio. Sinto que me dói a cabeça. Habituei-me a falar do sofrimento, e outro qualquer assunto me parece estéril.

Pobre mãe ! . . Longe do filho, chorava. . . « A mãe é um poema de sensibilidade, um infinito canto de amor, uma fonte perene de tolerância », disse-nos Escrich no seu romance **A mulher adúltera**.

E antes que uma objecção partisse do lábio de Ivette, um criado correu o reposteiro e penetrou na sala. Vinha agitado. Ao ruído que fez, todas as cabeças se voltaram ao mesmo tempo ; mas, nem uma só bôca se abriu para uma pergunta : o criado annunciára :

— O sr. Perrique ! Acaba de chegar.

Um raio que caisse naquela ocasião, não produziria maior abalo. Trez gritos de regozijo ouviram-se imediatamente. E as mulheres ergueram-se em alvorôço.

— Onde está ele ?

— Veio só ?

— Ricardo o acompanha ?

Diante de tantas interrogações e a um só tempo, o criado não soube que respondesse. Contentou-se em guiar as trez mulheres, e pouco a pouco lhes satisfez as perguntas.





## X

### Um raio de luz no lar

**P**ERRIQUE Van der Helst estava a tremer : um frio cortante penetrava-lhe até aos ossos. Tinha desânimo ; mas, dentro de casa, viu-se quasi sufocado pelos abraços que recebia. As perguntas choveram-lhe com mais intensidade, como é de supor, do que se fizeram, momentos antes, ao criado. Socegou a todos com algumas respostas consoladoras.

— Quero mudar a roupa. Tenho frio de rachar e fome excessiva, — dois inimigos terríveis. Enquanto me preparam alguma coisa, corro para o fogão, que não me aguento mais.

— Sim ; não somos tão exigentes, embora o teu mutismo nos cause aflição. Tens fome e frio ; chega-te para cá. . . disse Ivette de Langeais dando-lhe a mão, e guiou-o até á sala que ja conhecemos.

— E' mais aprazível isto. . . Tu me comprehendes perfeitamente.

— Que mãos tão frias ! . .

— Muito natural. O mesmo me ocorre em todo o organismo.

— De onde vens ?

— De Aix, na Provença.

— E Ricardo ?

— Ficou lá. . . no castelo do príncipe d'Arlemont.

Perrique mudou o fato, que estava molhado, e veio colocar-se á beira do fogão, entre as trez mulheres. A condessa de Langeais dirigiu-lhe a palavra :

— Conta-me alguma coisa, enquanto fazem a ceia. Não avalias a sofreguidão do meu espirito !

— Não há dúvida : vou começar o romance.

Todos prestaram atenção. Até alguns criados subiram e se collocaram á parte, ansiosos pela história do conde de Langeais, e a quem tanto queriam.

Perrique Van der Helst principiou :

— Quando partimos e chegámos á estalagem de Bour-ganeuf, estávamos a pender de sono. Ceámos ligeiramente e em breve dormíamos como uns justos, que nada receiam. Alta noite acordei e percebi que alguém falava no quarto immediato. Prestei atenção : efetivamente, duas vozes dali partiam e uma delas pedia súplice. Depois prorrompeu em soluços, e aquilo incomodou-me.

« Ergui-me ; procurei as minhas pistolas e saí na porta dos pés. Cheguei sem o menor ruído á porta do quarto. Dentro ardia uma vela, que ja lançava pouca luz ; appliquei a vista, e pelo buraco da fechadura pude presenciar tudo. Uma mulher, jóven como os amores, com a fronte reclinada ao peito, era quem implorava e carpia ao mesmo tempo. Junto a ella, de joelhos, se conservava um homem, e que, pela attitude, considerei mancebo. Do diálogo travado entre elles, pude coligir que aquella infeliz mulher era uma vítima da lubricidade, e aquelle homem, incontestavelmente, um frade !

— Um ministro do Senhor ! . . . interrompeu a condessa de Langeais, com um gesto de incredulidade.

— Sim : um falso ministro do Senhor . . . esclareceu Perrique, continuando depois de pequena pausa : « Eu, que sempre me devotei pela razão ; que me compadeço da desgraça alheia, e vivo pronto para socorrer o mais fraco, — revoltei-me logo. Nisto ouvi o estalar de um beijo ; uma gargalhada impudica soou, e travou-se uma vergonhosa luta. Conheci que se praticava uma violência, e tive desgosto de mim próprio.

« A luta era desigual : a vitima ia cair vencida ; ja não gritava mais. Eu, o filho da liberdade não me pude conter e arremessei com os hombros um formidavel encontrão á porta, que se escancarou immediatamente. O frade soltou um grito de espanto e fez um tregeito de defeza. Eu aponteilhe as minhas pistolas e disse rijo :

— Nem um movimento, bandalho !

— Que pretende ? . . . perguntou ele com audácia . . . Como viola o meu quarto ? !

— Quero salvar esta infeliz, que tinha caído nas garras do lobo.

— Retire-se . . . Ela é minha irmã.

— Mentira ! . . . Observei tudo.

— Si continúa, gritarei por socorro . . . e ele fez menção de executar o que prometia.

— Peor para si. A policia tomaria conhecimento do seu crime.

« A estas palavras ele ficou estático. Ricardo, que despertára com o barulho, apresentou-se á porta do quarto em que eu estava. Conteilhe o fato. Ele acercou-se da desventurada mulher. Esta conservava os olhos pregados no chão.

— E' realmente irmã deste frade ? . . . perguntou o conde.

— Não, sr. . . Sou freira do convento de Montpellier. Este frade seduziu-me com promessas e roubou-me de lá. Eu desejava a liberdade, mas, não com a desonra . . . e a perfidia é o predicado deste sotaina.

« O frade estava lívido de cólera. A's últimas palavras da freira, ele cerrou os punhos em sinal da impossibilidade de vingança, e vociferou :

— Miseravel ! Como me calunia ! . . .

« Eu mostrei-lhe as minhas pistolas. Serenou de novo. Ricardo aproveitou o silêncio e prosseguiu no seu interrogatório :

— Como se chama este frade ?

— Rafael . . . respondeu a fugitiva.

— Depois deste escândalo que deseja fazer ?

« A infeliz caiu numa meditação : principiou a chorar.

— E' impossivel. . . murmurou por fim.

— Fale, que talvez não seja difficil.

— Ah ! queria seguir para a capital do reino. Pariz é o meu sonho.

— Nós a levaremos. . . respondeu o conde. . . Este coroadado que se ponha ao largo.

« Frei Rafael, ouvindo esta ordem, ergueu a cabeça :

— Quem manda na minha vontade ?

— O conde de Langeais. . . disse Ricardo com império.

« O frade empertigou-se e berrou como uma besta :

— Muito obrigado. Um dia lhe pagarei com juros : quem dá um na terra, receberá cem no reino dos céus. Entendeu a parábola ? . . Agora, abusem da sirigaita, e digam que fui eu !

« E escafedeu-se como um gatuno, sem dar tempo á recompensa de umas taponas, que tínhamos resolvido aplicar-lhe nas ventas. Ricardo segurou numa das mãos de Blanchette e conduziu-a para o nosso quarto. Ninguém appareceu : creio que estavam de conlúio. Ficámos despertos e puzemo-nos em preparativos de viagem, esperando pelo romper da aurora. O frade encantou-se. E assim nos ocorria a primeira aventura de viagem, que tem o seu tanto de ridículo. »

Um criado apresentou-se nesta ocasião e annunciou a ceia. A narrativa foi interrompida. Todos seguiram para a mesa. Ivette de Langeais, não mais se contendo na sua curiosidade, perguntou ao irmão adotivo :

— A freira era bonita ?

— Assim. . . respondeu o holandez, com aquelle peculiar encrespamento de lábios nos casos dubitativos.

Perrique tinha fome, e nesta noite deu provas de bom gastrónomo. Quando o estómago requer que o satisfaçam, não há mãos a medir. Finda a refeição, o aventureiro continuou :

— Chegámos a Pariz. Blanchette foi instalada numa trapeira imunda, onde projetára residir com uma antiga companheira dos seus brincos infantis. Queria dar-se

ao trabalho e viver dos insignificantes recursos que auferisse. . . mas, que lucra uma pobre costureira? Quási nada. Infalivelmente cairá na prostituição. Ricardo favoreceu-a com alguns escudos, afim de que resistisse, por mais tempo, á fome. Ela beijou-lhe as mãos, provando que era reconhecida e digna de melhor futuro.

« Principiámos então a indagar pela residência do barão de Latour du Pin. Pariz não é uma aldeia, em que, apenas entrada, descortinamos logo, com uma só olhadela, todo o panorama. Aquilo é um mundo, onde se vê de tudo. . . O homem que nasceu, criou-se e está prestes a expirar dentro da moderna Lutécia, pode morrer satisfeito. Todos os papeis da vida ali se representam; quem procurar experiência, a pode adquirir, sem necessidade de percorrer paizes.

« Assim gastámos oito dias na incerteza, até que um cocheiro nos indicou a residência exata do barão. Ricardo quási fica louco de alegria; correu logo ao palacete do fidalgo, e depois de lhe haver lembrado um caso, succedido há treze anos, terminou por um desafio. Os espiritos, ainda mesmo vis, não deixam de corar em certas ocasiões. O barão deu-se por insultado, aceitou as condições de um duelo singular e contrataram a hora.

« No outro dia, á luz baça de alguns lampeões, acesos nas esquinas, os dois inimigos, embuçados em grandes capas, atravessaram a Ponte Nova e perderam-se depois no labirinto das tortuosas ruas. Eu seguia-os, sem que me vissem. Depois pararam em um lugar solitário; atiraram as capas no chão e puxaram das espadas. Eu ouvia, na maior ansiedade, o retintim daqueles ferros, que, ao ferirem-se, arrancavam faiscas. Era um duelo de morte e sem testemunhas, como fôra o do velho conde. Em seguida ouvi distintamente um gemido surdo e um corpo baquear na poeira. Era o sr. de Latour du Pin que caía na luta. Morreu immediatamente, e Ricardo abandonou a sua vítima. Eu apresentei-me, então.

— Tu, por aqui?! . . disse Ricardo. . . Que susto me pregaste! Julguei, á primeira vista, que eras um agen-

te da lei, prestes a conduzir-me para a prisão.

— Segui os teus passos. Queria ser testemunha da vitória ou da derrota.

— Bem ; acompanha-me. Acabo de cumprir um juramento, que fiz, há treze anos, sobre o cadáver daquele que me deu o ser. O barão foi um assassino ; também manchei-me com o sangue de um homem, mas, não importa. Meu pai era inocente e um bravo ; não devia morrer daquela fôrma.

« Orgulhei-me com esse fraseado, e a lembrança da minha adorada Holanda me acudiu á memória. Estendi-lhe a mão e apertei a sua de encontro ao meu peito.

— Tu és um herói, a quem sempre a gloria terá de seguir. . . disse-lhe eu, com exaltação.

« Ricardo sorriu, mas, com um riso tão amargo, que tive pena ! Quando enfrentámos a torre de Saint Jacques, soavam 12 horas da noite. O hotel, em que dormíamos, estava aberto. Entrámos e eu deitei-me logo. Não pude dormir, por mais que procurasse conciliar o sono. Mesmo acordado, mil fantasmas me assaltavam. Sempre aquele grito surdo do barão moribundo me retinha aos ouvidos. E si fosse eu quem o houvesse assassinado, creio que enlouqueceria. Ele era um réprobo, mas, compadecei-me daquele desgraçado !

« Ricardo escreveu durante o resto da noite. Pela manhã estava pálido, reconcentrado e triste. Os olhos injetados de sangue denotavam um sofrimento longo. Uma agitação nervosa revolucionava aquele organismo. Ele chamou-me de parte e principiou a conversar em voz baixa sobre os acontecimentos da véspera.

— Que me aconselhas, Perrique ? . . . Aqui não posso ficar ; seguir para Narbonne me é impossível. Si ainda estou solto, é porque ignoram o meu paradeiro.

— Fugamos ; o mundo é largo, e além encontraremos descanso.

— E' realmente sobre isto que penso, desde hontem. Si ao menos eu encontrasse um potentado, que me des-se o braço e me erguesse da queda. . . ah ! eu seria feliz !

« E vi a sua fronte pender para o peito. Eu nunca ambicionei grandezas ; mas, nessa hora lúgubre desejei ser um sultão para salvar impunemente o irmão da minha alma. E que enorme fatalidade para todos nós ! Foi, quando menor e mais ridículo me considerei em face da sociedade imensa. . . Por esse lado estava tudo perdido. Tratei de explorar campo.

— Ricardo ! vê, si te lembras de algum amigo, que te possa salvar. . . disse eu, a comprimir a fronte como um homem desesperado.

— Por mais que me esforce, é tudo em vão. . . respondeu ele, bastante taciturno.

« Guardámos silêncio por algum tempo. Não encontrávamos um meio, que nos tirasse de semelhante alhadá. Quando eu menos esperava, vi Ricardo dar uma palmada na testa e sorrir com alguma satisfação. Fitou-me e disse :

— Achei ! . .

— Que foi ? ! . . interroguei admirado.

— Há uma pessoa única, que me pode salvar.

— Quem ?

— Acompanha-me. Talvez eu descubra duas.

« Não objetei palavra e saímos imediatamente. Ricardo ia tão pensativo, que não me atrevi interrompê-lo, uma só vez. Fomos até ao Palácio Rial. O conde apresentou um escrito a um guarda, e este nos deixou entrar, sem outra observação. Um criado de libré guiou-nos por extensos corredores, subindo escadas e transpondo esplêndidos salões, até chegarmos ao ponto desejado. O criado deixou-nos em um salão imponente, e desapareceu. Quando voltou, foi para conduzir-nos a um gabinete luxuoso, que me extasiou a vista.

« Aí, cercado de livros, eu vi um venerando padre, maior de 50 anos, cujos cabelos brancos e o ar de bondade encheram-me de respeito. Ele, sempre atencioso, mandou-nos sentar. Ricardo tirou da algibeira uma gravura, e apresentou-a ao sacerdote.

— Conheceis quem foi este sr ?

« O respeitavel prelado mirou o retrato ; pensou um pouco e disse finalmente :

— Oh ! lembro-me bem . . . Foi meu amigo distinto. Mataram-no em um duelo. Era o conde de Langeais.

— Exatamente . . . E eu sou o filho do vosso amigo.

« O padre inclinou-se graciosamente e apertou a mão de Ricardo :

— Já que seu pai morreu, e eu perdi um sincero amigo, desejo que o filho o substitua.

— Esforçar-me-ei para me tornar digno de tamanha honra. Meu pai deixou escrito que na adversidade implorasse a vossa proteção, e eu seria atendido. Desgracadamente chegou a triste hora!

« E em seguida Ricardo contou as suas aventuras. O representante de Jesus ouviu-as com toda a calma, e rematou do seguinte modo :

— Vou escrever para a Provença. O príncipe d'Arlemont é meu amigo, e creio que o protegerá, como si fosse eu. E' bom não se expor mais á vista da policia. A familia do barão sabe quem se bateu com ele, e há de perseguil-o. O sr. praticou uma ação de bom filho ; mas, de ora em diante, trate de moderar o génio. Um duelo é sempre um homicídio, e tais crimes, embora envoltos no manto da dignidade, — são repugnantes perante Deus e na consciéncia dos homens honestos.

— Os vossos conselhos serão o livro da minha alma . . . respondeu Ricardo, curvando-se humildemente.

« Quando deixámos o Palácio Rial e eu me vi distante daquele sacerdote, que tanto me impressionára, — voltei-me para o conde :

— Quem é aquele padre, tão sábio e tão digno de veneração ?

— Dizes bem : é o célebre Flechier, bispo de Lavaur.

— Ah ! . . . respondi eu, por toda a admiração.

« Fomos, depois, ao palacete da marquiza de Lambert, lá para os lados da Sorbona. A mesma afabilidade encontrámos na exímia educadora. Deu-nos outra carta para o príncipe d'Arlemont, precedendo-a de muitos

oferecimentos. Disse-nos ainda, que se lembrava da gentileza com que fôra tratada aqui no castelo, voltando de Perpignan.

« Nessa mesma tarde saímos de Pariz com destino á Provença, e gastámos 12 dias no trajeto. Foi uma viagem violenta para a distância: corríamos sempre, e tivemos de mudar os cavalos. O medo de ser presos não se apartava de nós. Batendo ás portas do castelo de Saint-Pont, fomos recebidos principescamente. Imaginei que éramos boiardos a viajar na Rússia.

« O príncipe d'Arlemont e os seus cortezãos estavam na caça. Quando voltaram, o mesmo acolhimento coroou os nossos sonhos. Naquele castelo tudo é festa: baillados, teatro, música, passeios, comitivas.

« Ricardo despachou-me, para que trouxesse um raio de luz ao lar doméstico. Parti ofegante de prazer, e triste porque o deixava... Estão satisfeitas?... A minha história é finda. »

— Não estou satisfeita... observou a condessa de Langeais... Entretanto, ja não me acompanha o pezar dos outros dias. Deus ouviu a minha prece.

Eugénia de Calabre e Ivette de Langeais abraçaram Perrique pela segunda vez. O prazer é o que há de mais delicioso na vida: um só momento, que o desfrutamos, faz esquecer muitos dias de amargura.





## XI

### Conspiravam á meia noite

**A**s trevas envolviam os domínios do Rei-Sol. Aix dormia, sendo profundo o silêncio da cidade. Na ex-estação romana, junto ao grandioso edificio da Bibliotheca, erguia-se outro não menos importante. O seu estilo da Renascença ia perdendo, visivelmente, aquele aspecto. Era um sobrado secular, cujos arabescos estavam carecomidos pelo tempo. Tudo decadência; tudo ruínas, sem que lhe roubassem toda a majestade do vulto.

Nenhum sinal de luz fugia pelas frestas das suas janelas, cuidadosamente cerradas. Vamos, contudo, devas-sar-lhe o interior, para analisarmos de perto o que se passa aí. A' roda de uma grande mesa de mogno, mas, bastante velha, e ao reflexo de uma lâmpada desmaia-da, — cinco homens eram postados. Conversavam bai-xo, como quem teme que as suas palavras sejam ouvi-das lá fóra. Para tanta precaução, adivinha-se logo, que tratam de um assunto muito grave e de rigoroso segre-do. E isto succede nas conspirações políticas, porque a guilhotina e os calabouços húmidos e sombrios, abaixo do solo, esperam tacitamente pelas infelizes vítimas que tentam eliminar os déspotas.

É, portanto, uma conspiração que assistimos.

Luiz XIV tinha instintos de hiena. Admiramos que tan-tos homens lhe escrevessem a história, livres da prisão

palaciana, e não o cobrissem de merecidos improperios! O causticante Voltaire, compondo **O Século de Luiz XIV**, não traçou páginas à altura de Suetónio. O grande monarca salientou-se como o protótipo do absolutismo ocidental.

A revogação do Édito de Nantes vai cumprir-se. O 22 de Outubro aproxima-se, e eis o motivo desta conjuração que se discute.

Todos os cavalheiros tinham, pendentes à cinta, longas e ponteagudas espadas. Um falava; os outros ouviam. Era um velho de fronte altiva, bigode branco como a neve e fardado de oficial. Semelhava Godofredo de Bullhões animando os combatentes para a batalha às portas de Solima. O bravo coronel dizia:

— Sim, meus irmãos! . . . a luta é desigual; mas, quem se bate pela liberdade dos povos, embora tombe na hora da peleja, morre cheio de glórias. Que importa que os fariseus da época nos vendam por um punhado de ouro? Ainda temos rubor nas faces e uma espada na mão, para disputarmos o último palmo de terra que nos resta e que os bárbaros confiscam.

Um ruído confuso fez-se ouvir em seguida. Sobresaltavam-se todos os espíritos e as espadas retiniam. Facilmente percebia-se ali, a cólera concentrada, que tinha os arrancos da vindicta. Ernesto Dubreuil descrevendo a conspiração dos Borguinhões contra os Armagnacs, traçou um quadro bem semelhante a este. Aqui era a luta religiosa em campo, porque a supressão de liberdade de consciência se premeditava.

— Lutaremos! . . . bradaram todos a uma voz.

— Silêncio! . . . Por acaso ignorais, que, lá fóra, transitam os espiões do rei, e que nos entregarão amanhã ou mesmo hoje ao truculento algoz? Silêncio! . . . Sou um velho que se dobra para o sepulcro; mas, em defesa da família e do direito das Gentes, sou um mancebo que tem sangue a galopar nas veias e coração a estremecer no peito.

— Muito bem, coronel! . . . disse um moço pensativo e

triste. . . Falastes como um profeta ; o futuro da França já foi traçado no mapa das nações. Aqui, as hordas barbarescas que devastam tudo ; ali, a mendicidade para os expatriados filhos. Será debalde combater as ondas encapeladas do oceano furioso ; nós morreremos todos. Roma, a senhora do mundo, caiu um dia sob a invasão dos bárbaros. Estes, que nos perseguem, são mais torpes e mais cruéis.

— E, então, que exigis ? . . . Que nos curvemos como escravos submissos e sofram os azorragues que nos corta o rosto ? !

— Não, coronel ! Os portos não são distantes. A bomba não estoitou ainda. A América estende os seus braços de irmã. . . Fugamos.

— Criança ! . . . Eu, o oficial reformado, nunca voltei as costas ao inimigo que insulta : sempre imitei ao cavaleiro Bayard. Quero lutar, e morrerei contente : a História contará um dia, que um rei infame escravizou os súbditos e os assassinou depois.

— E de que serve uma luta inglória ? . . . Sejam os cosmopolitas : hoje a pátria nos repele e amanhã estará conosco. Aguardemos os acontecimentos.

— Já sei que tendes os sustos de uma mulher doente.

— Protesto ! . . . replicou o mancebo, com toda a energia. . . Emiti apenas uma opinião, e si ella não prevalece, seremos unidos na vida e na morte.

— Procedestes lialmente, barão de Raffi ! . . . disse um outro companheiro, e apertou-o nos braços.

Em seguida ouviram um pequeno ruído, partindo do interior, e os conjurados levaram a mão ás espadas. Uma porta oculta na parede abriu-se, e dois vultos surgiram. Um deles pronunciou :

— *Quidquid delirant reges ! . . .*

Os companheiros, senhores da senha, logo se aquietaram e disseram entre si :

— Amigos.

O barão de Raffi dirigiu-se para os recém-vindos e anunciou aos companheiros :

— Fabre de Liancourt e Ricardo de Langeais.

Estes, sem mais detença, encaminharam-se para a mesa e tomaram lugar entre os conspiradores. Reinou um breve silêncio, interrompido finalmente pelo médico, que interrogou ao presidente da junta :

— Que discutiam ?

— O meio de defeza. Decidimo-nos pela guerra aos tiranos, que postergam a liberdade e nos expulsam do solo. Entretanto, o sr. barão de Raffi é partidário da fuga !

— E terminou concordando ?

— Como um perfeito batalhador, que se levanta para socorrer os irmãos.

— Pois bem : voto igualmente pela defensiva ; mas, na hora da ansiedade, em que tudo periclitita e a derrota não se faz esperar, — entendo que a fuga é preferível.

— O meu pensamento é este ! . . exclamou o barão de Raffi, cujos olhos fulvos brilharam de satisfação.

— Não penso deste modo... contestou o velho coronel.

— Porque ? !

— Ao inimigo não darei as costas. É cobardia.

— Então, raras vezes obtereis vitória. A coragem não está somente em se bater face a face ; também é necessário saber fugir. Aníbal, o exímio general cartaginez, fugiu diante de Fábio que o atacava, e não se desonrou.

— Que faremos no estrangeiro, si efetuarmos a fuga ? Que nos espera além, sinão o indiferentismo e a mendicidade ? De que nos serve uma liberdade sucumbida ? !

— De muito. . . Suportar os terriveis efeitos da fome, não é nada ; morrer na escravidão de um déspota, é tuco. A guerra civil traz necessariamente a penúria, e sem meios ninguem sustenta uma revolução. Si nos reunirmos para o combate, os nossos companheiros desertarão ás primeiras refrégas. A guerra é quasi impossivel. . . Comtudo, não esmoreçamos. Convoquem os as turbas, e que elas compreendam o mal iminente.

O coronel tornou-se pensativo : as suas objecções não prevaleciam á falta de base. O conde de Langeais aproveitou o ensejo, e disse, pela sua parte :

— Eu também julgo a luta improficua para nós. A Inglaterra, a Alemanha, a Holanda e a América do Norte serão os únicos refúgios. Colbert, o grande homem, que moderava a fúria de Luiz XIV, — já não vive, e a causa protestante morreu com ele. . . Tudo nos é contrário.

— Está feito. Amanhã enviarei um dos nossos a Montbrison, afim de entender-se com o marquez de Brissac. Ele é o chefe, e portanto, o competente para decidir.

E o coronel assim dizendo, esperou pela opinião dos seus cúmplices.

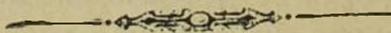
— Apoiado! . . responderam todos.

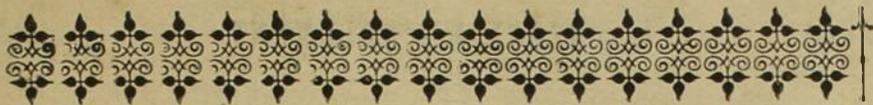
— Eu serei o emissário. . . acrescentou o barão de Raffi, e ergueu-se.

Meia noite souo ao longe.

Os conspiradores deram por terminado o conselho, e se foram sumindo um a um, espaçadamente, pela porta falsa. Quando chegavam á rua, fugiam disfarçados.

Tal é a situação de um paiz oprimido, que todos os espiritos vivem descontentes: até mesmo aqueles que abusam e exercem a tirania. Uma injustiça contra qualquer cidadão, é uma ameaça incessante, e todos os direitos serão sacrificados sem o mínimo receio.





## XII

### Um dos inimigos do rei

**O** marquez de Clisson odiava a cõrte de Luiz XIV. Mencionava continuamente os esbanjamentos dos cofres públicos, e dizia para aqueles que o queriam ouvir:

— E' o reinado mais corruto da Histõria. Em 1671, no castelo de Chantilly, pertencente ao grande Condé, esse monarca, nas suas festas, que são realmente banquetes de Baltazar, gastou 200 mil libras! .. A França há de abismar-se.

Mas, este homem falava sem amor próprio, e despido de toda e qualquer paixão?! E' isto o que precisamos saber. . . Muitas pessoas só dizem a verdade, porque se acham ofendidas nos seus interesses. Assim era o marquez: Luiz XIV o tinha expulso da sua cõrte.

Um dia em que o conde de Gramont vinha de Versalhes e encontrou o marquez, — dirigiu-lhe um dos seus espirituosos motejos, propositalmente estudado; d'aí proveio uma rivalidade renhida. Luiz XIV apreciava o conde de Gramont, não só pela confiança que lhe depositava, como o provou naquella embaixada de levar a paz a Filipe IV de Hispanha e pedir-lhe a mão de Maria Tereza, — como tambem, porque o cortezão era inesgotavel nos seus ditos, sempre a propósito e cheios de malícia. Como Richelieu, por esta mesma causa, fizera de Pois Robert o seu favorito, — assim o entendeu

Luiz XIV com relação ao cunhado de Hamilton.

Portanto, as queixas do marquez de Clisson não foram ouvidas, e o seu ódio contra Gramont deu em resultado ser ele expulso da cõrte, ordem esta que o rei lhe mandou intimar por um dos seus criados de quarto. O marquez apoderou-se de uma ira terrível e premeditou alguns dias desafiar o conde; mas, lembrou-se que a força o esperava, si isto se realizasse. Então abandonou o Paço no auge de uma dor suprema:

— Maldita cõrte! viverei sem ti.

E a Provença, desde esse dia, foi o seu desterro. Há dez anos que morava em Aix, onde possui habitação condigna ao seu elevado título de marquez. Ainda é moço: conta apenas 32 anos de idade.

O conde de Langeais e o médico, logo que deixaram o sítio da conspiração, dirigiram-se para o palacete do marquez, que lhes dava pousada. Este se tinha de pé e os esperava no seu gabinete. Um laçoião anunciou-lhe a chegada dos hóspedes. O marquez, sem desviar os olhos de um mapa geográfico, que naquela ocasião consultava, ordenou que os introduzisse ali. Ao ruído que fez o reposteiro agitando as bambinelas, e á entrada do médico e do conde, ele suspendeu o estudo e voltou-se para os dois fidalgos.

— Demoraram-se um pouco; mas, enfim vieram... disse o marquez, com um sorriso de afabilidade.

— Felizmente... respondeu o dr. Fabre.

— Tenham muito cuidado nessas reuniões. A polícia de Luiz XIV é uma coisa perigosa. Não se deixem fascinar pelas delicadas maneiras do conde de Grignan: ele é o governador e zelará pelos interesses da corõa. Si os srs. caírem no laço, não serão os primeiros, e nem tão pouco á falta de conselhos.

— Temos a devida cautela. Não nos deixaremos apanhar como crianças.

— Assim pensam todos os conspiradores, e por fim pagam caro a excessiva ousadia.

— Não importa. Morrer em defeza dos mais sagrados

direitos, é o que há de nobre para o homem livre.

— Justamente. . . Mas, vamos ao que serve. Que esperanças nos restam? Poderemos arcar contra o inimigo? Houve discussão?

— Um tanto restrita. . . respondeu o conde de Langeais, por seu turno.

— O coronel Idbare de Montargis estava com os conjurados?

— Estava, e já tinham discutido o plano.

— Guerra?

— Não sabemos ainda. Vai um emissário a Montbrison conferenciar primeiramente com o marquez de Brissac. Entre os conjurados, uns aconselham a guerra, outros insinuam a fuga.

— Bom: esperemos pela resposta. . . e o marquez de Clisson ergueu-se, acrescentando: — Vamos até á sala, onde a marqueza e a viscondessa nos esperam.

Atravessaram um corredor iluminado a velas, que ardião em lindos castiçais de prata. Depois chegaram a um pequeno museu, onde sobressaíam majestosos quadros, como que afrontando o julgamento dos séculos. Aqui estavam *A sombra de Catilina* de Salvador Rosa e *O dilúvio* de Poussin; em frente *A escola de Atenas* de Rafael de Urbino e *O filho pródigo* de Murillo; á direita *As núpcias de Caná* de Paulo Veronese e *A queda de Ícaro* de Júlio Romano; finalmente, á esquerda, o *Retrato de Carlos VIII* de Leonardo da Vinci e *Adónis morto por um javali* do Dominiquino, — excelentes cópias que seduziam os olhares e mais uma vez apregoavam as glórias desses grandes mestres.

Deixemos tudo isto de parte e sigamos as nossas personagens, que chegam á sala desejada. A viscondessa de Chiourme sempre risonha e predisposta á cantilena dos fugitivos amores, — atirou a mantilha sobre uma cadeira, logo que viu o conde de Langeais e expoz ás vistas inlícetas um seio ebúrneo, que despertava todas as sensações da carne. Ricardo de Langeais não se fez esquivo e sentou-se ao pé da viscondessa, emquan-

to nos lábios do médico pairava um riso malicioso. O conde falou :

— Viscondessa ! eu me curvo ás plantas das mulheres literatas. Si a duqueza de Montpensier é grande pelo seu ódio a Henrique III, — maiores do que ela são Madalena de Scudery, com os seus romances e M<sup>me</sup> de Guyon com os seus escritos sobre o quietismo. São incontestavelmente notaveis, e os seus nomes passarão ás gerações vindouras. A mulher que se distingue numa conversação amena, não se coloca em plano inferior ás que se ilustram pela pena. A ex.<sup>ma</sup> pertence á classe das que sabem discretar com elegância.

— Oh ! isto perturba-me : não sei o que lhe responda.

— Nada. Não teço elogios exigindo a paga. Faço unicamente justiça, e fico com a consciência tranquila de que fui digno de esposar a melhor das causas. É muito difficil dizer uma verdade que satisfaça. Os homens, com raras exceções, são escravos do egoísmo.

— E não é somente isto : padecem de um defeito muito mais grave ! . . . e a viscondessa lançou um daqueles olhares que subjugaram o proprio Hércules.

— Que defeito ?

— Um pedantismo insolente. Homens de reconhecida incapacidade apregõam sciência. Falam em todos os ramos da metafísica, quando nada comprehendem da ideologia. Dizem-se cultivadores da química e abismam-se com a fantazia da pedra filosofal. Selvagens ! que reverenciam todos os mitos, e mentem ao catolicismo, como adeptos do Cristo. Gritam com mais arrojo do que um profundo helenista, e fingem decifrar hieroglifos, eles que nem ao menos interpretam o egípcio moderno ! . . . Esses iconoclastas do progresso desejam destruir todos os monumentos. A cruzada do pedantismo é tão vasta como a da Idade-média, que se dispoz á conquista do Santo Sepulcro.

— E pensa que esse mal terá remédio ?

— Creio, que não.

— Sim, porque é congénito á natureza humana.

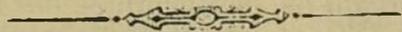
— E a pretensão dos homens, — a insuportável prosápia! . . De cada canto que surja um fidalgo. Si praticam um ato desonesto, logo se acobertam com o manto da filosofia. Ignorantes! nem de cínicos simulam! . .

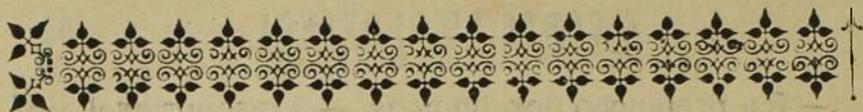
— De acôrdo! . . acentuou o conde de Langeais, com um movimento dramático... Comentam Platão e refutam Anaxímenes, quando, nas suas teorias, este filósofo expõe ser o *ar* o princípio creador de tudo. . . Mas, perguntem-lhes a causa e em nome de que filosofia o batem, e não saberão responder.

Fabre de Liancourt, vendo que a palestra não desanimava, lembrou:

— É muito tarde! . . Precisamos dormir.

Eram, realmente, duas horas da madrugada, e resolveram recolher-se aos aposentos. Um vento frio soprava do sul; algumas aves noturnas soltavam os seus agudos pios, adejando sobre o tecto daquela habitação. Para os espíritos enfezados nada há de mais terrível do que o piar do mocho, porque compreendem logo que aquilo é um agouro, um prenúncio infalível de desgraça a succeder! . . E dizem-se cristãos, esses supersticiosos, que apenas entram na ordem dos fetichistas!





### XIII

## As primeiras impressões

**E**LOÍSA d'Arlemont estava na galeria. Olhava para o infinito ; refletia na solidão. Naquela hora nenhum ruído a vinha subtrair desse êxtasis de inocência o de contemplação etérea. O céu era recamado de pequenas núvens ; o sol meio encoberto. De momentos a momentos um raio de luz, fugindo desses mundos desconhecidos, descia a se esbater nas folhas verdejantes e nas flores que brilhavam com as suas gôtas de orvalho, á semelhança de pérolas. Nada mais poético, mais simples e mais natural !

Naquela fronte virgínea, despida dos pensamentos negros, devia permanecer, nêssa ocasião, alguma lembrança estranha. Os seus lábios pareciam balbuciar uma frase. Nos delicados dedos prendia uma flor.

As acácias balouçavam ; a aragem ciciava nas hastes flexiveis ; trinavam os passarinhos de ramo em ramo. A harmonia da natureza, tantas vezes pintada por Bernardin de Saint-Pierre, exuberava. Para o crente, Deus sorria ; para o incrédulo, tudo lhe era indifente e triste.

O conde de Langeais e Fabre de Liancourt tinham saído de Aix. Deixavam o palacete do marquez de Clisson, e a viscondessa de Chiourme dirigiu-lhes um gracioso sorriso na hora da partida.

Os cavalos, independente de acicate, tomaram o trote

e pouco depois o galope ; uma nvem de poeira os teria envolvido, si o solo estivesse abrazado pelos ardores da canicula. Quando os dois fidalgos descortinaram o castelo de Saint-Pont, Helosa se conservava na mesma posição abstrata.

O pesado portão rodou nos gonzos. Os cavaleiros entraram, e o velho Luiz de Castro cantava ao som de um bandolim. O jardineiro, sempre estico, não fazia conhecer a sua mgua : nem um gemido ele cantarolava, e ria ! O conde de Langeais voltou-se para o médico e disse :

— Como  belo o campo ! Aqui respira-se outro aroma. Tudo me seduz ; tudo  grande e admiravel ! . .

— Eu tambem amo a liberdade. Vive-se oprimido até mesmo nas aldeias, que não se comparam com as grandes cidades. Entretanto, tens motivo de te fascinares pelo campo !

— Porque ?

— Aqui, onde se respira esse perfume de flores agrestes, observo que o teu corao estremeceu de encantos.

O conde de Langeais compreendeu a alusão e tornou-se pálido. Teria esporeado o cavalo, afim de disfarçar a comoo, si não estivesse em atitude de apeaar. Comtudo, dissimulou o embaraço, dizendo para o companheiro :

— Deixa de leviandades ! . . Tu não sabes de nada, e nem me pescas assim.

O médico soltou uma gargalhada e retorquiu :

— Tu não me enganas, marreco ! . .

Apearam-se e subiram imediatamente para o gabinete do médico. Mudaram os trajes, e então veio um criado dizer-lhes, da parte de Helosa d'Arlemont, que fossem  galeria. Quando ai chegaram, a jven princeza ocupava um banco, e uma grinalda de flores azuis pendia-lhe sobre a cabeça. Diante de si ficava outro banco, e nele sentaram-se o conde de Langeais e o médico. Uma atmosfera embalsamada girava em tôrno de todos.

Era pela manhã.

Helosa d'Arlemont tinha as faces ruborizadas. Algu-

ma coisa lhe deveria agitar o espírito. Olhou para o conde de Langeais e disse :

— Eu me sentia numa solidão completa : não tinha com quem conversasse ! A leitura me era monótona. Há momentos em que vivemos assim, como que envolvidos numa tristeza eterna !

— Eu acredito-a piamente. O nosso organismo é como a atmosfera : muda repentinamente ; passa por todas as transformações.

— Estava nesse silêncio, quando ouvi o som de um bandolim. Ergui-me, e debruçando-me sobre a balaustrada pude ver o nosso jardineiro, cercado de servos, dedilhando o seu instrumento como um perfeito menestrel, e soltando aos quatro ventos a voz harmoniosa. Cantava uns estribilhos, que não compreendi. Deviam ser na sua língua, que é a portugueza. Achei-os veementes e melódiosos. Avalio, que será muito lindo, um poema escrito no idioma lusitano.

— Sim ; é uma língua bastante grave, que não tem diletos, e sim, variedades de continente a continente. Filha da latina, formou-se no século XI e contém inúmeras palavras gregas, árabes, hebraicas e francezas, tendo primeiramente sofrido a influência dos suévos, quando, na invasão dos bárbaros, ali se estabeleceram. Eu falo o hispanhol, e por este motivo traduzo a língua de Camões. Meu avô era um hispanhol da ténpera dos espartanos. Pertencia á nobreza de Castela : chamava-se duque de Ossuna, filho do bravo do mesmo nome, — que foi vice-rei de Nápoles, bateu os venezianos e morreu preso no castelo de Almeida, por ter querido libertar o seu governo. Meu bisavô só cometeu um erro : introduzir a Inquisição na terra em que distribuia justiça.

— E seu avô ainda é vivo ?

— Não ; morreu, há 15 anos.

— Nunca o viu ?

— Nunca. A Hispanha era o seu ídolo. Aí soltou o primeiro vagido ; aí viveu e foi grande, até curvar-se aniquilado pela morte. Talvez um dia eu vá á pátria de

minha mãe. Visitarei o lugar que serviu de berço aos meus antepassados.

— Já recebeu notícias de Narbonne ?

— Minha mãe escreveu-me. Perriquet foi portador da alegria, como me garantira na véspera da partida. Devo-lhe muito ; estimo-o, como se ama um irmão.

Calaram-se por algum tempo. Os assuntos escasseavam. O dr. lembrou-se, então, da sua flauta, o instrumento favorito de Frederico o Magno, rei da Prússia. Um criado a foi buscar, e o médico desferiu as primeiras notas. Os trechos de uma ária foram executados. Sebastião Bach não teria mais inspiração do que ele naquela hora. « A música, disse M<sup>me</sup> Götting, é uma língua universal, que conta harmoniosamente todas as sensações da vida. »

Heloísa e o conde ouviam silenciosos. Inesperadamente surgiu-lhes o príncipe d'Arlemont : trazia um papel na mão. O médico suspendeu a sinfonia ; os outros dois olharam para o castelão. Este aproximou-se da filha, e resolutamente se lhe sentou ao lado, quasi que amarrando as rendas do amplo vestido, conforme era usado nessa época. Volveu os olhos em tórno de si, e falou em seguida :

— Vou partir immediatamente. Acabo de receber esta carta de Luiz XIV, que me chama a Versalhes.

— Do rei ?! . . . interpelou o médico, estapefacto.

— Sim. . . Julga que eu não poderia receber uma carta de Luiz XIV, ou mesmo de Inocéncio XI ? Tanto mais, sendo a missiva de um soberano, a quem posso dar o nome de — pai ; do monarca que me tem coberto de benefícios, e que me trata, como si eu não fosse súbdito, e sim, amigo ! . . . Espantou-se ?!

— Não, Alteza ! . . . Nunca tal juízo de mim para com-vosco. Admiro, porque o negocio deve ser urgente.

— Assim o julgo.

— Será alguma embaixada ao imperador Leopoldo I de Alemanha ?!

— Não. . . E si o fosse, era custoso aceitar-a.

— Com as condições mais latas e mais honrosas, V. Alteza recusaria?

— Conforme. . . Atualmente só serve um embaixador muito prático, e sobretudo, enérgico. Eu tenho energia, mas, em certos e determinados momentos; há outros em que estou realmente fraco, e numa destas ocasiões ficaria o caldo entornado.

— Então, Luiz XIV restringe-se a um simples chamado, sem mais esclarecimentos?!

— Unicamente. . . E quero dar ordens para apressar a partida. Ninguém se demora a um chamado tão imperioso. Farejo uma incumbência política.

Ergueu-se com agilidade e deu de marcha. Ouvindo que o chamavam pelo título, voltou-se vivamente e encarou o conde de Langeais, que lhe dizia:

— Ides partir só, Alteza?

— Não; levarei dois pagens.

— Si necessitardes dos meus serviços, estou pronto.

— Não preciso por enquanto. . . agradeceu o príncipe, com um dos seus melhores sorrisos. . . Fique ao lado dos meus. Fará a cõrte áqueles que costumam visitar o castelo. Ainda que eu o quizesse levar comigo, renunciaria o projeto, lembrando-me que o sr. conde está pendente da lei. Gósto de guardar as conveniências, para que não digam amanhã, que o príncipe d'Arlemont transgrediu os decretos do seu soberano.

E logo desapareceu por uma escada. Os trez olharam-se interrogativamente, mas, não aduziram palavra. O dr. Fabre principiou uma valsa italiana. No páteo ouviu-se o rodar de um carro. Voltaram-se todos para lá, e viram então misser Gargouche que se dispunha a descer. Acompanhava-o outro sujeito, desconhecido para os habitantes de Saint-Pont.

— Aí vem o tipo, que personifica o orgulho. . . disse Fabre de Liancourt, referindo-se ao cortezão.

— E' um tolo, que se julga um sábio. . . confirmou Heloisa d'Artemont, com um gesto expressivo.

— Pobre humanidade! . . Será sempre exposta ao riso

de Demócrito, porque tudo que apreciamos, é digno disto. Erasmo de Rotterdam, com os seus epigramas, deu bem a conhecer o quanto estava inteirado dessa turba de loucos, que infesta á sociedade.

— Oh! o dr. é muito pessimista! . .

— E' um defeito de todos os incrédulos.

— Qual! não creio que um homem illustre seja inimigo de Deus!

— Não; não sou seu inimigo. Só faço negar a sua existência.

— E é pouco?!

— Pois, não! Procedo melhor do que Mahomet, que se fez profeta á custa da cimitarra. Não queimo imagens como os iconoclastas; não sou hussita para que louve o inútil heroísmo de João Zisca; e nem tão pouco admiro a barbaridade daqueles cruzados, que indo, á Palestina, combater em nome de um Deus, só fizeram montões de cadáveres e a desgraça de muitos povos. Eu só uso de um gládio, que é a palavra convincente e cheia de amor para o próximo.

— Do amor platónico? . . perguntou He-loísa d'Arlemont a rir.

— Também, não. Creio que o platonismo é exagerado. Sigo, porém, o amor que o puro cristianismo ensina. Devoto-me ao bem, porque a minha razão demonstra que ele deve ser o guia dos homens não pervertidos, de fórma que ninguém pense, si eu exerço a caridade, seja temendo a fúria de Deus ou esperando recompensa.

— E todos os ateus pensarão deste modo?

— Nem sempre. Eles são homens e o homem não deixa de ser o que é.

— Fala por enigmas! . . Ainda não compreendi o que quer dizer!

— E' muito simples. Assim como há religiosos bons e vice-versa, o mesmo acontece com os ateus. Eu sei, entretanto, que um ateu degenerado é muito mais terrível do que um religioso pervertido: basta que ele não reconheça um poder superior ás forças humanas.

— Muito bem. Si o dr. falasse mais duas horas, eu creio que seria incrédula de corpo e alma, tanto as suas palavras são evidentes; mas, quero embriagar-me ainda com o bálsamo da fé: ele é um paregórico para o coração. Irei pensar no silêncio.

E levantou-se garbosamente.

— Retira-se? Foge á exposição da minha filosofia?... reincediu o médico.

— Não fujo; há tempo de ouvil-o. Toda filosofia fascina, desde que seja bem explicada; mas, no momento em que pensarmos sobre ela, si na sua essência não houver a realidade, — perderá a ilusão que tinha. Por isto vou pensar. Talvez que em breve conte mais uma adepta, ou por outra, uma inimiga da metafísica. Vou pensar.

E retirou-se imediatamente. O conde de Langeais e Fabre de Liancourt ficaram taciturnos. Deram-se os braços e seguiram então para o gabinete em que estiveram horas antes. O médico tratou de escrever. O conde deixou-se cair languidamente numa poltrona e imergiu-se em profunda meditação. Scismava como um faquir indiano, embora fosse no torvelinho das paixões terrenas, e jamais nas fantasmagorias do *nirvana*: no fundo do peito lhe tinha ficado a primeira impressão. « O amor, este sol do génio », na frase de Schiller, despontava muito cedo.

Fabre de Liancourt, comprehendendo o que se passava com o seu amigo, deixou-o no silêncio e retirou-se mudo. O conde nada viu: o seu pensamento arrastava-o para um ponto fixo, porque o centro de gravidade se lhe mantinha na alma.

« O' amor! mais poderoso do que homens e deuses! » escreveu Eurípidés. Tu és o principio creador de tudo, nos sucessos da humanidade: a um só dos teus olhares, todas as conveniências desaparecem. Quem te pode resistir, si o coração palpita e a intelligência fraqueja?!



#### XIV

### Um espírito que vacila entre dois abismos

**A** dúvida é o que há de mais cruciante. Um espírito que vacila, está sempre inquieto. O repouso não existe comsigo. . . e Heloïsa d'Arlemont vogava nesse oceano revólto, ponteadado de escolhos.

A' sua câmara recolheu-se a graciosa princeza, apenas abandonára a sociedade do médico e do conde. Fez sair uma das damas, que lhe apparecêra naquella occasião. Cerrou as janelas e ficou em completa sombra. Exigia silêncio e desceu as cortinas do seu leito.

Sentou-se numa cadeira de braços, bordada a pontinho, e reclinou a fronte sobre uma doirada mesa, que lhe servia de secretária. Pensamentos em tumulto invadiram-lhe o cérebro, travando-se, entre eles, uma pugna renhida. Dois abismos patenteavam-se aos seus olhos : o amor e a descrença ; o conde de Langeais de um lado, o médico do outro. Um pedia-lhe a pureza d'alma, o coração sensível ; o outro insinuava a morte da sua fé !

E' preciso que nunca o scepticismo se tenha aninhado no nosso espírito, para deixarmos de compreender a luta dessa imensidade. E' um combate de Encélados. Para as inteligências robustas finaliza, quâsi sempre, pela vitória ; as que fraquejam, esgotam infalivelmente a essência das suas meditações.

Heloïsa d'Arlemont cerrou as pálpebras ; convenceu-

se, pouco depois, que ia desmaiar. Teve medo. Abriu os olhos, e pareceu-lhe que era vítima de todos os efeitos de um sonho. O ar, que respirava, não lhe satisfazia o pulmão; ergueu-se, e escancarou as janelas. Um bafo suave inundou aquele recinto virgem.

Precisava falar: a solidão já lhe infundia pavor. Agitou a campainha, e quasi logo compareceu a solícita camareira. Heloisa ordenou:

— Anuncia á baroneza, que a desejo ver.

O recado foi transmitido. . . e quando Marion de Beziérs appareceu á porta, afastando delicadamente o nível do reposteiro, — Heloisa passeava no limitado espaço daquella mimosa câmara. Mantinha uma attitudé grave, e accenu á baroneza que se sentasse. A dama de honôr obedeceu, e esperou pacientemente, como quem sonda a disposição do ânimo. A filha do príncipe d'Arlemont chegou-se para ella, e novamente occupou a cadeira, que lhe servia de trono. Disse, agitando as mãos:

— Sinto-me abatida de melancolia, de uma coisa mortificante que não sei definir! Quero que me fales de tudo. O meu espirito tem necessidade de um banho de luz.

— E julga, que sou universitária?

— Não; mas, eu te considero uma mulher prodigiosa. Tu te lembras de todas as anedotas que lês; já gozaste venturas, que têm o seu tanto de romântico. Vives continuamente de sorrisos.

— Ai! que elogio! . . .

— E porque te admiras? Por acaso falsifiquei os fatos?

— Não, minha querida! Espantei-me somente com as minhas *venturas*! . . .

— A tua memória está rebelde! . . . Não desejes que eu te recorde as datas.

A baroneza riu-se francamente; enrubescceu um pouco, e prosseguiu:

— Existem fatos, mas, nas **Damas elegantes** de Brantôme, e elles não nos servem, porque são escabrosos. Na côrte de Catarina de Médicis vivia-se cantando e morria-se ao som da música: logo, as damas tinham a

elegância das cortezãs romanas ou das célebres hetairas gregas.

— Aquilo é um ferrête, que se estampa na fronte desses infelizes reis. Eu avalio que vida a do meu bisavô paterno, quando secretário particular da *Velhaca*!

— Já leu o manuscrito, que aí existe e que trata dos Arlemonts?

— Não. Sei que está na biblioteca, conservado em pergaminho, e ainda não tive a curiosidade de folheal-o! Quando preciso de um esclarecimento genealógico, corro a meu pai.

— Pois, o manuscrito deve ser interessante.

— Nós o leremos. Por agora tenho sêde de contentamento: o meu espírito vacila.

— Porque? . . . Novidades? Extravagâncias?! . . .

— Quem sabe! . . . A juventude é feita de loucura; si, para ela, existe algum remédio, será o da velhice. Doi-deja-se como a mariposa; tostam-se as azas, e só reconhecemos o deploravel erro, quando sentimos o estrago.

— Casos de amor? . . . e a baroneza fitou o semblante de Heloïsa d'Arlemont, para ver o efeito que as suas palavras produziam.

— Oh! não! . . . não! . . . Pergunta ao tronco derrancado qual foi o furacão, que o prostrou por terra, — e ele será mudo. A dor que entra num coração sensível, deixa somente uma ferida; isto é, a saudade do prazer que é morto.

— Quanta meiguice! . . . Si me falasse de amor, eu citaria a página de um sábio.

— Que diz ela? . . . perguntou Heloïsa, erguendo a fronte.

— Uma verdade. Condena os amores eivados de impureza: atira um reproche á consciência dos libertinos.

Heloïsa conservou-se quêda, a olhar silenciosamente a baroneza. Não se atrevia interrogal-a mais. Marion de Beziers compreendeu-a, e quiz dissuadil-a. Apoderou-se de um livro, que estava ao seu alcance, na extremidade da mesa, e leu, com uma certa expressão na voz:

— « Jôven, não arranques o véu da ignorância, que cobre a fronte da virgem a quem amas ; deixa ao tempo o cuidado de dissipar essa névem. Respeita a seguridade que acompanha a inocência, e goza da frescura da aurora, esperando o calor do meio dia. »

— Quem é o sábio ? . . interrogou a princeza, apenas terminada a leitura.

— Pitágoras.

— Sim ; o filósofo da metempsicose, que comparava as paixões humanas a uma pipa, cheia de buracos e que nunca se enche !

— Exatamente. O grego não desconhecia a influência perniciosa, que sempre o vício manteve entre nós. Em vez de um axioma de alta filosofia, escreveu um pensamento de simples moralidade.

— E' isto. . . disse Heloisa pensativa e medindo as palavras. . . Maldito, o que deslustra a vicejante grinalda e não se conturba de remorsos ! Libertino que é ! . . Anatematiza o sonho da virgem e prostitui o coração inocente ! . .

— Todavia, o mundo se compõe desses degenerados ! Não se importam de contentar as suas paixões infrenes, embora, as lágrimas, o arrependimento, a penúria e a morte moral, fiquem com as suas vítimas ! E quantas vezes não é a morte física que vem ? Uma virgem que se degrada e se torna depois a mulher mundana ; que franqueia o lar, á moda das tavolagens ; que despreza o pudor, sacrifica o riso da singeleza e percorre de quando em quando a estrada pública, — é a obra do libertino ! . . D'aí para rolar ao fundo do precipício, donde ninguém mais volta, — só há um passo. Este é vencido : a virgem de outrora desaparece nessa voragem de lódo, enquanto o mundo ri e cobre-a de todos os baldões !

Heloisa d'Arlemont vergou a fronte sob a impressão deste quadro. Era muito vivo e fora desenhado a propósito. A luta recommençara : um sentimento lúgubre esvoaçou-lhe na alma. Era preciso pensar. Fez um gesto de tédio, e fitando a baroneza, disse-lhe simplesmente :

— Deixa-me um pouco de solidão : voltou a tristeza.

E quando se viu a sós, balbuciou :

— Que peso! . . .

Meditou um instante e disse, então, a meia voz :

— Sinto que ja não me pertenco a mim. . . Amo. . . E quem sabe o que reserva o futuro?!

Os seus lábios principiaram a tremer, como si ela fosse acometida de uma violenta febre. Era a febre que se concentrava no imo do seu peito, — alimentada pelas fagulhas do misterioso.

Saiu para o jantar. A tarde desceu ao jardim em companhia de sua mãe, da baroneza Marion e de trez damas que desempenhavam as funções de acafatas. A brisa soprava ; o céu era encoberto de núvens ténues ; os regatos serpeavam. Numa soberba faia cantava um rouxinol. Algumas flores murchas cobriam a relva.

Seis cavalleiros, sentados ao pé de uma árvore vetusta, conversavam familiarmente e riam quâsi sempre. Entre eles figurava o conde de Langeais. Neste comenos abriu-se o portão principal e deu entrada a um carro. A viscondessa de Chiourme e Elisabeth Javelot, precedidas do marquez de Glisson, puzeram pé em terra. O carro descreveu, então, um semi-círculo e afastou-se.

Os recém-chegados foram recebidos com mostras de perfeita alegria. As senhóras acercaram-se dos cavalleiros, e uma sociedade illustre se formou. Criados trouxeram instrumentos músicos e principiaram a tocar. O velho Luiz de Castro tangia o seu bandolim ; entoava canções estrangeiras, e referia casos surpreendentes, que vira nas suas peregrinações. Jogava-se o xadrez ; bebia-se generoso vinho ; fumavam-se charutos trazidos da América hispanhola. O sol declinava no ocaso. A noite seria de esplêndido luar.

Todos os grandes fidalgos, á guisa de passatempo, mantinham certos homens, que denominavam *bóbos*, — quando, muitas vezes, estes eram dotados de mais juizo do que aqueles que se divertiam com os seus dislates! . . . Vários desses bóbos não passavam de finos es-

pertalhões, pois, sabiam enganar os tolos que se reputavam sábios e sensatos !

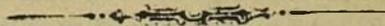
O príncipe d'Arlemont também possuía o seu. Como Tarquinio o Soberbo tivéra Bruto, e Francisco I o célebre Triboulet, — o titular da Provença adquiriu Junghill. Era preciso ser um príncipe até mesmo na aquisição de bôbos.

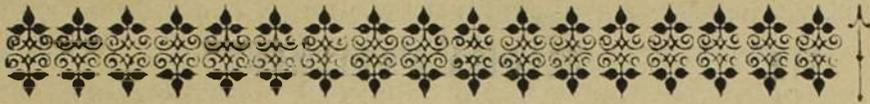
Junghill ria de tudo, por mais fúnebre que fosse o acontecimento. Em 1672 o grande Flechier recitava a sua oração ante o cadáver de Júlia Rambouillet, duqueza de Montausier, e Junghill, quando o viu terminar, soltou uma gargalhada estupenda ! Alguns se voltaram, no firme propósito de um repelão ; mas, reconheceram o bôbo, e ele ficou incólume.

Junghill fazia parte do grupo que estacionava no jardim. Dizia tolices ; era o divertimento de todos. Heloísa d'Arlemont fingia prestar atenção aos menores incidentes, e entretanto, divagava. Os seus pensamentos eram flutuantes ; tinha a idéa oprimida e o coração cativo. O mesmo incêndio no peito do conde de Langeais ; mas, o seu semblante calmo não se deixava trair.

« Por sob o riso — o gemer,  
por sob o gêlo — o vulcão ! »

disse uma poetiza, que vive na obscuridade, porque « a pobreza é a morfêa », segundo a exata definição do nosso romancista Joaquim de Macedo. Essa poetiza, chamada Amélia Galvão, pernambucana como o autor deste livro e sua prima legítima, — nunca recebeu encômios, e si alguém os merece, ela os deveria ter. A poetiza Júlia da Costa não lhe é superior.





## XV

### Um grande homem que não é conhecido

**H**omens tão infelizes que, apesar das virtudes, morrem no esquecimento! O século parece ignorar a sua existência. Na História não se inscreve um nome, uma referência, um fato, para recomendar-o às gerações vindouras. E ele passa sem esse ruído de aplausos, que, repercutindo de cidade em cidade, constituem a glória. Até mesmo um murmúrio que se elevou em torno de sua pessoa, extinguir-se-á também, porque não teve a força da immortalidade. Como a glória é efêmera para certos homens!

Montbrison era a pátria de um deles. Infeliz cidade que no século XIV fôra investida e arrasada pelos ingleses. No começo do século XVI a peste também apoderou-se dela e dizimou-a nas suas façanhas. Em 1552 o cruel barão des Adrets tratou-a a fogo e a ferro. Devotando-se ela á causa dos huguenotes, o célebre Nemours que era o chefe dos ligueiros, fanáticos abençoados depois pelo papa Xisto V, em 1590, — não a ponde deixar de acometer, como o Vesúvio surpreendendo Pompéa, e levou-a de novo á desolação completa.

Calamitosos tempos em que o direito de conquista era o predominante! A liberdade tinha o característico do embrião. O despotismo subia ingente pelas escadas do poder. A teocracia avassalava o mundo. « Roma tem si-

do a pirâmide funerária do catolicismo », disse o padre Guilherme Dias, nos seus escritos anti-clericaes. Montbrison dormia nas sombras do terror : o crepe da perseguição caía-lhe sobre a pálida frente !

E o homem obscuro era o marquez de Brissac, um liberal huguenote, que detestava o papa. Nascêra no castelo, onde o monstruoso sr. des Adrets obrigava os prisioneiros de guerra precipitarem-se das janelas sobre as espadas dos soldados. Descendia em linha reta de Carlos de Cossé, conde de Brissac, valente marechal de França, governador da Normandia e falecido em 1563.

O marquez de Brissac era propenso á misantropia. Odiava a humanidade como Timon de Atenas. Contudo, o cataclismo de sangue, que tinha de jorrar sobre a desgraçada França, assustava-o. Luiz XIV lhe era um prenúncio de grandes fatalidades.

O barão de Raffi ia conferenciar com ele. A sua opinião seria uma sentença. Os correligionários a esperavam com ansiedade, como quem vive nas trevas e almeja a luz. E assim resolvido pelos conspiradores de Aix, o seu emissário, depois de quatro dias de marcha e ao cair de uma tarde sonolenta, bateu ás portas da cidade-mártir. Correu até ao castelo e fez soar trez argoladas no portão. Um criado velho e calvo appareceu immediatamente, e sem rodeios fez a perquisição.

— Quero falar com o marquez de Brissac. . . esclareceu o emissário. . . Venho de longe e com um negócio urgente. Anuncia ao teu amo a minha resolução.

O porteiro refletiu um pouco : depois fixou novamente o barão de Raffi.

— Impossivel ! O marquez não recebe ninguem.

— Porque ? !

— Não sei. E' um urso. Aqui não penetra um extranho.

— Mas, eu preciso conversar. Vai, entrega-lhe isto. . . e o barão escreveu a lápis na folha de uma carteira de notas, que arrancou em seguida.

O criado curvou-se e desapareceu logo, deixando-o do lado de fóra. O barão esperou muito tempo e ficou

furiOSO com a dificuldade de conseguir a entrevista. Finalmente voltou o porteiro, e então guiou o emissário dos calvinistas da Provença pelos meandros do jardim, caprichosamente formados de árvores frondíferas, que mascaravam as ameias naquele sítio e só permitiam o destaque das elevadas torres, já enegrecidas pelo tempo. Logo à entrada do pavimento térreo se observava um salão, muito vasto e cheio de sombras, mesmo em pleno dia. Uma escada longa e de madeira sólida, dava acesso ao andar superior.

O barão de Raffi, sempre dirigido pelo escrupuloso fãmulO, achou-se em um outro salão, que deitava algumas janelas para o ocidente rúbido. Uma mobília envelhecida e relembrando a época de Luiz XIII, ocupava aquele recinto. Dois quadros de Júlio Romano: *A derrota de Maxêncio* e *A vitória do imperador Vespasiano*, preenchiam também o espaço, sem outras distrações.

O barão de Raffi sentou-se numa poltrona, e sem etiqueta escolheu a posição agradável. O criado, sempre de pé e respeitoso, fazia-lhe sala. Pouco depois uma porta se abriu no fundo do salão, e o provençal voltou-se. Surgira a figura de um velho, meio caquético, aparentando a idade de 65 anos. Possuía rarefeitas melenas; testa espacosa, sobranceiras arqueadas e bigode basto. O seu olhar era penetrante; o nariz aquilino. Trajava um casaco de veludo verde. Desprezando o século em que vivia, nem ao menos estava coifado à moda: isto é, de cabeleira longa e derramada em anéis.

O barão de Raffi ergueu-se logo à sua presença, e resolutamente encaminhou-se para lhe apertar a mão. Sentaram-se depois cara a cara. O marquez de Brissac foi o primeiro a quebrar o silêncio:

— Acabo de receber o seu convite, e aqui me tem às suas ordens. Ultimamente recuso semelhantes favores.

— Não abusarei da sua bondade. . . disse o barão de Raffi, com muita diplomacia. . . Irei ferir diretamente o alvo. Não me conhece e nem sabe donde venho.

— Certamente. Ignoro tudo.

— Sou um emissário, enviado pelos calvinistas de Aix para consultal-o sobre a liberdade dos povos. Quando periga a supremacia dos direitos individuais, não desconhece o sr. marquez, que os bríos massacrados se devem erguer e repelir denodadamente a afronta dos tiranos. A França está neste caso.

— Sim : a revogação do Édito de Nantes, que, segundo afirmam, vai ser promulgada. . . Não é isto ?

— Exatamente, marquez ! Nós nos reunimos em Aix e conspirámos, algumas noites, sob o manto da precaução. Uns queriam a guerra ; outros opinaram pela fuga. Temos um chefe : o coronel Idbare de Montargis, um velho democrata, que não torce ao perigo. Mandaram-me para ouvir-o nesta emergência.

— Logo a mim ? ! . . . interpelou o marquez, admirado.

— Sim. A sua opinião será uma sentença, um oráculo que decidirá do nosso destino. Si ordenar a guerra, nós a faremos ; si impuzér a fuga, debandaremos todos.

— E porque se fiam tanto nas minhas palavras ? ! Eu, que vivo retirado, que há muitos anos evitei a comunicação do mundo ! Asseguro-lhe, barão de Raffi, que se iludem comigo.

— Teremos prazer, si formos mistificados pelo marquez de Brissac.

— Bem : depois não maldigam o velho ; não lhe cusparam na sepultura.

— Somos incapazes da vileza.

— Resolvermos, de momento, questões tão graves e como esta, não é possível : seria uma temeridade. Portanto, peço-lhe que me conceda, ao menos, uma noite para pensar. Amanhã poderei, com calma e precisão, aconselhal-os melhor.

— Não há dúvida : venho receber instruções, e esperarei o tempo que julgar indispensavel. Agora, permita que me retire ; quero deixal-o em silêncio : a noite é a grande conselheira dos negócios políticos.

— Rogo-lhe, sr. barão ! que fique. Sou misantrôpo ; mas, isto não me coíbe de tratar bem a quem desejo.

— A's ordens. Pode dispor de mim... e o barão de Raffi curvou-se um pouco, em sinal de gratidão.

Calaram-se por alguns minutos. Durante esse tempo o marquez de Brissac passeava ao longo do salão. De repente estacou e voltou-se para o barão de Raffi.

— Desculpe : esqueceu-me perguntar, si jantou ! Deve ter muita fome ; não é ?

— Tenho alguma, porém, suportavel ; não se incomode comigo.

— Ora, sr. barão ! Não há estalagem perto, e nem eu consentiria procural-a. Mandarei servir-lhe um jantar succulento. Não será como o de Pantagruel ; mas, tambem não fará vergonha.

Fez soar a campainha. Outro criado appareceu.

— José ! . . disse-lhe o marquez. . . Prepara um bom jantar para o sr. barão. . . Depressa.

E continuou a passear no salão. . . mas, aquelle silencio não agrádava ao emissário. Era preciso falar de alguma coisa. Uma dissertação filosófica não convinha ao assunto de que se tratava. Na historia da França havia pano para as mangas. O barão de Raffi ainda não conhecia com exatidão o caráter do velho hugenote, e quiz sondal-o melhor. Chamou-o a terreiro.

— Marquez ! como define o trono de França ?

— Nem lhe sei dizer. . . respondeu o misantrôpo, depois de breve meditação. . . Temos uma promessa de Constituição, mas, que nunca se realizou, porque somos o contraste dos inglezes. O rei faz da sua vontade a lei. Os ministros d'espotas triumpham. Luiz XIII se acostumara a ser sempre governado. Concini é substituido pelo duque de Luynes, e este, por sua vez, pelo cardeal de Richelieu. Mazarino queria fazer o mesmo com Luiz XIV. Este enfatiou-se, e viu que era preferivel o absolutismo. Reassumiu todos os seus privilégios, e principiou, por si próprio, a exercer todas as funções. Centraliza todos os poderes e dá um brilhantismo asiático á sua corte. Os erários esgotam-se ; a bancarrôta vence. Por fim comprehendem, que é indispensavel o grande golpe : e

portanto, projetam a expulsão de quantos não seguem o catolicismo. A revogação do Édito será assinada.

— Penso da mesma forma. Desde a noite de S. Bartolomeu que o trono de S. Luiz estremece. Um dia os povos se erguerão clamando : — Onde as nossas liberdades?! . . . E a reação tornar-se-á espantosa.

— E cre que esse dia está próximo ?

— Sim ; creio. O povo tem sofrido muito.

— Infelizmente engana-se. Si succeder assim, será nou- tro reinado.

— Porque? . . . disse o barão de Raffi, curioso pela resposta.

— Ora ! já estou velho e conheço os homens.

— Mas, é bem certo também, que as tempestades algumas vezes caem sem o menor indicio de tormenta,

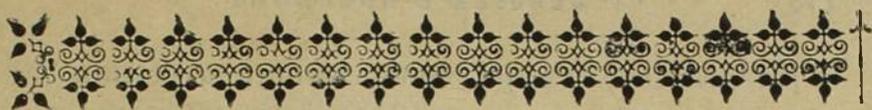
— Não há dúvida ; mas, analisemos os fatos. A conspiração de Cinq-Mars e a Fronde foram os dois melhores ensejos para a liberdade franceza. . . e que fim tiveram ambas?! A primeira finda pelo cadafalso ; a segunda tornou-se uma trágico-comédia. Eu não creio na soberania de um povo tão vil, sr. barão! . . . A Liga, que tinha o duque de Guise de um lado e Henrique III do outro, enfraqueceu e aviltou todos os ânimos.

O barão de Raffi sorriu. O marquez discursára bem.

— Concordo. Vejo que tem estudado a politica maquiavélica da nossa desditosa pátria.

— Já estou velho : nada espero do futuro e falo a verdade. Que me podem fazer ? Inforcarem um cadáver?! Isto será abreviar dois dias de vida, que me restam, e estou ansioso por deixal-os. O patíbulo, para certos homens, é um diadema.

A estas palavras ouviu-se o som de um búzio, que vinha do interior do castelo. O marquez, apenas o escutou, disse ao barão de Raffi que o jantar estava na mesa. E seguiram imediatamente, atravessando salas e extensos corredores.



## XVI

### Entre duas garrafas de vinho

**U**MA fome devoradora fez com que o barão de Raffi se recolhessse ao mutismo. A estómago vazio, alimento que sóbre. O marquez de Brissac atenuou para o criado, e este correu a buscar duas garrafas de vinho, postando-as delicadamente junto ao hóspede.

— E' demais! Eu não bebo tanto. . . confessou o barão, sorrindo bondosamente.

— Far-lhe-ei companhia. . . disse o sr. de Brissac, apanhando uma das garrafas, cujo conteúdo vasou em dois copos de prata.

O barão ergueu a taça que lhe tocava, e pronunciou:

— A' sua saúde, marquez!

— Tá! Permita uma observação.

— Duas e trez, si fõrem do seu agrado.

— Bebamos antes á grandeza que advem da liberdade de consciência.

— Está dito. A liberdade é um dogma e eu o venero, porque é mais santo que as Bulas pontificias.

Os copos viraram-se.

— Já que falou do papa, queira definil-o. . . aventou o marquez, enchendo novamente as taças.

— Ah! sou huguenate convicto, e como tal, não acredito absolutamente na impostura desse usurpador romano, muito mais ridiculo que os prepotentes césares.

— Está direito. O papa é uma afronta á civilização moderna. Já se foi o tempo medieval em que eles atingiram o maior grau de poder. Li uma obra de certo alemão, onde o papa é comparado a um bonzo japonês. Mostrou como a sua tiara era digna de um príncipe da Pérsia, e o seu manto — uma cópia do que figurava nos hombros de Caifaz, o grão-sacerdote dos judeus.

— Sabe? . . . Eu falo do papa; mas, é aqui, no fundo de um castelo, conferenciando com um amigo. Lá fóra, nem patavina! . . .

— Porque?

— Receio uma excomunhão.

— Oh! ainda é criança! . . . e o marquez enrugou os lábios num riso escarvinho.

— Receio. . . não porque tema os efeitos espirituais de uma excomunhão; mas sim, pelo resultado material que ela exerce. Hoje, uma excomunhão é mais terrível do que a forca! Aniquila completamente a sua vítima. O papado soube iludir o povo, dizendo-se *impecavel*, e o povo acreditou. Veja, Colombo na Hispanha, perseguido por Fernando o Católico, e excomungado em nome de S. Paulo, porque descobriu um mundo; Galileu nas escuras masmorras do Santo Officio e torturado, porque sustentar a rotação da Terra é contradizer a Bíblia e desmentir Josué; e Harvey, que proclama a circulação do sangue, e recebe injúrias, redobrando-se os seus tormentos sete vezes! . . . Tudo isto são fatos, bem patentes, do quanto pode a excomunhão do papa. Não quero negócios com semelhante algoz.

— E' fraqueza, meu caro barão! E' fraqueza! . . . Não provoque o mal, mas não recuí diante dele.

— Falei que nem um missionário catequizando os selvagens do Paraguai. Estou com a gñela sêca, como quem tem febre. Mais um copo do Falerno para refrescar a garganta.

— Um ciato, um tonel. . . quanto deseje: a minha adega é bem provida. . . atalhou o marquez, enchendo novamente a taça.

— Nem por sonhos. Si eu bebesse tanto, morreria imitando como um hidrópico.

— Pois, eu tenho um criado que daria grande parte da vida, para ganhar diariamente uma garrafa de abraçadora genebra!

— Ufa! si os desejos da vida resumem-se unicamente nisto, bem pouco ele aspira!

— E' verdade! Deseja muito pouco; mas, as misérias do mundo são tais, que mesmo essa ninharia, o desgraçado não goza!

— Estou convicto, sr. marquez! que a vida não vale o que custa!

— Há muito que assim penso. Não é preciso recorrer a Aristóteles e Platão; reflectir sobre as páginas de Abelard ou de Descartes; estudar as exposições de Leibnitz com a sua monadologia intrincada, para conhecermos a exiguidade da existência. E o homem que tem chegado a esse alcance, sabe que faz?

— Suïcida-sé?!

— Não: entrega-se á misantropia. Há escritores que afeiam o carácter dos misantrópos. Julgam eles, que um homem não pode viver retirado dessa sociedade estulta, sem a lembrança de um crime contra ela. Si vivemos de envôlta com os homens, acarretamos as suas infâmias; si fugimos do seu contacto, recebemos o chasco e a represália dos escritores sem imputabilidade.

O terceiro copo foi bebido. O vinho principiava a fazer o seu efeito. Esquentavam-se, e o barão de Raffi ia captando a confiança do marquez. Animados como estavam e predispostos á discussão, o emissário dos calvinistas, depois de fitar o semblante do velho misantrópo, interpelou:

— Não é adepto do suïcídio? Não enxerga heroísmo em Catão de Útica apunhalando-se e preferindo morrer com a república?

— De fôrma alguma: reprovo a filosofia de Epicuro, quanto a esse modo de ver. Há mais heroísmo no bandido que sobe os degraus do cadafalso, sem cambaleiar

uma só vez, do que em Bruto se traspassando com a espada; há mais grandeza na meretriz, que se rala em cruciantes dores na insuportavel barra do hospício, do que em Lucrécia lavando a sua mancha com a ponta do agudíssimo punhal.

— Permita os meus embargos. A maneira dos escolásticos não lhe posso deixar de repetir: *Distinguo*. . . Muitas vezes o suicídio é necessário e grande.

— São modos de pensar.

— Não duvido. . . mas, deixemos isto de parte. Digame: porque principiou o seu ódio contra os homens?

O marquez de Brissac estremeceu visivelmente: animou-se depois e respondeu comovido:

— Eu deveria guardar silêncio, porque a causa só prejudica a mim; mas, como estou de veneta, vou contar-lh'a. Fique sabendo: o velho confiou no mancebo que inquiriu o motivo da sua dor.

— Serei um túmulo para os seus segredos.

— E' isto que exijo. Ouça: tive um amigo. Confiava nele como em mim próprio. Todos os meus projetos, por mais extravagantes que fossem, eu lh'os participava, crente de que teria a sua opinião sincera, afim de conseguir o intento. Eu era casado: estava ainda na mocidade. Como me julgava feliz, desfrutando a vida ao lado de uma mulher bonita, espirituosa e instruida! Imaginava tudo quanto é possível para agradar essa mulher adoravel. Ela, por sua vez, jurava-me um amor eterno. Havia um frenesi de gozo naqueles olhares, naquelas palavras veementes, naquelles gestos embriagadores. . . E um dia, sabe o que presenciei?!

— Não.

— O meu amigo traía-me! Minha mulher era uma degenerada que enodoava o leito conjugal. Foi uma dor suprema para mim! A ofensa de um amigo é a peor de todas. Todavia, pude pensar e ter a discrição precisa. Não pratiquei um ato de loucura. No dia seguinte mandei vir o meu notário, e ordenando-lhe que lavrasse uma escritura, fiz um donativo á minha infiel consorte.

Em seguida ela desocupou o lar. O amigo pérfido também foi expulso. Recolhi-me ao silêncio e fiz um escudo de quantas meditações avolumaram-se no cérebro. Desde esse dia principiei a odiar os homens e sob o impulso do seguinte raciocínio: « Quando um amigo, em quem confiava, como si fôra irmão. . . e uma mulher, a quem distinguia, porque era minha esposa, — traíram-me vilmente, quanto mais o resto, que nenhuma obrigação me deve! » Afim de livrar-me de novos desgostos, afastei-me deles, antes que fugissem de mim. Vivo solitário e triste, mas, sem constrangimento algum. Tudo isto, que formiga á nossa roda, não passa de lama e lodo, de cruéis parasitas, que tratam de matar o tronco da árvore a que se apegam.

— Cumprimento-o pela nobreza d'alma. . . e o barão de Raffi apertou a mão do marquez, com sinceridade.

— Pratiquei tudo isto, e creio que coberto de razões; mas, sabe que dizem de mim? . . . Enchem-me de nódoas; atiram-me imprópérios; insultam-me sem o menor escrúpulo. . . a mim, a um desprendido velho que se retirou do mundo, porque o gozo lhe morreu na alma. Gritam que sou um incrédulo; que injurio as leis divinas sem o menor ressentimento; que padeco de loucura, e sacrifiquei a felicidade do lar com simples suposições. . . ao passo que tive a certeza de tudo, e tudo analisei, porque vi com estes olhos. Ouço ás vezes esse vozear confuso, que me chega aos ouvidos, e então descerro os lábios num riso de compaixão para eles.

— E a marquezia ainda vive?

— Não? morreu há dez anos. Na hora extrema mandou-me pedir que comparecesse para lhe perdoar as culpas. Não me pesava, e fui até ao leito mortuário. Via nas agonias da morte, lavada em lágrimas e a dirigir-me a derradeira súplica, como si fosse um grito partido da consciéncia. Juro que fiquei penalizado. O homem dizia-me: perdôa: o esposo iludido sustentava: não! . . . A luta do ser e do não ser ergueu-se ante mim. Eu estava indeciso e pronunciei recuando: « Terás o meu per-

dão, mas, nuca o meu afeto. O teu sepulcro não se orvalhará com uma só lágrima de tantas que tenho sufocado no fundo do meu peito. Fica-te com este perdão tão fúnebre, já que me roubaste a paz, e guarda-o em falta de mortalha. Deixa dormir comigo esse amor insensato, para acordar um dia na profundez de um túmulo.» A estas últimas palavras ella soltou um grito, que ainda me retine aos ouvidos, e exalou o suspiro derradeiro. Eu tive remorsos de mim, e fugi apressado. . .

— Maravilhoso ! O sr. marquez é um grande filósofo !

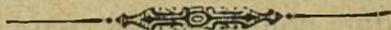
— Sem resultado. As garrafas esvasiaram-se. As cabeças estão quentes e não é bom abusarmos. A noite é curta e vamos dormir. Amanhã direi a minha opinião.

O marquez de Brissac deu o braço ao seu hóspede e conduziu-o ao quarto destinado.

— E' aqui. Durma bem e sonhe com a ventura.

— Impossivel ! Luiz XIV não o permite.

O marquez buscou um castiçal que descansava sobre a mesa, acendeu-o e retirou-se. O barão de Raffi, no fim de cinco minutos, já dormia a sono sóto.





## XVII

### Onde se sabe da opinião de um sábio



ão há estado mais deploravel que o de um povo esperando todos os dias a supressão da sua liberdade. Tudo lhe parece demasiadamente aviltante. As mais diminutas coisas se tornam difficilimas.

Os conspiradores de Aix aguardavam, com impaciência a volta do barão de Raffi. O coronel Idbare de Montargis explorava muitas vezes a estrada de Montbrison para se certificar si o emissário regressava, e então desviava os olhos do caminho, com o desânimo no coração.

Uma tarde o barão de Raffi apontou na estrada. O coronel estava debruçado numa janella: sentiu uma viva comoção, e logo que se aproximou o seu cúmplice, acenou-lhe com um lenço, em sinal de regozijo.

— *Quidquid delirant reges!* . . . respondeu o emissário.

— Sim?

— A' meia noite. . . Protegidos pelo véu do mistério.

E em seguida partiu veloz como o javali das selvas, quando pressente a vizinhança da matilha. O coronel vergou a fronte e esperou que a noite favorecesse os seus designios. Iriam todos, ao redor de uma mesa, — espécie de *Távola redonda* —, e ao reflexo amortecido da lâmpada, ouvir a sentença do marquez de Brissac. Que lhes diria o barão de Raffi? . . .

Quando se reuniram sob o tecto do sobrado velho, no

maior silêncio, como si fôra o dos cemitérios desertos, olharam-se curiosamente e viram, então, que faltava um companheiro. Era o emissário. Porque o barão de Raffi, sendo dos primeiros, se fazia esperar nesta noite? Teria sido vítima da cuidadosa polícia? Estaria, a esta hora, no fundo de um cárcere?

Todas estas idéas preocupavam os conspiradores. O conde de Langeais mantinha-se sorumbático. Seria no perigo da pátria que ele considerava? Talvez que não. O coronel Idbare de Montargis, com o seu porte altivo e decididamente ousado, fitava os cúmplices.

— Isto me assusta! . . . disse ele brandamente. . . Nunca o barão de Raffi foi dos últimos a chegar! Logo hoje, que devia ser dos primeiros, nos faz perder a paciência!

— Desconfio que nada seja. . . observou o marquez de Clisson. . . O rapaz chegou enfadado.

— Não há enfado para aquele corpo: tem a alma de bronze. Suspeito, antes, de uma esperteza da polícia.

— E' mais provavel, embora sem muito fundamento... disse o dr. Fabre por sua vez. . . Nem ao menos apanhei um sussurro da polícia, que me sirva de base para a desconfiança. Estive hoje com o governador, o sr. conde de Grignan, e ele não se mostrou suspeito: falou de assuntos bem diversos.

— Paciência! vamos esperar mais quinze minutos. Si ele não vier, saíamos a campo e indaguemos do motivo.

E o coronel recostou a fronte de encontro á mesa, como si estivesse possuido de um profundo sono. Imediatamente ouviu-se um leve ruído. As atenções redobram. Pela porta falsa passou um homem, e fez ouvir as palavras convencionais, substitutas do santo e da senha.

— O barão de Raffi! . . . anunciou risonho o coronel.

Um rumor de impaciência correu entre os conjurados, enquanto o emissário avançava para eles.

— Queremos ouvi-lo, sr. barão!

— Sim, coronel! serei breve. Estive com o marquez de Brissac; não lhe foi preciso dizer muito, para que comprehendesse logo. Dormi; ele pensou uma noite. Na ma-

nhã seguinte, durante o almoço, expendeu o seu juízo. Foi a preleção de um sábio. Vou reproduzir, mais ou menos, as suas palavras. Disse-me : « Mário, o vencedor de Jugurta, viu-se fugitivo, um dia. Era um bárbaro também ; mas, suportava valentemente todas as privações. Vagou á lei do destino, comeu o pão do desterro e ouviu, com resignação estóica, a negativa que o procónsul lhe fazia de um momentâneo asilo, — respondendo ao mensageiro da recusa estas palavras imortais : — « Vai dizer áquele que te manda, que viste Mário errante, sentado nas ruínas de Cartago ». Como isto entusiasma á alma ! Palavras fortalecidas de altivez. Devem ficar escritas como um frisante exemplo ás gerações vindouras. O momento aproxima-se, em que a França despenhar-se-á num tenebroso abismo. Sustal-a, não é para nós. A luta nessa ocasião terrível será uma temeridade de loucos. Lutar com que ? Onde exércitos, dinheiro e munições ? Oferecer o peito á bala, ou morrer ouvindo o ronco do canhão que varre a multidão inerme ? ! Julga que a bravura consiste nisto ? . . Não ; de nenhum modo. . . Há um remédio amargo, porém, suasório : denomina-se *fuga*... O estrangeiro abre-nos as suas portas. O cidadão tem o direito de vida e a faculdade de abandonar a terra desdenhosa, dizendo-lhe como Scipião : « Ingrata pátria ! não terás meus ossos ». E' o conselho que dou. A fuga, por todos os princípios. Um rei déspota é a maior calamidade, que pode sobrevir a um povo. » Tais foram as suas palavras. Depois do discurso, fitou-me ; mas, eu não pestanejei. Ergui-me da mesa, tomei-lhe a mão e beijei-a, prometendo em seguida : — A sentença está lavrada ; nós a cumprimos fielmente.

Ninguém soltou um monossílabo em contraposição ás derradeiras palavras do sr. de Raffi. Fabre de Liancourt bateu levemente, com o punho, sobre a mesa. Voltaram-se todos : o sábio ia falar, e nos seus olhos scintilava o desespero. Declamou em seguida :

— E' isto ! . . A luta, como ? ! . . Nós, que mal podemos transpor as fronteiras, soltaremos o grito da reacção ?

Quem acreditar-o-ia? Quem será Pelágio para acolher nas montanhas os heróis da pátria? Onde se occultam esses bravos, que nos deviam incitar com os seus exemplos? O desgarrado caniço, tão frágil como é, suportará o embate da tempestade, quando os vetustos carvalhos rolam por terra, derrancados pelas raízes, partidos pelo tronco? . . . Não; é loucura. A luta, nunca!

— Engana-se, dr! . . . contradisse o coronel Idbare erguendo a fronte. . . O carvalho quebra-se e vai cair no fundo do abismo; mas, o caniço, não. Vem a tempestade; ele verga-se e ela passa, sem encetar a luta, indo morrer além. O caniço, que não foi vencido, recebe o orvalho da manhã seguinte.

— Miséria! Comparação que mancha! . . . O carvalho representa a rijeza d'alma que nunca se dobra; o caniço é a imagem da cobardia. Si fizermos como este, a terra não nos ofenderá; mas, teremos que ceder as nossas crenças, perdendo, portanto, o distintivo de homens livres. Si cometermos a vileza, lograremos o perdão de Luiz XIV e a fictícia paz; si persistirmos em a nossa altivez, á semelhança do carvalho, seremos arrebatados e tangidos por terra. Só a fuga nos livrará de tudo isto, porque evitaremos a escravidão, e principalmente, a infâmia. Obedeço ao marquez de Brissac.

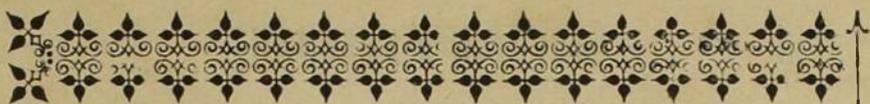
O coronel, não encontrando mais frases para combater o médico, contentou-se em arregalar os olhos.

— A fuga! . . . resmungaram todos.

— Esperem primeiramente que a bomba estoire. . . reiniciu o coronel, como último recurso.

— Sim; faremos o pedido, porque é lógico.

E retiraram-se como de costume. O silêncio prevaleceu no todo. As trevas invadiram aquele recinto. Cada qual que levasse a dor na alma e o desânimo no coração. O grande Fenelon, arcebispo de Cambraia, ao ler as páginas que descreviam a hecatombe de S. Bartolomeu, doía-se de ser francez. Todos esses conspiradores, que acabavam de abandonar o sobrado velho, — da mesma fórma sentiam.



## XVIII

### Trabalham na sepultura da pátria

**V**ERSALHES ! habitação do crime, palácio impuro e digno de hobrear-se com o Vaticano, — mal sabia Luiz XIV que ordenando a tua construção, continuava a escrever a sentença de morte contra Luiz XVI, porque, nas tuas magnificências consumia todas as rendas da nação e endividava-se no estrangeiro, sendo-lhe impossível pagar os serviços públicos de estrita necessidade. De simples castelo de caça que eras então, foste transformado, em 1661, pelo rei faustoso, e logo abismaste todas as côrtes com o teu luxo. A' frente do Burgo e do Escorial, do paço de Ajuda e do palácio de Saint-James, tu resplandeceste, ó tímido Versalhes.

Mas, a hora da procela soou. A revolução inexorável, qual deusa da Vingança e que pedia contas de tantos desperdícios e da miséria do povo, implacavelmente guilhotinou Luiz XVI, — o pobre rei, o desgraçado homem, digno de melhor sorte, e que se deixava guiar por sua esposa, uma desvairada austríaca. E como não seria assim, si o povo exasperado perde a noção do direito !

Penetremos em Versalhes. Malditos os que preconizam a côrte, onde a crueldade e a sórdida lisonja passaram impávidas. Era quâsi meia noite. No gabinete do rei tramava-se um crime. Homens do governo e em conferência política premeditavam a morte dos grandes

sentimentos, que ainda convulsionassem a pátria. Luiz XIV presidia ao banque fúnebre. Os últimos despojos da França eram repartidos. Discutiam um golpe, que deveria ser bem acenado.

Cinco pessoas apenas eram postadas ali. Dois padres, uma mulher e dois príncipes. Cinco vultos que riam ao prantear do povo.

M.<sup>me</sup> de Maintenon, aquela mesma, que se chamando Ana Francisca d'Aubigné, ponde, por sua extrema miséria, comover o poeta Scarron, que lhe estendeu a sua mão de esposo; aquella mesma, que enviuvando, se tornou amante do rei e recebeu um título de marquezia, — é a mulher que figura entre os quatro.

Lachaise e Letellier, dois jesuítas terríveis, confessores do rei, — vestidos como essas aves da morte, com os seus longos hábitos pretos; e o príncipe d'Arlemont, trajando de cõrte e exibindo adulação abjeta, prestada a quantos o cercavam, — eram os outros trez.

Foi uma noite sinistra, que se perdeu na profundez do palácio de Versalhes. Lachaise, que reconhecia o seu império sobre Luiz XIV, foi o primeiro a falar. Ali havia uma impetuosidade; um ódio não digno dos apóstolos do Cristo. E disse:

— Eu exijo a guerra para os inimigos da Igreja. Eles estão fortes; crescem de dia para dia. E' preciso que a fúria do Senhor recaia sobre eles. Verdadeira é a religião do Crucificado, e não o embuste de Calvino, — nosso inimigo comum; a insolência de Lutero e de muitos outros que nos ameaçam. Nós, o clero, quando sentimos que a Igreja periga, não trepidamos em arriscar a vida e combater por ela. De Roma chegaram-nos as instruções do Sumo pontífice Inocência XI. Compete agora, ao rei que teme a maldição Eterna e a inimizade da Igreja, cumprir o seu dever. Queremos a revogação do Édito de Nantes, desse odioso decreto, concedido em 1598 por vosso avô, em favor dos protestantes.

O silêncio estabeleceu-se. Luiz XIV guardava a muidez de uma estátua. Divagou o seu olhar por todo o ga-

binete ; tomou uma forte respiração, para então responder ao jesuita :

— Creia-me, padre ! que odio de coração esses hereses que tentam derrubar a santa Igreja católica, romana ; mas, dói alguma coisa na consciência, quando me lembro, que devo assinar o decreto da revogação, porque prevejo os efeitos, que infalivelmente hão de surtir mal. A flor da aristocracia franceza segue o protestantismo ; as maiores fortunas aí estão acumuladas. Ou é preciso inundar a França em sangue e assenhorear-me, como Calígula, dos bens dos cidadãos assassinados ; ou consentir que eles fujam levando consigo todos os cabedais. O Édito de Nantes nem é tão liberal, como dizem, pois não ignora v. rev<sup>ma</sup>, que, pelo decreto, são os protestantes obrigados a pagar uma dupla contribuição : 1.º, aos seus próprios ministros ; 2.º, aos ministros do culto católico. Ora, o meu ato de revogação é vexatório demais ; a História inflexível me há de condenar, como condenou Filipe II de Espanha. Si eu os fizer justiça, terei cometido o maior dos horrores ; si consentir fugirem, terei instituído a miséria, e com ela, a bancarrôta inevitavel. Estou indeciso : é um problema. Tenho pensado, e não o sei resolver.

— Eis aí o erro grave. . . replicou Lachaise, com acrimónia. . . Um rei não deve cogitar em distribuir justiça. Pergunto-vos, Majestade ! si é ou não, de extremo interesse, fazer triunfar a Igreja ?

— E'.

— E então ? Qual o meio a seguir ? ! Levar a fogo e a ferro os súbditos rebeldes. Haja proscricões ; os cárceres se encham ; os patibulos envermelheçam, e os exércitos percorram a França dizimando os maus, — e logo o reinado de Luiz XIV será forte e mil vezes mais brilhante. Os tempos de Roma foram muito peores. Si-la nunca poupou o inimigo. Dente por dente, unha por unha, garra por garra, reza o Velho Testamento.

— Mas, eu me recordo, que uma vez, sendo criança ainda, ouvia os meus cortezãos conversarem sobre o

governo despótico dos imperadores. « Eis o que é verdadeiramente reinar », disse eu. O marechal d'Estrées, que se achava presente, logo contrariou, sem a menor perturbação : « E' verdade ; mas, ja no meu tempo, foram estrangulados dois ou trez ». O marechal de Ville-roi, que era o meu aio, não deixou de agradecer a d'Estrées esta lição ; e eu gravei-a na memória. Por mais que se abuse, lá vem um dia em que o punhal regicida nos arranca a existência. Henrique III e Henrique IV são exemplos bem vivos. Numa certa ocasião o povo grita, aparece um Cromwell, e ai de quem fôr Carlos I.

— Mas, o povo francez não é temerário : basta um chicote, e ele submete-se como o escravo cobarde.

— E no caso contrário. . . disse Letellier, entrando no diálogo. . . todas as dificuldades se vencem com a bôca do canhão. Não se brinque com o povo : assemelha-se a leões atrelados ao carro e conduzidos por crianças, os quais finalizam sempre por estrangular os condutores. A revogação deve ser definitiva : é um negócio do Estado, e urge assinal-a em menos de um mez. Esta resolução ja é comentada nos quatro mundos. A plebe leva-se a pontapés ; os fortes enforcam-se ; e os turbalentos passam-se no fuzil. Nada de meias medidas.

— E' tambem a minha opinião. . . balbuciou a mar-queza de Maintenon.

— Pois, bem. . . Querem o decreto ? Assinal-o-ei. . . e Luiz XIV levantou-se depois de ter pronunciado estas palavras tôrpes e erminosas.

— Perfeitamente ! bravos ! . . entoaram todos a uma só voz. E cada um, erguendo-se por sua vez, foi em seguida beijar a mão do monarca.

— Como não será o vosso nome acatado no estrangeiro, quando se promulgar essa sublime revogação, tão cheia de sabedoria e piedade ! . . disse o padre Lachaise.

— Eu me orgulharei contemplando a sua majestosa gloria. . . pronunciou M.<sup>me</sup> de Maitenon a sorrir para o potentado da Provença.

— Realmente ! E' invejavel ! . . Mas, só assim poderia

proceder o Rei-Sol. . . bajulou o príncipe d'Arlemont.

Novo silêncio se fez, durante o qual veio um criado de libré anunciar que o marquez de Louvois, ministro da guerra, pedia licença para ser introduzido.

— Dize-lhe que entre. . . ordenou Luiz XIV.

Quando Louvois chegou no sumptuoso gabinete, ainda reinava o mesmo silêncio. O padre Letellier correu para ele, de braços abertos :

— Sr. marquez ! O Estado é salvo ! . .

— Como ?

— Sua Majestade assina a revogação do Édito de Nantes. Entoemos louvores ao Creador.

— Justos céus ! . . E' verdade o que diz ? Não estou sonhando ? . . Verei realizado finalmente o que, tantas vezes, recalcitrei em conseguir ? !

— Sua Majestade o disse. . . confirmou o jesuíta.

— A pontualidade é a cortezia dos reis. . . concluiu Luiz XIV, com este conhecido pensamento.

Louvois transfigurou-se de prazer.

— Então, trabalha-se. Em menos de um mez a bomba há de rebentar. Como lastimo agora, mais do que nunca, a pertinaz doença de meu querido pai, o grande chanceler Miguel Letellier ! Como ele me secundaria nessa campanha que tanto desejou ! . . Emfim, voltarmos-emos para Bossuet, o sapiente bispo de Meaux.

E o ministro de Luiz XIV principiou a passear no gabinete, como si estivesse só ! Parou quási logo e aduziu :

— Muito bem ! Precisamos fazer a escolha dos comissários. Cada qual no seu posto de honra.

— Tenho o meu para a Provença.

— Quem, Majestade ?

— O príncipe d'Arlemont. . . e Luiz XIV apontou-o junto á marquezia de Maintenon.

O príncipe, ouvindo pronunciar o seu nome, ergueu a fronte vivamente.

— Eu ? ! . . e esta sua exclamação demonstrava o orgulho de que se possuía.

— Sim. Eu o quero. Só te mandei chamar para isto.

— Sou um súbdito de V. Majestade : obedecerei sem réplica. Mas. . . agora me recordo. . .

— De que ?

— Do conde de Grignan, o genro de Mme Sevigné : há quatorze anos é o governador da Provença. Então, será demitido ?

— Não : conceder-lhe-ei uma licença. E' bom general e bom governador ; mas, não serve para a ocasião : nós necessitamos de homens inflexíveis.

D'Arlemont calou-se e ficou pensativo. O padre Lachaise acercou-se de Louvois.

— Lembre-se do exército. E' de suma importância reorganizar-o : precisamos de gente muito lial.

— Eu sei tratar de tudo. Sou o mesmo homem do Palatinado. A obra será formidável.

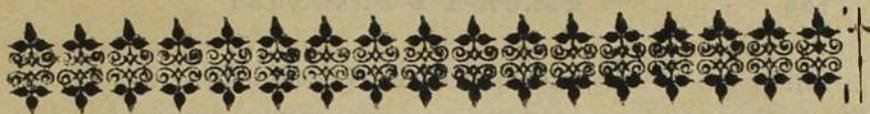
— Dia glorioso ! Nem a noite de S. Bartolomeu ! . . .

— Cem vezes mais enorme. Tudo correrá maravilhosamente, porque os nossos generais saberão executar as ordens. Ainda farão melhor do que se pede. Imitarão Tavannes ; extasiarão todas as nações do mundo.

Luiz XIV não mais havia trocado uma palavra. Scismava. Louvois, dando o braço ao príncipe d'Arlemont, saiu conversando em voz baixa. Lachaise aproveitou o ensejo para expor de novo todas as conveniências que existiam na revogação do Édito. Mme de Maintenon escutava-o, sempre absorta em profunda beatice.

Milton, escrevendo **O Paraíso Perdido**, nunca desenvolveu, pela boca daqueles anjos maus, discursos mais persuasivos que os de Lachaise e Letellier a Luiz XIV. Quando aqueles espíritos das trevas projetavam nas sombras do Pandemónio a conquista dos mundos desconhecidos, não se exprimiam com mais arrojo e facilidade do que os dois jesuítas.

Com toda a certeza, a Companhia de Jesus foi a única que ficou para as malditas emprezas ! . . . Quem o poderá negar, após a leitura d'**O Judeu Errante**, — o bom romance do grande Eugénio Sue ? . . . Quem não se mostra perplexo diante do retrato de Rodin ? ! . . .



## XIX

### Um idílio à sombra dos jasmineiros

**J**ESUITAS e príncipes, à meia noite, no palácio de Versalhes, resolveram a condenação da França protestante. Com antecedência de muitas horas, quando o sol descambava e se escondia por traz das montanhas, o quadro em Aix era bem diferente.

Ali a morte e a perseguição de um credo; aqui a vida e a candidez do amor. Enquanto o príncipe d'Arlemont recebia instruções sanguinárias e se transformava em carrasco, para roubar a existência dos seus irmãos, — sua filha, no jardim paterno, envolvia-se em meditações etéreas, espanejando da virgínea frente as fatídicas idéas do terror e da vingança.

Nada mais belo do que esses poemas que celebram as sumptuosidades do amor. Si a sua essência depura-se em um coração imaculado, então a virtude canta o epitalâmio sacro. Mesmo além da campa existe a immortalidade dessa afeição irresistível. Foi a única paixão que não se deixou prostituir aos beijos do paganismo.

Mas, deixemos esta divagação de lado. Tracemos o quadro dessa tarde misteriosa e poética. . . As flores ao contínuo vaivem, que lhes imprimia o sopro das brisas sussurrantes, davam um aspecto feérico ao jardim inteiro. Que amenidade suave e embriagadora para todos os sentidos! Ao longe, na espaçosa quinta, a fufalhada

confusa das árvores gigantescas. O céu era azul sem núvens. Vetustos e frondosos jasmineiros, erguendo desassombrados as suas cúpulas verdejantes para o infinito, interceptavam os últimos raios do sol poente, e a sombra da tarde projetava-se no interior, como si fôra num espesso bosque. O aroma circumvalava o recinto. As brancas rosas do Japão, emurhecidas e desfolhadas sobre os bancos de pedra que as recebiam, evaporavam o derradeiro perfume das suas níveas pétalas. O crisântemo, côr de ouro, balouçava-se ao ciciar da leve aragem, que sibilava na devêza. O contentamento da vida e o sorriso do incompreensível denotavam-se em cada canto. E ao pé de tudo isto, só e triste, sentada num desses bancos estava Heloisa d'Arlemont.

Permaneceu assim muito tempo. Alguns passos se fizeram sentir por traz do banco. A jôven princeza estremeceu, quiz erguer-se e fugir, como quem é surpreendido num crime; mas, não o pôde, porque o conde de Langeais se apresentava nessa ocasião. Vinha pálido e de braços cruzados. Heloisa d'Arlemont fitou-o e descerrou os lábios em um sorriso de bondade.

— Ah, sr. conde! . . . Passeava também?

— Não é propriamente um passeio: é antes um lenitivo. Estava triste; abandonei os companheiros e procurei o ar livre.

— A tarde instiga para isto. A atmosfera está carregada, mas, de melancolia. Eu também scismava aqui, ao pé dos jasmineiros, e julguei sonhar... mas, tão distante!

— Oh! scismava! . . .

— E erê. . . disse Heloisa, fitando novamente o conde de Langeais... que as andorinhas que voam, não se cansam de cruzar o espaço? . . . O mesmo clima e o mesmo céu, por mais puros que sejam, lá um dia trazem o enfastiamento á alma. As andorinhas fogem, para viver além de desconhecidos mares. Nós almejamos um sorriso que nos dissipe as máguas.

— Entretanto, julguei que a saudade era somente destinada a mim! Mas, efetivamente noto que o seu sem-

blante se tem conservado triste, no correr da tarde.

— Ah! são os efeitos do silêncio! . . Si eu falasse, talvez que readquirisse a côr; mas, me tenho condenado ao desprezo. Quero sofrer, ja que o destino é negro como a tempestade que rola no oceano.

— Amedronta-me! . . Fala por enigmas! . .

— Assim o devo. De que serve declarar a dor, si não existe alívio para ela? Ter, além de tudo, o opróbrio! . .

Heloisa d'Arlemont possuia intelligência de sobra, para compreender facilmente. A mesma luta se manifestava no seu pensamento. Baixou a fronte, e uma côr viva lhe cobriu a face. O conde de Langeais sentou-se diante dela e colheu uma flor que lhe rastejava aos pés. Olhou-a detidamente; depois continuou com tristeza:

— De que servem tronos e riquezas, gozos e prazeres, quando a felicidade é morta? Que alegria teremos n'alma, si continuamos a derramar lágrimas na sepultura de uma lembrança, que, ainda na primavera, nos desmaiou nos braços? Que prazer sentiremos no fundo do coração, si persistimos em olhar o horizonte róseo, franjado de encantadoras núvens, — e desviamos os olhos para voltal-os a um mar de trevas?! . . Será demasiado fúnebre. A vida requer melhores prémios.

— Mas, é o que vemos sempre. . .

— Pensa comigo?

— Em tudo. As nossas almas são irmãs. Vivem para o idealismo, porque são tristes como dois brancos cisnes resvalando nas aguas mortas de um tanque. Um dia se compreenderão melhor.

O conde de Langeais ficou alucinado; apoderou-se irresistivelmente da mão de Heloisa d'Arlemont e lhe depoz um beijo de fogo.

— Ja que uma esperança existe, deixemos os pressentimentos lúgubres. Eu tinha medo, porque respeitava a cândida inocência.

Heloisa d'Arlemont estremeceu ao contacto daquelle beijo. Sentiu ruborizarem-se novamente as faces, e entre um sorriso de tristeza e um olhar provocante, disse

com a blandícia dos amores castos :

— E' a primeira vez que percebo o coração pulsar ; nunca me perpassára na mente uma só idéa, que não fosse um pensamento no futuro de risos, uma lembrança para as flores odoríferas. Outrora os beijos de mãe e os olhares de pai bastavam-me. Hoje, não : preciso de um horizonte mais largo ; noto que o amor me arrebatou todas as ficções, deixando unicamente a certeza de que a vida é um soluço na campã do desespero.

— Que poesia angélica ! Uma alma que não ama, assemelha-se a um cadáver ambulante.

— Quando se é criança, vive-se de beijos. . . prosseguiu Heloísa, como si fosse alheia a todos os cortejos do conde. . . Há uma idade em que o pudor aparece, e um beijo nessa ocasião, nós o reputaríamos um crime. Depois, nova transformação se produz : ficamos pensativas ; abstraímos-nos em todas as fantazias, e recomeçamos a série infantil ! E' quando o amor triunfa.

O conde estava pasmado. Heloísa não lhe surgia simplesmente a mulher vulgar : transformava-se numa deusa inspirada, na simpática Minerva do paganismo.

Ela continuou com a mesma veemência lírica :

— E os suspiros sufocam-se na garganta, quando há uma mão invisível que se compraz na destruição dos nossos mais íntimos desejos. No silêncio da noite meditamos, e as mais das vezes vertemos lágrimas, que os anjos sorveriam de joelhos. . .

— Basta, Heloísa ! . . Há nobreza d'alma no conde de Langeais. Por mais tétrico que seja o futuro, eu terei o estoicismo de sofrer sorrindo.

— Na vida e na morte. . . balbuciou a princeza, e estendendo a sua mão ao conde de Langeais, apertou a dele entre as suas, num frenesi de febre.

E as sombras da noite iam-se fazer em todo o vale. Um vento frio soprava do lado de Aix. A voz de um pegureiro perdeu-se além, por traz das colinas densas. A filha do príncipe d'Arlemont acordou como de um sonho. Reconheceu que se achava num jardim a conversar de a-

mores com um mancebo airoso, que lhe beijára a mão. Pensou em Deus ; mas, bem pouco lhe perdurou a idéa deste Ser Onipotente, porque a sua crença, já abalada pelas doutrinas ateistas de um médico, — não mais podia permanecer robusta. E com a mesma facilidade que enxergára o mal, ponde igualmente perceber o bem. Ergueu-se imponente e aproximou-se do gentil fidalgo :

— Conde ! dê-me o braço. Partamos.

E foram-se. Heloïsa tremia ; o sr. de Langeais tambem. Dois corações que palpitavam ; duas almas que se prendiam em silêncio. No castelo o mesmo reboliço de sempre ; tudo agitação e vida.

Destacava-se uma pequena sala junto á galeria. Pararam aí. A' esquerda uma porta estreita abria para um corredor. Heloïsa d'Arlemont, retirando o seu braço, despediu-se do conde. Este, pela sua vez, beijou-lhe a sedosa mão. A princeza não mais se conteve, e retirando do seio um perfumoso jasmim, passou-o ás mãos do enamorado, enquanto murmurava baixinho :

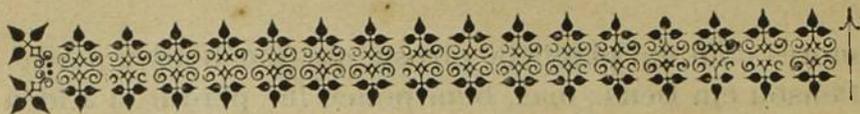
— Será a lembrança eterna da primeira declaração de amor.

E antes que o conde pronunciasse uma frase de carinho, ela fugiu com presteza, evitando tambem a claridade dos lustres que iluminavam a pequena sala.

A baroneza Marion de Beziers e outra dama cantavam uma ária cômica, destinada ao teatro. Heloïsa nada ouviu : afastou os pesados reposteiros do seu quarto de dormir e tornou a correr-os. Eram descidas as cortinas do seu leito. Deixavam a luz clara e vivíssima do grande candelabro coar-se por entre elas e penetrar desmaiada sobre as purpúreas franjas de rendilhado enfeitado. Heloïsa afastou-as tambem, e vestida, como estava, deixou-se cair nos fôfos colchões de sêda.

Aquele organismo sofrêra um profundo choque com o despertar dessa paixão que dormia. E, como o Goethe, exclamamos nós :

« Amor, és immortal ! sorrís nas campas ! »



## XX

### Termina por um desafio

**O** conde de Langeais voltou para o salão, onde os seus companheiros permaneciam desde a tarde, entretidos no jogo. Fabre de Liancourt e o barão de Poligny conservavam-se afastados do grupo, e nutriam uma caprichosa palestra, que, pelo tom, já degenerava em polémica. O conde reuniu-se a estes, porém, numa abstracção tamanha, que se esqueceu de escutal-os. O barão de Poligny tinha a palavra, e depois de ter pensado um pouco, exclamou com impetuosidade :

— Prêzo-me de ser católico, apostólico, romano : odeio todo aquele que não fôr da minha religião : sou adepto, até ao fanatismo, das vexações que se fazem aos malditos protestantes.

O médico fitou-o com o semblante espantado e redarguiu :

— Vejo que possui *esclarecidas* noções sobre o catolicismo ! Tem mais lógica que Aristóteles. Compreende melhor o que seja um protestante do que o próprio Lutero. Passou a perna em Calvino. E' um prodígio nas sciências hermenêuticas.

— Já o disse : a esses cães da Reforma não darei guarda. E' preciso enxotal-os com um valente bastão ou á bala, si continuam investindo. Quem mata um protestante, ganha o reino dos céus.

— Não é isto o que a sua Igreja lhe ensina. Cristo, ao expirar, dos lábios lhe saiu unicamente uma frase de amor para os seus discípulos e um gemido de bondade e perdão para os mesmos que o crucificaram. Inspire-se, sr. barão, na essência do cristianismo. Nada mais grandioso e santo dó que essa religião que assim fala. Infames tornam-se os fariseus e os vendilhões do templo. Malditos os que desconhecem o amor do próximo.

— Entenda como quizer. A doutrina que recebi de todos os meus antepassados foi esta, e seja verdade ou mentira, eu a sigo de olhos fechados.

— Basta! . . . disse o médico, com um sorriso de escárnio. . . Já sei com quem discuto.

— Por acaso se atreverá zombar de mim?

— Nunca. Respeito a todos os homens, e com especialidade, aos barões.

— Isto é intolerável! . . .

— Quê! sr. de Poligny?! . . .

— Quê? . . . Ainda me pergunta com este cinismo de esculápio?! . . . Todos se julgam que são Molière com a sua sátira incisiva contra a aristocracia. D'ali se ergue um Lafontaine com as suas **Fábulas** insulsas; d'acolá, um Fenelon com a sua linguagem fictícia, querendo ensinar os princípios de um governo moderado e sábio; e aqui, um Fabre de Liancourt com a sua filosofia estúpida, insolente e desnaturada, — digna dos selvagens. Toda essa pléiade cómica de saltimbancos terá um funesto prémio: não continuará a influir nos negócios da França, com tanta galhardia. . . Basta de protéria e de misérias, que já as possuímos em crescido número. Não desonrem mais esta pátria, — merecedora de outro futuro, e sacrificada pelos rebeldes. A impunidade nem sempre campeará na praça pública. Tenho fé de assistir todos esses *filósofos* de taberna pendurados nos patibulos das ruas principais, afim de que fique satisfeita a justiça do rei.

— E humano! . . . e Fabre de Liancourt soltou uma gargalhada zombeteira.

O barão de Poligny tornou-se furioso. Cheirava a viúho e prosseguiu aos berros :

— Sou fidalgo ! sou ilustrado ! sou rico ! portanto, não me quero medir com qualquer tipo que venha crescendo para mim. Si assim não fôra, eu lhe mostraria o peso do meu braço pela ponta da espada.

— Não ignoro tudo isto, sr. barão ! Reconheço a sua nobreza ; sei tambem que é herói, e que se tem celebrado pelos duelos, qual outro conde de Bouteville. Mas, juro-lhe pelo Deus que defende, que soffro todas as suas injúrias com uma paciência evangélica ; dizendo-lhe apenas que encetei esta discussão, julgando o meu antagonista um cavalheiro digno de se bater comigo na campo da sciência.

— E o sou.

— Não acredito. Esbraveja ; afronta-me com palavras indecorosas, como si eu fosse algum bôbo, um outro Junghill para o divertimento de qualquer barão.

— Receba na altura que entender.

— E' bom que assim suceda, comtanto que eu aprenda a viver com os homens, e nunca mais me aventure discutir religião com um católico.

E assim dizendo, o dr. Fabre carregou o sobrolho. O barão de Poligny ergueu-se e passou ao longo do salão. O conde de Langeais continuava mudo e pensando em coisas bem diversas. Entretanto, o barão que estava incapaz de prudência, voltou-se logo para o médico e prorrompeu :

— Não sei quando terá termo a insensatez dos homens ! . . Um, que mal sabe definir a palavra *filosofia*, ja blasona com o direito de defender as escolas sofisticas ou peripatéticas, estóicas ou epicurianas ; outro, que abriu simplesmente um livro de medicina, — talvez o de Celso —, ja discursa sobre a antropologia e apregôa a indecência do materialismo ; um terceiro, em nome das sciências naturais inventa outra geogenia, — contrária ás Sagradas Escrituras —, e procura nas camadas terrestres uma multidão de esqueletos, comtan-

to que empreste uma idade quási infinita ao mundo que habitamos. Há idiotas, como Ocelo de Lucânia, que se esforçam em demonstrar a eternidade do universo ! Só um guante a malhar nas ventas desses marôtos.

Fabre de Liancourt não receava o barão e nem lhe queria bater bandeira ; recalcitou nos apartes.

— Vejo que o sr. é profundo ! . . Não sabia que tínhamos tão perto um S. Tomaz de Aquino.

— Felizmente tenho lógica ; não sou do número dos pobres de espírito.

— Que lástima ! Não sendo bem-aventurado, deixa de ir ao céu !

O barão lançou uns olhos de tigre sobre o dr. Fabre :

— Sempre infame ! Sempre vil ! . . acrescentou, de punhos cerrados.

O médico sentiu que todo o sangue lhe afluía ao cérebro. Aquilo era uma injúria, e digna de represália. Contudo, se conteve ainda e não respondeu coisa alguma. O sr. de Poligny vendo que o médico não pronunciava uma só frase em resposta, meneou a cabeça, em sinal de desapontamento, e resmungou entre dentes :

— Canalha ! que não tem ânimo de responder a um fidalgo.

Fabre de Liancourt perdeu a paciência. Levantou-se também, e todo irascível aproximou-se do barão :

— Insolente ! respeite os homens que o chamam para o terreno sério.

— E os canalhas onde ficam ?

— Ao lado dos barões.

Mal findava o remoque do médico, quando já o barão de Poligny alçava a mão trancada para a desfechar no rosto do adversário. Mas, antes que ela descesse de todo, achou-se segura por um pulso hercúleo, que a comprimia como uma tenaz. Fôra o conde de Langeais, que vendo o perigo iminente, acordára do seu êxtasis e vovara sobre o atrevido fidalgo, no momento da fúria. Diante deles permanecia o dr. Fabre, de braços cruzados sobre o peito, olhar fleugmático e imóvel.

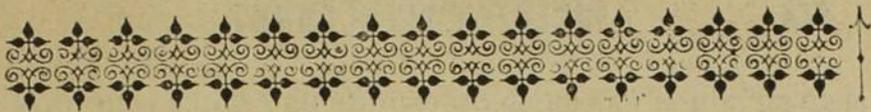
Todos os jogadores se tinham levantado ao ruído e cercavam o grupo dos trez. Um vozear confuso partia de todos os lábios. O conde de Langeais soltou o braço do barão e voltou tranquilamente á sua cadeira. Só os dois émulos se mediam pelos olhares. O médico terminou o incidente, com as seguintes palavras :

— Amanhã lhe enviarei as minhas testemunhas. Exijo uma reparação.

E tomando o braço do conde de Langeais desapareceu em seguida por uma porta, enquanto o pasmo e o comentário se estampavam no semblante de todos os circumstantes. O barão de Poligny deixou-se cair numa otomana, exclamando :

— Estúpido sou eu, em prestar atenção aos infames !





## XXI

### Um jesuíta em scena

**N**OCÊNCIO XI havia concedido muitos Breves para que fossem distribuidos entre os católicos romanos. E todo aquele que se considerava papista, não perdia a monção de possuir um deles, e até milhares, si possível fosse. Já vemos, hoje, pessoas de baixa esfera, mas, que não se curvam aos ditames do papado; no século XVII tudo era o contrário. Desde o plebeu ao fidalgo que o fanatismo e a ignorância crassa preponderavam. A um aceno do papa os povos arremetiam.

O padre Sanpiero, um jesuíta italiano, que nascêra em Piombino, — era um dos incumbidos para a distribuição dos Breves. Franqueára os Alpes, e na sua peregrinação em todo o sul da França ia exercendo o officio. Já tinha percorrido a Lombardia; na Provença procurou a proteção do príncipe d'Arlemont.

A's 8 horas da noite, quando a lua derramava sobre a terra um clarão baço, — ele chegou ao castelo de Saint Pont. Era a noite, em que Heloisa e o conde de Langeais sorriram á sombra dos jasmineiros, entoando um idílio de amor; a noite, em que o barão de Poligny e Fabre de Liancourt, discutindo opiniões religiosas, finalizaram por um desafio; a noite fúnebre, em que o rei de França e os cortezãos sanguissedentos trabalharam na sepultura da pátria. Também o jesuíta de Roma chegava para

segurar numa das alças do esquite da França, que principiava a debater-se nas convulsões da morte.

O padre Sanpiero, com os pés nas alpargatas, como os religiosos descalços, de cabeça baixa, rezando muito e enlevado em abstrações metafísicas, atravessava as montanhas, onde os gelos são eternos e as avalanches desabam com fragor; os lugares pedregosos, onde as rochas escarpadas ferem os pés dos transeúntes; e as cidades vastas, onde a plebe vive da garotice.

Os povos viam-no assim, e apontavam com respeito e temor. As multidões o cercavam, e curvando-se por terra, beijavam-lhe os empoeirados pés, com a ganância de um Breve. Então um riso de malícia, que os necios traduziam por bondade, — assomava aos lábios do jesuíta. Sanpiero, embora pertencesse á ordem de S. Inácio de Loiola, conservava os hábitos e os costumes de de quando fôra camáldulo. Reputava-se tão necessário á multidão fanatizada, que nem siquer invejava a posição do papa! Dizia de si para si:

— Dois homens verdadeiramente úteis viu o mundo: no passado, S. Bento de Aniano; no presente, eu!

O seu nome ecoava: todos o queriam ver e ouvir. O jesuíta assistia á cabeceira dos enfêrmos, enterrava os cadáveres expostos, confessava os desgraçados crentes: um lazarista não se prestaria mais. E como são as coisas! A caridade no exterior; a perfídia e o crime no fundo do coração. Quando subia ao púlpito, assombrava as turbas com as suas pavorosas descrições do Inferno, que nem o Dante as ajuizára assim. . . e citava então o Santo-Ofício, afim de atemorizar os hereges e os descrentes. Os liberais tremiam; os protestantes fracos abjuravam formalmente, e os ferrenhos partiam para o cruciante exílio. Assim o padre Sanpiero bateu ao portão do castelo de Saint-Pont, esquecendo voluntariamente as comodidades do rico colégio. Tangeu a aldraba e foi introduzido logo. Trocou algumas palavras com o guarda-portão, e este, curvando-se reverentemente, lhe beijou a sotaina. Um criado appareceu em seguida e guiou o je-

suíta italiano para o salão dos hóspedes. Sanpiero, com o semblante beatificado e muito pálido pelas macerações ou pelo vício, — acenou ao criado que o deixasse só e recolheu-se então ao misticismo das suas orações.

O barão de Poligny tinha deixado o castelo, e sempre tristonho se fôra preparar, para, no outro dia, receber a mensagem do médico ofendido. Os jogadores suspenderam a banca e comentavam o caso. O conde de Langeais voltára para se reunir a eles, e tomava parte nas conversas ; só o médico não mais saíra do seu gabinete.

A notícia da chegada de um padre plantou o alvoroço em todos. Cada qual que primeiro quizesse saber quem seria ele. E todos seguiram para o salão, onde se achava o jesuíta. Sanpiero estava sentado numa cadeira e descansava das suas fadigas, quando o criado lhe apparecendo de novo, o consultou si poderia receber alguém.

— Pois, não ! . . . Sou um hóspede e pronto ás ordens. Tanto mais, sou padre e muito pressuroso em atender os que me procuram. Diga-lhes, que venham.

Todos os fidalgos entraram de chusma. O padre levantando-se foi até eles e apresentou-lhes a mão para o ósculo. Beijaram-na, sem vacilar. O conde de Langeais, sendo huguenote, acompanhou, comtudo, os demais beatos, porque não queria dar escândalo ; mas, teve nojo daquela mão, que se lhe aproximára dos lábios, e logo passou-lhes o perfumoso lenço. O padre Sanpiero sentou-se ; os cortezãos fizeram círculo.

— Sim, meus filhos ! . . . disse ele. . . venho de Roma. O Santíssimo Padre Inocéncio XI incumbiu-me de altas missões, só dignas dos virtuosos : não que eu seja isto, porque sou um pecador de todos os dias. Parti e trago Breves para distribuir pelos povos católicos, que, temendo a fúria de Deus, obedecem ao Sumo Pontífice.

— E nós que o somos. . . disse Pierrot Follet, untuoso.

— Assim o creio. Por isto vim para o seio dos crentes da grande Religião. O grandioso príncipe d'Arlemont já tem um nome de pio, digno das atenções da Igreja romana. Eu o procurei.

— Infelizmente não se acha aqui. . . esclareceu outro.

— Partiu ?

— Está em Pariz. O grande Luiz XIV chamou-o por uma carta de próprio punho.

— Será o mesmo que si estivesse presente. Terei a todos que me recebem piedosamente e tratarão de auxiliar-me na causa que periga.

O conde de Saint-Flour fingiu o mais estupendo assombro e exclamou :

— Deus não consentirá em tal. A Igreja triunfará em todos os séculos. O meu braço, sempre prestes a defendel-a, ainda é forte e não cansará um momento.

O padre Sanpiero ergueu os olhos para o céu em sinal de enlevação etérea ; levantou a mão e abençoou por sobre a cabeça do conde de Saint-Flour :

— A misericórdia divina reverta em benefício dos heróis, que lutam pela sua causa. Meu filho ! creia, que a puríssima Virgem nunca o abandonará, e na hora da sua morte será remido das culpas, cá, neste desgraçado mundo. Trabalhe por conquistar a sua verdadeira pátria, que é o céu.

O jesuíta era das dúzias, e os hipócritas que o festejavam, não desmereciam. Tratavam de enganar uns aos outros, embora acabasse tudo, sem nenhum cair no laço ! Velhaco com velhaco e meio.

— Padre ! eu não creio que possa receber a salvação. Sou tão pecador ! . . e o conde de Saint-Flour parecia chorar com esta invocação ardilosa.

— Então, não cre em Deus ? Quando os milagres se operam, que são coisas sobrenaturais, mas, que Deus as pode fazer, — quanto mais a salvação de um homem ! Saiba que um rei fez cortar as mãos de S. João Crisóstomo, e N. Sr.<sup>a</sup> lhe deu outras. S. Valentim foi degolado em presença de um imperador, quando este se regava á mesa, e no mesmo instante um ossó se lhe atravessou na goela, fazendo-o morrer imediatamente, tanto que os demónios o carregaram logo. Santo Aleixo casou, e no mesmo dia abandonou a esposa para con-

servar a sua virgindade, — a mais pura das virtudes. A filha de um rei da Hungria cortou a própria mão e jogou-a ao rio, porque seu irmão a queria para consorte; entretanto, um estrujão, peixe muito grande e muito mimoso, — guardou a mão no estômago, pelo espaço de sete anos. Veja tudo isto, filho! . . . e outros e outros milagres. Creia em Deus, e não desespere da sua salvação.

O conde de Langeais era o único a se revoltar contra a tartufice de todos aqueles cortezãos, que, sob a capa de Deus, tentavam enganar o próximo. Furtivamente abandonou os companheiros e correu até ao gabinete do médico. Este pensava e escrevia. O conde bateu-lhe levemente no hombro, e o sábio voltou-se.

— Fabre! aqui, no castelo, acaba de chegar um jesuíta.

— Sim?! . . .

— Creio que é italiano, pois notei a pronúncia do *u*, e não é boa.

— Que vem fazer esse frade?

— Não é frade; pertence á Companhia de Jesus: enverga uma batina preta.

— Valem a mesma coisa: Deus os fez e o diabo os ajuntou. Mas, que pretende?

— Distribuir *brevés*, a mandado de Inocéncio XI. Os cortezãos, perante o padre, já representaram a mais tórpe comédia! . . . Tu não avalias quanto mal nos traz esse roupêta.

— Oh! si o sei! . . . Onde pisa um frade, chegou a peste. . . e muito bem, si não fôr acompanhada de fome e guerra! Mas, deixémol-o de parte. Quanto mais longe, melhor.

E ambos recaíram num profundo silêncio. O médico continuou a escrever. Naquela fisionomia não se notava a menor contrariedade. Diriam que não era o homem destinado para, no dia seguinte, se bater num duelo de morte. Há espíritos inquebrantáveis, assim como encontramos compleições de Hércules.



## XXII

### Decide-se a questão

**R**OMPEU a fatal manhã. Caía um sereno fino, porém, renitente; as árvores gotejavam de molhadas. O sol surgiu entre núvens, e foi estendendo, pouco a pouco, os seus raios pelo cabeço dos montes. Apareceu depois; a face da terra tornou-se enxuta; os passarinhos esvoaçaram de ramo em ramo.

No castelo de Saint-Pont não se alterava a ordem natural. O desafio era comentado sem mais importância. Só a chegada do padre Sanpiero fazia algum ruído.

O conde de Langeais e Fabre de Liencourt partiram para Aix. O marquez de Clisson era uma das testemunhas do médico, e não se admirou do fato, quando lh'o relataram. Clisson e o conde de Langeais foram á quinta do barão de Poligny para tratar as condições do duelo. O barão já os esperava com os seus padrinhos, que eram misser Gargouche e um oficial de dragões. Em poucos minutos ficou resolvido, que, num dos bosques do castelo de Saint-Pont, bater-se-iam á espada.

O médico e as suas testemunhas foram os primeiros a chegar no sítio aprazado. Era um bosque espesso, de altos arvoredos. Aí reinava um silêncio completo. Nessa hora nem sequer se ouvia o gorgoeio das belas avezinhas. A natureza animada parecia dormir o sono do esquecimento nos braços do desamparo. O quadro condi-

zia com a scena de sangue, que, algum tempo depois, ali teria lugar. A relva matizava o chão; as trepadeiras subiam pelos troncos gigantescos.

Os cavalos foram amarrados á sombra, e os tres homens sentaram-se na grama. O semblante do dr. Fabre era o mesmo: não desmentia em coisa alguma.

Longos minutos não decorreram para que ouvissem o tropel da cavalgada contrária, que se aproximava a galope. O cortezão vinha triste. Ao saltar em terra fez uma pequena vênia aos adversários, e sentou-se tambem, como quem precisa de descanso. Os padrinhos apresentaram as armas. O barão de Poligny escolheu a que lhe parecêra melhor. O médico, ficando-se com a outra, demonstrou indifferentismo.

Quando chegou a hora do combate, puzeram-se em attitude de esgrima, depois de despirem os respectivos casacos. Ao barão competia atacar; o médico esperou na defensiva. As testemunhas fizeram sinal e os dois inimigos cruzaram os ferros. O barão mostrava-se furioso, e de cada vez parecia fulminar o médico com os seus hotes; este, prudentemente, sabia aparal-os. Poligny tocou-o duas vêzes com a ponta da espada: duas feridas lhe ficaram, porém, de pouca importância.

A scena transmudou-se num ápice: Fabre de Liancourt tomou a offensiva, atingiu o seu rival e traspasou-o de meio a meio. Um grito de dor escapou dos lábios da vítima, que redondamente caiu. Todos correram para o barão de Poligny. Um jorro de sangue lhe brotava do peito. Perdêra totalmente os sentidos.

Na outra extremidade do bosque existia um côlmo, destinado aos caçadores provençais. Gastava algum tempo para alcançal-o, e duvidoso seria encontrar alguém. Cuidaram immediatamente de transportar o ferido. Dos ramos de uma árvore, enlaçados com cipós, fizeram uma espécie de padiola, e aí deitaram o barão de Poligny. Foi conduzido, enquanto o médico e o conde de Langeais obtinham permissão e se recolhiam ao castelo de Saint-Pout.

A' porta do cólmo descansava um velho caçador, com a sua carabina apoiada nos joelhos. Vendo um esquife, carregado por trez homens, ele ergueu-se e mostrou pelos olhos o espanto que lhe ia n'alma. Misser Gargouche falou :

— Bom velho ! queremos arrear a padiola, enquanto buscam remédio para este ferido.

— Podem dispor da cabana. Entrem. . . e o caçador prestou-lhes o seu auxílio, com o desembaraço de um homem prático.

Em seguida acrescentou :

— Ferido ? ! . . Não. . . isto é um cadáver. Em menos de meia hora ja não pertencerá aos vivos.

— Como sabe ?

— Estudei com um faquir, que me ensinou o segredo das ervas, para medicar os infelizes, e então assisti á cabeceira de muitos enfêrmos. Vi-os como morriam ; e este é um deles.

Poz-se de joelhos ao pé do esquife e examinou detidamente o moribundo. Meneou a cabeça em sinal de descrença e concluiu :

— Ainda tem vida. Si é católico, chamem um padre.

— Antes um médico. . . objectou o oficial de dragões.

— Será baldado. O ferimento foi bem dirigido. Quem o arremessou, tinha pulso de aço.

— Mão de médico. . . repetiu o oficial.

— Logo vi ! Quem o feriu, não ignora como se mata.

— Basta ! . . interrompen Misser Gargouche. . . Procuramos o confessor.

— Onde ? Em Aix ? . . interpelou o marquez de Clisson.

— Não ; lembro-me de outro mais perto. Hontem, no castelo de Saint-Pont, chegou um padre italiano.

— Dêem-me um cavallo. . . propoz o caçador.

O marquez de Clisson designou o seu corcel ao bom velho, que, montado de um salto, partiu rapidamente, enquanto Misser Gargouche recomendava :

— Não se esqueça : o padre Sanpiero.

E o mensageiro desapareceu.

O barão de Poligny continuava desmaiado. Tinha perdido muito sangue e estava prestes a esvair-se. Nem ao menos existia um reagente que, por alguns minutos, o fizesse readquirir as forças dissipadas. Quando o padre Sanpiero chegou, veio encontrá-lo no mesmo estado. Fez uma cara de assombro e não deixou de vociferar contra os duelos, taxando-os de bárbaros, satânicos e dignos somente das hienas. Remexeu na algibeira da batina e tirou um frasco, muito pequeno, que continha um líquido de cor opaca. Descerrou os lábios do ferido, sem grande custo, e derramou-lhe na boca umas quatro gôtas do misterioso bálsamo. O efeito manifestou-se logo: o moribundo voltou a si. Um gemido surdo foi o primeiro indício de vida.

O padre conchegou-se mais, para ser ouvido distintamente, e falou num diapasão soturno:

— Filho! aqui estou para socorrer os desgraçados. O sacerdote traz-lhe a sua palavra de misericórdia, afim de infundir-lhe a fé, que, segundo vejo, se transviou do caminho do bem. Prepare-se, infeliz! Deus não abandona ninguém, nem mesmo na ocasião do crime.

E o padre Sanpiero encarou o moribundo com muita firmeza, esperando a sua resolução definitiva. O barão de Poligny cerrou os olhos, como quem desconfia da realidade e a deseja encontrar. Depois sacudiu a cabeça e balbuciou com voz extinta:

— E' certo que vou morrer?!

— Sim, filho. A sua derradeira hora se aproxima a passos largos. Os duelos sempre resultam nisto. Reconcilie-se com o Todo Poderoso, si crê na religião católica.

— Então, vou morrer? Eu, que há poucos instantes tinha vida e era feliz; que não pensava nas misérias mundanas e só vivia para contentar todos os meus caprichos?.. E' horrivel... não creio nisto!.. Desgraçado médico! ateu infame! tu me roubaste a existência! Eu sigo, e tu ficarás a escarnecer dos homens!.. Deus! porque consentes em tão enorme injustiça?!..

— Silêncio, filho!.. Na hora da agonia o anjo da guar-

da chora e Satanaz sorri. Coragem ! que Deus é o mesmo de todos os tempos.

— E que exige de mim ?

— A confissão dos seus pecados, para que eu conheça o seu arrependimento e lhe possa dar um perdão. Chegou a hora em que o filho da fraqueza deve esquecer o mundo e encomendar a su'alma ao Pai de misericórdia.

O barão de Poligny meditou um pouco.

— Não ; não me quero confessar ainda. Hei de viver ; não é possível que esta ferida me roube a esperança.

O padre Sanpiero franziu a testa ; os circumstantes arregalaram os olhos.

— E para que me confessar ? . . . continuou o agonizante. . . Sempre acreditei em Deus . . . e ele não ignora os meus pecados.

— Filho ! não tresvarie. O espirito no mal principia a vencer. As portas do inferno abrem-se aos moribundos que blasfemam.

Ante a ameaça positiva do báratro, o enfêrmo estremeceu. Um escurecimento passou-lhe pela vista ; o remorso aguilhoou-o no fundo da consciência. Viu todos os horrores dos castigos eternos ; quiz chorar e sentiu-se sufocado.

— Quero confessar-me ; sei que vou morrer. . . e as suas palavras demonstraram o sobressalto da alma.

O padre Sanpiero fez um sinal ás pessoas presentes para se afastarem, e foi obedecido immediatamente. Apurou o ouvido e poz-se á escuta, no propósito de não perder uma só palavra do agonizante. O barão, em vez de frases, soltava copioso pranto ; a túrbida aflição do nada cessaria em breve. Mais um cadáver que se ia lançar ás solidões inconcebíveis *do ser e do não ser*.

As primeiras palavras, que brotaram dos lábios do fidalgo, morreram-lhe instantaneamente. Tinha cerrado os olhos numa convulsão indescritivel. O padre fitou-o, e pousou a mão sobre aquele peito frágil e lavado em sangue, para melhor certificar-se. Encontrou um corpo

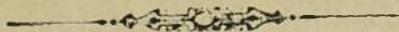
inerte, quasi gélido, e recuou de espanto, resmungando:

— Um defunto!

E realmente, o barão de Poligny tinha expirado. O padre Sanpiero saiu á porta da cabana, e olhando para fóra, chamou:

— Venham. O infeliz acaba de morrer. Não sei quando terão fim esses excomungados duelos! . . . Excelente paiz, a França, onde os ateus blasfemam e depois triumpham pela ponta da espada! . . . Abrenúncio!

E o convite do jesuíta foi logo satisfeito. Pezarosos se mostraram todos á vista do cadáver e que era preciso sepultar. Com certeza devia existir um testamento do finado, ditando as suas últimas vontades. Urgia, portanto, que a família do barão fosse avisada das consequências do duelo.





### XXIII

#### O que uma surpresa pode ocasionar

**R**om toda a parte, com uma rapidez prodigiosa, fez-se ouvir o resumo do lutuoso acontecimento. Não atinamos porque razão comentam o mal com tanta insistência, quando, sendo ele tão comum, já não deveria causar estranheza! O bem, que podemos colocar no número dos fenómenos, é entretanto esquecido! . . . E assim a fatal notícia da morte de Poligny voou com a velocidade elétrica até ao castelo de Saint-Pont.

Um camponez corrêra sem parar um momento, e invadindo os saloes do castelo, não obstante a resistência dos lacaios, que julgavam tratar com um doido furioso, — conseguiu subir até onde estavam reunidas a princeza d'Arlemont, sua filha e algumas açafatas. Entrou esbaforido e caiu no soalho, sem mais se poder aguentar. Dos lábios de todas as mulheres partiu um grito de terror.

A princeza d'Arlemont, olhando em tórno de si, viu os criados que estacionavam na porta, dominados de indecisão. Foi bastante uma dessas interrogações mudas, tão usadas pelos soberanos, para que a princeza obtivesse resposta.

— E' um louco! . . . Penetrou no castelo, sem que o pudéssemos obstar. . . disse um dos lacaios, dando um passo para a frente.

A princeza d'Arlemont, ouvindo dizer que um louco estava na sua presença, ergueu-se pálida de medo.

— Meu Deus! . . . exclamou em seguida. . . Como se consente isto? Para que servem os criados?

— Vamos enxota-lo imediatamente. . . responderam os lacaios e avançaram para o camponez.

— Não; eu não sou doido! Venho dar somente uma notícia. Detenham-se.

Todos os espíritos recobriram ânimo a estas palavras que traziam a desilusão completa, e ficaram ansiosos pelo resultado. A princeza d'Arlemont dirigiu-se para o campónio, e os demais guardaram tumular silêncio.

— Uma notícia?

— E' verdade, Alteza! . . . Mas, quero agua, sinão, morro sem fôlego. . .

Um criado apresentou-lhe uma bilha, e o rústico esgotou-a avidamente. Depois tossiu, tomou duas fortes aspirações, coçou a cabeça e disse:

— Acabo de presenciar a morte do sr. barão de Poligny.

O assombro desenhou-se em todos os semblantes; mas, nem uma só pessoa se atreveu contestar o campónio.

— Foi um duelo terrível. . . continuou o informante. . . O dr. Fabre traspassou com a espada o infeliz barão, que soltou um grito e caiu. Eu passava pelo bosque e tudo observei.

— Como é isto? . . . disse a princeza, cada vez mais lívida e voltando-se para a sua gente. . . Não me disseram que o incidente de hontem havia terminado em paz??

Ninguém lhe respondeu. A princeza recostou-se á poltrona; sentia-se enfraquecer. O choque era violento demais, e ela não o pôde receber com a calma habitual. Heloisa, por sua vez, banhava-se em suores frios. Um silêncio de minutos imperou naquele recinto. Nem mesmo a entrada de Marion de Beziens desfez a má impressão. Quando a princeza d'Arlemont ergueu a fronte, duas lágrimas lhe resvalavam pelas faces.

— Baroneza ! faça despachar este campones, que nos trouxe tão fatais notícias e tantos sobressaltos causou. Gratifique-o bem, para que não volte com outra nova semelhante... e assim lhe ficarei mil vezes reconhecida.

E, dando o braço á filha, desapareceu com ela, para se abrigar na sua câmara secreta, — no ninho das confidências. Sentaram-se, e a princeza d'Arlemont desatou a chorar. Quando se resolveu a dizer algumas palavras, enxugou os olhos marejados de pranto e fitou-os no rosto de Heloisa, — a gentil princeza, que ainda ignorava o infortúnio.

— Que fatalidade, minha boa Heloisa ! . . . Vês como o céu da nossa existência se carrega de pesadas núvens ? Que pensar nessas horas de amargura, quando a desgraça tripudia e canta ?

— Coragem, querida mãe ! A princeza d'Arlemont não deve chorar, e principalmente, sem uma causa que a justifique.

— Pobre engano ! Tu ignoras tudo. O que houve, é muito grave e de consequências funestas. Um duelo, por mais insignificante que lhe seja o motivo, traz assunto para inúmeros comentários, e sempre deturpam a dignidade das mulheres. Neste século não se prêza a virtude. Os homens compreendem que a mulher deve ser destinada unicamente para contentar as suas paixões depravadas. Não tratam de educa-la, e quando a prostituição invade todos os lares, gritam que é devido á civilização que lhe sobra ! . . . Não é bastante que a mulher tenha livros e mais livros ; é necessário a educação no espirito, para que ela se compenetre do dever de esposa e do papel de mãe. A mulher pode ser instruída e não possuir uma educação compatível. Portanto, é de suma necessidade que conversemos com o dr. Fabre, afim de sabermos porque se realizou semelhante loucura.

— E' fácil, carinhosa mãe ! Chamémo-lo e ele dirá a verdade. E' um caráter sem joga ! não usa de subterfúgios. Quem sabe si não será o contrário de tudo que se

narrou? . . . Tantas vezes que adulteram os fatos com a mais visível protérvia! . . . Vivemos iludidos e numa espécie de sonho, onde nunca dormimos e nem estamos acordados.

— Que sceticismo, Heloisa!

— Não; não é sceticismo. Eu creio, e infeliz de quem perder a fé. Mas, em face das sombrias decepções da vida, pensar o que?! Idealizar quimeras? Crer na felicidade? Embriagar-se com o néctar do prazer?! . . . Nunca. . . Os sorrisos de ilusão nos morrem quasi sempre nos lábios. Os mais inocentes caprichos, por justos que sejam, também são desfeitos.

— Donde tiraste estas conclusões tão tristes? Quem te ensinou estes discursos? . . . perguntou a princeza d'Arlemont, com um gesto de espanto.

— Os livros filosóficos. Pensei, e a minh'alma suspirou como o prisioneiro no cárcere!

Laura d'Arlemont tornou-se silenciosa. Baixou a vista e abstraiu-se em profunda cogitação. Algum tempo depois, como quem subjuga o pensamento, ergueu a fronte serena, e murmurou:

— E' tão nociva a filosofia?!

— Não; ela não é abominável: sustenta-se de argumentos. Os sistemas são muitos e entre si discordam; mas, compete-nos escolher a verdade. Eu, por enquanto, navego num mar de dúvidas. As tempestades sobrevirão de continuo; esperemos pelo dia da bonança.

— Basta! Deixemos a filosofia na sua luta incompreensível. Ela me entontece! . . . Tange o tímpano e ordena que chamem o dr. Fabre. Preciso esclarecer o meu espirito sobre a desgraça de hoje.

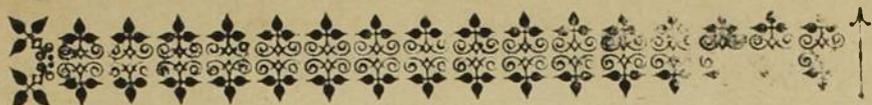
Heloisa obedeceu; e apenas o instrumento vibrou, um criado apresentou-se á porta. Ouviu o recado e pressurosamente procurou o médico. Este, no seu gabinete, ao lado do conde de Langeais, se conservava triste. Ergueu-se ao convite da princeza d'Arlemont e dirigiu-se ao salão indicado.

Encontrou-se com a esposa de Alberto d'Arlemont e

sua filha, notando imediatamente que o semblante de ambas era melancólico, e mais sucumbido ficou. Sentou-se diante delas e esperou que rompessem o silencio: não se animava ser o primeiro. Tinha cometido um ato reprovado, e agora reconhecia a gravidade da sua culpa.

O duelo é o que há de mais estúpido: coloca-se abaixo do suicídio. Ambos são filhos de duas degeneradas mãis: um, da crueldade; o outro, da loucura! . . . Este, por sua fragilidade, tem atenuantes; aquelle reveste-se de circunstâncias odiosas, e não se pode aninhar nos corações bemfazejos. Em vez dos homens se desabafarem pelas próprias mãos, não seria mais justo, que apelassem para a equidade das leis??

---



## XXIV

### O remorso acompanhará o crime

**F**ABRE de Liancourt sofria os efeitos do remorso. Tinha morto um homem, e depois do crime, só o coração empedernido continuará quieto. A sombra do barão de Poligny collocava-se diante de si, e o médico enfraquecia com esta lembrança permanente, que se agitava á feição de um espectro.

A princeza d'Arlemont fitou-lhe o semblante pálido, e poudesondar, através da máscara do rosto, o que lhe ia nalma. Aproximou-se mais, como si fôra um juiz organizando um inquérito, e falou brandamente :

— Sei o que houve. Sofro muito e quero que me explique tudo.

Fabre de Liancourt ja esperava pela interpelação, e comtudo emocionou-se :

— Isso não vale a pena ! . . Falemos de outra coisa.

— Porque ? ! . . Um duelo é muito grave, e ninguem o esquece á vontade.

O médico ergueu-se a contra gosto e passeou ao longo do salão, sem articular uma única palavra. Um suor frio lhe humedecia a fronte ; as suas mãos gelavam.

— Não me responde, dr ? . . Apraz-se que eu continú na mesma ignorância ? !

— Isto é um sacrificio, princeza ! . . Eu vos juro que fugirei e sempre silencioso ; mas, não me obrigueis a

falar em semelhante assunto. Cometi um crime ; reconheço todo o seu alcance. Si eu pensasse, algumas horas antes, como agora raciocino, não teria praticado esse homicídio. Foi uma fatalidade !

— E que há de terrível na sua confissão ? . . . Já não sei que matou o barão de Poligny ? Tem segredos para mim, que sinceramente o desejo subtrair desse turbilhão de males ? !

— Não tenho segredos. Há certas coisas, porém, que ao pronuncia-las, nós enrubescemos de vergonha e má-gua. Esta é uma delas. Fui um vil, um louco em ferir mortalmente um desgraçado, que só merecia perdão da minha parte ! A miserabilidade é consentânea aos fracos ; o desprezo das injúrias deve subsistir nas almas generosas. Um homem, como eu, que chegou a encarcerar a liberdade, — não se devia manchar com sangue. Foi o primeiro ato de torpezas que pratiquei na vida. Devo fugir das almas inocentes ; o meu contacto seria pernicioso.

— E' muito susceptível o seu pensamento ! . . . Medite, para sentir o efeito da idéa. . . Tem remorsos, não é ? . . . Sabe que matou um homem, e embora fosse num duelo, — fica-lhe algum dezar perante a sociedade ? ! Pois bem. . . Fugindo não é que se purifica do crime. O verdadeiro meio de regeneração consiste em evitar outro delicto.

— Tendes razão. Eu vou contar-vos o fato, com todas as suas peripécias.

E o médico sentou-se. Comprimitu as témporas com os dois polegares, como quem padece uma nevralgia, e olhando para Heleôisa d'Arlemont, continuou :

— Discuti relegião com o infeliz barão de Poligny e neguei redondamente a divindade do Cristo, a vida eterna e mais outros dogmas. Há homens que não suportam a discrepância das suas doutrinas e logo se atiram ao insulto. Eu posso sustentar uma polémica, sem que seja preciso ofender ao melindre do adversário. Mas eles, não. . . Julgam-se com o exclusivo direito de pensar.

Si nós pronunciamos *luz*, e eles vivem nas trevas, immediatamente se levantam, fustigados de raiva indomável. Assim procedeu o barão de Poligny : insultou-me ! E eu desculpei a sua inépcia, resoluto a não lhe corresponder. Coitado ! Levou a sua ousadia até descarregar uma bofetada, que foi impedida de atingir-me, porque o conde de Langeais prendeu o pulso desse insensato. Era o cúmulo da injúria e desafiei-o para as armas. Ou eu ficaria estendido no campo, ou ele, como succedeu. . . Foi uma fatalidade ! . . Não há dúvida : mas, ja não existe remédio. . . A minha espada atravessou-o ; caiu francamente, para nunca mais se erguer. Chamaram o padre Sanpiero, e este lhe ministrou os últimos sacramentos. Embora eu seja incrédulo, direi comtudo : — Deus que se amercie da su'alma, tão louca e tão fanatizada que era ! . . Eis todo o motivo, illustre princeza ! Por uma coisa tão comesinha, não deveríamos fazer tanto arruído. Si, antes do desafio, eu tivesse reflexionado, com certeza ter-me-ia coibido de tamanha exaltação. Agora é tarde ! Comigo resta unicamente o pezar : os mortos não voltam mais. Assim, creio que estou despachado. A minha permanência no castelo de Saint-Pont, além de criminosa, se tornaria um ultraje. Vou retirar-me.

— Como ! Deixa de ser o médico da casa ? ! . . questionou Heloísa d'Arlemont.

— Penso que não haverá inconveniente algum em sair deste castelo e procurar a paz da minha consciéncia no meio da solidão.

— E' engano, dr ! . . Nós exigimos a sua estabilidade aqui. Não avalia o quanto ela se torna necessária aos que sofrem. A dor não se fez somente para os miseráveis que imploram pão. Ela convive tambem nos suntuosos palácios, ao lado de todas as fidalguias. . . e nas alcôvas riais, minando o coração, mesmo impuro, de Margarida de Valois, ou o sentimento fiel de Maria Tereza, que tão felizes parecem no conceito do mundo.

— Juro que estou na mesma ! . . As vossas palavras, em vez de me esclarecerem, redobram a minha perple-

## HELOISA D'ARLEMONT

xidade! . . . e o médico revelou admiração no seu gesto.

A princeza d'Arlemont compreendeu que era tempo de intervir, e apressou-se em elucidar o espirito do dr. Fabre. Só ella adivinhava o constrangimento de sua filha. Confiava no médico, como se creê num amigo. Heloisa tinha falado por enigmas. Dizia, no seu fraseado lirico, que se amargurava, quando o sofrimento não se devia abrigar naquella alma impoluta.

Mas, como é rápida a voragem da existência! . . . Como são falsos e mentirosos os mais fagueiros sonhos! Nem tudo, que luz, é ouro. . . diz-nos um velho rifão. . . E vejamos. A gentil donzela que parecia o lirio, destinado a viver com as gôtas do orvalho matutino, — principiava a sentir os comburentes raios do amor. Dois sustentáculos eram-lhe precisos para que não caísse á borda do abismo pavoroso e trêdo. Ia perder a crença, porque um homem da sciência lhe balbuciera ao ouvido; — Não existe Deus. . . Ia viver de amores, porque um mancebo a envolvera num sorriso mágico, e no silêncio de um jardim frondente enviara-lhe um beijo que produz delirios e convida para a permuta das almas. A virgem sofria. Sua mãe, apoderando-se de uma das mãos do médico, falou:

— Escute, filósofo! Eu vou responder ao sábio. Heloisa deseja conserva-lo ao pé de si, porque é a mulher que tem pensamentos varonis e vive para os estudos de fôlego. Lê Sófocles, comenta Aristóteles, discursa sobre Epicuro e sorri ás leituras de Homero. A mulher, que assim considera, não pode ser condenada ao silêncio. A alma precisa de luz; o corpo — de exercício. Bem sabe, dr, que a côrte do príncipe d'Arlemont se reduz ao papel de todas as outras. O desregramento dos costumes e o luxo efeminado dos áulicos falam bem alto, como uma nota dissonante na harmonia social. Vê, portanto, que precisamos do seu conforto.

— Ficarei, princeza! . . . Mas, convencei-vos tambem, que todo o esforço é perdido. Serei expulso. O príncipe saberá do meu procedimento e tanger-me-á da sua

côrte, como Luiz XIV o fez com o marquez de Clisson.

— Não será assim. Eu me responsabilizo pelo que dêr e viêr.

— Confio na vossa palavra, que, além de suave e pura, tem a grandeza da fé; mas, consenti Alteza! que vos fale ainda com o coração nas mãos. Tendes muita força e conseguis de vosso esposo o que pretendeis; entretanto, ides ficar estupefacta.

— Porque?!

— Passareis pelo golpe de ser desatendida. Esta questão se contrai e rebenta de surpresa.

— E' possível?! Si assim fôr, cairemos nós todos.

— Justamente. O vosso desejo será satisfeito. Arrostarci com as consequências. Mas, quanto me dói ser a causa directa de tantos padecimentos futuros!..

— Não seja tão desastroso nas suas previsões!.. Como isto magôa!..

— Prouvéra que eu me engane.

Calaram-se todos. O médico levantou-se e requereu como um fidalgo:

— Permittis que me retire para o meu gabinete? Preciso tanto de descanso!

— Pode faze-lo: dispensam-se as etiquetas.

O dr. Fabrê curvou-se numa graciosa vénia e desapareceu, enquanto ia revolvendo no cérebro fundos pressentimentos. Heloisa d'Arlemont, recostada á sua poltrona, nem sequer lhe notára a partida: estava envolta numa meditação intensa.

— Minha filha!.. murmurou a princeza, tocando com a ponta do seu dedo no hombro da vírgem, que estremeceu ao contacto.

— Aqui estou... respondeu Heloisa, erguendo os olhos para a mãe e sorrindo como os anjos pensativos.

— Vejo-te triste!.. Dize-me o que te ocasiona esta palidez nas faces!

— Sinto-me bem; nada me perturba a vida. A flor só necessita de orvalho, e este recebo todos os dias, nos beijos da sua bôca.

— Não creio. . . e Laura d'Arlemont sacudiu a cabeça, com desalento.

— E' uma ilusão que se dissipa a um só dos meus sorrisos. Exige que brinque? Que execute algumas peças no organ, porque a música espaneja os pensamentos têtricos?

— Sim; quero ver-te como outrora. Eras a minha alegria, e a voz do presságio me diz que isto fugirá em breve. Bem sabes que as vírgens desvairam. Surge um dia, em que a tormenta da vida desaba no mar da fatalidade, — e o frágil barco vogará á mercê das ondas furibundas e ao encontro de todos os escolhos. Crê e espera; eu sou tua mãe. A mãe é a legitima companheira da filha; sacrifica-se por ela, e vive para trabalhar no seu futuro.

— Mas, é um engano! Não existe nenhum prenúncio, que autorize desconfianças. . . disse Heloisa, baixando a vista.

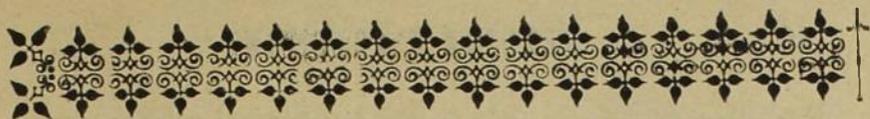
— Tu não me declaras a verdade. Tu amas! . . . Eu adivinhei-o e esperava sinceridade da tua parte.

Heloisa sobressaltou-se visivelmente, e cheia de confusão falou, com a voz entrecortada de soluços:

— Deixe-me chorar, querida mãe! . . . Os primeiros amores sustentam-se de fragilidade. Cortejam a esperança; apoderam-se, quasi sempre, de todo o nosso viver e comprimem o coração febril. . . Eu amo!

E a jóven princeza derramou lágrimas, que, fugindo com a rapidez dos sonhos, lhe foram repousar no seio. « A primeira lágrima de amor que fazemos verter, parece um diamante; a segunda, uma pérola, e a terceira, uma lágrima », disse Aquiles Poincelot.





## XXV

### A gôta de veneno no cálice da flor

**A** noite, Heleisa d'Arlemont sentiu-se com febre, e a ninguém revelou o seu incômodo. A fronte doía-lhe e ao mesmo tempo escaldava como fogo. Compreendeu perfeitamente porque o organismo padecia, e recolheu-se ao leito, confiando que o repouso lhe traria a cura.

A notícia do desafio tinha apavorado todos os fidalgos, — frequentadores do castelo —, e eles fugiram como um bando de còrvos marinhos, que se arreceiam da tormentam. A principesca residência ficára deserta. O padre Sanpiero rezava no seu quarto, ante um crucifixo de ouro. As lanternas estavam acêsas. Nenhum rumor o veio distrair dessa enlevação: conservou-se assim, durante duas horas, — mentindo á consciência e melhor ensaiando como enganaria o próximo. Ergueuse, finalmente; fez soar uma campainha e esperou. Apareceu um criado.

— Anuncia á illustre princeza d'Arlemont, que lhe desejo falar com a máxima brevidade.

O criado partiu; voltou segunda vez, e o padre Sanpiero foi introduzido numa sala contígua aos aposentos da princeza. O padre se mostrava agitado e com uma palidez desconhecida. A princeza permanecia envolta numa mantilha florentina. Sua filha estava ausente.

O jesuíta fez uma vénia, á moda dos cortezãos, e em seguida sentou-se quási ao lado de Laura d'Arlemont, Julgava-se com este direito, pela sua qualidade de padre, embora não houvesse atingido aos anos do Nazareno. A princeza não se mostrou ofendida e rompeu o silêncio.

— Aqui estou para escuta-lo, sr. reverendo ! não obstante ignorar do que se trata.

— Vou dizer-vos, princeza !

E o padre Sanpiero ousou tocar com os dedos impuros nas lindas madeixas que lhe caíam pelas espáduas. A princeza estremeceu, como ao contacto de um reptil. O jesuíta fez-se esquerdo e continuou :

— Hoje, pela manhã, fui testemunha de uma repugnante scena. . . Vi um homem morto, ou em melhores termos, — assassinado !

— Ah ! o barão de Poligny.

— Exatamente. Noto, entretanto, que neste castelo pouca atenção se presta a um fato criminoso ! Assassinaram um homem, e pronuncia-se o seu nome, como si ele fôra um desconhecido !

— E de que modo exige que eu fale no defunto ? . . replicou a princeza, com sobranceria.

— Com outro semblante de mais piedade.

— Então, é preciso que eu chore !

— Poderíeis faze-lo, e sem quebra da alta posição.

— Sr. padre ! eu não o autorizei a tanto. A mim ninguém censura : tenho um só esposo.

— Censuro eu. . .

— Eu sou a princeza d'Arlemont.

— E eu sou o padre Sanpiero.

— E' muita ousadia ! . . Com que direito ? Em nome de quem se levanta e diz o que entende ? !

— Sou um emissário de Sua Santidade. Tenho ordens plenas para excomungar os maus e absolver os arrependidos. Parti de Roma, distribuindo Breves, e todos se têm curvado ante os meus passos. Eu represento o Sumo pontífice Inocéncio XI ; portanto, a minha pala-

vra é sagrada. Desde o fidalgo até ao plebeu, que todos receiam um só dos meus olhares. Em nome da Igreja eu vos conjuro que me escuteis.

A princeza d'Arlemont não era hipócrita : fôra educada na religião católica, e não se desviava um passo dos seus obrigatórios dogmas. Cria, mas, com firmeza evangélica. Fitava a imagem do Cristo, e parecia-lhe divisar ali, — o grande mártir do Gólgota, cujos braços se estendiam para a humanidade. Temia a cólera do papa, porque estava crente que um desligado da sua bençã, sofreria e muito. Lembrava-se de João Huss, Wicief e Jerónimo de Praga, e concluía : foram heresiarcas e padeceram o castigo da autoridade apostólica. Mas, também não convertia pessoa alguma ; não sindicava do seu modo de crer, nem se desvanecia em frequentar os lugares de oração. Rezava, porém, no seu oratório, sem que fosse espionada pelos curiosos. Tinha uma religião toda particular, e por isto mesmo exquisita, a ponto de se revestir com a sombra do indiferentismo. O padre Sanpiero, lembrando a vigilância pontificia, trouxe-a-lhe o sobressalto á alma.

— E que tem a Igreja com um duelo, que se passou lá nos bosques ? Por acaso concorri para o delito ? Dispensei-lhe aplausos ? Devo prantear a morte de um homem que eu não simpatizava, nem me corria nas veias?!.. Si assim o fizesse, cometeria um erro ; e aqueles mesmos, que me conhecem e respeitam a minha conduta, seriam os primeiros a detratar-me, porque julgavam, e com toda a presunção, que ele fora um favorito. Uma grande responsabilidade pesa sobre a mulher, e eu estou no seu número, sem embargo da corôa.

O padre Sanpiero sorriu e argumentou :

— A religião não exige o impossível. Embora o mundo ridicularize a piedade, — pratiquemo-la sem reboço, afim de transpormos o abismo do pecado. Lembro-me de Ovidio, que, apezar de profano, disse uma beleza no seguinte verso : « *Est quedam flere voluptas* ». Si não compreendeis o latim, eu vos traduzirei a frase.

— Sei o francez clássico, o rude provençal, traduzo o inglez e bem pouco da língua de Virgílio.

O jesuita sorriu pela segunda vez, porém, com um gesto de comiserção.

— Vosso pai olvidou que a educação é tudo. . . Uma princeza e que ignora o latim, — a língua sagrada! . . . Pois bem; Ovídio disse: « No chorar, algumas vezes há prazer. »

A princeza d'Arlemont, que se mantinha no auge do despeito, perdeu a calma e verberou:

— Essas lágrimas, de que fala o poeta, se devem confundir com o pranto da hipocrisia? Não serão elas as lágrimas que traduzem um sentimento elevado? Não serão as que partem do amor unicamente, mas, do amor sem a mescla da sensualidade?!

Sanpiero desviou o assunto, e vendo que era tempo de descarregar o golpe, agrediu:

— O motivo, para o escândalo, o assassinato de um homem, — foi o mais reprovado possível: uma discussão religiosa!

— Já o soube.

— Tanto melhor. Esse médico não deixa de ser um espírito possesso, um endemoninhado!

— Porque? . . . interrogou a princeza, ansiosa pela resposta.

— Porque negou a existência dos mais sacrossantos dogmas, e que sempre foram acatados pelos maiores sábios! . . . O barão, que defendeu a religião do Crucificado, pagou com a vida, sem que lhe servisse de escudo a inquebrantável crença! Esse médico é um homem terrível, que deve ser banido do seio da sociedade. Tendo-o ao pé de si, nenhuma família respeitará os princípios divinos e morais. Venho exigir, portanto, a sua retirada deste castelo. A excelsa princeza concordará comigo: um ente abominável deve ser expulso. A religião foi gravemente ofendida.

— Que! Expulsar o dr. Fabre de Liancourt?!

— Sim, Alteza! . . .

— Não posso. . . confessou Laura d'Arlemont e ergueu-se, como quem precisa de ar.

O padre scandalizou-se.

— E vos negais a tão pouco ?!

— Nego-me formalmente.

— Peco-vos uma explicação. O caso complica-se, e eu não compreendo o mistério !

— Não há mistério ! . . disse a princeza e tornou a sentar-se. . . Reincide numa explicação, e eu lh'a dou, porque não vivo nas sombras. A inopinada notícia do duelo causou-me um profundo abalo, tanto que ainda me sinto doente. Eu e minha filha mandámos convidar o médico, e por muito tempo ouvimos as suas razões. Ele estava resolvido a abandonar o castelo, porque reconheçera a insensatez do seu crime. Nós não anuímos ao seu alvitre : ele continuará conosco, visto que é necessário. Prometi constituir-me o seu anjo tutelar, e cumprirei a palavra.

— Errastes, princeza ! O vosso procedimento é criminoso, e o sr. príncipe d'Arlemont, de fôrma alguma apoiará tamanho disparate.

— Porque ? . . Ele é meu esposo ; e si eu não confiasse no seu caráter, não me atreveria a tanto.

— E' assim que muitos espíritos se perdem. . . Estou convicto que o esclarecido príncipe d'Arlemont será da minha opinião. « A mulher, como disse S. Gregório, tem o veneno do áspide e a malícia do macaco ». O homem, que se enternecer com os seus afagos, morrerá em pecado mortal. Não volto do meu propósito, e imponho a retirada do médico, sob pena de anátema.

— Não me assombra e nem rejeito o cartel. Nesta luta não lhe cederei uma só arma. O dr. Fabre não será expulso. . . e declaro ao sr. padre, que, si projeta, como a serpente bíblica, lançar a discórdia entre nós, — redondamente se engana ! . . Pertença ao sexo frágil, mas, não me acobardo.

— E não digo o contrário. . . replicou Saupiero, mudando de rumo. . . Eu molestar-vos com palavras inso-

lentes! . . . Nunca. . . Sou um humilde servo do Senhor, que tem atravessado a pé imensas distâncias e só trabalha em prol da caridade.

— Ah! o lobo se domestica?! . . . Porque exige que se fechem as portas a um homem da sciência? . . . A caridade não se alimenta de ódios. Ela reserva consolações para os que choram; sorrisos para todos os homens. O sr. padre, seja embora um enviado de Inocéncio XI, deve lembrar-se que é estrangeiro, e peça unicamente a boa hospitalidade.

— Perdão, illustre princeza! O dr. Fabre não é um ignorante, a quem lhe faltem recursos de vida. Não é um transviado que tiritia de frio á cata de um tecto hospitaleiro; nem um inválido que se lamenta, porque só tem farrapos lhe cobrindo as carnes. Pelo contrário: é até fidalgo! . . . E noutro paiz, que não seja a França, viverá como um nababo.

— E quantos fidalgos não morrem de fome? . . . objectou a princeza, com veemência.

— Têm-se visto alguns. Mas, eles merecem as lágrimas da caridade, os soluços da esperança?

— Porque, não?! São dignos da mesma fórma que os atormentados de sempre. A desgraça não tem classes. Os hospitais não se fizeram tão somente para os filhos do povo.

O jesuita viu-se desconcertado. Todos os argumentos sofisticos, que tentava levantar, caíam diante das verdades incisivas que a princeza arremessava nas suas respostas. Era lutar debalde.

— Peço-vos licença para retirar-me. . . disse ele, pondo-se de pé.

— Com muito prazer.

E tocou a campainha. O mesmo criado appareceu.

— Guia o padre Sanpiero ao seu aposento.

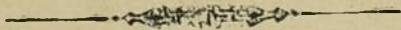
Partiram os dois. O jesuita ia com o desespero n'alma; mas, já tinha vertido a primeira gota de veneno no cálice da flor. Quando, no fundo do seu quarto, se viu sem testemunhas, deixou-se cair pesadamente so-

bre uma cadeira, cerrou os punhos em sinal de cólera e resmungou entre dentes :

— Mulher terrível ! . .

Depois, raciocinando consigo, acrescentou á meia voz, sorrindo sinistramente :

— Tu te mostras assim renitente e positiva para comigo ?! Hei de vencer-te á força de combates. . . Existe um nó Górdio ? Eu, com a minha palavra, far-me-ei de Alexandre Magno. . . Veremos, princeza ! quem de nós dois contará vitória. . . Estou acostumado suplantar homens de peso, cabeças que pensam. . . e não será, portanto, uma mulher leviana, imbuída de más doutrinas, ignorante no latim, quem levará o padre Sanpietro á parede ! . .





## XXVI

### Nova luta se declara

**QUANTO** o padre Sanpiero e a princeza d'Arlemont conferenciavam, um criado entregou uma carta ao conde de Langeais, vinda por um próprio. O fidalgo, ao fitar o sobrescrito, reconheçêra a letra de sua mãe. Ao mesmo tempo que sentia jorros de contentamento inundar-lhe o coração, também, a mau grado seu, via-se atingido de inexplicável tristeza.

Queria abrir aquela carta e devorar-lhe todas as palavras; mas, vacilava, porque tinha a alma ferida de desânimo. Primeiro que se dispuzesse a quebrar os laçres, agitou a missiva, virou-a de um lado para o outro, e só assim aproximou a cadeira da mesa, onde ardia uma lanterna. Abriu a carta com mão trémula. Tomou uma forte respiração e leu:

« Castelo de Narbonne, 5 de Setembro de 1685.

Filho do coração!

A alma de joelhos neste momento chora; a aflicção me transborda dentro do peito, já cansado de esperar e de estremecer em vão. Tu és filho, mas, não avalias o que sofre uma mãe! Talvez que embriagado nos prazeres da ostentação, não te lembres de quem vive por ti, e nas suas preces implora a misericórdia de um Deus! Terei sido ingrata? . . . Talvez, meu caro filho.

As noites passam-se ; os passarinhos trinam, lá fóra, nos arvoredos cerrados ; mas, eu não cesso de derramar lágrimas, que me fogem pelas faces, e parecem deixar um sulco de brazas queimando continuamente. Oh ! para que se fez a dor tão cruel e reservada a uma triste mãe, que já sofre o martírio da saudade e viu a partida do filho ! Si eu não fosse cristã, blasfemaria agora. Perguntaria, como existindo um Deus, consente ele tantas misérias, podendo remedia-las sem custo ? Mas, Deus é o incompreensível. . . Eu creio nele, e reputar-me-ia desditosa, si chegasse a perder a fé.

Partiste, meu filho, e parece te esqueceres do que seja o apartamento. Um coração sensível fez-se para a mulher amante ; mas, um coração devotado, cheio de amor platónico, para uma mãe. Os homens, naturalmente, são ásperos e endurecidos, levando-me á convicção de não guardarem no peito uma só gota de benevolência, — ainda mesmo que esses homens sejam filhos ! Tu não devias continuar aí, pois, me fazes tremer pelo teu futuro. Um filho, que defende o pai, é necessariamente bom, afronta todos os perigos e precisa consolar também os últimos dias de sua mãe. Volta para o lar doméstico ; vem trazer mais alguns sorrisos a quem te escreve entre lágrimas. Perrique se tem constituído um filho. E' teu amigo ou mais do que isto : um irmão. Fala em ti, só vive para ti. Oferece-se todos os dias para ir ver-te ; mas, eu recuso, porque não te quero arrancar dos braços do prazer. Parece-me que te perdi ! . . . Como Jacob não quiz ceder o seu Benjamin, com medo de chora-lo á semelhança do bondoso José, — assim fiz eu.

Talvez que nenhuma destas coisas te resolva a fugires d'aí. Vou dizer-te a última palavra. Medita e executa depois. Ivette definha todos os dias ; parece morrer como o lírio das campinas. O orvalho falta-lhe. . . e ele és tu. Vem ; quem sabe, si não a encontrarás cadáver ?

Tua mãe que vive e morre por ti

**Brunhilde, CONDESSA DE LANGEAIS. »**

A's derradeiras palavras da carta o conde atirou-a sobre a mesa e soltou um grito de angústia.

— Minha irmã *cadáver* ! . . Não ; não é possível ! . .

Ergueu-se de improviso, e sempre agitado deu muitos passos no interior do quarto.

— E' preciso correr . . dizia ele . . Quero ve-la, salva-la com um só dos meus sorrisos . . Mas, como ? . . E Heloisa d'Arlemont ? . . Como fugir, deixando-a agora que o amor principia imenso e abrazador ? ! Não é possível ! . . O' Deus ! porque me fazes sofrer tanto ? !

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras satânicas de dúvida, quando ficou estático, cheio de arrependimento e acrescentou :

— Perdôa-me, Senhor ! O meu cérebro delirava . . Eu creio na tua misericórdia infinita e duvidei de ti ! Maldito seja o ateu, cujo coração estéril não te sabe compreender.

E deixou-se cair de novo sobre a cadeira. Apoiou os cotovêlos á mesa ; recostou a face no côncavo das mãos, e permaneceu calado por muito tempo. Não viveu durante esse espaço, porque não pensou, embora parecesse que o fazia ! Era um estado difficil de definir, — que participava do abstrato e logo do subjetivo ! . .

Meia noite soou no relógio grande. O conde de Langeais precisava de ar : saiu do seu quarto, atravessou os corredores e chegou á galeria. A lua caminhava nos céus ; algumas núvens, brancas como a neve, desciam para o ocidente. O conde de Langeais debruçou-se na balaüstrada : uma brisa suave e fresca soprava incessantemente. Dentro do castelo, quasi todas as luzes apagadas impunham silêncio. Fóra, só o velho Luiz de Castro velava. E ele, como o ancião da liberdade, gemia no bandolim uma canção piedosa. Entoava entre suspiros :

« Si eu chorei a minha pátria,  
tambem ja cantei outrora  
dormindo na grama espessa,  
que douram raios de aurora.

E vi sorrisos, belezas,  
como não há noutra terra;  
tudo mais definha e morre,  
se conjura e vive em guerra.

Como o soldado que afronta  
o fogo de mil batalhas,  
já eu, sorrindo, escalei,  
profundos fôssos, muralhas.

Só minha pátria resplende  
em seduções e desejos,  
para que, bem longe dela,  
possa enviar-lhe mil beijos.

O' minha pátria saudosa,  
vestida de coqueirais!  
minha canção desfalece,  
louvar-te não posso mais.»

O conde de Langeais desfez-se em pranto. Quem o poderia acusar pela fraqueza? . . . Ninguém. . . A lua é a testemunha muda, que não revela segredos, tanto que os namorados lhe confiam as suas íntimas queixas. E o conde chorou e chorou muito! . . . Quem sabe, si ele não seria dos que pensam como Young: «Desprezemos o homem orgulhoso, que tem vergonha de derramar lágrimas!» Quem sabe? Há momentos, em que o homem forte se sente fraco como uma criança. O sr. de Langeais se tinha lembrado da casa paterna, de sua irmã doente e de Heloïsa d'Arlemont a quem amava com toda a ardência da su'alma pensativa, e que era preciso deixar em breve tempo. . . Pela primeira vez cogitou no suicídio.

— Si eu chegar a perde-la. . . disse consigo. . . mato-me no mesmo instante, qual outro Romeu. De serve viver sem ela? A vida, já por si, é má e insignificante; sem o bálsamo do amor — insuportável!

E principiou a passear na galeria. Acenava como um louco. O velho brasileiro deixára de cantar. Pareceu a

Ricardo de Langeais que ouvira passos atraz de si e sentiu que os cabêlos se lhe arrepiavam. Parou e voltou-se para a sombra. Efetivamente, aí permanecia um vulto branco, e sobretudo, imóvel. O conde procurou o cabo do seu punhal e interrogou com afoiteza :

— Quem está aí ?

— Sou eu, sr. conde.

— Eu, quem ?

— Cervantine.

— Bem : aproxima-te.

E esta mulher, que acabava de se anunciar, chegou-se para o conde. O fidalgo, segurando-lhe numa das mãos, esperou que ela falasse.

— Vim procurar-vos da parte da sr.<sup>a</sup> princeza. Fui ao vosso quarto e não vos encontrei, pelo que, peço desculpa, si cometi indiscrição.

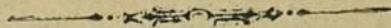
— Fizeste bem. Mas, dize-me : onde está a princeza ?

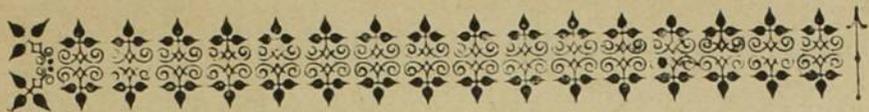
— Acompanhai-me.

O mancebo não se fez rogado e seguiu a açafata, que o guiou até á sala em que a princeza recebêra o jesuíta Sanpiero. Laura d'Arlemont aí estava e ansiosa pela vinda do conde de Langeais.

Cervantine, logo que afastou o reposteiro para dar entrada ao fidalgo, desapareceu a um aceno da princeza. Os dois ficaram a sós. Laura d'Arlemont conservava-se pálida e tinha estremecimentos, que não passaram despercebidos ao conde de Langeais.

Qual seria o motivo desta entrevista, e tão cercada de mistério? . . . Por mais que o enamorado de Heloisa refletisse, era impossível de prever.





## XXVII

### Rompe-se o véu

**M**ISTÉRIO! sempre mistério! . . . Observai o interior de todos os palácios, e aí encontrareis, sem acurado exame, a figura do enredo, exercendo as funções de mordomo!

A princeza d'Arlemont precisava de um homem resolutivo, que a defendesse nessa batalha que se ia travar entre ela e o padre Sanpiero. Tratou de explorar o campo, e convenceu-se que esse homem só poderia ser o conde de Langeais. E ele tinha vindo como o gentil escudeiro dos romances de Cavalaria, para se transformar em breve no valoroso combatente. A princeza encetou a conversação: o conde não perdia uma só palavra; escutava com uma atenção profunda.

— Conde! não lhe cause estranheza o meu procedimento, si o mandei chamar. Eu tinha necessidade de conversa-lo hoje.

— Jamais! Sou um criado para vos obedecer em tudo.

— Não quero circumlóquios. Tenho de tratar com um cavalheiro, que chamo em meu socorro. Preciso que seja franco e lial, como eu o sou; o negócio é grave.

— Serei a probidade em pessoa.

— Bem! . . . Sabe perfeitamente o que occasionou o duello entre o barão e o nosso médico. A causa primordial é reprovada por quási todos os cortezãos.

— E' exato. Eu estava presente quando se deu o des-

afio. Fui eu quem segurou o braço do barão ao descarregar a bofetada. . . confirmou o conde, sempre grave.

— E sabe do que se segue ?

— Não ; é-me impossível.

— O padre Sanpiero conspira contra o dr. Fabre ; esteve comigo, e exigiu-me a sua retirada deste castelo.

O conde de Langeais patenteou enleio :

— E donde vem esse ódio ? ! . . Não se completam dois dias que o padre chegou ! . .

— O ódio é motivado pelo ateismo que o dr. Fabre professa.

— Ah ! eu tenho aconselhado tanto áquêle homem, para que modere a impetuosidade do génio ! . .

— Não está em si — refrear o génio ; é um defeito de constituição. Mas, o que pude deduzir da cólera do italiano, foi isto : era, pelo menos, o que alegava. Por mais violentas que fossem as razões do emissário, eu as rejeitei com energia. Também tenho força de vontade, e depois de firmar uma resolução comigo, — é custoso retroceder. Prometi ao dr. Fabre que ele continuaria conosco. Ninguém terá força de fazer o contrário.

— Quanta perfídia no padre Sanpiero ! . . Hospeda-se, por uns dias, neste castelo, e já se atreve ás imposições no que há de mais melindroso ! Esses jesuítas são de uma audácia desmedida. Ele é quem está no caso de ser expulso.

— Não ; não precipitemos os acontecimentos. Vejamos primeiramente o que surge. Lembre-se que o padre Sanpiero é um enviado de Inocéncio XI. . . e acarretar com a inimizade da côrte pontificia, vale por um suicídio.

O conde de Langeais baixou a vista e ficou silencioso. A princeza d'Arlemont fitou-o detidamente, como si lhe quizesse estudar a fisionomia. Depois do exame ella rompeu numa linguagem meiga e ornamentada de símbolos.

— Quero também, que me corresponda com muita sinceridade e num assunto diverso. Só lhe desejo venturas, pois, odeio essa corrente de males que se preci-

pita no lago da existência. Não pertenco ao número dos que repelem certas paixões, — filhas do *involuntário*, e por isto mesmo colocadas fóra do círculo da responsabilidade; pelo contrário. . . reconheço até, que há nobreza d'alma. Eu sei que o amor é a cavatina de todas as almas místicas. Também já amei com a efervescência dos meus 15 anos. Eu sei que Heloísa lhe devota um amor indefinível, que sinão fosse um paradoxo, eu sustentaria — nada conter de material em si! E creio que o sr. conde experimenta as mesmas emoções no espirito. Peço-lhe que me seja fiel, como eu o fui. Farei tudo por minha filha, porque pressinto que o seu futuro, em vez de risonho, se anuvia repentinamente e ameaça tempestade. Pergunto-lhe, Ricardo de Langeais: devota o mesmo sentimento a Heloísa? . . . Retribuí á sua expectativa?!

— Ah! perguntar si amo-a, é desconhecer que o silêncio deseje a sombra; a flor não queira o orvalho, e o rouxinol fuja da selva onde gorgoeja o seu canto. Tudo que existe de sorrisos, eu prevejo a renascer da essência desse amor indestrutível. Eu amo-a com mais fogo do que o crente na sua invocação a Deus; porque enxergo a realidade, sinto-a em mim, por toda a parte, de sorte que a dúvida não se conserva comigo um só momento. De um crime não me poderão taxar: o amor sempre foi isto e sempre respeitado pelos povos de todas as épocas, ainda mesmo bárbaras.

A princeza sorriu brandamente e animou-se com o discurso.

— Sim, conde de Langeais! A causa do justo eu protegerei com toda a satisfação. Não quero trair um só instante a minha consciência. Trabalharei, afim de poder contempla-los como meus filhos: isto é, os irmãos do amor e da paz. Antes habitar uma choupana e viver contente, do que no seio da grandeza e da sumptuosidade, — derramando lágrimas de dor e de remorso. Conde! seja digno dela. . . Eu me orgulho unicamente com a idéa.

O conde de Langeais apoderou-se das mãos da princeza e beijou-as com sofreguidão. E não sabemos porque... si de saudade ou de alegria, — deixou cair, sobre elas, duas lágrimas ferventes!.. A princeza sentiu-as, e involuntariamente estremeceu, como quem recebe uma sensação. Um mundo desdobrou-se vertiginosamente aos seus olhos. E porque?... Porque a princeza d'Arlemont talvez amasse... mas, com um desses amores impossíveis. Um desses amores, condenado a morrer no silêncio, sem a mínima revelação. Um desses amores, que traz a morte da alma e não aspira nunca o insignificante perfume da vaporosa felicidade. Um desses amores, enfim, que o consideramos nefando, si lhe chegasse a hora da consecução.

Mas, a princeza d'Arlemont tinha a cumprir dois deveres: o de mãe e o de esposa... e o conde de Langeais, além de tudo, era o homem destinado a fazer o futuro de sua querida Heloisa. Dois abismos, portanto! Dois escolhos para as almas santificadas de nobreza!

Laura d'Arlemont enxugou as duas lágrimas com a ponta da mantilha, enquanto o conde de Langeais repetia sorridente e referindo-se a Heloisa:

— Ama-la-ei, como se pode idealizar o amor na sua fôrma indefectível. Tudo será para ela: as ilusões, os sacrificios, a liberdade, a vida.

— Sim; procede como um homem de bem... mas, consinta que neste ponto eu seja egoísta. Invoco o seu auxílio para todos os perigos que surgirem diante de mim. E' necessário esmagar Sanpiro, e eu só não o poderei fazer. Ele é um padre.

— Vence-lo-emos completamente. Não receio lutar com um jesuíta... Mas, as contrariedades principiam a interceptar o meu caminho. E'-me preciso correr até lá.

— Não atino de que fala... e a princeza fitou o conde, esperando da sua parte uma explicação satisfatória.

— Recebi uma carta de minha mãe. Ivette, a querida irmã, que nas horas de desgosto me traz o sorriso aos lábios, — está para morrer. E' indispensável correr até

lá, para lhe prolongar a vida, si ainda fôr tempo de obstar tamanha fatalidade.

A princeza meditou um pouco.

— E' isto, conde! vá salva-la; mas, lembre-se que nós o esperamos, sempre cuidadosas e confiantes na sua integridade. Vá... leve-lhe o sorriso da vida, e volte para o trazer ás que ficam suspirando por ele.

— E' muita grandeza d'alma! Não sei como vos agradeça tanta generosidade, parecendo que reservada, a propósito, para mim somente.

— Como agradecer?!... E' tão fácil!...

E notando que Ricardo de Langeais continuava mudo, interrogando em silêncio, — acrescentou:

— Então ignora? Desconhece como se retribúi?.. Faça outro tanto. Amor com amor se paga: diz o rifão antigo.

— Farei tudo. Os vossos conselhos serão o Evangelho da minha alma. E' quasi madrugada: tenho de aperceber-me para a partida. Levarei comigo o dr. Fabre, pois, necessito de um médico sábio e consciencioso. Além disto, é conveniente a sua ausência, afim de que o padre Sanpiero enfraqueça a fúria. Até seria de muito alcance espalhar a notícia que deixámos, de uma vez, o castelo. Junghill desempenharia bem esse papel.

— Proceda como entender, e conte com o meu apoio.

— Antes de partir, quizêra que me concedesse o prazer de apertar a mão da querida Heloïsa. Quem sabe, si a fatalidade não me roubará a vida?! Há tantas misérias, destinadas ao homem, que ele não as pode prever!

— Não me fale, sr. conde, em coisas tão lúgubres. Pense no futuro, e saiba que antes de partir, verá Heloïsa.

— Mil vezes obrigado. Tenho medo do prazer, porque, em demasia, mata.

E o conde de Langeais ergueu-se. A princeza d'Arlemont ficou na mesma posição em que estava dantes. Quando ouviu se perderem ao longe as pisadas do conde de Langeais, de fôrma que nem mais um indício res-

tava de que ele saíra dali, então se levantou, fria como um cadáver e principiou a girar em todas as direções do salão. A sua mantilha caíra sobre o tapete, e o colo ofegava em desalinho, sem que ella cuidasse de recata-lo.

Naquele momento, um espirito libertino veria nessa princeza a imagem de uma mulher tresvariada, que arde em pensamentos voluptuosos e ao mesmo tempo receia a surpresa. Mas, não. . . Era a dor no fundo do coração; a lembrança amarga de um futuro que poderia ser terrível. Nesse estado de aniquilamento moral, não pode a alma ser forte, porque as agonias sobrepujam e o organismo tem de ceder aos embates da luta. Há fases na vida, que só é permitido avalia-las a quem passou por ellas; um pensamento, por mais atrevido que seja, tem de ficar estacionário, embora julgue que chegou á evidencia das suas suposições.

A princeza d'Arlemont, comovida como estava, queria entender-se com sua filha e expor-lhe tudo que colligira das suas conferências. . . e Heloisa dormia. Mas, era urgente comunica-la. . . e vibrou o tímpano. Quando appareceu a sua açafata, ordenou-lhe que annunciasse a sua resolução a Heloisa.

A virgem não sabia a que attribuir aquilo. Comtudo, saltou fóra do leito, esqueceu a febre e esperou a princeza d'Arlemont que immediatamente veio. E conversaram durante duas horas. . . Quem, por acaso, se aproximasse daquela alcôva sem nódoa, ouviria soluços comprimidos na solidão da noite. Heloisa d'Arlemont, sufocando o pranto que lhe borbullava no fundo do coração, disse com a voz do pressentimento:

— Minha santa mãe! tenho uma corôa de princeza, que me garante um trono; mas, a pesada mão do destino desce sobre mim, e eu cairei exausta! Quem pode dizer á onda embravecida, que se roja na praia: — detem-te? . . . Quem pode gritar á borrasca, que agoita: — não me toques? . . . Oh! ninguém. . . ninguém. . . E' uma luta de gigantes, onde se tomba vencido! . . . Faz-se mister um braço hercúleo para levantar o infeliz que rola

pelas escarpas da aflicção. E vem a desdita pavorosa e negra para nos beijar a face, que ainda não resfriou ao contacto das decepções. . . Tu, minha mãe ! que és boa e casta, me desafoga a alma. Vê, que eu posso tresvariar !

E, com os olhos pregados no solo, ficou á escuta, sentindo se lhe agitar o peito em commoções violentas.

— Loucura, minha pobre Heloisa ! . . Não é assim que deves pensar, tu que comentas os filósofos antigos e modernos ! . . Não me fales na mão do Destino, porque eu não creio nem na voz do pressentimento. Progresso ! Crê e espera, que a alma descrente vacila de continuo entre os braços da morte. Deus, a grandeza suprema ! sempre sorri para os filhos, porque ele é de bondade ilimitada. Exprobremos, mas, esse Deus sanhudo, que os padres recomendam : ele sim, é a imagem tétrica do desespero e da vingança. O Deus, que eu creio, tem outra feição. É um Deus vasto como o infinito, indefinível e que vive para o bem supremo.

Heloisa sorriu com o riso do incrédulo... um riso frio, humedecido de sarcasmo. Bateu levemente na fronte.

— Também não creio no pressentimento, como não creio na fatalidade. Quando me refiro aos seus nomes, são maneiras de nos expressarmos e que se tornam mais poéticas perante a própria natureza. Deus. . . deixemos de parte. A dúvida principia a invadir-me o coração bondoso, e Deus afasta-se cada vez mais do meu pensamento.

— Filha ! as tuas idéas me desolam. Si é deplorável o ateismo no homem, que nome caberá á mulher que abraça semelhante monstraosidade ? Quando fores mãe, que doutrina ensinarás a teus filhos ; que símbolo de respeito e fé verás florir naqueles lábios inocentes ? O mundo, esse universo inteiro, não será um livro perpetuando todas as magnificências do supremo Criador das coisas ? Uma mulher que não crê ! . . Repugna tanta impiedade !

— Reconheço a mulher com o mesmo direito de pensar que o homem. . . refutou Heloisa d'Arlemont, um pouco hesitante.

Calaram-se por algum tempo. Um pintarrôxo fez ouvir o seu canto. Uma rajada de vento sibilou no cume do castelo. As duas mulheres estremeceram, embora excedesse muito da meia noite, — da hora sinistra, em que os fanáticos se benzem e os visionários afirmam aparecer o diabo. E o conde de Langeais ia partir antes da aurora: Fabre de Liancourt também.

A princeza d'Arlemont voltou-se para sua filha:

— Restam duas horas; vou repousar um pouco... mais tarde estarei de pé. Dorme também, que precisas de um descanso enérgico.

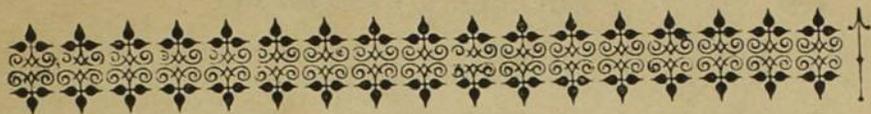
E saiu.

Heloisa recostou a face ás mãos e abstraiu-se completamente. Mil conjeturas perpassavam-lhe nos olhos, como si fossem um cortejo de fantasmas. E acreditou que voavam sombras esparsas e vinham pé ante pé, até lhe tocarem com a ponta das suas azas friorentas e abjetas.

Não se tirou dessa posição aflitiva, e adormeceu, com a mesma desordem dos sentidos. . . As ficções, aglomeradas no cérebro, continuavam a sua peleja lúgubre e renhida. As sombras apareciam agora e tripudiavam de escárneo, mas, envôltas no sonho da consciéncia que sofre. Nem dormindo repousava a alma! . . .

Pobre vírgem!





## XXVIII

### Um vulto que espreita nas trevas

**P**ELA madrugada, antes das trevas se dissiparem completamente, já o conde de Langeais e Fabre de Liancourt estavam prontos para a partida, aguardando apenas o romper da aurora. Os cavalos esperavam selados, no pátio. A princeza d'Arlemont e sua filha ergueram-se e procuraram a sociedade dos dois viajantes.

O conde de Langeais tinha os olhos injetados de sangue, a face pálida, a vista morna, como o homem que não dorme e sente o desespero n'alma. E com toda a certeza : passára aquela madrugada, imóvel numa cadeira, e velando como João Valjean nas suas noites de remorso. Não que ele percebesse o atroz pezado que acompanha ao crime ; mas, dentro do peito existia um vácuo a preencher. Amava uma princeza, tão casta como a flor das serranias, que não foi colhida pelos rapazes da aldeia, nem profanada pelos insetos voláteis. . . Mas, que amor não era ! Quási impossível de se realizar, porque ela, a filha de um príncipe cheio de orgulho e vaidade, não deveria estender a mão a um simples conde, despedido de renome.

Tudo aquilo, e o dever também que se antepunha rigoroso á sua consciência, mostrando-lhe a face descorada de sua irmã enferma e as lágrimas de sua mãe allita. Talvez que pela última noite comprimisse a mão da

princesa, que lhe dera o seu coração de virgem. E esta idéa, com o seu séquito fúnebre, — produzia-lhe medo e desvarios de louco. Quando despertou deste sonhar acordado, foi pelo contacto de uma mão no seu hombro. O dr. Fabre, o grande amigo, lhe viêra dizer :

— E' a hora da partida.

E ele avançou espantado, frio, compelido de terrores e até vacilante. Mas, Heloisa se aproximára e balbuciou-lhe uma frase de consolação, que ella mesma não cria. . . Há um prestígio da parte da pessoa amada, e cegamente escutamos todas as suas palavras! . . . O conde de Langeais reanimou-se ; um sorriso de fé brincou-lhe nos lábios. O amor venceia mais uma vez.

Foram á mesa e serviram-se de alguma coisa. O conde de Langeais não tinha fome, e pouco se alimentou. . . Em seguida deu o braço a Heloisa d'Arlemont, e afastaram-se os dois para o vão de uma janela. O nevoeiro espesso roubava a ténue claridade da lua, que desaparecia no occidente. Ali, perante a brisa que ciciava e a lua que se sumia, conversaram numa ventura eterna, entrelaçada de gozos inexplicáveis.

— Vou partir, minha adorada Heloisa! . . . disse o conde de Langeais, todo sentimental. . . Não sei o que me reserva a sorte ; mas, eu sacrifico tudo, afim de ceder-te o senhorio da minh'alma. Como será poética a nossa noite de núpcias! . . . Como te amarei, Heloisa !

— E ja não ama com todo o acometimento do seu coração de moço?! . . . disse a filha do príncipe d'Arlemont, fitando o semblante do conde de Langeais.

— Amo. . . mas, ainda se interceptam raios de desprazer á face deste amor embriagante. Quero amar, sem que nada perturbe o sorriso dos meus lábios, o fogo do meu coração. Imagino amores, mas, sem o desfalecimento me invadindo o ser, e que na hora suprema descortine a fé no íntimo do peito. Agora é tudo gelo e com o estigma da morte. Desgraça para o mancebo que cambaleia e se roja de encontro á poeira da afflicção. Tudo sombras para o viajor que segue na verêda

umbrosa. Fantasmas que se soerguem e parece entoarem um cántico de finados.

— Isto acabrunha! Para que se condenar a um desespero eterno, quando a natureza inteira reanima esse festim esplêndido? O amor não é um bálsamo para as almas melancólicas?! Pois bem; não choremos agora. Si o dever o chama para perto de si, obedeça á voz da fatalidade. Eu tambem soffro, mas, com o estoicismo dos mártires. Há pessoas que dizem ser a donzela — volúvel como a borbolêta; mas, isto não é uma regra, nem serve de base. Há anjos, que no bater das azas, deixam cair por terra as suas doiradas penas. Estes são os anjos despenhados no túmulo das próprias fantazias. Conheço outros, que predestinados pela fortuna, conseguem librar-se no espaço, á semelhança das valquírias, e nunca rastejam pelo chão de espinhos. Nem sempre a virgem será o que dizem os poetas difamadores, que deixaram, numa noite de embriaguez, se lhe escapar da mão a taça que fervia. A virgem tambem ama com a pureza dos seus sonhos; tambem se sacrifica, e pode cantar, num alaúde de marfim, o favorito da su'alma. Creia, Ricardo. . . Si Shakspeare escreve que « a mulher é como a onda », eu, com a veemência do meu despeito, respondo-lhe — que mentiu. Tenha fé e creia.

— Crer? e em que, Heloisa?! Na fortuna? No prazer? Ah! puras visões, que se furtam, apenas as divisamos.

Heloisa d'Arlemont guardou silêncio. Depois murmurou sorrindo, quasi que bafejando o conde com aquele hálito de mulher sadia:

— Vejo que o sceticismo do nosso médico disseca todas as almas!

— Assim o creio. Nunca fui crédulo; mas, tambem não negava absolutamente o que se afirma existir. Filosofava comigo, sem precisão de ofender a crença de ninguém. Mas, hoje observo, que vou descambando para a incredulidade. Como ela é terrível! O dr. Fabre, com a sua sciência profunda, sabe atrair todos os espiritos que raciocinam. Sustentamos a mentira, o erro, a

perfidia, e finalmente o crime, sem que eles desapareçam por instantes. . . E o mundo é isto! . . . Tenho o fastio da vida. Si não fôras tu, minha adorada! eu percorreria a terra em busca de aventuras, — até encontrar o descanso da matéria.

— Basta! . . . Esta linguagem não tem poesia: é uma preleção de medicina... Já ouço o dr. Fabre chama-lo... E' a hora da partida.

— Sim. . . A hora da partida! A hora triste, em que o coração, que ama, se biparte cheio de angústias, para a saudade atormenta-lo. Eu vou partir, Heloïsa! . . . Por esta lua que se some no ocidente; por este nevoeiro que corre para o horizonte; e por esta brisa que passa gemendo nos ramos do arvoredado, — vamos fazer uma jura.

Heloïsa estremeceu e ficou silenciosa.

— Tens medo do juramento? . . . repetiu o conde.

— Não tenho. . . suspirou a virgem.

E a fronte se lhe inclinou para o peito, enquanto o seio arfava num desejo desconhecido, que só ela o compreendia. A confissão de certos sentimentos é um crime, um sacrilégio enorme, para os lábios pudicos. Heloïsa sofria na mudez da sua dor, e ao mesmo tempo gozava de uma consolação divina, porque era virtuosa, sem embargo das seduçõs. O conde de Langeais parecia alucinado nesta emergência que se tornava gradualmente suave e doce. Buscou a mão da princeza e apertou-a entre as suas, pronunciando:

— A lua pálida, o nevoeiro denso e a brisa sussurrante já foram invocados para escutar o nosso juramento. Pois bem, Heloïsa! Na vida e na morte guardaremos um amor recíproco.

— Na vida e na morte... respondeu a filha do príncipe d'Arlemont, com a atitude de uma deusa casta.

E Ricardo de Langeais que se abrazava num fogo interior, perdeu o senso. Os seus lábios roçaram pela face de Heloïsa e um beijo se fez ouvir no silêncio da noite. Esse ósculo pecaminoso, que arde e so ateia com

fagulhas, é tudo quanto existe de estonteante no epitalâmio do amor. Só os poetas o sabem desenhar nas suas páginas que rescendem encantos de mulher. Nessas comocões de amor, há de sublime a lágrima, como corôa de um beijo, purificação de um sonho. E o conde de Langeais a teve: recebeu-a na face, e cremos que a bebeu.

O idílio se prolongaria, si não fosse o dr. Fabre, que appareceu e disse:

— E' tempo: a aurora surge.

E ambos partiram.

Atravessaram os corredores, as salas e as galerias; desceram as escadas e pisaram o solo, que os cavalos impacientemente escarvavam com as patas. Um pagem de libré, incumbido de acompanhá-los, acercou-se logo dos dois cavaleiros.

Com poucos minutos ouviu-se o tropel dos corceis a trote, e o portão, escancarando-se pesadamente, deu franca passagem.

Enquanto eles partiam, um vulto, quâsi á semelhança de uma sombra que foge, — desaparecia sorratamente, no interior do castelo. Oculto por traz de um reposteiro, próximo á janela, onde Heloisa d'Arlemont e o conde de Langeais realizaram o último colóquio, — esse vulto de homem presenciara e ouvira, sem ser visto, todo o diálogo travado entre eles. Logo que os viu despedirem-se, aproveitou a occasião, mais que favoravel, — e tomou igualmente o seu destino.

O vulto era o padre Sanpiero, transformado em espião e exercendo o aviltante papel de jesuíta. Tinha ouvido de sóbra, e não mais ignorava nenhuma circumstância, por diminuta que fosse. Mantinha um sorriso infernal e mostrava aparentemente uma satisfação enorme, quando, no interior, se ralava de ira! Comtudo, sentou-se numa cadeira, deu ao corpo um ar de majestade e murmurou baixinho:

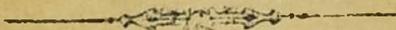
— Muito bem! encontrei a minha vingança!... O sr. príncipe saberá de tudo: estão lhe prostituindo a casa. Que imoralidade!... Quanta corrupção no mundo, e en-

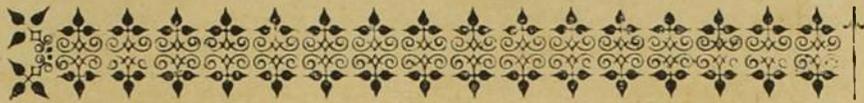
tre pessoas católicas!.. Como falam de amor, com a mesma desfaçatez das hetairas gregas, como si fôra um assunto de piedade evangélica!..

E terminou o monólogo soltando uma gargalhada sarcástica E logo acrescentou :

— Irra ! que é quasi manhã !.. Quero dormir : os olhos ja me ardem. Felizmente a noite não foi má ; pesquei muita coisa, e o meu plano está feito. Há de vingar, porque é magnífico !

E atirou-se estupidamente para o leito. No fim de alguns minutos dormia e roncava como um porco.





## XXIX

### Uma enfêrma que se reanima e vive

**A** lua, qual lâmpada suspensa no infinito, iluminava a superfície da terra. Um brando sussurro, que se perdia ao longe, ouvia-se de espaço a espaço. Era uma noite amena, capaz de seduzir uma alma romântica. E contudo, num leito de agonias, pálida como um lírio desbotado, — ansiava uma donzela. A' roda de si, mudas como o silêncio, velavam diversas pessoas, quais os convivas da morte. Era Ivette de Langeais, ardendo numa febre, que tenazmente lhe consumia a existência. O médico assistente ja tinha desanimado, e no seu entender a condenara á morte. Tais são as misérias da vida !

A condessa-mãi chorava consigo, e no íntimo dirigia preces a Deus. As cortinas do leito de Ivette conservavam-se erguidas, formando uma uívem quâsi junto á cúpula. O ar que se respirava, no interior da câmara, era têpido e cheirava a bálsamo. Para um lado, á frente da enfêrma, via-se brilhar ao reflexo das luzes, um grande Cristo de ouro. O médico fitava o rosto lívido de Ivette e não soltava uma só frase ; parecia pensar. O leito estremeceu e o esculápio redobrou de atenção. Depois, voltando-se para a condessa de Langeais, cochichou :

— Vai acordar.

A condessa aproximou-se devarinho e ficou á escuta.

Ivette, efetivamente, percorria todo o quarto com o seu olhar amortecido, e dava mostras de querer uma coisa.

— Filha ! que desejas ? . . . interrogou a mãe, com uma delicadeza expressiva.

Ivette estendeu o braço descarnado e trémulo e fez um aceno. A condessa abeirou-se do leito e repetiu :

— Que desejas ?

— Ricardo já chegou ? . . . perguntou a virgem, depois de resfolegar pesadamente.

— Não ; mas, creio que chegará em breve. O luar é tão lindo !

— Talvez que seja tarde. Sinto-me tão fraca, como quem vai morrer.

— Transvia o pensamento : não fales nisto. Tu hás de viver ; eu quero a tua vida. Reanima-te de fé, que sentirás o coração pulsar com veemência, e o sangue purificado correr todas as veias.

— Quási impossível ! . . . murmurou Ivette com um sorriso descrente.

Duas lágrimas rolaram pelas faces da velha condessa. Dez horas soaram no relógio da sala imediata ; uma luzada arrojou-se de encontro ao castelo.

— E porque dizes *impossível* ? ! Não sabes, que eu, na minha fé pelo cristianismo, já me voltei completamente para Deus, e que ele, sendo de bondade infinda, não me deixará de ouvir ?

— Sim, minha mãe ; mas, o código divino é irrevogável. Quando traça uma sentença, ela se cumpre.

— Não ; não digas isto. Duvidar um só momento da misericórdia divina, é um sacrilégio. Si Cristo foi divino, — o que firmemente creio —, não pode ignorar as torturas de uma mãe : ele também a teve. Sei que a morte é inevitável ; mas, a Deus não é difícil retardá-la e conceder-me uns dias mais felizes.

— Entretanto, existem criancinhas desabrigadas, que tiritam de frio e gemem de fome ; mãis inconsoláveis, porque viram desaparecer num túmulo as esperanças da vida ; e outras e outras desventuras, que Deus na sua

bondade infinita, poderia obstar. Não que eu descreia, minha boa mãe. Nem ao menos me passa de leve, á flor dos lábios, o fel da blasfêmia. Não conheço esse veneno letal que denominam *ateismo*. A minha alma está virgem, porque não se molhou ainda no lôdo da incredulidade.

A condessa de Langeais calou-se e ficou meditativa. Ivette recaiu num êxtasis, numa abstracção bem própria dos febricitantes. O médico avizinhou-se e disse :

— Tem falado muito. Isto agrava a moléstia.

Um sorriso angélico transpareceu nos lábios da donzela, como si fôra um prenúncio de vida.

— Não, dr! . . . Deixe-me falar. Quem sabe, si não é a minha alma que conversa com Deus?

— Engano! Ainda não se partiu o fio da vida. A alma vive conosco, enquanto sentimos o coração bater e o sangue galopar nas veias. A alma é quem reanima todo o nosso organismo; só se desloca, quando exalamos o último suspiro.

O filho da sciência tinha falado de acôrdo com o vulgo, e segundo a crença de uma família católica. No seu íntimo pensava o contrário. Ele, René de Sangiac, quasi sexagenário, possuía bastante erudição e muita experiência para distinguir o mundo físico e o moral. Embora digam que o mundo metafísico não chega para a compreensão de ninguem, aventuramo-nos a assegurar, que o velho médico ja tinha a sua opinião formada sobre ele. Há muito que René de Sangiac escrevêra contra os preconceitos da raça latina, e o violento panfleto circulava no mundo literário, sob a capa do anónimo. Depois desta ligeira explicação, voltemos ao assunto.

Ivette meneou a cabeça em sinal de dúvida :

— Não, dr. Diga-me tudo, menos que a minha vida resiste. Parece-me que cerro os olhos para despertar no seio de Deus, com a consciência escoimada de culpas.

— E' demais. Vejo que se fatiga. . . e o médico, voltando-se para a mesa, d'aí retirou um frasco.

Vasou num copo uma pequena parte do conteúdo e apresentou-o a Ivette.

— Beba. Dormirá um pouco ; quando acordar, notará melhora considerável. E' uma experiência, e confio.

Ivette sorveu de um trago. No fim de poucos minutos dormia sem ansia. Quási todos se afastaram da cabeceira do leito, afim de descansarem enquanto ella repousava. O dr. René de Sangiac retirou-se para o salão, estendeu-se num sofá e abriu as páginas das **Metamorfoses** de Ovídio, — o mitológico poema, que se constituiu um dos mais elegantes monumentos da poesia latina. Leu durante uma hora. Eugénia de Calabre, com o semblante ainda tristonho, appareceu ao médico e annunciou-lhe que Ivette acabava de despertar. Sangiac depoz o livro sobre a mesa, tirou os óculos e fitou a moça :

— Como acordou ? Um pouco melhor ?

— Com algum alívio. A febre baixou. Queixa-se de grande fraqueza.

— E' natural. . . acentuou o esculápio.

Ergueu-se e acompanhou Eugénia de Calabre. Ivette mantinha-se calma e com a vista mais plácida. René de Sangiac tomou-lhe o pulso e disse então :

— Afirmei, que ao despertar, contaria melhora sensível. Si eu conseguisse uns trez resultados como este, teria vencido a batalha. Assim vai bem.

Neste momento um ruído de passos acelerados fez-se ouvir no corredor ; todos se voltaram para a porta. A figura de Perrique apresentou-se logo. Tinha a respiração ofegante ; os seus olhos brilhavam. E gritou intempestivamente :

— Que felicidade ! Não sabem ? O nosso Ricardo chegou ; vi-o apear-se no páteo. Vamos recebe-lo ; venham comigo.

Um pequeno grito escapou dos lábios da velha condessa, e um tremor convulsivo apoderou-se da enferma Ivette. O médico, observando aqueles efeitos, permaneceu indeciso.

— Corram ; não se demorem. . . continuava a gritar Perrique Van der Helst, e deitou a correr para a escada que ia dar no páteo.

Imediatamente a câmara da enfêrma se esvaziou. Até mesmo o dr. Sangiac foi ao encontro do conde de Langeais. Ivette, tendo ficado só, sentiu um resfriamento invadir-lhe os pés, as mãos, a fronte pálida e finalmente o corpo. Após isto, que durou minutos, efetuou-se uma reação: o sangue girou-lhe nas veias, e um calor intenso desentorpeceu os membros gélidos. A enfêrma espantou-se e comentou á meia voz:

— Meu Deus! que é isto! . . . Será a morte que se apodera de mim, — agora, quando me vejo tão perto de abraçar esse irmão, — a única delicia da minha existência?! Será possível? Não. . . quero viver ainda. Isto é a vida e não a morte. E' a vida, quâsi extinta, que se extravasa nas veias. Quero ve-lo tambem, cingi-lo nos braços como os outros fazem.

E sentiu-se forte. Pulou fóra do leito; experimentou as forças e sorriu qual uma criança. Vestiu-se á pressa, e ia sair em busca do irmão, que não mais julgava oscular, — quando percebeu uma vozêria confusa. Parou.

Eram todos, que, acompanhando o conde de Langeais e Fabre de Liancourt, se dirigiam para o quarto da enfêrma. E ja entravam pressurosos, quando um grito de assombro, — desses que não se descrevem —, partiu de todas as bôcas, ante a figura pálida de Ivette, que permanecia de pé, semelhando uma estátua de gelo!

O dr. Sangiac avançou para segura-la, prevendo um iminente desmaio; mas, não teve tempo. Ivette arrojava-se nos braços do conde, após uma exclamação de alegria, e como que possuída de um frenesi de loucura. Beijava-o; chorava ao mesmo tempo, até que lhe desmaiou, cingida ao peito.

— Eu receava isto! . . . proferiu o médico, com uma expressão de muita mágua.

— Não tem nada, colega! . . . atalhou o dr. Fabre. . . Estou ao seu lado para ajuda-lo; nós a salvaremos.

O velho esculápio voltou-se a estas palavras.

— Ah! tambem é médico!

— Entendo. Deram-me uma carta na Faculdade.

— Tenho prazer de conhece-lo e agradeço extraordinariamente, porque chega a propósito. Luto com uma moléstia exquisita, e por mais de uma vez desanimei!

Ivette fôra transportada ao leito e continuava em deliquio. O dr. René procurou um frasco de sais e fê-la aspirar: ela voltou a si. O bom médico, sempre vontadoso pela cura, socorreu-se do penúltimo remédio e preparou a dóse. Ivette ingeriu-a prontamente e logo adormeceu. René de Sangiac recomendou:

— Enquanto repousa, fique uma pessoa ao seu lado e tenha a máxima vigilância. Retiremo-nos.

A prescrição foi cumprida. O comentário da chegada e a reunião da família desanuviaram os semblantes. A lembrança de doença desapareceu com a palestra. O conde de Langeais não sabia a quem responder primeiro; todos lhe dirigiam perguntas ao mesmo tempo. A condessa-mãi não dissimulava a satisfação.

Os dois médicos, resguardados num canto do salão, conversavam sobre a sciência e revolviam todos os sistemas, desde Hipócrates até Ambrósio Paré, o pai da cirurgia franceza. Falaram dos grandes envenenamentos: Lucrécia Bórgia, a marquiza de Brinvilliers e a familia dos Médicis vieram á baila.

Tinham fome, principalmente os recém-vindos, e foram chamados á mesa. Todos lhe fizeram honra, e o dr. Fabre demonstrou um apetite de Luculo.

Depois da ceia o conde de Langeais se dirigiu ao quarto da irmã. Ivette acordou, e notaram todos que o seu organismo se rehabilitava. A febre tendia a desaparecer, restando unicamente a fraqueza, — consequência infalível, após uma doença grave. O conde retirou-se satisfeito, apelando então para a convalescença, que, no entendimento de Fabre de Liancourt, seria rápida. E tão convicto estava do seu prognóstico, que acrescentou:

— Um extraordinário, Ricardo!.. A tua presença salvou-a... Tu magnetizas!



### XXX

#### Uma solidão aprazível

**D**IZEM os espíritos essencialmente melancólicos, que nada existe de mais agradável do que a solidão. Vive-se aí, pensam eles, segregado do mundo, gozando de um recolhimento, que seria impossível no bulício das cidades populosas. Os poetas scismadores a procuram, quasi que por um instinto. O grande Luiz de Camões acolhia-se á gruta de Macau para inspirar-se e escrever as inorredouras páginas do **Lusíadas**. Comtudo, há sofrimentos da alma, que nem a solidão os disfarça ou minora um pouco. Aqueles que os padecem, são os verdadeiros precitos da humanidade.

O castelo do conde de Langeais conservava-se sempre solitário. Ali não havia esse prenúncio de festa e agitação que se observa nas côrtes. Quem se ocupava do seu aformoseamento, era unicamente a natureza. Os passarinhos faziam ouvir a sua orquestra, e as árvores ramalhudas espalhavam a sombra num chão relvoso, totalmente despido de vegetação daninha.

A paz, que reinava em todos os espíritos, era o corolário de uma existência tranquila, isenta inteiramente da ambição desmedida, — que se constituiu uma ameaça ao repouso —, e da vaidade do luxo, que tantas vítimas tem esmagado nas rodas do seu carro. Ali não existia nos lábios de ninguém o sorriso do fingimento; nem o

protesto amistoso de uma felicidade eterna, que muitas vezes se envolve no falso manto da hipocrisia.

Ivette, que lutava nas agonias da morte, já sentindo o soluço do desespero se lhe comprimir na garganta, — reanimou-se, como que por milagre, e continuou a viver. O conde de Langeais aparecendo-lhe, foi a origem de toda essa transformação num organismo depauperado. E Ivette sorriu de esperança.

Uma tarde, em que o céu azulado parecia ostentar-se festivo, toda a família se reuniu à sombra de um carvalho, que enfeitava o jardim com uma doce magnificência. Os primeiros dias de Outubro corriam. A hora fatal da revogação do Édito de Nantes se aproximava a passos rápidos. E contudo, naquela ocasião, ninguém pensava nas desgraças que ameaçavam a pátria. Há tanto poder nos prazeres, que em poucos instantes de gozo, olvidamos todos os males.

Ainda um raio do sol coroava o carvalho, e um colibri espanejou as azas, beijando furtivamente as rubicundas flores de uma romeira. Era um quadro de inocência e vida.

Alguns se haviam sentado na grama e outros num banco de pedra. O dr. Fabre de Liancourt explicava um ponto da história Natural. A conversação, que tão animada ia, parou repentinamente e todos prestaram atenção. Tinham ouvido o som de uma gaita de foles. Cada vez mais distinto se fazia escutar, até que um rapaz mal trajado e franzino de corpo estacionou à grade do jardim. Emudeceu a sua sinfonia. Com um sorriso de verdadeira intimidade saudou a todos os circunstantes. Perrique Van der Helst ergueu-se e lhe ofereceu entrada. O malandro entrou imediatamente, e deu alguns passos até se aproximar do grupo. Aí, de pé, com os braços cruzados, parecia esperar alguma ordem.

— Que queres? . . . interrogou o conde de Langeais.

— Comer. Tenho fome.

— Em que te ocupas? Trabalhas?

— Não sr... Sou um pobre músico ambulante : só dou

serviço á bôca. Vivia com os meus companheiros e sempre ganhava alguma coisa com que pudesse perambular alegremente. Um dia briguei com eles, e me expulsaram do bando, sem a mínima condescendência, de sorte que estou condenado a morrer de fome, pois não encontro quem me forneça um *liard*! . . .

— Como te chamas?

— Chamam-me Fripon.

O conde de Langeais, voltando-se, deu com a mão e fez vir um criado, que passava por outra aléa. Quando este se avizinhou, o conde mostrou-lhe Fripon :

— Leva este tratante e enche-lhe a barriga.

Fripon patenteou uma alegria de louco.

— Bravos! vou comer enfim! Desde manhã que estou em jejum, e ja tencionava fazer-me frade, para ver si contra a tendência, ganharia o reino dos céus.

E levando a gaita de foles novamente á bôca, executou, com quantas forças possuia, uma dansa hispanhola. O criado convidou-o em seguida e Fripon obedeceu á primeira voz.

— Aqui temos um infeliz, que parece não se atropelar de cuidados! . . . disse a condessa de Langeais.

— Perfeitamente! . . . concordou o médico. . . Dê-se-lhe um pouco de pão, e estará saciada a sua ganância. Os desejos de glória não se acumulam no coração desse pobre diabo. Vive como qualquer bicho que não tem consciência da lei moral. Si reprime os seus impulsos criminosos, é porque desconfia que será castigado, e essa punição causa-lhe medo. Aqui se revela unicamente um instinto : o da conservação da vida.

— Bem! saiu-se melhor na exposição, do que o juízo que eu poderia formular! Contudo, dr. . . é-me obscuro um ponto, o qual não compreendo. Há todas essas contrariedades para eles, que arrastam uma vida toda material. . . e não obstante, os garôtos e os vagabundos têm sempre o riso nos lábios, uma satisfação de si próprios! Como explica semelhante extravagância?! . . .

— Facilmente. A vida, para eles, é toda vegetativa ;

o espirito ali não trabalha. Onde o espirito não funciona, a razão não se esclarece. A razão é como uma lâmpada, que só clareia emquanto tem azeite. Quanto mais óleo se lhe depositar, maior será a quantidade de luz. Logo, a razão neles é uma lâmpada vazia, e portanto, incapaz de fulgurar. Deste modo não podem conceber o papel do homem na sociedade. Não pesam a vida além da campa. Avaliam que há uma vida eterna; mas, essa crença é sem fundamento algum, sem fé nenhuma e ainda menos sem razão. Dizem que há um Deus, e que esse Ser castiga o vício; mas eles, apesar da afirmativa, não se afastam do crime. Eis a causa, porque, sendo uma vida vegetativa, — ficam satisfeitos de tudo que os cerca, contentes no seio da própria ignorância, nada esperando do dia de amanhã, e mal cuidadosos do seu passado obscuro. . . E' a verdadeira felicidade da existência; mas, eu rejeito-a, com semelhante prêmio.

— E' um sábio. . . murmurou Perriqué Van der Helst. O médico sorriu.

— Sábio! Falta tanto para a craveira, que eu mesmo não o sei medir! Sócrates dizia: « O que eu sei, é que nada sei ». Sem a jactância de emparelhar-me com o moralista grego, busco, entretanto, o disfarce da sua capa. A' medida que o homem se aprofunda em conhecimentos, mais enxerga como está distante da sabedoria. Neste século só conheço Malebranche, Hardouin, João Locke, Leibnitz e Newton, que sejam sábios. A maioria, que se faz célebre, é de homens superiores, mas, que não atingiram ainda essa culminância de assombro. Há muito espirito nas críticas de La Bruyère; muita clareza nos escritos de Fenelon; muito estro e primor nas tragédias de Racine; muita eloquência e filosofia nos sermões de Bossuet. Corneille, Bourdaloue, Molière, Boileau e Milton são grandezas no mundo das harmonias. Admiramos tanto génio; mas, é forçoso reconhecer, que sábios não são.

Perriqué Van der Helst ia dizer alguma coisa e tirou-se do propósito: Fripon tornava nesta ocasião, soprando

do a sua gaita. Tocou por algum tempo, e todos o escutaram silenciosos. Em seguida sentou-se na relva, desligado do grupo, e deu expansão á tagarelice :

— Comi como um turco. Creio mesmo que o papa não jantou melhor. Valha-nos isto : enquanto há fidalgos caridosos, nós não ganimos de fome á feição dos sabujos.

— Falas que nem um livro te venceria ! . . observou o conde de Langeais.

— Há razão para isto. Tenho 19 anos ; mas, ja percorri muitos lugares. Fiz parte de um rancho de ciganos, ou por outra, de *zingari*, na língua dos italianos ; e viajei com eles em todo o sul da Alemanha. Os patifes expulsaram-me do bando, e eu senti muito, porque eles projetavam uma viagem á Inglaterra, e eu desejava visitar a terra do dinheiro. Que fartadela eu não tomaria, quando me visse no espinhaço de John Bull ! . . Aos 12 anos fui considerado gitano, e não obstante as minhas espertezas, vivo hoje pelado como um pinto.

— E tens glória com isto ? !

— De algum modo. Cada qual para o que nasce. Ainda que eu quizesse ser de bem, era-me impossível.

Todos riram com o cinismo de Fripon.

— E não coras de vergonha, quando confessas tanta infâmia ?

— A's vezes me vem uma espécie de remorso ; mas, isto passa imediatamente, quando imagino, que, para viver, é preciso ser tratante e enganar o próximo. Os grandes tambem fazem assim ; mas, como vivem na riqueza, — tomam-se por virtude e filosofia os seus atos.

— Chiton ! . . Vejo que és atrevido ; mas, desculpo-te, porque ao menos não disfarças a tua indignidade. Estás despachado ; compra alguma coisa com esta moeda. . . e o conde de Langeais atirou com um escudo aos pés de Fripon.

Os olhos do bargante luziram como os de um gato, que pressente a presa. Apanhou a moeda ; mirou-a, e disse risonho :

— Muito obrigado. Querendo, contai comigo para vos

servir. Os maus também prestam. Vou partir imediatamente. Cogito de sentar praça.

E ergueu-se com indolência. Fez uma grande cortezia e saiu.

— E' excêntrico! . . . analisou a condessa de Langeais.

— Ou antes: muito sem vergonha! . . . completou Perriquer Van der Helst.

Escurecia e a bafagem da noite resfriava todas as frentes. O tempo mudara para invernosos. Recolheram-se ao castelo, e logo Ivette de Langeais, completamente restabelecida, se dirigiu a um gabinete, pintado de azul, onde ardia uma lâmpada de cristal. Apanhou sobre a mesa uma caixa de veludo; destrancou-a com uma chave de prata, e retirou de dentro uma linda cítara de marfim. Depois de rápidos prelúdios para afinar o delicado instrumento, voltou á sala, onde toda a família se reunia em serão. Trazia a cítara consigo, e sentou-se num sofá de damasco, que estava desocupado. Eugénia de Calabre apenas a viu nessa disposição de música e logo se colocou ao seu lado, como quem organiza um dueto.

Os primeiros harpejos se fizeram ouvir, parecendo que um sopro divino tangia aquelas cordas metálicas, que vibravam ao contacto de uma mão subtil. Não podiam ser mais suaves e enternecedoras as fantásticas harmonias, com que as ninfas de Calipso fascinavam o filho de Ulisses. Não; elas não tinham maior império sobre a alma, do que os sons, que nesta ocasião fugiam da cítara de marfim, habilmente dedilhada por Ivette de Langeais. « A música, segundo Chateaubriand, adormece a aflicção nos corações agitados. »

Fabre de Liancourt, para quem o espectáculo era novo, e sobretudo, surpreendente, — permanecia extático, e agitou-se de gozo, quando as notas que se evoluam, foram secundadas e maravilhosamente confundidas pelo gorgueio das duas jóvens castelãs. O médico, que só vivia para o materialismo, sentiu que alguma coisa de extraordinário dominava todo o seu organismo. O coração pulsava-lhe com violência.

Eugénia de Calabre e Ivette de Langeais cantavam uma seguidilha hispanhola. A doçura da língua dava maior realce á canção, que ás vezes gemia, e ora se despenhava como a torrente vertiginosa. Si outrora, no seio das florestas, foi arrebatadora a melodia dos bardos, que faziam passar ás gerações dos celtas as suas narrativas heroicas, — não menos sentimental e cheio de majestade era este cântico, que se perdia na quietude do velho castelo.

Logo que se extinguiram os últimos acordes da cithara e o silêncio tornou a se fazer, um brado de entusiasmo partiu de todos os circumstantes. Ivette tinha as faces incendidas por um rubor pudico; os seus olhos brilhavam, e um sorriso de satisfação e paz transparecia-lhe nos lábios. Desde esse momento a vírgem pintou-se outra á imaginação do médico: assumira as proporções de deusa.





### XXXI

#### Um outro filho de Loiola que surge no proscénio desta narração



OMPLETAVAM-SE quinze dias que o conde de Langeais partira do castelo de Saint-Pont. Pouco a pouco os fidalgos iam visitando a cõrte do príncipe d'Arlemont, até que a antiga affluência se restabeleceu. O desgosto, que infundira a morte do barão de Poligny, — ausentou-se finalmente. O padre Sanpiero continuava a ingerir-se em todos os negócios. Diariamente passava duas horas ao pé das princezas d'Arlemont, e não consumia o tempo em coisas utilíssimas, pois, cuidava somente de as fanatizar. Com um volume da Biblia, não deixava de lhe abrir as páginas e ler qualquer capítulo, que ele comprehendia de grande alcance para conservar um espírito nas trevas. E tudo isto concorria para as princezas lhe votarem ódio, porque viam naquela figura e espécimen do mal.

Um dia, em que o padre Sanpiero estava no seu gabinete, occupado em manusear as obras místicas do jesuíta Molina, retiradas da biblioteca do castelo, e esforçava-se em refutar o quietismo, — presentiu que alguém abria a porta. Voltou-se ligeiramente e notou a presença de Junghill, o célebre bôbo do príncipe d'Arlemont. O jesuíta antipatizava-o, porém, conteve-se. O jogral tinha um ar de assombro e trazia um quadro na mão esquerda. Caminhou resolutamente e sentou-se ao

lado do italiano. Cruzou as pernas e disse quasi logo :

— Padre ! vejo-me bastante preocupado e queria que o rev.<sup>o</sup> me tirasse do apêrto.

— Como ?

— Vou explicar-lhe. Hoje encontrei um retrato muito exquisito ; isto é, figurando um homem completamente extranho á raça humana. Escute, meu padre : um homem com dois cornos, barbas de bode, orêlhas ponteadas, nariz curvo, cauda longa e pés de ruminante ! . . . E' possível de crer ? ! Para maior atropêlo vi escrito : PAN, DEUS DOS GADOS. Não me pude sofrer com esta heresia ; levantei-me scandalizado e perseguido de maus pensamentos. Corri até aqui ; procurei-o, porque o rev.<sup>o</sup> é padre e entende essa embrulhada de religião. Digame que diabo de deus é este, assim tão horrendo, que parece um condenado ! Eu conheço o outro Deus, mas, ele se conserva pregado numa cruz, com a cabeça pendida para o seio, gotejando sangue. . . E este, que aqui se vê, também é deus ? !

E Junghill apresentou o retábulo ao padre Sanpiero. Era realmente Ínuo, coroado de pinho e com a flauta na mão. O italiano não se poude suster, e sorriu mansamente, reconhecendo a needade do bôbo.

— Filho ! como queres que te explique semelhante absurdo ? . . . Isto pertence ao paganismo.

— Ah ! entendo. Bugigangas de protestante. Não é ? . .

— Vale o mesmo. Entre um pagão e um protestante não há differença. A santa religião católica não reproduz essas infâmias.

Junghill soltou uma gargalhada retumbante :

— Muito bem ! Isto sim. . . E para que inventaram um deus tão nojento ? ! E' a figura de um bicho ! . . . Porque não representam donzelas sedutôras como a Vênus do Parque de Versalhes ? ! Juro que até mesmo o rev.<sup>o</sup> se desmancha, quando enxerga uma menina bonita ! . .

E Junghill recomeçou a rir, emquanto tamborilava no quadro com os dedos da mão direita.

— Deixa-me. . . disse o padre Sanpiero um tanto en-

fadado. . . Não sei explicar asneiras do paganismo. Tenho necessidade de ficar só.

— Para que ?

— Ora ! que grulha ! . . . Estou escrevendo uma apologia sobre a religião católica : preciso de silêncio.

— Irra ! E a nossa religião está sendo acusada ? Porque a vai defender ? Quem lhe encomendou o sermão ? !

O padre Sanpiero lançou um olhar petrificante sobre Junghill, e conservou-se mudo.

— Não responde, padre ? ! Quer que eu o considere um santarrão muito maluco ? !

O italiano sentiu-se ofendido ; mas, continuou silencioso e de vista fulminante. O bôbo, além de indiscreto, estava bêbado, e tornou-se impertinente.

— Porque me olha deste modo ? Faça um ar de riso : suponha que eu sou uma freira, muito dengosa, e estou confessando-me.

— Burro !.. trovejou o jesuíta, perdendo a tramontana.

— Muito obrigado, embora eu não seja do seu rebanho. Agora, pode rir : eu fiz uma graça. . . e o bôbo rematou com uns gatinhanhos.

— Isto é insuportável ! Retiga-te, Satanaz !.. esbravejou o jesuíta cerrando os punhos em sinal de cólera.

— Não se zangue comigo. Lembre-se de Jesus Cristo ; e, si está danado, encomende-se a S. Lázaro.

— Insolente ! tu me vês com hidrofobia ? . . . Atacado do mal ficará um cachorro da tua laia.

— Amanse : deixe de braveza. Conversemos como dois amigos velhos.

— Já disse que te retires. Não me leves ao extremo.

— Sério !.. e Junghill renovou de gargalhadas. . . E' impostor assim ? Manda na casa alheia ? Saiba que estou no meu castelo. Depois do sr. príncipe, quem é mais conhecido, sou eu. Já morei em Pariz, e aí fizeram uma festa em minha honra.

O padre Sanpiero ergueu-se furioso. Lançou a vista em tórno de si, como quem busca uma arma ; e sem se lembrar de uma cadeira, que lhe seria mais própria, —

empolgou o **Breviário**, pesado qual o **MAGNUM LEXICON**.

— Birbante! . . gritou com toda a força dos seus pulmões, e ameaçando com o livro. . . Sai, ou quebro-te a cara sem piedade alguma. Julgas, que eu, por ser padre, já deixei de ser homem?!

E o jesuita tremia de raiva. O bôbo reconheceu que o caso se complicava e tomou o partido de retirar-se. Encaminhou-se para a porta, porém, estacou e se poz a dansar, cantando a seguinte paráfrase de Malherbe :

N'esperons plus, mon àme, aux promesses du monde ;  
la lumière est un verre, et sa faveur une onde,  
que toujours quelque vent empêche de calmer.  
Quittons ces vanités, lassons nous de les suivre :  
C'est Dieu qui nous fait vivre,  
c'est Dieu qu'il faut aimer !

O padre Sanpiero ficou indeciso, e continuou a medir Junghill, que se retirou rindo e dizendo bem alto :

— Vou procurar a sr.<sup>a</sup> princeza. Quero que este corvo desocupe o ninho ; do contrário, lhe escovarei a plumagem. Eu, que já bebi pela mesma taça de Bossuet, estou aparelhado a tolerar desafôros de um fariseu !

E Junghill, que seguia pressuroso, parou repentinamente e ficou á escuta : acabava de ouvir uma voz, que não lhe era desconhecida. Bateu palmas de contente ; correu até á sala immediata e achou-se cara a cara com o príncipe d'Arlemont, que apenas chegava de Pariz e ja se via cercado de cõrtezãos. O bôbo curvou-se ante o príncipe, poz um joélho em terra e permaneceu calado.

— Que queres? . . interrogou d'Arlemont, com um sorriso bondoso.

— Vingança, sr! . .

— Quem te ofendeu? Quem desrespeitou ao favorito?

— Um jesuita atrevido.

— Como?! . . e o príncipe transformou a fisionomia, que assumiu o aspecto de assombro.

— Vinde vê-lo.

E Junghill levantou-se. O príncipe d'Arlemont, impedido de curiosidade, acompanhou-o imediatamente. Atravessaram corredores e salões, até que se detiveram á porta do gabinete occupado pelo jesuíta. O jogral não se demorou em designar o inimigo, e disse, como quem apontava algum animal feroz :

— Aqui o tendes.

D'Arlemont, deparando-se com o jesuíta, recuou um passo ; Sanpiero, que ja estava sentado, ergueu-se incontinéti.

— Que fazes aqui ? . . perguntou o príncipe.

— Descanso por uns dias. Sou um enviado do Sumo pontífice Inocéncio XI, para distribuir Breves.

— Ah ! . . e o grande fidalgo avançou cabisbaixo até junto do jesuíta, e lhe beijou a manga da batina, acrescentando. . . Ficai-vos em paz : logo nos entenderemos.

Voltou-se para Junghill e impoz sobranceiro :

— Não admito que insultes a este virtuoso sacerdote. Retira-te, sacrilego !

— Mas, isto é uma torpeza ! . . retrucou o bôbo, com uma audácia de ébrio.

D'Arlemont empalideceu e bateu com o pé no soalho em sinal de cólera. Dirigiu-se para uma campainha, que estava pregada na parêde, e tangeu-a violentamente. Um criado appareceu.

— Chama-me trez homens e vem immediatamente com eles. Espero-te aqui.

Junghill, porque não comprehendesse a ordem ou se mostrasse fóra do comum, — não se abalou do lugar em que estava, e principiou a assobiar, como quem desdenha. Decorreram poucos minutos, e apresentaram-se então os homens requeridos. O príncipe apontou-lhes o bôbo :

— Amarrem este canalha e recolham-no ao subterrâneo, até minha segunda ordem. E' muito atrevido ; deve estar bêbado, e eu não o posso aguentar.

Não obstante a intimativa do príncipe, os homens ficaram pasmos e se entreolharam.

— Que fazem ? . . bradou-lhes o poderoso D'Arlemont.

Os apaniguados perderam o escrúpulo e voaram sobre Junghill. Este, como que induzido por um poder occulto, recuou até á parêde e apoderou-se de uma cadeira, intimando com afoiteza :

— Aquele que me puzér a mão, eu o esmagarei.

Os homens suspenderam a fúria ; consultaram-se com a vista, e só um deles avançou. Junghill descarregou-lhe um golpe violento. A cadeira partiu-se ; o homem cambaleou e caiu ; o sangue inandou-lhe todo o rosto.

— Avante, poltrões ! . . estrugiu o príncipe, com expressão de ódio.

Travou-se a luta. O bôbo era um Hércules na força. Agarrou um dos inimigos pela garganta, e quando o soltou, o desgraçado estendeu-se como um fardo, procurando o ar. Ao ruído não acudia mais ninguem, e o padre Sanpiero foi obrigado a intervir no conflicto. O príncipe tornou a vibrar a cãmpainha. Um servo appareceu, e deparando a desordem, fugiu espavorido.

Junghill rolava pelo soalho, e comprimia a gola do padre Sanpiero. O jesuíta, sentindo-se preso nas aspás de uma tenaz, já não gritava e debatia-se fracamente. Em ato successivo ouviu-se um estrépito de povo, que se precipitava em socôrro. . . e de fato : todos os fidalgos invadiram o lugar da peleja. Num abir e fechar de olhos o jogral foi machucado a pés, esmurrado, contundido e finalmente subjugado.

O subterrâneo ficava no fundo do castelo. O mísero foi arrojado á prisão e solenemente increpado, porque no pugilato assassinara o padre Sanpiero. O bôbo, no seu alucinamento, tanto cingira a guêla do jesuíta, que o fez morrer por asfixia. O cadáver estava rôxo e horriavelmente feio. As faces repuxadas e mordidas a miudo ; a língua pendente e enegrecida ; os olhos esbugalhados.

D'Arlemont tinha o semblante consternado. Carecia de paz, e especialmente de tempo, afim de resolver qual o castigo destinado a Junghill. Retirou-se para o seu gabinête, e logo que entrou, disse ao criado de quarto :

— Tenho urgência de falar ao padre que trouxe comigo ; comunica-lhe que venha até aqui.

Realmente : o jesuíta Lachaise entendêra de rigoroso dever, que um discípulo de Inácio de Loiola acompanhasse o príncipe d'Arlemont á Provença, para espiá-lo e lhe servir de Mentor, encaminhando-o sem nenhum escrúpulo nas perseguições horrorosas que se iam mover aos protestantes. Lachaise não precisava consultar ao príncipe : impunha. Declarou-lhe a sua idéa, e ele anuiu-a, com o sorriso nos lábios. Louvois, que estava presente, encheu-se de satisfação e pronunciou entusiasmado :

— Feliz lembrança ! Pensamento áureo ! . .

O padre escolhido para acompanhar D'Arlemont era um jesuíta, natural de Poitiers, já célebre e conhecido na côrte de Luiz XIV pelas façanhas praticadas em Tolosa, quando, por ordem do governo, aí exercêra o papel de pregador. Tolosa foi sempre o foco do fanatismo.

D'Avesnières chamava-se o jesuíta ; contava 43 anos de idade, e parecia caquético, em consequência da excessiva devassidão. Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito, exhibira desde moço, por causa da sensualidade, todas as feições da velhice.

O jesuíta, ao receber o convite do príncipe, apressou-se em obedecê-lo. Introduzindo-se no gabinete principesco, fez uma cortezia com a cabeça e conservou-se de pé. O príncipe estava triste e recostado a uma secretária. Ergueu os olhos, e apontando meigamente uma cadeira aos seus pés, indicou a D'Avesnières que a ocupasse.

Agora, em silêncio, analisemos o físico e as qualidades morais do filho de Loiola. Vejamos aquela figura alta, sêca e recurvada. O seu rosto era comprido e quasi engelhado ; tinha o nariz aquilino. A epiderme mostrava patentemente os estragos do mundo. Os cabelos anelados já estavam encanecidos. Os dedos magros e descarnados semelhavam pontas de pau, e nodosas pelo reumatismo. Os olhos de gato e melancólicos ; quando

se fixavam em qualquer pessoa, possuíam uma espécie de força magnética, que obrigava recuarem a vista.

Si esse jesuíta era hediondo na sua figura grotésca e doentia, muito peor se tornava nos seus atributos morais. O que existia em si de nauseabundo, também havia de perverso. Inteligente; metia-se em todas as empresas e quasi sempre triunfava. Era apologista de João XXIII, e orgulhava-se ao folhear a biografia deste monstro e saber que ele violara trezentas freiras! D'Anières almejava ser como Xisto V, que de simples guardador de porcos chegou a ocupar o sôlio pontifício. Si estudava a vida de Xisto IV, o *Satanaz da Igreja*, e via que ele estabeleçera lupanares públicos em Roma; que fôra o prostituidor das famílias, o corrutor da mocidade, — sentia um prazer imenso e finalizava dizendo:

— Este, sim... soube ser papa!

D'Avesnières, para ganhar riquezas, não trepidaria em ser um Alexandre VI; para adquirir um nome immortal faria como Eróstrato, que lançou fogo no templo de Diana de Éfeso, — uma das sete maravilhas do mundo. Era finalmente um membro da escola de Acquaviva ou Torquemada, Ravailac ou Escobar.

Foi este o ente abjeto e depravado que o padre Lachaise mandou acompanhar D'Arlemont. O príncipe, desgostoso como se via, permaneceu mudo por algum tempo; finalmente falou:

— Meu padre! vê como são as coisas no mundo?!... Mal vou chegando e já um fato muito deplorável me constrange imensamente. Chamei-o para decidir um ponto. Dê-me ânimo, que preciso do seu braço forte. Foi para estas ocasiões terríveis que o padre Lachaise e Luiz XIV tiveram a feliz lembrança de me conceder um auxiliar profundo como v. rev<sup>ma</sup>. Eu confio na sua sapiência, a única que pode resolver as situações difíceis.



## XXXII

### Um infeliz condenado á morte



AVESNIÈRES tomou um ar piedoso e conservou-se quèdo a escutar o discurso do príncipe.

— Como sabe... continuou D'Arlemont... acaba de se dar a morte do padre Sanpiero, — o enviado do papa. Isto é muito grave. Si eu não executar uma justiça muito rigorosa para com o infame assassino, — fico, perdido, não só no conceito do Santíssimo Padre Inocéncio XI, como também na confiança do meu soberano Luiz XIV e de todo o clero francez. Que me aconselha nesta questão?

— A minha opinião é a seguinte. . . e o padre D'Avesnières tossiu um pouco. . . Obrai com toda a severidade quanto ao assassino, e immediatamente communicai o fato ao Santíssimo Padre e a Luiz XIV. Ninguem brinque com a Igreja. Lembrai-vos que Alarico I, rei dos godos, sitiou Roma, sob o pontificado de Inocéncio I, e em menos de dois anos morreu de uma doença terrível. Totilas saqueou a Cidade-eterna, e a mão de Deus vingou o Beatíssimo Padre no campo de batalha. Não vos é desconhecida a luta grandiosa entre Gregório VII e Henrique IV da Alemanha. Igualmente sabeis que o fim deste mau imperador, foi o mais hediondo possível.

— Assim penso. Estou quasi convicto que o desgraçado Junghill teve um acesso de loucura para proceder

desse modo. Embora . . . reconheça até a sua inocência, hei de ser implacável. Sou de uma raça que nunca teve compaixão de criminosos. Acho-me investido com as funções de governador da Provença, e os rebeldes reconhecerão o peso do meu braço.

— Justamente. Assim devem praticar os soberanos, e vós sois um deles, em ponto pequeno. O padre Lachaise mandando-me acompanhar um príncipe, foi para eu preservá-lo de cair no abismo. O dia da revogação do Édito aproxima-se a passos gigantes, e há necessidade de petrificar o coração desde hoje. Clemência! nunca . . . Si um protestante vos rojar aos pés, — machucá-lo logo. É indispensável que levemos tudo a ferro e a fogo. Mandai enforcar quanto antes esse repulente Junghill.

— Enforca-lo? . . . É muito! . . . relutou o príncipe d'Arlemont.

— Não, Alteza! . . . Considerai a gravidade do crime. E que vos importa a vida de um bôbo?!

— Sim; está decidido. . . respondeu o príncipe, sem mais vacilações. . . O assassino será enforcado hoje, na árvore mais alta do bosque. Para o entérro do padre Sanpiero já dei as necessárias ordens. Quero fazer-lhe um funeral pomposo: será sepultado no jazigo da minha família.

O padre D'Avesnières mostrou-se contentíssimo: achava-se ao lado de um príncipe, como desejara. D'Arlemont, talvez que dêsse um excelente príncipe, si não fôra educado numa côrte sanguinária e devassa, como a de Luiz XIV. A educação exerce tanto império sobre o homem, que dele tudo se poderá fazer.

D'Arlemont evidenciava estremecimentos nervosos, causados pela violência do choque. O jesuíta, ao contrário, não se alterava, e então olhou sombriamente o príncipe.

— Alteza! dizei-me uma coisa.

— Duas e trez, si fôr preciso.

— Obrigado. Parece-me ter ouvido os cortezãos fala-

rem num duelo, que aqui se realizou! . .

— Ah! exatamente. . . Mas, como estou eu! Já me tinha esquecido deste negócio capital e tão urgente de esmerilhar. Disseram que o barão de Poligny e o meu médico, Fabre de Liancourt, se bateram, morrendo aquele.

— E sabeis o que motivou esse escândalo?

— Uma discussão religiosa.

— Grande Deus! E quem defendia a santa religião?

— O barão de Poligny.

— Como vai o século! . . e o padre D'Avesnières fingiu que era esmagado ao peso de uma grande dor.

— Veja como sou infeliz, meu padre! . . Quando o meu soberano me incumbiu de um papel importante, succedem todas estas desgraças, que acaba de presenciar. O meu médico, aliás homem virtuoso e sábio, a quem tanto eu estimava, — aventura-se num escândalo, dentro do meu próprio castelo. Além do escândalo, desenvolve doutrinas anti-religiosas, que eu não as posso acatar de nenhum modo. Num duelo assassina um dos cortezãos, que eu apreciava muito. Vou pensar mais um pouco, para resolver o dilema.

— Oh! e ainda não tendes opinião firme sobre o vosso médico?!

— Padre! ainda não tenho! . .

— E' fraqueza, príncipe! Isto já deveria estar deliberado, apenas ouvistes a narração do fato. Dizem que o vosso médico é um ateu levado da breca. Si a Igreja não poupa os hereges, como suportará um bicho que abre a boca e ronca para todos: — Deus não existe!

— E que fazer?!

— Expulsar immediatamente esse homem nocivo á paz doméstica e á sociedade em geral. . . si é que não tendes maior castigo para semelhante scelerado. Um homem que não crê em Deus, é um monstro. Esse médico é capaz de seduzir vossa esposa, transformando assim, uma mulher respeitável numa odiosa adúltera.

— Eu creio na fidelidade da princeza, e nem o dr. Fa-

bre se meteria no perigo, pois me conhece de sobra. Acresce, que seria uma ingratição da minha parte, porque devo a vida, abaixo de Deus, ao médico; ele salvou-me de uma moléstia tão grave, que estive nos paroxismos da morte.

— Então apreciais a salvação do corpo á da alma?

— Não.

— Pois, bem: si não fizerdes como eu vos digo, perdereis a confiança do vosso soberano, do padre Lachaise, de todo o povo católico e até de mim próprio.

O príncipe ficou pálido e começou a cofiar a barba. O jesuíta analisava-o em silêncio e antegozava os efeitos que as suas palavras iam produzir. Assim decorram cinco minutos.

— Está feito. O dr. Fabre deixará o lugar de médico.

— Muito bem! . . . exclamou D'Avesnières, e ergueu-se para abraçar o príncipe. . . Sois um grande homem; um defensor da santa causa da religião.

E os dois se abraçaram estreitamente. O jesuíta ganhava terreno, com uma rapidez prodigiosa, parecendo-lhe conquistar em breve tempo esse nome extraordinário, que sempre o desvanecera. Pertencia á escola dos que pensam ser ilusão e definem como tolice — o fazer bem. Enxergava que só por meio da astúcia, da perversidade e da hipocrisia, chegamos a galgar todas as posições. E, de alguma forma, os seus cálculos se iam realizando.

Descendente de uma classe ínfima, e sobretudo, paupérrima, deu-se a conhecer a um velho frade da ordem de S. Francisco de Assis, que muito cedo lhe descobriu as manhas. Adivinhou o franciscano que não era custoso transformar aquella criança num grande perverso. E de fato: internado D'Avesnières num colégio de padres, aí estudou; e ajudado de uma intelligência pujante, habituou-se a toda sorte de fingimentos. Quando professor, ja os seus companheiros lhe profetizavam grande e luminoso futuro.

O seu protetor tinha morrido; D'Avesnières chorou

muito, e afirmamos que foram as únicas lágrimas de saudade: não que lastimasse a morte do frade, mas, sentia a ausência do bemfeitor. Contudo, não deixou de subir, até que Lachaise o encontrou e nele descobriu uma fortuna. Como Richelieu fizera seu aliado do capuchinho José, e o encarregava de todas as empresas difíceis, — assim Lachaise se utilizou do padre D'Avesnières. O aliado do confessor de Luiz XIV só tinha uma ambição: crescer e subir muito, de modo que adquirisse um renome assombroso. Sabia representar todos os papeis. Si não fôra jesuíta, teria escolhido a profissão de comediante para se immortalizar no palco. Como não é sublime a glória para certos espíritos, seja embora a láurea de Nero ou a fama de Locusta envolvendo-lhes a fronte!

D'Avesnières era fisionomista e conhecêra perfeitamente qual o caráter do príncipe d'Arlemont. Desvendou-lhe um instinto perverso, frágil e propenso a sacrificar a paz da consciência por uma posição mais alta. Percebeu que um homem dotado de experiência e de reconhecida astúcia, poderia imperar facilmente no espírito desse ávido fidalgo.

Passados que foram os momentos de cordialidade, tornaram a ocupar os lugares primitivos. D'Avesnières continuou, como quem se devora de entusiasmo.

— Sois um príncipe adornado de todas as qualidades nobres! Não vos falta valor, — herança bem transmitida pelos avoengos. Seríeis um outro Godofredo de Bullhões, si nova Jerusalem requeresse socorro e plena liberdade! . . .

O príncipe d'Arlemont sorriu: a sua presunção chegara ao cúmulo. O jesuíta não estava satisfeito com as diminutas perguntas que fizera, e voltou á carga:

— Ainda preciso de esclarecimentos: — Quem é esse conde de Langeais, de cuja individualidade tanto se preocupam no vosso castelo? Será algum filósofo também, da mesma catadura do médico?!

— Não. É um excelente moço, que me veio recomen-

dado pela marquezia de Lambert e pelo illustre bispo Flechier. Quanto ás suas idéas, politicas ou religiosas, nada sei que o possa acusar. Tenho conhecido nele um caráter probo e magnânimo. Valente como um bravo; bateu-se com o barão de Latour du Pin, uma noite, em Pariz, e fê-lo tombar para nunca mais se erguer!

— Com o barão de Latour du Pin?!

— Sim, rev°. . . respondeu o príncipe, com a maior simplicidade.

— Conheci-o como a palma das minhas mãos. Era meu amigo dedicado! Entretanto, ignorava-se até hoje, quem o tinha assassinado! E como V. Alteza protege a um miseravel, a um bandido, que teve a crueldade de arrancar um chefe a uma família, que o pranteia em vão? Não vos constrange esse ato?!

— Eu não sabia disto! Ele contou-me que realizou o duelo, para vingar a morte do pai, impune há treze anos.

— Infâmia! O barão não era capaz de uma perfídia. Nunca tingiu as suas mãos no sangue de ninguém. Esse sr. de Langeais é um mentiroso.

O príncipe d'Arlemont estava descoroçoado. Todos os feitos, que ele reputava de virtude, era rebatidos acrememente pelo padre D'Avesnières. Com o aspecto meio idiotificado, não mais se atrevia a nenhuma ponderação. O jesuíta tirou-o deste embaraço.

— Não precisa ficardes aflito por isto. Nestas occasões é que o homem pensa e mostra energia. A' noite, quando vos recolherdes ao aposento, cogitai na medida a tomar, e consultai-me depois. Serei o humilde padre, que vos guiará sempre na estrada do bem.

— Será mister que expulse tambem do meu castelo um jóven fidalgo, recomendado a mim?! Serei compelido a praticar tantas misérias? Antes sofrer uma censura com honra, do que ser aplaudido por uma ação ignóbil.

— Oh! espanta-me a vossa linguagem! . . . Desconfio que ja principiáis a me achar enfadonho!

— Por Deus, não me ajuíze assim. . . implorou o prin-

cipe d'Arlemont com a lamúria de um servo.

— Perdoai-me, Alteza ; o espírito humano é sujeito ás desconfianças. Fui injusto para comvosco. Um Arlemont sempre foi o protótipo da honradez e do heroísmo. Sois um digno representante da estirpe, e mereceis a atenção do nosso soberano Luiz XIV.

D'Arlemont, se vendo elogiado deste modo, não se poudo furtar á vaidade, e sorriu de contentamento. Tão fraca é a pobre humanidade, que se deixa angariar por um simples encómio, eivado este mesmo de hipocrisia !

— Diga-me, ainda uma vez : Que deverei fazer com relação ao conde de Langeais ? O que v. rev.<sup>ma</sup> dissér, será observado por mim, como si fôra um oráculo. Quero immortalizar-me, adquirir um nome ; e que um dia, até um romancista se lembre de mim, para me apontar como um herói digno de ser imitado.

— Já vos disse, Alteza ! Pensai durante a noite e declarai-me então o vosso plano. Tenho lutado muito, e 43 anos que já se foram, não os empreguei em vão ! Não faz muito tempo que sustentei uma polémica religiosa com o próprio Boursault, e ele não me levou as lampas. Afastava-se completamente de um ponto prescrito pela Igreja, e eu o fiz emudecer diante do público. Não me intimidaram os seus debates com Boileau, Racine e Molière. Consultai-me depois.

Trez pancadas se fizeram ouvir na porta do gabinete. O príncipe levantou-se, e afastando o reposteiro deu com os olhos num criado grave. Este lhe disse :

— A sr.<sup>a</sup> princeza roga-vos, que necessitando de uma conferência, vos digneis chegar até ao salão contíguo aos seus aposentos.

— Bem ; estou sciente. Irei sem demora.

D'Arlemont voltou á sua cadeira. O padre d'Avesnières, curioso como era, não o deixou de interpelar :

— Quem vos procurava ?

— Um criado, da parte da princeza.

— Ah ! estará incomodada ?

— Não ; pede-me uma conferência.

— Será sobre estes fatos, que estamos a comentar?

— Talvez.

— Recomendo-vos muita prudência. A mulher é como a serpe; sabe aninhar-se entre as flores, para dar o bote certo.

— Não sou criança, que me deixe cair em qualquer precipício.

— Assim confio.

O jesuíta, sófrego por saber do conteúdo da conferência, apressou-se em aviar o príncipe, e ergueu-se logo. Deixaram o gabinete e procuraram a sociedade dos cortezãos, que estavam reunidos na galeria. O príncipe d'Arlemont trocou algumas palavras e retirou-se quasi logo, para se encontrar com a esposa. Esta o aguardava no mesmo salão em que tivera a conferência com o padre Sanpiero, naquela noite terrível, quando o italiano distilara a primeira gôta de veneno no cálice da flor.





### XXXIII

## Os prenúncios de uma tempestade no lar

 princeza d'Arlemont estava triste e parecia ter chorado. Com a fronte pendida para o peito figurava um anjo, que eleva preces a Deus. Recostada languidamente num divan, tinha alguma coisa de mágico na sua posição descuidosa. Pressentindo o esposo, ergueu a vista expressiva e enviou-lhe um sorriso de fidelidade. O príncipe correspondeu á carícia, sentou-se ao seu lado e depoz-lhe um beijo na mão. O semblante de Laura d'Arlemont desanuviou-se, e ela despertou desse desalento, em que aparentava dormir e sonhar também.

— Mandaste-me chamar : que tens a dizer ? . . . interrogou docemente o príncipe.

— Precisava conversar-te e muito. Espero que me ouças com toda a atenção, e sejas compassivo como sempre. O homem, embora se veja numa elevada posição, nem por isto deixará de olhar para os desgraçados, que merecem perdão ou socôrro ás suas angústias.

— Não compreendo o que me queres dizer !

— Serei breve : falo-te sobre os fatos, profundamente tristes, que acabam de se desenrolar neste castelo.

— Desejo ouvir-te. Que pensas dos acontecimentos ?

A princeza refletiu um pouco. Depois, passando a mão pela fronte, como si fôra para dissipar alguma idéa pezarosa, interrogou por sua vez :

— Que resolveste fazer do desgraçado Junghill?

— Desgraçado! . . . Chamas a um monstro *desgraçado*, quando ele só deve encontrar o ódio e o escárneo?!

— Sim. Por mais criminoso que seja um homem, não me esquivo de expandir sobre ele os meus sentimentos, que não petrificaram ainda, como em certas pessoas.

— Parece que me exprobras neste conceito!

— Que loucura! . . . balbuciou a princeza, tomada de verdadeiro espanto.

— E a tua desculpa se baseia unicamente numa frase tão trivial?!

— Agora, quem não te comprehende, sou eu!

— E' isto mesmo! Não me comprehendes, porque as mulheres sabem fingir. Nunca me esquecerei de S. Bernardo, que disse uma verdade, quando definiu: « A mulher tem o veneno do áspide e a malícia do macaco ».

— Certamente o santo esqueceu que tinha mãe, e por isto tratou as mulheres com tanta grosseria. . . observou a princeza, com um sorriso amargo.

— Deixemos de blasfêmias! Vamos ao que serve. E' impossível, que depois de um revoltante crime, como o que praticou o *inocente* Junghill, eu permanecesse compassivo; todavia, me perguntas o que resolvi sobre ele, e logo me arremessas uma porção de frases *delicadas*! Isto é bem cómico! . . . Só si eu fosse algum pateta!

A princeza empalideceu, julgando que o esposo estivesse bêbado.

— Eu ofender-te! Então, como me consideras? Eu seria capaz de semelhante vileza?! Peço-te por tudo, por Deus, que reflitas e me perdões, si entendeste que eu te ofendia. Trato unicamente de um caso, e tão grave que não merece desprezo.

— Si é para me pedires um perdão, será debalde. Junghill está condemnado á morte; hoje mesmo o farei enforcar na árvore mais alta do bosque.

— Que, Alberto! . . . exclamou a princeza estupefata... Perdeste o senso? Tu ja condenas á morte?!

— Tenho poderes para tanto. Ninguém me coíbe.

— És um perverso ! Como te encharcas num lodagal de sangue e não coras de publicar o teu crime ? !

D'Arlemont ficou rubro de cólera ; cerrou os punhos e ergueu-se de um pulo.

— Já sei . . . bradou em seguida . . . Estás pervertida, ouvindo quotidianamente as doutrinas imoralíssimas do dr. Fabre e do conde de Langeais. Não mais será assim. És minha mulher ; a mulher é uma escrava que o homem dirige á vontade ; não prosseguirás deste modo. O dr. Fabre e o conde de Langeais serão expulsos do meu castelo. Tudo chegará aos eixos.

— Tanto melhor ! Pervertido andas tu, que não tinhas esta ferocidade. Creio que as práticas religiosas embotaram a tua consciência ; aí vem o futuro para te conceder a palma que mereces. Prossegue.

O príncipe d'Arlemont sentia-se sufocar pela ira. Não mais articulava uma palavra, e os seus olhos envermelheciam. Só se lembrava de cometer um disparate ; mas, aquela que o contrariava, era sua esposa... e ainda, por um resto de escrúpulo, ele não se queria colocar na fileira de Nero, que matou Popéa com um pontapé. Sentou-se de novo e principiou a olhar para o tecto. O suor corria-lhe em bagas pela fronte. Maquinalmente enxugou-o. Conservou-se algum tempo nesta posição aflitiva, até que fitando a princeza, rugiu com voz cavernosa :

— Qual o teu lucro em defenderes ostensivamente um bôbo, um histrião nojento ? Que papel me reservavas diante de Luiz XIV, Inocência XI e o público em geral ? Anda ; responde sem rodeios.

— O meu lucro ? ! E como avalias o meu carácter ? . . . refutou a princeza, com arrojado despeito . . . Defendo um bôbo, porque o considero mais digno de piedade do que um sábio. Uma vingança exercida contra ele, é um crime tão horroroso, que não encontra apoio na justiça divina e nem mesmo no bom senso. Tu me falas em Luiz XIV e Inocência XI ? Que são eles, sinão homens, cobertos de defeitos, e que também necessitam de um perdão divino ? ! Sou religiosa ; mas, não fanática. Que-

res punir a morte do padre Sanpiero, quando não o sabes de quanto era capaz. Ignoras, e eu te direi, sem medo de errar, que era um jesuíta indigno de permanecer junto de qualquer familia. Si morreu, foi pelo seu atrevimento. Assim o julgo, embora desconhega completamente a causa que motivou a fúria de Junghill.

— E' demais ! Não posso ouvir tantas blasfémias. Atreveres-te a consurar até o Santíssimo Padre ! Com que direito ? !

— Com o direito que assiste a todas as pessoas sensatas e desabusadas.

— E o juízo que acabas de expender sobre Sanpiero ? !

— Porque, durante a sua estada, observei quanta afoiteza desenvolvia. Tu não o viste, e portanto, ignoras a sua protérvia. No dia em que se bateram o dr. Fabre e o barão de Poligny, ele pediu-me uma conferência, e com toda a ousádia impoz a retirada do nosso médico. Chegou até ao ponto de verberar a atenção que eu dispensava ao dr. Fabre ; e disse-me que admirava muito — o pouco interêsse, prestado por nós, ao deplorável caso do duelo !

— Procedeu muito bem.

A princeza scandalizou-se : seu marido era um bicho.

— A tua coragem tambem chega a tanto, que apoias a insolência do jesuíta ! Por acaso, ja desapareceu do teu peito, o grandioso sentimento do pudor ? Não te peza que um padrega censure grosseiramente a tua esposa, uma princeza de sangue tão puro quanto o teu ? Será preciso que eu me afaste do papel que exerço, para te recordar isto ? . . Creio, que não ; tu desvairas ! . .

As palavras da princeza eram fortes incontestavelmente. Alberto d'Arlemont estava aniquilado. Levantou-se e deu largos passos em toda a extensão da sala, com as mãos cruzadas nas costas, á maneira de Carlos X de França. Com pequenos intervalos sacudia a cabeça e monologava baixinho palavras entrecortadas. Quem o visse naquela ocasião, diria estar perante um louco. Daquelle estado de exaltação para uma apoplexia fulmi-

nante, quasi nada faltava. E como teria vindo a tempo!

Qual, si uma idéa repentina se apoderasse de si, estacou no meio do salão e voltou-se para o divan em que a princeza se conservava. Esta, profundamente abismada em idéas sinistras, não notou o movimento que o esposo acabava de executar. Na sua face transparecia o sinal recente de duas lágrimas, que se deslizaram a furto; era um coração sensível, talhado para as amarguras do próximo. D'Arlemont exclamou, como que instigado pelo acicate da insânia:

— Conheces a missão que o meu soberano e toda a cõrte me recomendaram?

— Não.

— Venho encarregado de perseguir os protestantes da Provença. O Édito de Nantes foi revogado ou está para isto. Logo vêes que devo ser impiedoso e decidir-me na luta, que se travará horripelmente. O padre d'Avesnières, — esse que chegou comigo —, vem de propósito, para me auxiliar em todas as emprezas e resolver as questões intrincadas. Assim o quizeram Lachaise e o marquez de Louvois. A mais ninguem preciso escutar, e sim, cumprir as ordens que recebi.

— E si eles te ordenarem que sejas um Calígula, terás a fraqueza de o ser?

— Certamente. Que me importa gozar o nome de um Calígula, si posso adquirir tudo pelos meus próprios feitos? Que lucrou um Sócrates, ou um Diógenes? Acabaram desgraçados, porque não entenderam a vida!

— A moral cristã não é esta... censurou a princeza d'Arlemont.

— Porque, não? Clemente V mandou envenenar Henrique VII da Alemanha. Urbano VI fez inquisitoriar todos os cardeais que votaram contra a sua eleição. Xisto IV viveu incestuosamente com a irmã, e dessa união houve um filho... Deixaram de ser papas da Igreja católica?... E como me falas na moral cristã?! Por muito que eu faça, não praticarei nem a metade.

A princeza d'Arlemont estava mais que escandaliza-

da: tremia de medo. Os olhos do príncipe giravam-lhe nas órbitas, como os de um furioso. Era impossível que um acesso de loucura não houvesse acometido aquele infeliz, que se ia abismar num oceano de crimes.

Tal é o poder do fanatismo e das práticas supersticiosas, que podem fazer do homem o mais pacífico e bem intencionado, — uma fera indomável. O exemplo manifestava-se e mais facilmente no príncipe d'Arlemont, cuja índole não era cándida. Ele, que aos 15 anos de idade já se tinha manchado com o envenenamento de uma mulher, e que em vez de se regenerar, pelo contrário, procurava reproduzir a torpitude, — era um homem sem escrúpulos, e acatado somente pela posição que occupava. A consciéncia, « essa grande luz », na frase de Pitágoras, há muito que se apagara dentro de si.

D'Arlemont explorava uma vingança, de fôrma que torturasse á virtuosa consorte. Essa vingança, como quer que fosse, lhe satisfaria o instinto cruel. Encontrou-a finalmente:

— Antes de anoitecer, Junghill terá deixado de existir. Vou dar as ordens para a sua execução.

E o príncipe desapareceu ás últimas palavras. O choque foi tão profundo, que Laura d'Arlemont apenas balbuciou um monossílabo e caiu em desmaio. Era na occasião em que entrava a baroneza Marion; e vendo-a neste estado crítico, correu para ella e amparou-a nos braços. Aos gritos da atenciosa dama acudiram as acafatas, que, pelo semblante, bem patenteavam a surpresa. Heloisa apresentou-se tambem, e pálida como um cadáver, sustentava a cabeça da princeza, enviando-lhe repetidos beijos.

Pouco a pouco, com o auxilio de poderosos reagentes, que lhe deram a respirar, — tornou a princeza. Estava salva. O seu primeiro gesto foi despedir todos que a cercavam, ficando unicamente com a filha. Um suor frio alagava-lhe a fronte, — côr de jaspe naquele momento precário. As narinas, dilatadas pelo sofrimento, indicavam a soberba comoção do espirito. Mil idéas se

debatiam naquele cérebro de mulher, que entregue à sensação do belo, não sabia enfrentar o trágico.

A princeza d'Arlemont padecia muito. Invocava as forças e elas tenazmente lhe fugiam. Assim, não falou imediatamente, e nem Heloisa se atrevia questionar. A primeira exclamação, que lhe surgiu dos lábios, foi uma impetuosidade de cólera:

— Não sabes, minha filha? Teu pai é um monstro!

A jóven princeza arregalou os olhos; abriu a bôca, como si quizesse falar, e a palavra lhe morreu na garganta. Seguiu-se, depois, uma confidência prolongada, que finalizou pelo pranto. Nem sempre a felicidade está ao pé das grandezas: ás vezes a encontramos, mas, ao lado das pessoas obscuras. O mundo tem as suas compensações.

Lá, no fundo dos luxuosos palácios, que de scenas terríveis não desvendaria um filósofo à cata de conhecer as misérias humanas?! . . . Quem mais infeliz do que Maria Antonieta? Além de aviltada, expira num cadafalso, sem de nada lhe servir a corôa de rainha! . . . Lêde a **História dos Girondinos**, magistralmente traçada pelo poeta Afonso de Lamartine, e tereis piedade da martirizada filha de Maria Tereza d'Áustria. Quem mais triste do que Carlos I, morrendo decapitado ás ordens de Olivério Cromwell? Lêde a **História** daquela época, escrita por Todiêre, e lastimareis o neto de Maria Stuart. . . Quem mais miserável do que Margarida de Anjou, perdendo o esposo e o filho, em busca de um pesado scetro? Lêde os **Últimos Kerven** pelo minucioso Gondrecourt, e deplorareis a sina da esposa de Henrique VI.

De que serve um trono, si ele não traz a felicidade e o gozo? Só a vaidade, o orgulho e o despotismo proíbem de renuncia-lo. O homem vive de ambições. Aquelle que chegou a César, não satisfeito com tanto, que ja lhe parece pouco. — ambiciona ser Deus! . . .



### XXXIV

#### Um ato infame que se toma por virtude

**A** sentença de morte estava lavrada e se teria de cumprir. O desgraçado bôbo, que nem ao menos adquirira a fama de um Gonnella, — o célebre bufão de Afonso d'Este, duque de Ferrara —, perdêra-se para sempre, porque a sanha de um príncipe devasso e hipócrita, assim o tinha determinado.

Desgraçada sorte de quem serve aos grandes do mundo! Pratica todas as baixezas, querendo adivinhar os caprichos do soberbo potentado, e no final recebe, como moeda de recompensa, a trave de um patíbulo ou o cruciante exílio. . . Assassina riedade! até onde levarás a flâmula da perversidade? É possível que sempre a terra se alimente e viva com o sangue das tuas vítimas? Quando guardarás o ferro, que perdeu a ferrúgem, que o carcomia, em decepar cabeças?!

No fundo de um subterrâneo, entregue ao desespero e à dor, — o miserável bôbo do castelo de Saint-Pont erguia brados á surda compaixão. Ninguém o escutava, e socorria-se finalmente das blasfêmias. Assemelhava-se ao Job bíblico, que proferia nas suas horas de tormento atroz: « Por que foi concedida luz ao miserável, e vida aos que estão em amargura de ânimo? Pereça o dia em que eu fui nado, e a noite em que se disse: foi concebido um homem. Os meus dias passaram, os meus pensa-

mentos se desvaneceram, sendo verdugos do meu coração. Si eu suportar, o sepulcro será a minha casa, e eu tenho preparado o meu leito nas trevas. Eu disse à podridão: tu és meu pai, e aos bichos, vós sois minha mãe e minha irmã.»

O infeliz Junghill, — o predestinado à *morte natural*, e momentaneamente esquecido nesse cárcere, onde as trevas e o silêncio reinavam, — dizia cheio de angústia:

— Qual seria esse peder que me deu a vida? Infalivelmente, Deus. Mas, para que uma vida, que se passa nas dores e desaparece com uma morte dolorosa e triste? Eu não pedi tal obséquio a Deus. E ele porque não me dispensou de semelhante suplicio?! . . . Nascer, viver e morrer! Eis os trez casos da animalidade. . . Ainda tem menos do que uma declinação latina!

Depois ele chorou como uma criança. Perante a morte, o desgraçado discernia como um filósofo profundo, e teve também o seu período de fraqueza. Assim reconcentrado nos seus sofrimentos nem ao menos notara que destrancavam a porta do subterrâneo. E só despertou do seu aniquilamento ao rugido de uma voz selvagem que impunha:

— Levanta-te, miserável! Acompanha-nos.

Assim falara um sujeito de aspecto feroz, que sustentava na mão direita um alfange desembainhado. Junghill, invadido de assombro, ergueu-se de um salto. A porta do subterrâneo estacionavam cinco homens também armados, que imediatamente o cercaram.

Foi conduzido á presença do príncipe d'Arlemont, que á frente do padre d'Avesnières e de todos os cortezãos, esperava ansiosamente no seu gabinete. Junghill estava pálido e vacilante. D'Arlemont, com o seu olhar por demais severo, fitou a vítima, que imóvel e de braços cruzados, no meio dos seus algozes, imitava um verdadeiro mártir.

— Sabes qual a tua sorte? . . . interrogou o príncipe.

— Sei; a força espera-me lá fóra.

— Que tens a alegar contra a minha justiça?

— Nada ; as monstruosidades revoltantes serão analisadas pelo futuro.

O bôbo tinha falado como um sapiente. Todos os convivas deste banquete fúnebre se entreolharam, tomados de espanto. Contudo, os seus corações empedernidos não se abrandaram. D'Arlemont levantou-se :

— Conduzam-no para o lugar da vingança. O carrasco desempenhe o seu officio.

Nos olhos do sujeito que insultara o histrião, brilhou um raio de alegria. Era ele o infame que se gloriava com um nome réprobo e desprezível em todos os tempos. Era o carrasco, que mais sedento e mais feroz do que o tigre, se aprazia em banhar as mãos no sangue dos seus semelhantes. Verdadeira víbora, que, si pudesse, exterminaria o mundo.

Junghill, como que reanimado por uma esperança eterna, ergueu a fronte que era pendida para o peito, e as suas faces desbotadas recobriram a côr. Marchou d'aí em diante sem cambalear, e desceu todas as longas escadas com um passo firme e seguro. O idiota, de fraco e aniquilado que se mostrara no fundo do subterrâneo, transformou-se no gigante, que impávido afronta o espetáculo da morte ! O seu patíbulo estava armado nos galhos de uma árvore frondosa, que, para o centro do bosque, parecia contar duzentos anos de vida. Junghill ao pé do cadafalso parou : olhou-o fixamente e soltou uma gargalhada enorme, daquelas que invejariam ao próprio Mefistófeles.

— Bravos ! Muito bem ! . . . gritou em seguida, dando saltos prodigiosos como um acrobata. . . Vou morrer e deixar, pela minha vez, este mundo tão estulto e tão fastidioso ! Palavra de honra, que era uma ignomínia continuar a viver um homem da minha espécie, com essa turba de degenerados e corrutos. Eu nunca fui bôbo ; fingia-me, e é justo que pague o meu crime.

Tripudiava e ria. Todos se mostravam pasmos : e supersticiosos como eram, julgavam aquelle homem possesso ou verdadeiramente incubo. Ninguem se entrega-

rá jamais a tantas loucuras ante o instrumento da morte. Os olhos do carrasco parecia quererem saltar das órbitas. Esse infame, que não trepidava em face de nenhum crime, tinha medo desta vez, e convulsivamente benzia-se.

O príncipe d'Arlemont, o padre d'Avesnières e misser Gargouche que se aproximavam, para melhor observarem a scena lúgubre — de enforcar um homem — pararam de súbito, cheios de pavor e de grande incredulidade. D'Arlemont teve impetos de perdoar aquele desgraçado, pois não era admissivel a execução de um louco; mas, o jesuíta estava aí, e o príncipe lembrou-se de Sanpiero morto e da implacabilidade de Roma.

Junghill ponde ve-los, e principiou a cantar com voz retumbante :

Quando o meu corpo balouçar nos ares  
e ja meus olhos não tiverem luz,  
lembrem-se todos que morreu outrora,  
da mesma fôrma o divinal Jesus.

Em baixo ficam, me fitando o vulto,  
todos os vermes que desejam lama,  
enquanto sobe para os céus minha alma,  
porque da vida se desprende a chama!

A última nota do seu canto era um rugido de morte: ele próprio entoara o seu funeral. Depois subiu pela escada, que se comunicava com o galho da árvore, e donde pendia a corda destinada a estrangula-lo. O carrasco esperava-o de cima. O príncipe d'Arlemont e o seu companheiro olhavam sinistramente e pareciam recuar. Só D'Avesnières ostentava um sorriso de escárneo.

No último degrau da escada Junghill voltou-se para os circunstantes, enquanto o algoz preparava o laço. E disse com um riso sardónico:

— Adeus! Vou fazer uma viagem longa e muito acidentada. Si um dia tiverem a dita de me encontrar, não se mostrem desconhecidos, nem tão pouco inimigos. No

inferno serei o mesmo bôbo, e vossas potestades muito se divertirão comigo. Eu perdôo a todos. Cristo, do alto do seu madeiro, também perdôou; quero imita-lo, eu, o palhaço miserável, — já que os sensatos e os grandes do mundo são incapazes de tão pouco. . . Ouvi-me, príncipe d'Arlemont: eu sou Junghill!

O carrasco tinha arranjado o laço, e passou-o ao pescoço da vítima. O jogral ainda riu pela última vez, comentando:

— Boa coleira! Com ela nenhum cão se perde.

Tudo estava pronto. O bôbo ia morrer, e o verdugo apressou-se em precipita-lo. Um minuto mais tarde só existia um cadáver pendente da fôrca. O algoz fitando, então, aquêle corpo sem vida, disse num ar de mofa:

— Este miserável era bem digno de ser enforcado; e si fôra numa praça pública, ainda seria melhor.

— Agora, eu. . . considerou um dos homens da escolta. . . só peço a Deus, que me livre de assistir outra scena igual. Nunca pensei que fosse tão horroroso! Este cadáver, que pende da fôrca, foi um homem que enlouqueceu ou estava possuído do espirito maligno.

— Não penso desta fôrma. Até gosto, quando me incumbem o desempenho do officio.

— Vê lá que amanhã, não façam outro tanto contigo. Deus não dorme.

O carrasco cingiu-se a um simples movimento de ombros, querendo significar o pouco medo que lhe fazia aquêla ameaça. Já o príncipe d'Arlemont, misser Gargouche e D'Avesnières se tinham retirado para o castelo. O sol acabava de esconder-se por traz das montanhas. Nem mais um gorgueio se fazia ouvir; toda a natureza era taciturna nessa hora de crime. Junto á porta do seu aposento, ao réz do chão, via-se a figura de Luiz de Castro, rodeado de algumas pessoas que o escutavam religiosamente. O velho pernambucano tinha um semblante de profunda mágua, e dizia sem a menor reserva:

— Que há de mais horroroso, de mais infame, de mais negro do que o ato que acabam de praticar? Nasci nu-

ma pátria obscura ; mas, nem por isto renuncio os sentimentos de homem. Tenho observado muitos fatos criminosos, e nenhum deles me impressionou como este. Testemunhei, um dia, quando tocávamos na ilha de Malta, uma barbaridade não menos repugnante que a de hoje. Vi um homem, amarrado de pés e mãos, e que lançavam numa fogueira ardente. O infeliz não gemia nem gritava : rugia, com os dentes cerrados. Carbonizou-se em pouco tempo ; e essa hediondez não abalou o espirito daqueles réprobos. Confesso que foi um dos acontecimentos detestáveis, que já presenciei ; mas, contudo, ele não teve a influência de aniquilar-me, como o drama inqualificável e anti-humanitário, que hoje se representou. Torpeza, digna somente do pirata Barba-rôxa !

— Meu velho ! . . . aconselhou um dos circumstantes, possuído de medo . . . Língua comprida, pé ligeiro. Ai, de ti, si esta censura chegar aos ouvidos de Sua Alteza, o sr. príncipe !

— Julgas que tenho susto ?! Como te enganas ! Luiz de Castro que não retrocedeu ao sibilar das balas holandesas, jamais se curvará ao sobrececho de um déspota. Nasci num paiz de liberdade : dependente, sim, dos portuguezes, porém, indomável ao jugo estrangeiro. Que me podem fazer ? Enforcarem-me, qual outro Junghill ?! Um velho, ja curvado para o túmulo, e que espera somente a hora de comparecer no tribunal divino, — não receia a morte. Afirmo, entretanto, que fui jardineiro do príncipe até hoje : amanhã estarei despedido, por mim.

Enquanto se desenrolava esta scena, em que o filho do povo era o único a defender os direitos individuais, — tambem, no interior do castelo, entre os cortezãos servís, tinha ensejo idéntico comentário, fosse embora o reverso da medalha. D'Avesnières usava da palavra :

— Que há de mais grandioso do que a justiça consumada ? Que competia ao nosso príncipe, sinão a prática deste rigor inabalável ?! O padre Sanpiero está morto, como todos vós presenciastes : era preciso uma satisfação, não só ao Santo Padre, como tambem ao nosso rei.

Foi o que deliberou o príncipe : e fidedelmente cumpriu.

— Justamente ! . . Sua Alteza não tinha outro partido a seguir . . . apoiou Pierrot Follet.

Misser Gargouche quiz uivar também ; mas, foi interrompido pelo jesuíta, que não dava trêguas.

— Eu sou padre, e não censurarei o ato que condenou esse desgraçado bôbo. Entretanto, si merece alguma increpação, faze-la cabe a mim . . . porque sou ministro de uma religião que pede amor e paz. Mas, quando a justiça do rei e a dignidade da Igreja se acham ofendidas, é de restrito dever — todos louvarem a condenação que recair sobre o delinquente. O caso do padre Sanpiero tanto estava sujeito à justiça régia, como ao desagravo eclesiástico.

O conde de Saint-Flour cingia-se unicamente ao silêncio. A verdade é que Junghill tinha morrido numa fôrca, pagando assim a sua tolice de matar em conflito um enviado do papa. Nem ao menos se levantava um brado de despeito, para arguir esse ato de vandalismo. Os cortezãos sempre foram os mesmos em todos os tempos. Quando os imperadores romanos praticavam as suas atrocidades, eram cercados de contempladores que batiam palmas em sinal de aplauso. Eles, os lisonjeiros, que vivem das migalhas das mesas imperiais, não são capazes de venerar a imagem da fúlgida virtude. Curvam-se, pouco lhes importando que seja sobre uma camada de lodo. Esses espíritos, assim aviltados, como os vemos aqui, eram os homens do século de Luiz XIV. Tanta decadência moral não deixaria de produzir funestos resultados : e a prova tivemos com o tufão de 1789.

O padre d'Avesnières continuou, por largo tempo, a tirar as suas conclusões e justificativas do fato, que não passavam de miseráveis sofismas para quem se distanciasse dos cortezãos de Saint-Pont. Um espírito livre será em todas as épocas um ente respeitável. Aqueles mesmos que se gloriam em persegui-lo, confessarão a verdade, quando as suas mesquinhas invectivas já não tiverem vigor.



### XXXV

## Como os espíritos se molestam e conspiram

**N**ORTE de trevas.

O céu enegrecido ameaçava uma tempestade. Para o norte mal se viam brilhar poucas estrelas com uma luz empanada e trémula. O silêncio, de certo modo, se tinha agasalhado no castelo de Saint-Pont. A alegria é inteiramente impossível, depois de espetáculos tão revoltantes, como os que acabavam de vir a lume.

O homem, por mais inveterado que esteja na prática do crime, terá, contudo, os seus dias de cruel remorso. Carlos IX se via turbado continuamente pelos fantasmas da matança de S. Bartolomeu, sendo preciso ouvir, como simples alívio, o canto monótono de um côro. Mas, a hora, em que a consciência deveria aguilhoar o príncipe d'Arlemont, ainda não era chegada. Muitas scenas de sangue estavam reservadas para aquele caráter frágil, e sobretudo, perverso.

Eram sete horas, pouco mais ou menos, quando trez argoladas fortes se ouviram soar no portão, que dava para o jardim do castelo. O porteiro apressou-se em desempenhar o dever. Trez cavaleiros entraram. Dos lábios do guarda-portão saiu um grito de pasmo e de alegria ao mesmo tempo. Os cavaleiros apearam-se junto à calçada, e logo perceberam o velho Luiz de Castro, que os cumprimentava sombrio :

— Ah! meus srs! . . . dizia o pobre jardineiro num tom lamuriento. . . Como se é desgraçado neste mundo! Si soubésseis o que se tem passado aqui, fugiríeis imediatamente. Vedes como tenho a voz entrecortada de soluços? Não é medo; é a comocão, a raiva concentrada no meu coração já frio.

— Mas... que me queres dizer? . . . interrogou um dos recém-chegados.

— Vou explicar-vos, srs. . . É muito triste e horrroso também. Mas, que importa, si é uma verdade?! No seio do bosque, tão delicioso e tão belo, cometeu-se um crime execrável. Sim; um crime! . . . Eu o digo sem tremer. Enforcaram impunemente, em nome da justiça, o desgraçado Junghill, que era digno de outra sorte.

— Junghill? . . . repetiram todos, sem disfarçar o assombro.

— Sim. . . resmungou o velho, e prorrompeu em novos soluços.

O porteiro, também de pé, contemplava a scena: mas, sem pronunciar uma só palavra, como quem receia uma indiscreção. Um dos cavaleiros voltou-se e interrogou-o minuciosamente: o guarda-portão completou-lhes a história. Os recém-vindos ficaram estáticos, mudos e como que possuídos de um pavor estranho. Assim permaneceram por alguns minutos, até que deliberaram subir. E partiram, ficando um terceiro que envergava os trajés de págem. Chegaram ao salão de visitas, sem encontrar um só criado. Durante esta noite de luto e de sangue, tudo se transformára no castelo.

O príncipe d'Arlemont conservava-se junto á porta, que dava entrada para o salão, e assistia á palestra do jesuíta d'Avesnières. Ouvindo rumor e o tinar de esporas, voltou-se pressurosamente. Os dois cavaleiros estavam parados no limiar, e pareciam hesitantes. O príncipe julgou-se acometido de uma visão e passou a mão pelos olhos. As mesmas figuras lá estavam, sem que mudassem de posição. Então ele empalideceu: sentiu-se invadido de um calafrio rápido e ergueu-se da sua ca-

deira de veludo. Quiz dar um grito de admiração, e a voz embargou-se-lhe na garganta. O padre d'Avesnières e os cortezãos voltaram-se também; olharam para o príncipe transtornado e para os dois cavalheiros que estacionavam á porta.

— O conde de Langeais! . . O dr. Fabre de Liancourt! . . exclamou misser Gargouche.

O padre d'Avesnières, que estava de pé, recuou involuntariamente e fitou os recém-chegados com toda a atenção. Os dois fidalgos, bastante embaraçados com a perturbação do príncipe, fingiram que não a percebiam, e avançaram para ele: estenderam-lhe a mão, e D'Arlemont correspondeu-lhes friamente. Assim portaram-se os demais cortezãos, exceto o padre d'Avesnières, que, simulando um sorriso de amabilidade, se curvou um pouco, em sinal de polidez.

Todos estes incidentes não passaram extranhos ao conde de Langeais, nem ao médico. Compreenderam perfeitamente aquela surpresa no ânimo dos cortezãos: alguma coisa de grave deviam ter conspirado. Era indispensável, portanto, que desde logo se colocassem na defensiva para repelir todo e qualquer ataque. Trocaram ainda — ligeiras palavras, com relação á viagem, e, precedidos de um criado, retiraram-se então para os seus aposentos.

Logo que os cortezãos se viram livres daquelas incômodas presenças, entrecolliaram-se com ansiedade. Havia muito que analisar nesses golpes de vista. Todos queriam falar e talvez sobre o mesmo assunto; mas, nenhum se atrevia a romper o silêncio. O conde de Saint Flour alizava a cabeleira, como o melhor meio de disfarçar a contrariedade. O príncipe d'Arlemont, com o semblante feroz, cerrava os olhos, contraía os supercílios e meneava a cabeça. O padre d'Avesnières sorria consigo próprio, pois era chegada a ocasião de mostrar mais uma vez a sua capacidade para o mal. Decorreram alguns minutos, até que o príncipe, com a voz de trovão, bradou para todos:

— Estou agitado de ódio, e quero vingança. Precisa reconhecerem que o príncipe d'Arlemont sabe amedrontar os audazes, que se aventuram muito. . . E surgem dois cínicos, quando mais necessito de calma ás vexações do espirito !

— Muito bem ! . . . rosnou entusiasmado o padre d'Avesnières.

— Suplantai-os. . . rugiu misser Gargouche.

— Sim ; renovarei uma Cruzada contra os que negam a supremacia do papa. Tenho excessivos poderes, que me foram outorgados pelo magnânimo Luiz XIV. Em toda a Provença não haverá quartel para os rebeldes. Que a desenfreada turba de libertinos se oculte dos meus olhos. Fabre de Liancourt e Ricardo de Langeais são do número desses malditos. *Anathema sit.*

A estas palavras incendiárias e indignas das almas bem constituídas, todos se puzeram de pé. Um murmúrio surdo, igual ao da vaga que foge, — repercutiu em todo o salão.

— Padre ! . . . continuou D'Arlemont. . . seja o cérebro. Eu quero que pense e em seguida declare a idéa. Tudo executarei. O meu braço é forte e não se recusa a manejar uma espada : não treme na ocasião precisa.

O jesuíta guardou silêncio. Todos pensavam. Passados alguns minutos Pierrot Follet interpelou :

— Que se decide ?

— A luta. . . murmurou misser Gargouche.

D'Avesnières ergueu a cabeça e olhou para este infante, que acabava de proferir a palavra *luta*.

— E sabe o que é a luta ? . . . retrucou o filho de Loiola.

— Tanto sei que juro, pela minha alma, embeber este ferro no peito de um herege. . . e o cortezão, desembainhando a espada, apresentou-a e beijou-a.

As espadas de Pierrot Follet e do conde de Saint-Flour cruzaram-se com a dele.

— Morram os hereges ! . . . gritaram os trez.

O jesuíta sorriu ; o príncipe deixou escapar uma espécie de uivo, semelhante ao do lobo faminto. Todos

estremeceram, ouvindo esta nova interjeição, e fitaram o semblante do soberano da Provença. Ele estava horrivelmente pálido. Depois resmungou :

— A minha consciência porque não adormece ?

— Oh ! Alteza. . . esta blasfêmia sobe até ao trono de Deus. . . e D'Avesnières falou com a convicção de um teólogo.

— Perdão ! . . eu não sabia ! . .

— Que há de mais sublime do que a consciência, — essa luz secreta, que Deus soprou no coração do homem, para regularmos os nossos atos ? E como a repelir um só instante ? . . Seria precipitar-se num vácuo tenebroso, como o do ateísmo, e desconhecer tudo que existe de santo e puro. . . Pitágoras a reconhecia como sendo a grande luz ; Plotino, como o principio divino no homem e a raiz da alma ; e Platão dizia ser ela o guia interno.

— Confesso a minha culpa ; peço perdão a Deus. Eu creio nele com toda a fé da minha alma.

— Deus vos ouvirá, Alteza ! A prece de contrição é o mais agradável incenso, que se pode enviar aos pés do Criador.

O príncipe curvou-se em sinal de compunção, e fez uma vénia ao padre d'Avesnières.

— Todos nós somos católicos, apostólicos, romanos. . . disse o conde de Saint-Flour. . . E' preciso, portanto, que façamos um pacto. Assim como se instituiu o poderosíssimo partido da Liga, o qual, abençoado pelo Santíssimo padre Xisto V, teve unicamente um fim piedoso, — abater as heresias de Henrique III e Henrique IV, — também devíamos organizar a **Liga provençal**, afim de trabalharmos no mesmo intuito.

— Justamente ! . . aplaudiu o padre d'Avesnières. . . Mas, é imprescindível que seja uma sociedade secreta. Todos se assinarão numa lista, após o juramento prestado no livro dos Santos Evangelhos ; e aquele que for inconfidente, sofrerá o rigor da pena. Será a pena de morte ; e quando por meios nenhuns se a possa execu-

tar, todos concorrerão para o banimento do infame.

Um brado unânime partiu de todos os fanáticos. O regozijo ostentava-se nos seus semblantes. Também os Estranguladores da Índia se julgavam nobres e justos no desempenho dos seus abomináveis crimes, em honra da deusa Kâli. Moisés, quando, *por ordem do Senhor*, decretava a morte do seu povo, chacinando num só dia 23 mil homens, porque adoraram o bezerro de ouro, — estava convicto que praticara uma ação meritória e agradável. Os Inquisidores da Hispânia, que de 1481 a 1808 fizeram queimar vivas 34,628 pessoas; 18,049 em effigie, e condenaram ao cárcere 308.214. . . eles mesmos que em 1492 desterraram 624 mil judeus, e em 1612 ainda se exibiram com a expulsão de 900 mil mouros, — eram uns monstros, que em nome da religião devastavam o mundo. Entretanto, diziam-se temerosos de Deus e abrazados de amor fraternal! . . E Bonifácio IX destruindo os últimos vestígios da liberdade municipal de Roma? . . Que são eles?! . .

Assim tramavam no castelo de Saint-Pont um hediondo e criminoso pacto, exclusivamente destinado à perseguição e à luta fratricida. . . E accusam o *terrorismo* da revolução franceza! Condenam Robespierre, ao passo que absolvem o padre Letellier! Escarnecem de Voltaire e elogiam Escobar! Sim; Robespierre foi desumano, nós o reconhecemos; mas, condenai também Pedro o Ermita e Godofredo de Bulhões, chefes das nefandas Cruzadas, que fizeram 40 milhões de vítimas. Execrai Catarina de Médicis, lembrando-vos que ela incitou Carlos IX para a sempre memorável noite de S. Bartolomeu, incomparavelmente mais odiosa que a de S. Brício na Inglaterra. . . E Simão de Montfort na guerra dos albigenses?! Que respondeis?!

Mas, nada disto turvava aquelas fronteiras. O pacto estava feito. O príncipe foi até á biblioteca e trouxe o volume dos Santos Evangelhos, que depoz em cima de uma mesa. O jesuíta avançou, e apoderando-se do livro, disse, como quem manda:

— Príncipe, adiantai-vos ! sêde o primeiro a jurar.  
D'Arlemont colocou a mão direita sobre a Bíblia, e o padre d'Avesnières ditou :

— « Juro ser fiel a este pacto, que tem por fim defender os direitos da Santa Religião Católica, Apostólica, Romana ; e no caso contrário, sujeitar-me-ei à pena de morte, que será imposta pelos meus irmãos, e executada por qualquer deles, a quem tocar a sorte ; concorrendo eu, para que a minha alma seja condenada também às penas eternas do Inferno. »

O príncipe, repetindo a fórmula terrível deste juramento de sangue, nem sequer tremeu. Pronunciou todas as palavras com a voz forte e vibrante, tendo nos lábios um sorriso de glória. Seguiram-se logo os trez fidalgos, sendo o jesuíta o último a jurar. Todos disseram, cheios de contentamento :

— Assim o juro.

Em seguida o padre d'Avesnières passou ao gabinete do príncipe e aí escreveu o contrato fundamental do pacto. Assinaram-se. . . Cinco homens que se conjuravam, em nome da religião, para tratarem de ofender o próximo, sem a mínima contemplação ! Eis as magnificências de uma religião baseada na igualdade, fraternidade e caridade ! . . O' Cristo ! como te compreenderam !

Eram 10 horas, e o príncipe d'Arlemont falou para todos :

— Já tratámos do que era inadiável : não devemos esquecer que o cadáver do padre Sanpiero ainda se acha no salão, unicamente vigiado pelos servos. E necessário chegarmos até lá.

— Sim ; é do nosso dever. . . concordou o jesuíta.  
E partiram



### XXXVI

#### Carateres nobres

**P**oucos minutos tinham decorrido que o conde de Langeais entrara no seu quarto, quando notou que alguém batia mansamente na porta, apenas cerrada. Apresou-se em abri-la e reconhecer quem era. Viu Cervantine, aquela mesma, que da parte da princeza o fôra procurar, uma noite, quando ele passeava na galeria.

— Ah ! eras tu ? . . . exclamou o conde, com muita afabilidade.

— Sim, sr. conde ! Venho rogar-vos ainda, que me acompanheis. A digníssima princeza espera-vos.

— Bem ; deixa-me mudar o casaco. Si queres, entra ; do contrário, tem um pouco de paciência.

— Oh ! não custa. Esperarei sem enfado.

Analisemos sucintamente esta Cervantine. Era um tipo simpático, flexível e risonho. Tinha uns olhos azúis, rasgados e penetrantes. Lamartine, o poeta das **Confidências**, descreve-nos a Regina ; porém, o azul-escuro das aguas do Tivoli brincava-lhe nos olhos. Cervantine se diferenciava : os cabelos louros e sóltos ao vento caíam-lhe voluptuosamente sobre os ombros. O braço roliço ; a mão bem feita.

Logo que o conde se dispoz a acompanhar Cervantine, esta o guiou até ao salão designado. A princeza d'Ar-

lemont, sentada num divan ao lado de sua filha, aí se conservava, mas, de semblante abatido. Heloisa não o estava menos. A' entrada do conde, elas se ergueram. Laura d'Arlemont, criando um sorriso de confiança, disse com entonação maviosa :

— Que prolongada ausência ! . . Estávamos consumidas de desánimo ! . .

O conde de Langeais, guardando uma atitude nobre, cumprimentou-as e respondeu então :

— Não me crimineis antes de tempo. Trago-vos unicamente a verdade.

— Sim ; queremos ouvi-lo. Venha sentar-se ao pé de mim. Sentíamos um vácuo no coração ; tudo nos era mudo e fúnebre.

— Noto que tendes o semblante acabrunhado ! . . Por acaso me enganei ? !

— Queira escutar-me também. Tenho muito que conversar.

O conde de Langeais sentou-se numa cadeira que ficava junto á princeza d'Arlemont. Tomou uma posição respeitosa e esperou. A princeza olhou-o por alguns instantes :

— Diga-me, si vem cheio de esperanças ou julgando-se o mais infeliz dos homens ! . . Desejo ser a sua confidente ; quero merecer-lhe esta honra, si me acha digna.

— Minha confidente ! . . Que há de mais venturoso para mim, do que esta palavra doce, que se desliza dos vossos lábios ? ! Si há grandeza em possuímos um homem, a quem se revelam os pensamentos e os sucessos da nossa vida, — existe, com toda a certeza, uma felicidade completa, quando encontramos uma mulher nas vossas condições. O homem é talhado para as dificuldades, e pelo seu carácter é rígido e indiferente ; mas, a mulher, não : ela, um ser sensível e dócil, compreende facilmente o que seja a dor, do mesmo modo que se inebria com a ventura. Minha confidente ! . . A mãe de Heloisa d'Arlemont ! . . Nada mais esperançoso e belo do que isto. Sim ; a esperança invade-me o coração. Feliz !

— Bonita preleção ! Depois não se considere desditoso como um poeta.

— Ah ! o futuro é insondável para todos nós. Quem o poderá prever ?

— Ninguém.

— Bem vêdes que falo do presente.

— E si o presente, hipócrita por demais, lhe traisse todos os sonhos ?

— Teria a resignação comigo.

— Julgo que o conde é mais um gênio impetuoso e ardente, do que um caráter resignado.

— Pode ser. Há ocasiões em que eu mesmo me desconheço ! . .

— Apoiado ! Todos nós somos assim . . . Mas, mudemos de assunto : a sua família ficou em paz. Está ao corrente de todos os fatos, que, na sua ausência, se deram aqui ?

— De alguns.

— Deve saber da morte do padre Sanpiero e da execução do infeliz Junghill.

— Si existe mais alguma coisa, ignoro.

— Esteve com o príncipe ? Conversou-lhe ?

— A' nossa chegada, eu e Fabre tivemos o cuidado de cumprimenta-lo. Não conversámos coisa alguma.

— Ele estava só ?

— Não, Alteza. Via-se cercado de cortezãos, e entre eles distingui um padre desconhecido.

— Bem ; é sobre esse padre que lhe vou falar. Não adivinha o que ele é ! Saiba : nem mais, nem menos que um emissário da corte de Versalhes, incumbido de acompanhar o príncipe, segundo o desejo do padre Lachaise e a plena aprovação do marquez de Louvois.

— Mas . . . redarguiu o conde, sem nada compreender.

— Não se atormente. Contarei tudo que tem sucedido, e logo se fará a luz no seu espírito. Ignora que o Êdito de Nantes foi revogado ou está para isto ?

— Não, Alteza. Tenho ouvido falar bastante sobre esse crime.

— Revogado ou não, dar-se-á infalivelmente neste mez de Outubro, e o tempo finda. O príncipe foi chamado à côrte para vir incumbido tão somente do odioso papel de carrasco da Provença : começou a exercê-lo no mísero Junghill. Esse padre d'Avesnières é um abutre que vò a para assistir os últimos extertores das vítimas.

— E tudo isto é verdade ? . . interrogou o conde, com uma palidez cadavérica.

— Ai, de nós ! . . Prouvéra que isto não passasse de uma ilusão para o nosso espírito. Mas, por uma desgraça talvez, é uma verdade, fria como a lâmina de um punhal. Ainda, há pouco, disse-me notar, que o meu semblante estava acabrunhado. Com certeza : estou abatida ; soffro muito. Já o prenúncio de uma tempestade no lar embruscou o horizonte da minha vida.

O conde ergueu-se.

— Preciso falar immediatamente ao dr. Fabre.

— Sente-se . . Eu o mandarei chamar.

E a princeza, tangendo uma campainha, fez com que reaparecesse Cervantine, a quem encarregou de desempenhar a missão. O conde se tinha acalmado ; mas, fitava tritamente Heloisa d'Arlemont. A princeza arrancou-o deste silêncio.

— Assustou-se com a minha revelação, sr. conde ? . . Eu não disse que enxergava em sua pessoa — um génio ardente e impressionável ! . .

— Não foi susto, princeza ! . . Eu não julgava imminente o perigo, e ei-lo que desaba sobre nós ! . . Eu também sou protestante e faço parte de uma conspiração. Notei que a nossa chegada foi recebida de mau humôr, tanto pelo sr. príncipe, como pelos cortezãos ! O único que se portou admiravelmente, foi o padre d'Avesnières ; dir-se-ia, conhecer-nos de tempo . . Vejo agora, que assim procedendo, exhibiu perfeitamente o seu papel de consumado jesuíta ! . .

A princeza nada respondeu e ficou a olhar para o filho do cúmplice de Cinq-Mars, como quem imagina em

coisas bem distantes, profundamente graves.

— Eu sei, conde! .. disse Heloisa pela primeira vez... A sua chegada foi motivo de aborrecimento. Os ódios estão muito acirrados contra o dr. Fabre.

— E que tem feito ele?

— Não é pensador livre? .. Nesta época de rancor e de perseguição haverá carência de maior crime?

— E' exato! .. O' religião! como tu és vingativa, tu, que te ostentas de proteger o fraco e de derramar o amor de fraternidade entre os homens!

— Não blasfemes. .. disse uma nova personagem que entrava.

Todos se voltaram e viram o médico que ria francamente.

— Que fazes? Porque não te sentas? .. disse o conde.

— Apreciava a tua incredulidade. Como Juvenal, eu poderia repetir: *Rara avis in terris*.

— Anda; chega-te para cá. Corteja ás princezas. Temos que falar sobre negócios graves.

O médico enrugou a testa; cumprimentou as duas princezas e sentou-se depois em frente do amigo.

— Que me queres dizer?

— Temos o abismo aos nossos pés.

— Como? Porque?!

— Toda a França se aniquilou. O Édito de Nantes, si ja não foi, está prestes a ser revogado.

— Revogado! .. rugiu o médico, dando um pulo da sua cadeira e pondo-se de pé. .. Revogado o Édito de Nantes? Onde a liberdade de consciéncia?!

— Escuta: ainda não te disse tudo.

— E será preciso mais? Queres que eu perca o juízo?

— Não; não desejo que o percas. .. mas, si ainda existe tanta infelicidade!

O médico tornou a sentar-se e prestou atenção. O conde refletiu um instante e continuou:

— O príncipe está vendido a Luiz XIV; recebeu todos os poderes para inquisitoriar a Provença. Aquele padre, que vimos á nossa chegada, é um dos algozes que

comparece para o festim da morte : é um emissário do padre Lachaise.

O dr. Fabre ficou abatido. Pendeu a cabeça para o peito, demonstrando que os efeitos de uma grande dor se operavam em si. Fez-se mister a voz da princeza para distrai-lo desse desalento :

— Coragem, dr ! . . Não se desanima assim. Deixe esta fragueza para o cobarde, que não tem espírito.

— Sim ; é isto. . . murmurou ele, ainda pensativo.

— Teme a cólera do rei ? . . Não esmoreça um minuto. Quem tomba nessa pugna da verdade contra o êrro, é mais illustre do que si tivesse vencido sem opposição. Afrontar a tirania dos homens, é adquirir a immortalidade pelos próprios feitos. Além disto, as nações escancararam as portas aos filhos da desterro.

O médico continuava absorto. Rápidos estremecimentos lhe contraíam as faces ; balbuciava alguma coisa consigo. Um silêncio conveniente estendia as suas azas sobre aquele espaço.

E o filho da sciência pensava. Um tropel de idéas feria-lhe no cérebro. Um porvir de glórias se anuviara bem cedo para deixar no céu da pátria a sombra de um temporal.

— A conspiração ! Onde o seu triumpho ? ! . . monologou o discípulo de Hipócrates.

— Na sua própria força... interveio o sr. de Langeais.

Fabre de Liancourt ergueu a fronte. Tinha despertado. Olhou á roda de si e respirou com força. O ar puro deu-lhe vida aos pulmões ; sentiu que o sangue lhe galopava nas veias. Arrazou em voz alta :

— Não há dúvida : a conspiração pode vencer. Nem sempre tem a glória quem se bate pelo direito dos povos ; mas, conhecemos muitos exemplos que nos dão força e valor. Guilherme Tell levantou o estandarte da revolução, e para eliminar um déspota, — esse formidável Gessler —, não só assassinou o bailio, como também libertou a pátria. Quando Sexto Tarquínio violou Lucrécia, o brado de Júnio Bruto teve a força de abolir

a rialeza em Roma. Tudo isto é uma fé que se inocula no coração do homem livre. « Lutar e lutar sempre », deve ser a única divisa do cidadão, que intrepidamente defende a humanidade oprimida. Por diversas vezes aconselhei aos nossos companheiros de conjuração : — fugir e fugir sempre. . . mas, hoje ? Nem sei mesmo como discirna ! . . Creio, que enlouqueceria, si tentasse resolver agora este dilema político, que assume as proporções de uma esfinge.

— E com que direito Luiz XIV proscreeve a liberdade de uma nação ? . . questionou a princeza d'Arlemont.

— Com o direito do forte. Pio V destruiu a liberdade de Bolonha ; Alexandre VI ordenou a censura dos livros ; Clemente VII aniquilou a república de Florença ; e Paulo V tentou contra a existência de Veneza. Para esses monstros não há direito, não há liberdade ; só existe o absoluto. . . só enxergam a tirania. Izabel de Inglaterra acapou o seu reino : ninguem tinha licença de falar no fictício Parlamento. Filipe III de Hispanha fez transportar a Inquisição para a América, e que ali ela exercesse o seu officio. Eis como os soberanos tratam o povo ! Após a barbaria, vem o fanatismo religioso, que devasta as nações, acabando de demolir os monumentos que os vândalos não puderam arrasar. O feudalismo da Idade-média escraviza o que ainda subsiste livre ; o despotismo presente leva tudo de vencida ! Si ante Luiz XIV apparecesse um Vespasiano que o reduzisse á figura de Vitélio, — não padeee dúvida que o povo francez, transformando-se em romano, estimaria muito. Vitélio matou sua mãe á fome ; Luiz XIV conserva nas tenebrosas masmorras da Bastilha o incomunicável Máscara de Ferro, seu irmão talvez.

— Que assassino ! . . pronunciou Heloisa d'Arlemont, com um verdadeiro ódio.

Fez-se um pequeno silêncio. O médico levantou-se e começou a passear no salão. A princeza d'Arlemont disse para o conde :

— Tudo se precipita. Creia-me, que é uma desgraça

possuir um título de nobreza. Quantos não vivem na obscuridade e mais contentes do que os grandes monarcas! Que foi o trono para Maria Stuart? Que glória coube a Joana Grey, cingindo a corôa apenas nove dias?

— Não obstante, digladiam-se pelo scetro!

— É a guerra fratricida. Cada nação possui um túmulo, destinado aos homens vivos: a Bastilha, a Torre de Londres, o Castelo de Santo Angelo.

— Vêdes?!... e o conde de Langeais apontou para o médico... É um sábio; não tem apreço. O povo não o distingue, porque guarda consigo a ignorância e o fanatismo. Os grandes só tratam de amesquinha-lo: não querem que um espírito independente transite entre elles. Descartes é banido; Campanella atirado nos cárceres de Milão. Richelieu liberta o italiano; mas, porque tencionava que ele fizesse o horóscopo do delfim.

O dr. Fabre voltou a sentar-se Indagou propositalmente:

— Que fazem do cadáver do padre Sanpiero?

— Esperam que amanheça o dia. Cogitam de algum entérro solene.

— Antes me o dessem para dissecá-lo: a sciência lucraria mais.

— Isto é excêntrico, dr!... Não falemos agora em cadáveres. Estávamos tão bem!...

— É verdade, princeza!... Só os médicos acham prazer nesse hediondo. Os médicos são milhafres.

— A febre, que lhe escaldava o cérebro, desapareceu com esta simples lembrança? A sciência tem prodígios tais?!

— Tive uma idéa grandiosa: dissecar um padre! Quizerá estudar profundamente as matérias que compoem aquele todo. Não é possível que um ente tão afastado da grandeza social, seja um composto dos mesmos elementos que nós, e sujeito ás leis da destruição, que nos regem. Si devemos os favores da Criação a uma causa inteligente ou irrefletida, animada ou incompreensível, — o padre só pode ser o escárneo de um génio perverso.

so. Naquele todo existe um sopro envenenado, que revigora o mal. O padre, com muita razão, é a obra prima de Tifon. Admiro, quando me dizem que um sotaína morreu cardíaco! . . Não sei como possa adoecer do coração, quem não o possui!

— Esperdiças a tua filosofia. . . comentou o conde de Langeais. . . Queres dar expansão ao génio. . . não é? . . Basta dizeres que o padre é o erro; que ele representa a degenerescência, em mescla com a fúria do chacal.

— E' pouco: não estou satisfeito ainda! . . Na lexicologia não encontro palavras com que anatematize semelhante monstro.

— Lembra-te de Wiclef. Ele disse muito menos do que tu, e não escapou á sanha de Gregório XI.

— Que importa? . . Foi queimado; mas, o anglicanismo lhe surgiu das cinzas. O concílio de Constança, mandando João Huss á fogueira, preparou o luteranismo na Alemanha. Si há um Sigismundo, que de pusilânime entrega esse herege nas mãos de João XXIII, também encontramos um Zisca, que, apesar de cego, dirige os sublevados e obtem vitórias. Dessas lutas provém a luz para todos. Quási sempre a morte de um, serve de vida para outros. Lutero, esse homem excepcional, — apenas fortificou o reduto. Deu o sinal, á moda dos paladinos, e atirou-se no campo de batalha. Gerson, Erasmo de Rotterdam, Clemangis, o cardeal Julião de la Rovera e Ulrich de Hutten, o autor das **Cartas dos Homens obscuros**, — há muito que atacavam resolutamente a prostituição desenvolta no seio da Igreja, a vida pouco ascética dos frades, e exigiam a pureza do cristianismo. Que exemplo edificante a brilhar nas páginas da história da religião! Como isto é belo, e concorre para a rebelião dos povos desta sacrificada Europa, envolta nos farrapos da sua própria bandeira! . . E á obra monumental do frade agostinho reuniam-se Calvino, Zwinglio e Melancton. O povo, esse leão ás vezes, decidiu-se por ele; Frederico o Sábio, eleitor de Saxe, abriu-lhe as portas do seu castelo de Wartburgo, afim de subtra-

i-lo á violéncia ; Gustavo Vasa, o libertador da Suécia, precisando humilhar a aristocracia, abraçou a Reforma. Carlos Quinto que ousa intimar o frade agostinho a comparecer na dieta de Worms, não se atreve prendê-lo, como fizeram outrora com Jerónimo de Praga. Supliciam João de Leyde, mas, respeitam Lutero.

— Que mnemónica ! Parece que se compulsava a história ! .. analisou Heloisa d'Arlemont, dirigindo-se ao conde de Langeais.

— E' extraordinário ! .. Memória assombrosa ! .. confirmou o enamorado.

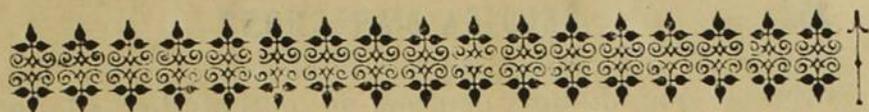
Onze horas soaram.

A noite era fria, e o vento applicava beijos de cólera em todas as janelas do castelo, que deitavam para o sul. No ímpeto raivoso parecia recuar gemendo, e logo se arremessava contra as gigantêscas faias e as solitárias urzes.

Um cântico fúnebre, que transportava o espírito ás profundezas misteriosas do claustro, — erguia-se nesta mesma habitação do príncipe. Evolvam-se notas, cheias de melancolia, repercutindo um eco de saudade amarga. Nada mais estúpido e contristador do que isto : o secular berreiro que fazem ao pé dos defuntos ! .. Ao desdobramento de tais scenas, o fanático chora, o fraco sensibiliza-se, o pensador medita, o libertino ri e o filósofo reprova a ignorância dos homens.

Ja o conde de Langeais e o dr. Fabre se tinham retirado da conferência. Cada qual seguira para o seu quarto. O médico, ouvindo distintamente esse cântico enervante para a alma, desapontou. Deu um murro tão forte, em cima da mesa, que todos os objetos estremeceram.

— Irra, diabos ! .. praguejou em seguida. . . Viva-se no meio de semelhante horda de selvagens ! Brutos, que nos martirizam de todo geito. Morre um jesuíta ; rincham toda noite á cabeceira desse crapuloso ! Um burro não morre da mesma fôrma ? .. Porque não o vão encomendar para o céu ? !



### XXXVII

#### O total de uma adição de opiniões

**O** funeral do padre Sanpiero foi essencialmente simples, ao contrário do que projetara o príncipe d'Arlemont. Não houve a menor pompa: a diminuta concorrência tirou-lhe todo o efeito. A princeza e sua filha recusaram-se obstinadamente e não desceram á capela. O conde de Langeais e o médico, por um mero cumprimento de dever, assistiram ás cerimónias: mas, nem assim contentaram á camarilha.

O príncipe d'Arlemont, profundamente ressentido, fallara ao dr. Fabre numa linguagem rude e ofensiva, durante o entêrro. Este, propositalmente, nada replicou, conservando-se grave todo o tempo. Terminado o funeral, dirigiram-se os dois amigos para a cidade de Aix. O marquez de Glisson ja os esperava no seu palacête. A viscondessa de Chiourme era a mesma mulher vaidosa. Ao lado da polidez mantinha a hipocrisia. Enganava.

A tarde veio o barão de Ráffi encontrar-se com os dois conspiradores. Acabavam de jantar, e desceram todos á quinta. A marqueza de Glisson, aparentando a mesma idade do marido, era uma mulher alta e musculosa. Há pessoas que ostentam um orgulho desvairado e sem significação. A marqueza o possuía, á semelhança de Henrique X da Baviera, o soberbo descendente dos guelfos.

Cremos, que, de uma centena de potentados, só um se mostrará compadecido das misérias do povo. Há duas espécies de orgulho : um nobre, e outro vil. O orgulho, que tem unicamente o intuito de humilhar, é vil e indigno de um caráter probo ; aquele que subsiste no propósito de não se deixar abater, é nobre e digno das almas bem constituídas. O orgulho de Diógenes, relativamente a Alexandre Magno, pertence a esta última classe. Vemos também Lesage, o autor do **Diabo Coxo**, repelir a duquesa de Bouillon, com a mesma altivez. Convidado por ela, para que fôsse á sua casa jantar e ler-lhes, ao mesmo tempo, o **Turcaret**, comédia destinada á scena, — o célebre escritor só poudo chegar uma hora depois da convencionada. A duquesa, essencialmente soberba e sem o mínimo desejo de polidez, não ocultou o seu enfado, e logo lhe disse, em resposta á saudação :

— Fez-nos perder uma hora ! . .

— Em compensação lhes vou fazer ganharem duas. . . replicou imediatamente Lesage.

E deu de costas. Seguiram-no ; e por mais que chamassem, foi debalde... É um orgulho, mas, que demonstra perfeitamente a altivez do génio em conjunto com a probidade.

A marquiza de Clisson era orgulhosa, conforme ficou dito. O seu orgulho era insultuoso. Compreendia que todos tinham o dever de considera-la numa posição invejavel. Para si, o pobre, por mais honrado que fôsse, nada significava. Era tão presumida nos seus passeios, ou mesmo no lar doméstico, que se tornava pessoa ridicula. Mas, em compensação passava, naquela época, por uma esposa fiel. Talvez a única qualidade que a distinguisse.

O passeio prolongou-se. A quinta era banhada pelo rio Arc, que lhe emprestava uma feição amena. Todos se aproximaram dessa margem, que oferecia um espectáculo delicioso para a vista. Aí cresciam em profusão os vetustos ólmos e as frondosas amoreiras, destacando

do-se, sobretudo, um imponente sóbro, que tinha as raízes descobertas pelo embate das águas em remoinho. O Arc sussurrava; as suas águas de côr argétea ao reflexo do sol, contrastavam com o verde-escuro da vegetação luxuriante.

Sentaram-se na relva, á sombra espessa do sobereiro, em tórno do qual girava uma brisa suave e embriagante. A conversação, que até ali estivera desanimada e frívola, mudou completamente. Chegara a vez do marquez de Clisson narrar uma anedota, sucedida com Luiz XIV, quando moço. Todos prestaram viva atenção.

— Um dia, em que o rei entrara no seu gabinete. . . disse o marquez. . . encontrou sobre a mesa de eserita os seguintes versos :

« Tu es issu de race auguste !  
ton aïeul fut Henri, le Grand,  
ton père fut Louis, le Juste,  
mais tu n'es qu'un Louis d'argent. »

Como se vê, aludiam á moeda que conhecemos sob o nome de *luiz*. O rei leu os versos, e dizem que os estimou consideravelmente, pois, não percebia neles a menor adulação. Não sei si falava sério. . . Os príncipes nunca revelam os seus sentimentos : servem-se continuamente de uma máscara. O certo é que Luiz XIV, desejoso de saber quem escrevera tão cáustico epigrama, — declarou que daria 500 luizes, si o poeta se descobrisse, prometendo ainda, sob a rial palavra, de não lhe mover o menor dano. Por maiores que fôsem as indagações, nada conseguiram. O autor do epigrama, que duvidava das promessas do rei, e queria dormir em paz, entendeu que o melhor partido era o do silêncio. E para que cessassem as pesquisas, colocou no mesmo sítio, onde deixara os primeiros, estes outros :

« Tu ne le sauras pas, Louis,  
car j'étais seul, quand je le fis. »

De sorte que nunca descobriram o autor do pasquim. Alguem desconfiou da famosa Ana Maria Schusmann, senhora alemã, de muito espirito e reconhecido talento.

como o provou num **Opúsculo** que escreveu. Na época do epigrama, ela residia em Pariz; mas, não chegaram á veracidade. Tanto vale guardar um segredo!

— Ah! disto precisávamos nós... disse o barão de Ráffi

— E haverá coisa mais fácil, e ao mesmo tempo mais custosa, do que guardar um sigilo? Quantos segredos revelados não têm produzido inúmeras desgraças? Porque abortam, quasi sempre, as conspirações?! Não é á falta de quem descarregue o golpe, e sim, pela inobservância dos que devem manter absoluto segredo.

O barão de Ráffi queria prosseguir no assunto; mas, tendo visto um homem que vinha para eles, cingiu-se a apontar, interrogando:

— Quem será aquele?

Todos olharam.

— Pierrot Follet!... afirmou em seguida a viscondessa de Chiourme.

Efetivamente, o libertino, o cortezão sem caráter do castelo de Saint-Pont, os procurava. Era o amante desta viscondessa, que viúva, não cuidava de conservar intacta a sua reputação de fidalga. A mulher, esse conjunto de decepções, — é tão susceptível de mácula, que, até o sacudir flores contra ela, a enodôa. Mas, a irmã do marquez de Clisson só buscava prazeres, de qualquer modo que viessem. Si, por ventura, possuísse muitas corôas de virgem, deitaria todas elas ao charco das paixões mundanas. Pobre mulher!.. Tanto lhe rendia uma Du Barry ao lado de Luiz XV, como uma cortezã romana nos braços de um gladiador.

Pierrot Follet se tinha aproximado do grupo, e foi saudado por todos. A viscondessa de Chiourme não encobriu o derricho. O marquez de Clisson era um complacente que fingia nada compreender.

O sol, que descambara no ocidente, seria substituído em breve pelo rápido crepúsculo. E antes que este se acentuasse de tudo, a comitiva ergueu-se e regressou ao palacête. Veio a treva; dissolveu-se a sociedade; e em busca de outros centros partiram o dr. Fabre de Li-

ancourt, o barão de Ráffi e o conde de Langeais. Essa noite fôra designada para uma conferência no velho reducto dos conspiradores.

Primeiramente o coronel Idbare de Montargis queria entender-se com alguns na própria casa. Estava no fundo do gabinete, cercado de livros e de mapas geográficos, e aí recebeu os amigos, com a placidez habitual. Era um tipo venerando, que se mostrava forte e intrépido, apesar do meio século de idade. Desde moço que fôra oficial do exército: praticara o seu primeiro feito de armas em 1652, na batalha que se travou ás portas de Pariz. Era um dos partidários da *Fronde*, e teve que se homiziar na Bélgica, afim de fugir á sanha de Ana d'Áustria. Regressou quatro anos depois, e viveu d'aí em diante completamente afastado de todo e qualquer assunto político, até que obteve a sua reforma.

Só agora se inquietava. Era protestante, e Luiz XIV ia demolir o edificio, que o próprio avô, Henrique IV, construira em 1598, no propósito de salvaguardar a França. Si o teólogo Chamier tinha a grandeza de colaborar no Édito de Nantes, — tambem sabia morrer heroicamente, como o fez em 1621, no cerco de Montauban. O marquez de Louvois, que incitava Luiz XIV para a revogação, era o contraste, pois, desejando desprestigiar o grande Turenne, deu-lhe ordens erradas, pouco se doendo com o sacrificio de milhares de soldados. Portanto, o coronel que fôra um conspirador tenaz odiava com fúria e preferia o papel daquelle redator do Édito.

Até á meia noite preocuparam-se os quatro conjurados em argumentos extranhos. A cidade se tinha embuçado no manto do silêncio. A escuridão era impenetravel; a hora sumamente propícia a todos os planos de revolta. Sem as espessuras de uma treva, não há conspiração que vigore. Era tempo. Cada um, de per si, buscou o sobrado velho e logo se introduziu com a exigida cautela. Reuniram-se dez homens. Temerários e confiantes, porque todos se supunham mais fortes que Gui Fawkes, o revelador da *Conspiração da Pólvora*. Cheios

de civismo e abraçados no amor da liberdade, iam tratar unicamente de um bem comum. A' cinta de cada cavalheiro pendia uma espada : ao menor ruído estariam na defensiva. O coronel Idbare de Montargis era o árbitro ; Fabre de Liancourt fazia as vezes de cérebro. Este, com a velocidade do raio, dava o grito de alarma e incendiava os ânimos amortecidos ; aquele, com a fúria do canhão, devastava o campo inimigo e aluía pirâmides. Dois revolucionários que seriam úteis presentemente, e que importavam muito naquele século.

Lá se conservava a mesma luz opaca sôbre a mesa envelhecida. Os conspiradores temiam as vistas indiscretas. O coronel ocupava a cadeira presidencial e tinha ao seu lado o conde de Langeais, desempenhando as funções de secretário. Todos permaneciam mudos. Um moço ruivo, ainda imberbe e de cabeleira espessa, que se salientava pelo caprichoso frisado, — foi o primeiro a falar :

— Proponho a condenação da memória de Luiz XIV. Que o seu nome seja amaldiçoado pelos nossos lábios.

— As provas?.. exigiu o coronel, com impassibilidade.

— Vou exhibi-las. São por demais agravantes ; não podem ser recusadas. Luiz XIV, na sua avidez de déspota, apossou-se, em 1681, de Strasburgo, ocupando ao mesmo tempo Casab, a chave do ducado de Milão : portanto, discórdias futuras, sem embargo do tratado de Westphália. O direito de conquista, a seu talante, é o único que predomina. O direito internacional é simplesmente um cadáver esbofeteado pelas mãos do César. O insolente afrontou Maria Casimira de Polónia, e deu ensejo a que o marido João Sobieski, por despeito, se decida a socorrer a Áustria. Concluída a paz de Nimegue, convocou escandalosamente as câmaras, chamadas das *Reuniões*, e anexou á França 80 territórios, que só conseguem reaver os seus direitos á força de armas, pela fraqueza dos adversários. As seitas dos jansenistas e quietistas padecem como nunca. A côrte de Versalhes sustenta um luxo asiático. Só nos tempos de Roma cortezã, em que a

vaidade sobrepujava, — se viu esbanjamento igual. A França está proletária. Fouquet foi insaciável, quando superintendente das finanças, e Luiz XIV, mais por ódio do que por justiça, fingiu desagrar a nação, enviando o concussionário para uma das prisões do castelo de Nantes. Si rebentava a guerra da Fronda, a célebre Ana d'Áustria fugia com o filho para se occultarem no castelo de Blois. Pusilánimes ! não suportam peito a peito a represália do povo. Um príncipe que apenas fazia 10 anos de idade, e já se lhe ensinava ser um poltrão ! Luiz XIV é sanguinário, devasso e ignorante. Não se farta de sangue, nem de mulheres. Entregando-se á mais vergonhosa prostituição e á mais refinada hipocrisia, persegue desabridamente. Não sabe apreciar os génios ; quando distingue alguns, é com um fito todo pessoal. Ali não existe o amor da sciência. Contamina-se de inveja ao saber que Cristina da Suécia chamou á sua corte os grandes sábios como Nicolau Heinsius e Bochart, Salmásio e Grócio, Vossius e Descartes, que a cercaram de luzes. Aspira esse rei egoísta e do beatério, que um dia a posteridade exclame : — « Como foi grande o século de Luiz XIV ! » Ora, um monarca intunecido de jatância e de ambição, jamais que mereça o nosso aplauso. Pedimos, portanto, a sua condenação.

— Muito bem, mancebo ! Falastes como um historiadór conciso. . . e o velho coronel sorriu alegremente.

Depois acrescentou :

— Mas, si eu vos prevar também, que Luiz XIV tem feitos de tal nobreza, que reclamam os panegíricos da história ?

— Conforme. . .

— Nada de objecções. Os fatos existem, e eu citarei todos os seus capítulos.

— Mencional-os, coronel.

— Pois bem. O neto de Henrique IV engrandeceu a nossa marinha de guerra com a bravura de João Bart. Encaminhou-nos á posse definitiva da Alsácia, porque tinha um Condé que combatia os hispanhóis por terra,

enquanto o duque de Brézé, perto de Gibraltar, os esmagava no oceano. Possuia um ministro ambicioso como Mazarino, mas que, antes de morrer, deixava a paz dos Pireneus, que ampliou o nosso território á custa das possessões hispanholas nos Paizes Baixos e na Itália. Si Nicolau Fouquet era um dilapidador, veio substitui-lo o honrado Colbert, que lutou, com todas as forças, para arrancar a nossa pátria dessa ruína iminente. Empreendeu este os trabalhos de Hércules; a sua falta nem tão cedo será preenchida, porque é difficil um outro financeiro daquele tino e de tanta economia. Bossuet, esse teólogo profundo, ainda defende as liberdades da igreja franceza contra o clero ultramontano. Racine tem o devido apreço: é olhado como um génio a quem devemos estender a mão. Nos faustos desse soberano existem, portanto, ações de grandeza, que merecem uma página da história. Insistis ainda na condenação de tal rei?

— Fraqueza! si por ventura eu me dêsse como vencido! A vossa linguagem é toda recamada de florões. Luiz XIV não se absolve assim. Tudo que apontais em prol da grandeza, é justamente o que surge em seu detrimento. Os rápidos feitos, que brilham na vida desse monarca, obscurecem-se diante da aglomeração dos seus crimes. Serve-se de João Bart, não porque valorize o heroismo, mas sim, porque necessitava de homens decididos, que danificassem o comércio da Inglaterra, da Espanha e da Holanda. Eis o instinto da destruição, a quem pouco lhe importa sacrificar o povo, contanto que prejudique o inimigo. O soberano que faz um corsário, tem armado um pirata. Este emprega a própria força, contando exclusivamente consigo; aquelle dispõe de uma nação inteira, escudando-se no despotismo de um chefe, que levanta exércitos a um simples aceno. João Bart é um corsário; Luiz XIV um tirano. Todo o proveito dessa campanha é um beneficio indecoroso. Um rei que se immortaliza pelas conquistas, desce á escala do salteador. A conquista é o roubo. O rei tem obrigação de zelar os direitos dos súbditos, e não infringir prerrogativas que

são tão sagradas quanto as suas. Os trez irmãos Guillerri, executados em 1608, após seis anos de roubos nas estradas públicas, são vistos pelo verdadeiro prisma. Scelerados! bandidos! gritam-lhes de toda a parte. Mas, Alexandre o Grande, que espalha o horror e por mais de dôze anos se constitue o assombro das nações, não encontra quem lhe murmure: « Suspende, sanguinário! » A história, qual a Messalina do Pantheon, joga-lhe um punhado de flores e o distingue com o qualificativo de *Magno*. Aqueles trez miseráveis têm um cadafalso por epílogo, ao passo que o conquistador, metido num caixão de ouro, é depositado em Alexandria, no fundo de um jazigo. Tal é a sociedade nos seus julgamentos laudatórios. Portanto, Luiz XIV com o seu esplêndido cortejo de Turenne, Condé, Gassion e Bonne de Crequi, — tenciona adquirir somente um renome, que rivalize com o de Júlio César, Carlos Magno e Carlos Quinto de Alemanha. Por isto expõe-se, nas suas rapinas, a que seja o responsável de todas as horribilidades cometidas no Palatinado. Si procura o financeiro Colbert, havia uma dívida de 150 milhões de escudos a solver. Este grande homem foi quem salvou a França. Bossuet é o algoz dos protestantes; disputa com Fenelon e persegue o grande Arnauld. Racine goza os favores do rei, porque lhe escreve a história, juntamente com Boileau. Luiz XIV, caindo em desgraça, não é digno de uma só lágrima. É um corrompido, que, em si, nada mais conserva de sentimentos nobres. Risquemos a sua memória dos nossos corações. Eu inspirei-me nas páginas de Tácito e Plutarco, a fim de poder avaliar os homens. Vi a Grécia decadente, o Egito em ruínas e Roma na corrupção. Contudo, não sou dos fanáticos que se aferram a uma só idéa; prefiro um império constitucional ás repúblicas italianas.

O orador calou-se, e todos guardaram silêncio, á espera que o velho official contestasse. Ele aduziu ainda:

— Tendes razão, mancebo! Dissestes uma verdade. Eu vos argui, porque é preciso; mas, a vossa opinião é

firme e prevalece. Luiz XIV é realmente detestavel.

Um aplauso quási surdo, mas, sincero, partiu de todos os lábios. Desde esse momento ficou deliberado, entre eles, que fôsse proscrita a memória do rei de França. Não eram infames como Ravaillac, Jaques Clement ou João Châtel, que brandiram a lâmina de um punhal ; mas, invejavam o sacrificio de Múcio Scévola. Qualquer deles, perante um Porsena, exclamaria como o herói romano e se deixaria arder sem o menor constrangimento.

O déspota francez, si não soffria um castigo físico, era repellido, comtudo, na opinião sensata. Um povo, por mais escravizado que esteja, possui, todavia, homens que se compenetraram dos seus deveres patrióticos. Júlio César, subtraindo o poder e humilhando Roma, caiu aos golpes de Bruto e de Cássio, que dirigiam a conjuração. E os dois, apenas perderam a renhida batalha de Filipos, suicidaram-se, para não sobreviverem ao esfacelamento da república. A rialeza estava condenada na consciéncia destes protestantes. Recordavam-se dos sultões da Turquia, e tinham asco de Mahomet III, que receando pela corôa, mandou estrangular todos os 19 irmãos ; e Amurat IV, que, á noite, se comprazia em percorrer as ruas da cidade, empunhando uma espada e ferindo a quantos encontrava ! Nessa alcatéa de hienas sobressaíam as figuras hediondas de Henrique VIII de Inglaterra, ainda tinto com o sangue de Ana Bolena e de Catarina Howard ; Luiz XI de França, o amigo do carrasco, que, depois de assistir ás scenas da patíbulo, ia rezar o *magnificat* ; e Filipe II de Hispanha, o *Demónio do Meio-dia*, que perseguiu os mouros, a ponto de desterrar para mais de cem mil famílias, e do mesmo modo torturou á prole. Os conjurados se mostravam no auge do desespero. Depois trataram da questão dominante. Dez opiniões decidiam-se pela luta ; mas, era preciso contarem com a força armada, e esta lhes faltava absolutamente.

Soando a hora de abandonar o pouso tão cubigado pelos agentes de Luiz XIV, esgueiraram-se na sombra com a devida cautela. O sobrado velho ficou deserto.



### XXXVIII

## O emissário desempenha as suas funções



A mesma tarde, em que, na quinta do marquez de Clisson, se reuniam as pessoas que já mencionamos no capítulo anterior, — também compareciam outras no castelo de Saint-Pont. O duque de Hereford, um velho fidalgo, que ia de passagem para a Itália, aí tinha chegado desde manhã. Possuindo uma fortuna avultada, preocupava-se unicamente em goza-la e não se aborrecia de viajar. Há trez mezes que deixara Londres; agora tencionava permanecer algum tempo em Veneza.

Completara 65 anos de idade, e comtudo, se mostrava forte. Tendo travado conhecimento com o príncipe d'Arlemont, em Bruxelas, prometêra visita-lo um dia no seu castelo. A promessa efetuou-se. O velho duque trazia consigo um jóven alemão, que estudava na Universidade de Pariz. Hermann Kreuzbogen era um verdadeiro tipo germano: brutal e nobre. Conservava a sua rudez de carácter, com uma intelligência adstrita á metafísica. Extasiava-se em ruminar uma página da **Suma** de S. Tomaz de Aquino.

Augusto Javelot entretinha-se em jogar o gamão com o padre d'Avesnières. Este passatempo é o mais antigo de que fala a História. Dizem que Palamedes, na Grécia, foi o seu inventor, em 1254 antes de Jesus Cristo. Acrescentam que Sócrates manejou as tábulas. E ainda

hoje apreciamos, do mesmo modo, esse divertimento frívolo, porém célebre pela idade, pelo capricho dos dados e pelas raivas que ocasiona.

O conde de Saint-Flour fazia parte do círculo que prestava atenção ao duque de Hereford. Heloisa d'Arlemont e Elisabeth Javelot conversavam amistosamente junto a uma janela que deitava para o jardim e recebia o delicioso aroma, trazido pela brisa da tarde. O duque de Hereford estava alegre; só a princeza d'Arlemont permanecia triste e de semblante dolorido.

A noite desceu rápida. Um rouxinol, que gorgeava nos galhos de um pilriteiro, emudeceu quasi logo. A iluminação do castelo ostentou-se magnífica. Misser Gargouche se fez anunciar, trazendo consigo uma sobrinha, um desses entes teratológicos, cuja presença incomoda a quem deles se confronta.

Pobre moça, que era! . . . Tão feia como a necessidade. Uma cara de ornitorinco, exatamente semelhante á desse desdentado da Nova Zelândia, e que termina em bico, como o dos patos. A tez coberta de sardas. Uns braços finos e compridos, quais os do chimpanzé; as mãos enormes e defeituosas. Coxeava de uma perna; tinha um ombro mais levantado do que o outro; e afim de não se distanciar dos dromedários, exhibia uma corcova. Até para maior desdita, a infeliz era má! . . .

Um génio de cobra; umas maneiras estúpidas. Desejava ardentemente um marido; mas, pela sua horribilidade física e moral, continuava a viver solteira. Era impossível que um homem, ainda mesmo um hotentote, olhasse para aquele monstro, sem repugnância. A Carcundinha do **Juden Errante**, o célebre romance de Eugénio Sue, — era uma perfeição á vista da sobrinha de Gargouche. Seu tio não gostava de apresenta-la em público: tinha vergonha. E para maior escárneo, aquele Quasímodo de saias, trazia o nome de Angélica! . . .

Tal era o efeito da presença de Angélica, que todos os circumstantes sorriam á sua chegada. E note-se bem: Mlle Gargouche era rica. . . E si fôsse pobre? . . . Miscri-

córdia ! Já teria sido queimada como *bruxa*, única proflissão compatível com a sua deformidade. . . Mas, era rica : e como o dinheiro é tudo, cada um, de per si, foi cumprimentar á sobrinha de misser Gargouche.

Há mulheres que são virtuosas á força das circunstâncias. Era, portanto, o que se dava com Angélica. Ninguém a seria capaz de amar : nem mesmo Bastiáni, que « era um verdadeiro fenómeno teratológico dos mais curiosos », segundo Júlio Lermina no seu romance **Os doidos de Pariz**. Assim vemos Angélica Gergouche : abrazada nos desejos e não os podendo satisfazer jamais. Causava tanto nojo, que nem o pôlvo dos **Trabalhadores do Mar** seria capaz de envolve-la nos seus tentáculos : o monstro marinho queria Gelliat, — o herói do magnífico estudo de Victor Hugo —, mas, não a sobrinha de misser Gargouche.

Angélica tinha a risada gutural e medonha : era uma espécie de urro como o da zebra. . . e sempre que ria, ficava vermelha, verde e finalmente rôxa, contraindo todos os músculos do rosto, como quem faz um esforço para chorar e não pode ! . . Quanto á intelligência não denotava nenhuma : tinha quási sempre as leviandades de uma criança ; exprimia-se com dificuldade ; não sabia ler, nem assinava o nome ! Quem pode classificar semelhante bicho ? !

Angélica Gargouche sentara-se ao lado da princeza d'Arlemont. O padre d'Avesnières tinha deixado de jogar e prestava uma viva atenção ao estudante Kreuzbogen, que discorria scientificamente sôbre um ponto de história natural : mas, o jesuíta ao fitar a moça ( si aquilo era gente ), esqueceu-se completamente de tudo. Cremos, que si o padre chegasse a se ver transportado, num ápice, á catarata do Niagara, não seria presa de tamanho assombro, como o demonstrou ante a figura descomunal de Angélica. Kreuzbogen estava boquiaberto ; Gargouche, enfiado. Este compreendia perfeitamente, que sua sobrinha, por onde quer que passasse, deixava o estupor. E isto não acontecia uma só

vez ; porém, todas. Contudo, o padre d'Avesnières, após um prolongado exame, voltou-se para o jóven alemão e disse pausadamente :

— Que estupendo ! Não posso compreendê-lo ! .. Que bichos produz a Provença ! ..

Hermann Kreuzbogen ficou a olhar para o jesuíta, e nada lhe adiantou : era esmagado igualmente pela admiração !

O som de um orgam despertou a todos. Cada qual parecia aspirar a magnificência daquelas notas que fugiam plangentes e vertiginosas. Devia ser a baroneza Marion de Beziers quem executava aquela música tão sedutora e doce. No todo da partitura não se notava a excentricidade de Wagner, nem a exaltação de Pergoleso : havia um meio termo, que naturalmente fascinava. E mais saudoso não era um hino patriótico que acorda os brios adormecidos.

Que caracteres ! que áulicos degenerados ! .. A lembrança de Junghill pendente de uma fôrça, e a saudade do padre Sanpiero tão lamentado pelos carolas, — eram esquecidas facilmente, sem que, no coração de um só, restassem laivos de remorso. D'entre todos, só a princeza d'Arlemont e sua filha condenavam essa degradação palaciana. Entretanto, dirá alguém, que esta afirmativa não é sincera, atendendo que Heloisa d'Arlemont ao lado de Elisabeth se entretinha em coisa bem diversa, e não patenteava a sua mágua. Seria uma injustiça. . . Sorrimo-nos, muitas vezes, com as lágrimas nos olhos. O regêlo nos lábios disfarça igualmente o incêndio de uma alma.

O velho Luiz de Castro, esse honrado brasileiro, que longe da pátria chorava o solo natal, apresentara-se, após o entêrro do enviado do papa, — ao príncipe d'Arlemont e lhe pedira uma conferência. O príncipe accedeu, levando-o até uma sala reservada. O ancião estava trémulo, mas, não pálido. O seu caráter revelava aquela independência, própria do selvagem americano. Meia hora depois estava resolvida a questão que motivara a

confidência. Luiz de Castro demitia-se do lugar de jardineiro, e no fim de poucas horas deixava para sempre o castelo de Saint-Pont.

A princeza, avisada imediatamente desta brusca resolução, procurou entender-se com o jardineiro. O velho, na sua presença, prorrompen em soluços, qual si fôra uma criança. Nada existe de mais tocante do que as lágrimas de um ancião, que tenta exprimir um sentimento íntimo. . . E uma mulher que chora, sem encontrar, além do seu pranto, coisa alguma que a defenda de uma acusação injusta ? .. Que de mais patético e mais alativo do que essa fraqueza d'alma ? .. Por isto dizia Ovídio : « Quando as lágrimas de uma jôven formam a única defeza da sua virtude, o amor canta vitória. » E assim o cremos, embora Alfredo de Musset dissesse que « as mulheres são pérfidas e vaidosas, cheias de curiosidade, de presunção e de artifício. »

Voltemos a Luiz de Castro, que se mostrara inabalável. Partira, mas, levando um punhado de ouro, que a princeza d'Artemont lhe depositara nas mãos. . . E qual o seu destino ? .. Ninguém o soube.

A reunião dessa noite prolongou-se muito, e ja era tarde quando a princeza se retirou para os seus aposentos. Dissolvida a sociedade, buscaram todos o agasalho do castelo, até mesmo os visitantes, como de costume. O padre d'Avesnières dirigiu-se á biblioteca e escolheu um livro, afim de le-lo no seu gabinete : deparou os obscenos **Sonctos** de Pedro Aretino e deu-lhes a primazia.

O príncipe d'Arlemont que se mostrara taciturno durante a reunião, levantou-se meditativo e procurou a esposa, que não se deitara ainda e escrevia, com a maior atenção, num caderno côr de rosa. Entrou, sem se fazer anunciar e na ponta dos pés, como quem deseja surpreender alguma coisa. A princeza tão preocupada estava, que nem ao menos lhe observou a presença, enquanto ele, por traz da consorte, lia ávidamente o cabeçalho do manuscrito. E ela continuava a escrever ; depois descansou a pena, exalou um suspiro e voltou-se

para enxugar uma lágrima. Não esperava ninguém junto a si, e percebendo o esposo, — soltou, compelida de susto, uma exclamação. Em seguida verberou :

— Que fazes aqui ? ! Violavas o meu segredo ?

— Uso de um direito. .. E muito admiro que te preva-  
leças do absurdo ! .. retorquiu ásperamente o príncipe.

— O teu direito ! .. Quanta blasfémia ! .. Usaste, porém, da astúcia do ladrão, e assim não devias proceder. Não me exaspera o que leste, e sim, a fôrma do comportamento. Praticaste exatamente como um marido cioso, que se deleita em espionar a mulher.

O príncipe d'Arlemont sentou-se e cravou o seu olhar feroz no semblante pálido da esposa ultrajada.

— Como vai isto ! .. Esqueces o lugar que occupas, e me arremessas estúpidas censuras ! .. Eu, apesar de descendente, como sempre tenho sido, também sei castigar às mulheres incorrigíveis.

— Era só o que faltava para adornar a tua corôa de louros.

— Bem ; isto é maçante... Dize-me, que significa essa mistificação que escrevias ? ..

— Não a leste ? Porque perguntas ? !

— Perguntei, e não quero ser interpelado.

— Ah ! ja te constitues déspota ? .. Sofrerei ; sou mulher, e além de tudo — esposa de um régulo.

Um riso de escárneo assomou nos lábios do príncipe.

— Não me respondes ? Queres que eu perca a paciência ? .. disse ele.

— Ordenas ? ! .. Pois bem : são as minhas **Memórias**.

— Devem ser interessantes ! Nas tuas novelas, quantas aventuras de amor confessas ? ..

— Isto é infame ! .. Quem deve respeitar sua esposa, sinão o próprio marido, desde que ela seja digna ? Ignoras quem sou eu, para me aviltares tão grosseiramente ? O que dizes agora, no fundo desta câmara, és capaz de repeti-lo amanhã na praça pública.

— Bravos ! Como és pura ! ..

— E o sou... Si a tua dignidade de príncipe desceria

tanto, porque procuraste a filha do duque de Provins?! Ela não tinha riqueza, mas, possuía virtude e uma educação esmerada.

— Foi o meu erro: julguei encontrar uma mulher, quando era um demónio que me fascinava.

— E como só enxergaste isto, depois de 16 anos de consórcio?!

— Porque sempre fui um burro.

A princeza d'Arlemont estava consideravelmente livida. Uma mulher, por forte que seja, sempre que se vê actuada tenazmente, tem vontade de chorar. Laura d'Arlemont sufocava os soluços. O seu despeito subia ao cúmulo. Lançou então estas palavras á face do príncipe, como si fôsem um lâtego para chicotea-lo:

— Explica-me qual o motivo do teu ódio!.. Fala com sinceridade, e dize porque esta é a segunda vez que me injurias!.. Si eu sou tão indigna, como proclamaste hontem e neste momento, tu és um infame em conservar-me ainda ao teu lado. Expulsa-me; cumpre o teu dever.

— Mulher! não me faças enlouquecer... bradou o príncipe, pondo-se de pé... Eu quero que me confesses o escândalo de uns amores entre o degenerado conde de Langeais e Heloisa. Tu sabes de tudo, e propositalmente encobriste a verdade, como uma corrutora que és.

— Escândalo! Que tal!.. exclamou a princeza, quasi desmaiando.

Alberto d'Arlemont vibrou o timbre. Apareceu uma criada, julgando que fôsse a princeza quem a chamara.

— Não eras tu; mas, vai ao quarto do padre d'Avesnières... disse-lhe o príncipe com violência... Chama-o da minha parte. Tenho necessidade extrema.

Laurã d'Arlemont, ouvindo esta ordem, tomou-se de verdadeiro assombro, e arregalou desmesuradamente os olhos. Que significava a presença daquello jesuita no seu quarto secreto?! O príncipe teria endoidécido? Uma espécie de vertigem turvou a vista da princeza. Tudo aquillo era horroroso. Ja nem se atrevia a interrogar o marido: ele causava-lhe medo, e sobretudo, nojo.

Permaneceram neste silêncio, até que o padre d'Avesnières se apresentou: o seu olhar, que parecia sereno, tinha muito de indagador. O príncipe lançou-lhe uma vista profunda e aterradora; o jesuíta sorriu interiormente. Sentou-se, depois, em frente do algoz da Provença, e disse:

— Para que me mandastes chamar a esta hora?! Que há de novo?

— Sempre o diabo que me acompanha. . .

— *Non credo*, sr. príncipe! . . e o jesuíta benzeu-se.

— Oh! si estou tão contrariado, meu bom padre! . .

— Paciência! Job, tão infeliz, porque sofreu muito e com resignação, tornou-se depois sumamente venturoso

— Sim; deixemos Job. . . Vamos tratar do que serve.

— Estou ás vossas ordens.

— Exponha o que ouviu hoje, com referéncia ao conde de Langeais e os seus amores.

— Ah! isto é um ataque que me fazeis: dispensai-me de semelhante coisa. . . e o padre fingiu-se embaraçado.

— Não; exijo. Quero que tenha um fundamento sólido qualquer ato de justiça a que me veja forçado. O chefe de família, muitas vezes, deixa de ser pai, para se tornar juiz. Júnio Bruto, sabendo que seus filhos conspiravam para a restauração dos Tarquínios, — foi o próprio a condena-los, e assistiu os seus castigos.

— Mas, o que exigis é muito grave. A excelente princeza não me perdoaria nunca tanta audácia. Seria uma dor profunda para ela. Eu não desejo intervir em negócios de família, e por isto vos pedi segredo.

— Não obsta. E' exatamente, por causa da princeza, que eu ordeno a revelação.

O padre d'Avesnières voltou-se para Laura d'Arlemont: esta se mostrava abatida; e não sabia compreender porque tanta perversidade. O jesuíta interrogou-a:

— Consentis no que propõe vosso esposo?

— A mim não se consulta; eu sou escrava. . . exprou-lhe a filha do duque de Provins.

— Fale. . . resmungou o príncipe.

— E' demais! . . e o jesuíta simulou que se achava despeitado com a scena.

— Tudo me contraria! . . Eu mando, e mesmo assim não me obedecem! . .

— Já que sois tão impertinente, vou satisfazer-vos. Alguem reservadamente me confiou que o conde de Langeais, abusando do lugar que occupa, fez declarações amorosas á princeza Heloisa; e que esta, inexperiente, se deixou enganar pelas palavras do sedutor. Existe entre eles um amor perigoso para dois jóvens. Realizam-se entrevistas noturnas, onde os beijos voluptuosos e excitantes, que não dizem bem, sôbre a moralidade de um lar, são permutados facilmente. Foi tudo quanto soube: queria jamais pronunciar uma só palavra a tal respeito; mas, compreendendo tambem, que esconder semelhante coisa, era ser cúmplice dum crime, — resolvi o contrário, e secretamente o confiei ao sr. príncipe. Si eu previsse que a minha revelação daria o resultado que presenciámos, nunca que me decidisse a ser o mensageiro de uma extraordinária dor. Peço-vos, princeza! que me perdociis este ato involuntário. . . Perdão! por tudo que há de sagrado. . .

— Ouviste, princeza?! . . rugiu Alberto d'Arlemont, com um sorriso de escárnio.

— Eu previa tudo isto. . . Tu e este roupêta sois uns difamadores. Não procuraste sindicar do fato, e ergueste immediatamente um arruído escandaloso. Devias falar comigo, e eu te explicaria o que há. Heloisa e o conde de Langeais amam-se; mas, puramente, sem se prevaricarem. . . Eu não seria tão abjeta, que fôsse cúmplice na degradação de minha filha. Assim como tenho sido uma esposa fiel, sou e serei uma mãe zelosa, que trata do presente de sua filha e lhe cuida do futuro.

— Oh! tens a coragem de confessar o escândalo! Tu!

— Basta! Eu receio da tua brutalidade. Deixa-me em paz: reserva as tuas injúrias para outra vez, e quando estivermos a sós.

O príncipe d'Arlemont soltou uma gargalhada nervosa:

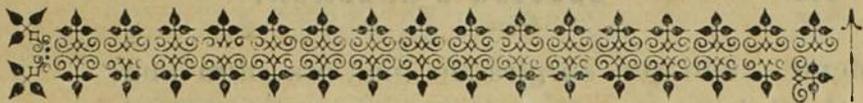
— Padre! seja testemunha. O serviço que v. rev<sup>ma</sup> me acaba de prestar, nunca será esquecido.

— Terminai com isto, príncipe! Sêde indulgente para vossa esposa, que ela o merece. A paixão é o que há de mais nocivo. Tibério, quando ficava colérico, caía, repetidas vezes, em espasmos horríveis; Sila morreu em consequência de um ataque de raiva. Refreai esta fúria que vos perturba: deixai-me partir, pois, me sinto mal, contemplando esta scena.

O padre d'Avesnières fez uma cortezia e saiu. Quando penetrou no seu gabinete, sorriu maliciosamente e disse baixinho:

— Até que enfim empolguei a ambos. Esse príncipe é um sendeiro, e com a maior facilidade se deixa apanhar no laço. Quanto á princeza, si não fôsse tão agressiva e sobërba, seria a perfeição das mulheres. Mas, deixa-os estar: não sabem com quem lidam. O padre d'Avesnières não é de graças. Como me serviu a busca que dei nos papeis do padre Sanpiero! Neles encontrei a narração dos amores do conde de Langeais e da *inexperiente* Heloisa d'Arlemont. Com que desígnio o italiano tomava nota dessas coisas?! . . . Bons apontamentos. . . Serviram-me imensamente: vejam como ja lancei a discórdia naquele casal de malucos! Que prodígio ter eu inventado a história dos amores, revelada por alguém! Pobre princeza! acabarás ás mãos de teu esposo: ele é uma fera.

E o jesuíta ria gostosamente. Tinha semeado a cizânia no lar, — a coisa que ele mais ambicionava. O padre Sanpiero morria: mas, deixava, a seu geito, uma notícia dos amores do conde com Heloisa. D'Avesnières fôra um espertalhão, como todos os outros da Companhia: apossara-se desse documento, e logo interrogou criados, até forjar o seu plano de combate. Sortiu melhor do que esperava: a sua partida estava ganha.



### XXXIX

#### A resolução de um miserável

**H**á duas espécies de miseráveis : os infelizes e os repugnantes. Estes, os dignos de ódio, são os scelerados que adquirem, pelas suas torpezas, um nome execrando em face do direito e da virtude ; aqueles, os dignos de lástima, são os desprovidos da fortuna, que imploram a caridade pública e morrem de fome, porque ella lhes nega a necessária esmola. . . Os primeiros contentam-se, algumas vezes, com a exiguidade de uma lágrima ; os segundos só paralizam o curso impetuoso dos seus crimes dentro de um cárcere. Uns passarão no mundo sem um elogio, uma pequena referência, nem mesmo depois de mortos ; os outros ficarão conhecidos na tradição ou nas páginas da História, porém, detestavelmente, para que as gerações vindouras não ignorem o mal. O príncipe d'Arlemont era um miserável. . . e compete-nos classifica-lo.

Laura de Provins, segundo se chamava outrora, e que nunca sofrêra tanto como nos dois últimos dias, — chorou toda a noite. A primeira decepção fôra uma coisa rude ; a segunda degenerou em injúria e constituiu-se um ato hediondo. Aquella lhe deixara uma lembrança inapagavel ; esta produzira uma ferida que sangraria sempre. A sua face desbotou, e a alma encolheu-se como quem tem frio. O padre d'Avesnières ria interior-

mente : tudo que surgira de mal, era obra sua.

O sol despontou no oriente com a limpidez de uma manhã de primavera, não obstante ter passado a quadra. Setembro e Outubro são os mezes encantadores da Provença : recomendam-se pelo ar embalsamado de fragrâncias, que prenunciam o tempo invernos. Aquela noite brutal, de vergonhosas polémicas, desaparecera enfim ; mas, era o prólogo de um grande martirólogo. Este dia, que se levantava risonho, seria magnífico de luz, si a sombra não se interpuzesse.

O conde de Langeais e o médico voltaram de Aix. A conspiração progredia ; mas, eles preferiam descansar ainda. — tão detestavel é o conflito para os espíritos sadios. . . Chegaram no castelo de Saint-Pont, depois das nove horas, e logo perceberam que alguma coisa de extraordinário se tramava. Puzeram-se de atalaia. O duque de Hereford e Hermann Kreuzbogen ja tinham partido para Marselha, e os nossos dois conspiradores, até ao meio dia, não conseguiram ver ninguém, afóra os criados. O conde de Langeais entrara para o seu quarto e se conservava deitado, a olhar distraidamente, quando pressentiu que alguém forçava a porta. Esperou, e viu então, com verdadeiro espanto, que era a baroneza Marion de Beziers ! . . O conde ergueu-se apressadamente, e ela, sem acanhamento algum, sentou-se numa poltrona fronteira, enquanto lançava sôbre o fidalgo um dos seus encantadores sorrisos. Em seguida falou :

— Está reconcentrado, conde ! Si eu não violasse as leis da cortezia e viesse até aqui, creio que não teria a satisfação de o ver !

— Talvez. . . Depois da minha viagem ao castelo de Narbonne, tornei-me o favorito das decepções ! Elas me chegam uma após outra.

— E' esquisito : mas, é um fato ! . . A desdita penetrou neste castelo de Saint-Pont, desde que o sr. príncipe foi a Pariz e trouxe consigo esse maldito d'Avesnières !

— Houve alguma coisa de novo ? . . interrogou Langeais, com muita ansiedade.

— A princeza sofre horrivelmente.

— De que ?

— Hontem, á noite, houve desavença entre ella e o esposo.

— Sim ?!

— Com certeza. Ella arde numa febre abrazadora. A menina Heloisa tambem padece, e até agora não quiz sair da sua câmara, evitando mesmo a presença dos mais íntimos.

— Mau ! Eu não avaliava tanto ! ..

— E' isto, sr. conde ! Só o diabo seria capaz de entender o que tem succedido há trez dias ! .. Reccio muito estas scenas, e prevejo um desenlace fatal.

O conde de Langeais emudeceu ; mas, continuou a fitar a baroneza, como quem divaga. Esta aproveitou o ensejo e ergueu-se para sair :

— Com licença, conde.

— Pois não, baroneza !

E ella desapareceu num passo gracioso e medido. O conde entregou-se á tristeza : a sua fronte contraiu-se e os lábios tremeram. Cruzou as mãos sôbre o peito e passou em tórno do quarto. Tudo estava silencioso, ouvindo-se apenas o ruído cadenciado dos seus passos no soalho. Assim decorreu meia hora, até que foi atrahido novamente por alguém, que lhe batia na porta. Desta vez o conde apressou-se em abri-la. Era um criado, e disse :

— O sr. príncipe vos chama ; ide ao seu gabinete.

O conde de Langeais partiu immediatamente. O príncipe d'Arlemont, em companhia do dr. Fabre, já o esperava. O semblante daquelle parecia alterado, ao passo que este se conservava calmo e com um sorriso sarcástico á flor dos lábios. O conde sentou-se a um aceno do príncipe, e esperou que elle falasse. O narbonense já não parecia aquelle que se deixara agitar por uma contrariedade veemente ; era um espirito firme e adequado a todas as lutas. Alberto d'Arlemont empaledecia e recusava pronunciar uma simples palavra ; espargia a sua

vista irrequieta por todos os móveis circumvizinhos. Fitou ao dr. Fabre e disse titubeando :

— Sei que é muito reprovado o meu ato ; mas, já o resolvi . . .

O resto da sua exposição ficou-lhe na garganta : não sabia como a completasse. O médico não tinha um gesto de espanto, e friamente contemplava o rosto deste príncipe cobarde. O algoz da Provença fez um grande esforço sobre si mesmo, e após alguns segundos continuou :

— Era uma vez : procurei-o pela sua celebridade e propuz-lhe que me servisse de médico. O dr. aceitou, sem que fôsse impellido pelo interêsse vulgar. Vivi desde essa época satisfeito, não encontrando um só motivo que me distanciasse de si. Mas, hoje tudo mudou de figura. . . Eu sou católico, apostólico, romano, e o dr. faz propaganda do mais deseufreado ateísmo. Isto me compromete sobremaneira ; sendo eu comissário de Luiz o Grande, estou coibido de dissimular esses horrores. Comtudo, não seria esta a causa primordial ; mas, deve lembrar-se que abusou excessivamente da minha complacência. Atreveu-se a um duelo com o barão de Poligny e matou-o, sem misericórdia alguma. Porque ? Que pretexto fútil e deponente ! . . . O barão defendia a pureza do santo catolicismo, e o sr. negava-lhe todos os artigos de fé, metendo a ridículo os mais inconcussos preceitos ! . . . Isto não tem qualificativo. . . Desde já declaro terminantemente que não o posso conservar ao meu serviço. As portas deste castelo ficarão cerradas para o sr.

Terminando as últimas palavras, o grande fidalgo estava coberto de suor. O dr. Fabre sorriu desprezivelmente e replicou :

— Alteza ! tendes razão . . . Eu já esperava por isto.

O príncipe d'Arlemont estremeceu e tornou-se muito grave. Olhou para o conde de Langeais e aduziu :

— Devo muito á marquiza de Lambert, e com especialidade ao ex.<sup>mo</sup> bispo de Lavaur. Eles me recomendaram que o protegesse, pois o sr. acabava de matar ao

barão de la Tour du Pin, num duelo : eu não me furtei ao pedido. . . Mas, o sr. em vez de cingir-se unicamente ao papel de hóspede, que sempre deveria ocupar, excedeu-se espantosamente. Com as suas seducções de hipócrita fingiu amar á minha filha : ela acreditou nas palavras fictícias e nos juramentos estudados. . . amou-o sinceramente. Também já soube que o sr. era protestante, e eu não quero passar pela decepção de ve-lo perseguido dentro do meu castelo. Não obstante a sua ousadia para com Heloísa, eu'o deixo ir em paz, porque aqueles, que me o enviaram, são muito caros e dignos de respeito. Da mesma fôrma, que o dr. Fabre, considero-se despachado. Este castelo fecha-se aos infames.

— Seja feita a vossa vontade. . . redargüiu o conde de Langeais. . . Para vós não há respostas : o silêncio é bastante. Mas, ficai sabendo, de uma vez por todas, que si eu não fôsse cativo de tantos benefícios e não possuísse no peito o gérmen da gratidão, — dar-vos-ia o trôco da palavra — *infame!* . . .

— Como ! Tencionaria responder com uma bofetada ?

— Não, Alteza ! Os cavaleiros servem-se da espada.

— Sr. Ricardo de Langeais ! não se me trata assim.

— Porque ? !

— Eu sou o príncipe d'Arlemont.

— E eu sou o conde de Langeais.

— Impôstor ! não sabê que há muita distância entre um conde e um príncipe ?

— Unicamente a do título. . . E quando o conde é mais nobre de sentimentos do que o príncipe, afirmo-vos que ele lhe fica superior.

— Sei que isto não se refere a mim, porque não o julgo tão fátuo que se intitule de *honrado*.

O conde de Langeais tornou-se branco de contrariedade :

— Sr. príncipe ! V. Alteza pode dize-lo, porque eu vim collocar-me sob a sua protecção, e não o devo insultar. Contudo, sustento que não errei, e nem tão pouco a marquezia de Lambert ou o grande Flechier. Retirar-

me-ei, levando unicamente um desgosto, que morrerá comigo.

— Eu sei qual é ; mas, engana-se completamente, continuando a nutrir a mesma idéa.

— Entretanto, não interpreto a vossa alusão ! ..

— Serei franco : o seu desgosto é não ter logrado prostituir a inexperiente Heloisa.

— Respeitai-a, sr ! .. Ela é vossa filha, e além de tudo, pura como uma flor em botão. O homem que não cora ao pronunciar uma frase indecente contra a própria filha, — é um monstro. V. Alteza é um pai sem pundonor.

O príncipe d'Arlemont poz-se de pé. Rápido sacou de um punhal e arremeteu contra o conde de Langeais ; este sorriu com desprezo, e agarrando o seu agressor pelos punhos, levou-o de rôjo até um canto do gabinete. O príncipe desequilibrou-se e então foi desarmado sem grande dificuldade. O médico se tinha erguido ; mas, de braços cruzados assistia á scena e não se alterava. Alberto d'Arlemont não sabia de que fórma manifestasse o seu despeito e vergonha ; para cúmulo da sua tortura, o conde occupou novamente a cadeira e lhe disse :

— Dizei-me, príncipe ! até que ponto querieis levar a vossa cólera ! .. Assassinar-me ! .. A mim, que sob a vossa proteção só esperava o beneficio e a ventura ! .. Oh ! é muita perversidade ! Pensai um pouco, e depois combinareis comvosco mesmo, que era por demais infame o ato que leis praticar.

O príncipe d'Arlemont continuou de pé, e mordeu os lábios em sinal de fúria sufocada.

— Conde ! o sr. atirou-me ao pó do aviltamento, e ainda assim, não está satisfeito ! Exijo uma reparação á afronta que recebi : ela só será lavada com sangue.

— Recuso. Nunca accitarei um duelo nestas circumstancias..

— E si a luva atira-la á sua face, não fôr bastante para o demover, quem me proíbe de lhe cuspir essa mesma face, por escárneo e no público ?

— V. Alteza não será tão louco.

— Ah ! julga que eu seja um outro barão de la Tour du Pin ?

— Conforme. . . não obstante ter ele assassinado meu pai, há treze anos. Continuava impune ; e eu, a criança, que tinha jurado, tornei-me homem e exigí dente por dente. Vós próprio, si fôsseis o assassino de meu pai, morreríeis também.

— Mentira, o que preferiu ! O infeliz barão não era esse homem.

— E como o provais ?!

— O padre d'Avesnières que o diga. Ele contou-me a realidade ; sabe perfeitamente como se efetuou o duelo.

— Sim, esse padre é um outro que vos iguala em tudo. Agora, mentistes vós.

— Basta! . . . trovejou o príncipe, a tremer de raiva. . . Então, não accita o desafio ?

— Não.

— Pode retirar-se : tomarei as minhas medidas, Sr. Fabre de Liancourt ! acompanhe o seu *importante* amigo.

O conde de Langeais ainda conservava na mão o punhal desembainhado ; levantou-se e colocou-o sobre a mesa.

— Aquí fica a vossa arma : usai-a, como vos aprouver.

Disse, e em seguida retirou-se deste fatal gabinete, ladeado pelo médico. D'Arlemont estava perplexo : a-quele homem que acabava de o aniquilar, era mais resolutivo do que Mário e tão bravo quanto Bayard. Só o padre d'Avesnières o poderia tirar daquelle embaraço. Era imprescindível procura-lo, afim de lhe expor as graves occorências. Foi o que sucedeu. O Jesuíta ouviu toda a história e não demonstrou a menor commoção. Conversaram ainda por muito tempo, e não foi possível saber o que resolveram.

Durante a conferência dos dois, o conde de Langeais e Fabre de Liancourt dirigiram-se á princeza d'Arlemont e sua filha, e lhes communicaram as suas retiradas. Com poucas horas teriam deixado este castelo de tantas recordações agradáveis, sem que voltassem a lhe transpor

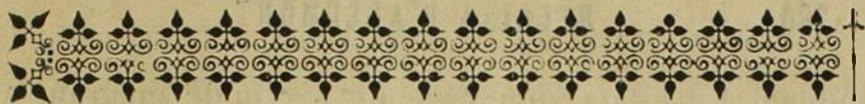
os humbrais, e onde permutavam suavíssimas frases com as encantadoras princezas. E elas, diante das conseqüências inevitáveis e lancinantes, vertiam sinceramente um pranto de saudade.

Comtudo, o amor que laborava, não era prestes a se extinguir como a espuma flutuante, levada pela onda impetuosa. Recrescia, e novo juramento vinha fortifica-lo. Agora, que o despotismo de um pai sem condescendência procurava estrangular as boas aspirações de uma filha, era preciso resignação para sofrer o golpe ou coragem para enfrentar a luta.

A' tardinha, os dois fidalgos partiram. Aix, por algum tempo, lhes serviria de asilo. Alugaram um prédio magnífico, de dois andares e jardim, situado num dos melhores pontos da cidade, e logo fixaram residência. Espíritos fortes! não patenteavam desânimo.

A noite correu plácida e esclarecida de estrêlas; alguns músicos executaram, na rua, fugitivas sinfonias.





## XL

### O dia 22 de Outubro

**U**MA página de sangue também se romanceia, pois o amor, somente, não constitue novela... Até hoje não adotamos escola definitiva: escrevemos a nosso modo, embora o modelo historico de Walter Scott seja o agradável por excelência. Sabemos que isto não inspira confiança aos doutos e aos criticos, que requerem um apoio para quem se atira à pugna das letras.

Não temos escrito com o realismo de Emilio Zola, nem com a filosofia de Victor Hugo e ainda menos com a sciência de Júlio Verne: falta-nos o indispensavel. Há uma mescla de tudo, uma espécie de ecletismo no nosso estilo, porque pintamos horrores como Ponson du Terrail; desenvolvemos teorias incrédulas como Petrucelli della Gatina; desenhamos mulheres perversas e incontinentes como Júlio Lermína; encarecemos a virtude com a convicção de Escrich. Só não queremos as páginas licenciosas de Pigault Lebrun, porque ofendem ao pudor.

Isto nos satisfaz. Pode ser que ainda mudemos de opinião e nos restrinjamos a uma só escola; o espirito humano é sujeito a todas as vicissitudes, e acresce, que o homem só faz o que lhe é compativel com o seu cultivo intelectual.

Prossigamos no verdadeiro assunto: não é este o lugar próprio de uma advertência que nos justifique ao

público. Uma data simplesmente serviu de epígrafe a este capítulo ; mas, com certeza, que é uma data memorável e digna de comentário. Compulsando-se a história do século XVII, aí leremos esta época : 22 de Outubro. Outros a transferem para trez dias depois, o que a prevalecer, não altera o nosso plano, porque vamos lembrar um dia de trevas, em que o sol da liberdade se eclipsou inteiramente.

O grito de um povo manietado ao poste da tirania, ergueu-se em desespero ; o jesuítismo triunfava em França. Inocência XI iria ter o regozijo que Gregório XIII experimentou ao saber que Carlos IX fizera a Bartolomeuada. O 22 de Outubro irmanava-se ao 24 de Agosto. Luiz XIV architectava a obra que desvaneceria Inocência, o ex-cardeal Benedito Odescálchi. Era a revogação do Édito de Nantes que se manifestava com todo o seu séquito de perversidades e torpezas.

Quando os outros soberanos tentavam subtrair os seus Estados das garras aduncas do côrvo espiritual, — o neto de Henrique IV fazia com que o seu reino descesse ao nível das degradações. O marquez de Louvois, de envólta com os padres Lachaise e Letellier, tripudiava sobre um montão de cadáveres. O dia de hoje era nebuloso ; o de amanhã surgiria com uma chuva de sangue. Hoje pompeava um decreto oprimindo todas as garantias, e dando o grito de alarma para amedrontar os corações ; amanhã seriam as dragonadas exercendo a sua ferocidade nas Cevenas, e os Camisardos sustentando opiniosa luta contra os horrores do marechal de Montrevel e de outros tantos carrascos, que se arvoraram em executores da lei.

D'aí a sete dias eram demolidos os templos de Nanteuil e de Morcerf, porque Bossuet assim o pedira ao rei. Folheando-se **Os Miseráveis**, — o grandioso romance de Victor Hugo, encontramos o seguinte fato : « No reinado de Luiz XIV ( 1685 ) essa pobre mulher huguenote, que, aleitando seu filho, foi atada, nua até á cintura, a um pelourinho, com o filho posto a alguma distância ;

o seio se lhe intumescia de leite e o coração de angústia; o filhinho esfaimado, pálido, vendo esse seio, agonizava e gritava; e o carrasco dizia á mulher mãe e ama: Abjura!.. Dando assim para ella escolher ou a morte do filhinho ou a morte da consciéncia.»

Basta a narração desta scena para avaliarmos como foi horroroso o dia, em que Luiz XIV acedeu ás instâncias da beata Maintenon e da récuá de Tartufos. Foi um dia de luto para o povo francez: maldito seja o 22 de Outubro. A viúva de Scarron coloca-se ao lado de Pedro, o Ermita; como elle levantará as multidões fanáticas para buscarem a morte na Palestina, — assim, essa mulher hipócrita, fazia proscreever todas as grandezas de um povo livre. M<sup>me</sup> de Maintenon, fundando a casa de Saint-Cyr, julgou-se apta para entrar no paraizo, e entendeu que á vista de tão sumptuosa oferenda, se esquecera a Providéncia do seu passado, e lhe concedia carta-branca para dispor do céu á vontade!.. É uma vantagem freirática — imitar Santa Tereza de Jesus no misticismo e cometer os desregramentos da imperatriz Irene. Bossuet, que tanto tinha de illustre, como de perseguidor, — fez ainda, no anno seguinte, arrastar á prisão, por motivos religiosos, os dois Crochard, pai e filho. Foram sôltos depois; mas, duas abjurações ficaram, em proveito do catolicismo.

A revogação! Palavra terrível para os protestantes e para os povos cultos; mas, almejada pela quasi totalidade dos católicos, que só, para si, exigiam tolerância! O príncipe d'Arlemont ansiava por esse dia sanguinolento, pronto a semear a tirania na infeliz Provença. Tempos da Idade-média! não fostes mais bárbaros. Tu, Provença! quando suportavas o jugo de Luiz o Cego e de Carlos o Cõxo, não sofreste mais que sob o guante do príncipe d'Arlemont. Elle, com o pé na tua garganta e a espada te fustigando o peito, sufocou os teus últimos sorrisos. Morreste, desgraçada! como a árvore careómida que o tufão derruba na fúria devastadora.

Luiz XIV era um fantasma: girava ao redor dos túmu-

los. As sombras dos espectros, desde esse dia, começaram a lhe perpassar na alma, e logo lhe imprimiram na mente as imagens dos negros pezadêlos. O monarca desvairava ; mas, uma vez arriscado o passo, que o levava á borda do abismo, — competia prosseguir. E assim rolou até á profundeza, sem que pudesse recuar um momento. Parecia-lhe que o vulto de Colbert agitava a pedra do sepulcro e sentava-se sobre ella, para lhe acoi-mar : « Que fizeste do povo, protegido por mim, e que eu te recomendei no leito da morte?! Onde a tua pontualidade? Porque não coras de remorso?.. Eu te arrastarei, na minha fúria de censor, ao tribunal da história. Serei o látego da tua consciéncia, bárbaro?.. O pranto de todo um povo foi sufficiente para me acordar no túmulo!.. E tu?.. » Quedava-se depois esse esqueleto sonolento e ria com a gargalhada do desprezo.

Luiz XIV era um maldito, que causava inveja a todos os reis que o fitavam de longe. Ninguem sabia perscrutar aquella consciéncia remordida. Julgavam que elle era verdadeiramente o sol, espargindo chispas diamantinas, conforme o seu brazão. Ai, tolos! que não comprehendiam o *nec pluribus impar!*.. Era um astro de primeira grandéza, porém, abrazador e que sempre crestava todas as plantas, si distendiam as folhas á cata de beneficéncia.

E o eco atroador da revogação repercutiu em todas as ruas de Pariz. Nunca o desespero e a alegria conjuntamente se ostentaram com tal fúria no seio de um mesmo povo. Eram irmãos que se assalariavam com uma bençã pontificia, para exterminar os outros que recebiam o anátema da Igreja e o banimento do Estado. Oh! pugilato de feras!.. Um verdadeiro anfiteatro, onde os gladiadores se bestializavam. Os pais iam entregar os filhos; as esposas denunciar os maridos; os irmãos matar os próprios irmãos, e os servos vender os seus annos. Tais monstruosidades só nas guerras religiosas surgem. E tudo isto em nome de um Deus!..

Correios expressos seguiram para todos os pontos da

aviltada França. O padre Lachaise procurou immediatamente o seu escravo-rei e lembrou :

— Sire ! bem sabeis que é de suma necessidade expedirmos um correio ao príncipe d'Arlemont ; peço-vos que isto seja breve. A Provença não pode ser esquecida.

— Vou faze-lo. . . respondeu Luiz XIV.

— Bem. . . Mandai chamar o correio, enquanto escrevo instruções para o padre d'Avesnières.

O rei deu as suas ordens ; Lachaise preparou a carta, e o correio partiu. As instruções resumiam-se em poucas frases ; mas, transpiravam ódio. Diziam sem subterfúgios :

« Si encontrares um excomungado, não lhe dispenses a menor misericórdia. Si estiver caído de fome e agoniado de sede, nega-lhe tudo : acaba de mata-lo. Quem o seu inimigo poupa, ás mãos lhe morre. E' preciso que triunfemos. »

O Rodin de Eugénio Sue fez outro tanto, e foi a perfeita encarnação do jesuíta. O' monges hipócritas ! em todo este livro vereis, em fôrma de remorso, uma sombra que se levanta para vos aguilhoar as criminosas acções. Ainda mesmo no báratro, que criastes para os vossos fins e não-lo destes por eterno cárcere, não estardes completamente livres da nossa reprovação. Um espirito, como nós, talhado para a democracia americana, — vos repelirá incessante, porque Ravaiillac, Lourenço de Ricci e Rogério Ubaldini foram os *santos* da vossa cartilha. A nossa pená não enferruja : é um açoite em nome dos oprimidos. Si os autores da Revogação fostes vós ! . . Si conseguistes atrelar um rei ignorante e fanático, e o transformastes em tórpe inquisidor !

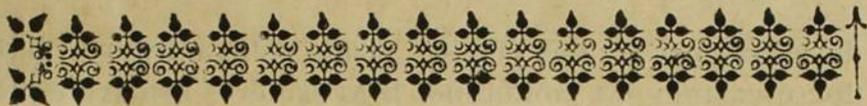
Luiz XIV, pelo ato praticado, morreu perante a veneração da História ; mas, vós jesuítas, desde muito que éreis mortos. Gritai pelo vosso chefe, Inácio de Loiola, o soldado-padre, a ver si ele opera o milagre da vossa reabilitação. Si não fôr sufficiente, impunde : ele surgiu santo do vosso laboratório canónico e conserva-se de ponto em branco, para as vossas operações de guerra.

Desgraçada França! desceste a rampa de todos os crimes, sem que pudesses, na tua agonia lenta, quebrar essas cadeias que te prendiam ao poste da iniquidade! « E nem uma bôca, disse Ernesto Hamel, ousava denunciar ao mundo essa tirania, que se tornava beata e sanguinária! » O' cadáveres, uma vez dormidos no pó das catacumbas, que de infelicidades padcestes em vida!.. Ai! si pudésseis ouvir esta oração de filósofo, que levanta a lousa dos sepuleros, para recordar misérias nas páginas de um romance!..

E' muito fúnebre este capítulo: parece que cheira a sangue. . . Mas, si devemos revolver os detritos do passado e vasculha-los depois, para que o povo, acordando do seu letargo, conheça o que têm sido a realza e o clero, quando deslocados do eixo! Defendemos a democracia, — a vítima, e exprobramos o cesarismo, — o algoz de todos os tempos. Cremos que o futuro judicioso, não carecendo mais do manto da venalidade, profirirá finalmente a magistral sentença. E quando outro castigo não existisse, nem mesmo o do « inferno social », a que alude Guerra Junqueiro, no seu poema *A morte de d. João*, — diríamos, comtudo, as palavras amargas que aqui ficam.

O remoíinho das paixões políticas enfunava-se de crimes e veloz conduzia nas suas azas denegridas os últimos vislumbres da liberdade humana. Amanhã, esses protestantes rígidos, iriam abandonar a pátria, como verdadeiros réprobos, e aquele, que fôsse pai, sentiria a dor profunda de lhe ver arrebatarem dos braços o querido filho, para educarem-no bárbaramente no fundo de um convento católico. E ai! do rebelde, que se opuzesse ás ordenações do Cristianíssimo rei!..

A revogação foi assinada: o horroroso principia agora.



## XLI

### A tempestade redobra de fúria

**A** tristeza e a saudade vivem unidas como os irmãos siamezes: uma não pode subsistir sem a outra. A saudade traz obrigatoriamente a tristeza, pois esta se confunde com aquela, bebendo-lhe as agonias da alma. Há muita expressão no verso de Almeida Garrett, quando escreven: «Saudade, gosto amargo de infelizes». Que será a tristeza, sinão o reflexo de um sofrimento físico ou moral? . . Não é a saudade o mórbido consôlo dos precitos, a lágrima vertida no cálice da esperança? ! Assim, a tristeza e a saudade tinham estendido os tenebrosos mantos sôbre o castelo de Saint-Pont. Nada concorre tanto para o isolamento de uma casa como a presença destes dois convivas. Qualquer banquete, por mais animado que esteja, se cobrirá de sombras, logo que as duas irmãs rocem os lábios na espuma daqueles copos. Tudo emudece; o regêlo penetra nos corações.

A princeza d'Artemont estava aniquilada; Heloïsa, apesar do combate travado na alma, ainda sentia vagamente uma centelha de confiança a lhe perpassar na idéa. Não cria totalmente, que uma virgem aos 15 anos, se veja condenada à proscricão de um gozo. Tanto mais, era princeza, e divagando a vista, descortinava corôas aos seus pés. Mas, ah! como o espirito humano se ilu-

de a maior parte das vezes!.. Tudo estava transformado: o castelo era monótono. D'Avesnières armava ciladas quotidianamente; Alberto d'Arlemont se tornara espião.

Uma tarde, o sol imergia-se no ocaso, deixando, por muito tempo, um cariz sanguíneo. A brisa osculara subtilmente os narcisos de Constantinopla e os jacintos da Anatólia; uma noqueira agitou os ramos; e um pintar-rôxo, ao longe, fez ouvir o gorgueio. Os camponezes deixavam os labores e seguiam alegres, para descansar das suas fadigas diurnas. Alguns entoavam uma canção amena, fazendo com que os ecos se perdessem além, pelas colinas. Os carros, cheios de palha, rodavam pesadamente em busca das granjas. Um cão ladrava, saltando em frente do dono que o conduzia. No relvoso prado brincavam os cabritinhos, afastando-se do rebanho nas suas corridas loucas, e pulando com afoiteza as verdadejantes moitas e os sulcos escavados pelas águas. A natureza ia dormir.

Heloisa d'Arlemont era insensível á poesia dessa tarde, cheia de vida e de perfume. Debruçada na janela da sua câmara, deixava-se envolver em meditações bem lugubres. Nada podia acordar aquele espirito entregue á sonolência do desânimo. Conservou-se naquela posição afflicta, até que a noite a veio surpreender no mesmo enlevo. Um vento frio soprou, então, do sudoeste; o céu carregou-se de núbens negras e tomou um aspecto medonho. Raras estrelas deixavam transparecer a luz opaca e longínqua. Além, na altura do bosque, se percebia o rumor confuso que o vento combinava ao deslizar nos cerrados choupos, nos álamos e nos carvalhos. A uma tarde fascinante seguia-se uma noite tenebrosa. A andorinha aquietava-se no tecto hospitaleiro; o pombo tofeaz, occulto na folhagem de um vetusto freixo, não gemia uma só vez; a toutinegra cessara de cantar; somente as aves noturnas piavam... E a filha do príncipe d'Arlemont despertou. Um açoitado de vento lhe tinha beijado a face, e isso produzira uma sensação de

frio. Também um dedo lhe pousara no ombro : voltouse. . . Era a baroneza Marion de Beziers.

— Tão pensativa ! . .

— Porque dizes isto ? . . interrogou Heloïsa.

— Porque me dei ao trabalho de observá-la por alguns segundos, e vi que submersa num pensamento abstruso, não parecia viver ! Si nessa ocasião caísse fulminada por uma síncope, juro-lhe também, que nem ao menos se lembraria da morte ! . .

— Certamente, que não.

— E que há de contristante na sua existência, que agora principia a entrar na primavera ? . . Porquê entregar-se á fúria do desalento, quando pode sorrir e ter perfume como as flores do jardim ? ! Creia e espere . . .

Heloïsa teve um sorriso de descrença ; meneou a cabeça, para confirmar a dúvida.

— Tu me mandas crer, sem saberes o que me revolteve n'alma ! . .

A baroneza depoz-lhe um beijo na fronte.

— Louquinha ! vamos, que eu tôcarci alguma coisa. O melhor remédio, que existe para a tristeza, é a música.

Heloïsa não se fez rogar, e acompanhou a baroneza. Encontraram o padre d'Avesnières que vinha com a fronte curvada e acenava em silêncio. O jesuíta fitou a filha do príncipe d'Arlemont, e ela involuntariamente estremeceu.

A baroneza executou diversos trechos, e só ás 9 horas deixou o organ. A noite era mais feia, á medida que avançava. Heloïsa aproximou-se de uma janéla e retirou-se logo : a treva lhe molestava o espirito. A virgem e a mariposa querem luz, para doidejarem no espaço das suas ficções. Uma virgem que não sente o peito estremeecer na ardência de um sentimento amoroso, permanece insensível aos desejos da matéria ; pensa, mas, numa abstracção completa ; sonha, sem que uma sombra lhe perturbe a mente ; e geme, porque a natureza, na sua força evolutiva, lhe cerceia a vaidade. Ao contrário, aquella que deseja o ósculo refrigerante do amor, — é

verdadeiramente um espírito que se reveste de luz. Nas suas horas de sentimentalismo, medita e vive de aspirações; volta os olhos para a terra, e aí procura a immortalidade, que se abroquela no regaço da esperança. Pensa em Deus, mas, não enrubescce como nos momentos em que a razão desvaira. E passa unicamente pelas agônias do pranto, si a desventura ousa cingi-la com o seu martirizante cendal.

Entretanto, a virgem é fraca, e não a criminemos, quando ela se precipita na voragem do mundo, nesse torvelinho enganoso que arrasta os próprios heróis! ..

Pobre Heloisa! amava. . . o conde de Langeais se lhe tornara necessário. O amor não faz somente escravos: também produz fanáticos. E a jóven princeza não mais se dominava. Abandonando a sociedade da amiga, tornou á sua câmara. Desceu as venezianas e cuidadosamente cerrou os envidraçados postigos. Aquele pouso tinha as aparências de um ninho: o calor e a paz harmonizavam-se ali dentro.

Heloisa conservou-se indecisa por algum tempo: depois, como que quem toma uma resolução súbita, abriu a gaveta da secretária e calcou sôbre um botão, enrustado numa das paredes do móvel: imediatamente, ao contacto do dedo, patenteou-se o escaninho, que ocultava um lindo álbum côr de púrpura e de bordas douradas. A virgem retirou o livro, e cuidadosamente fechou o segredo, que tão disfarçado ficava.

A's pressas folheou o caderno, cujas páginas espôssas encerravam delicados desenhos. Em seguida tirou de outra gaveta uma caixinha de madeira, pintada a óleo, enriquecida de ornatos chinezes e encerrando o necessário para a delícia de um pintor. A divina arte de Rubens e Perugino também era cultivada pela filha do príncipe d'Arlemont. Um dia ella se extasiara diante da **Pitoniza de Endor**, e desejou imitar o grande Salvador Rosa; entregou-se á pintura desde logo. Fez rápidos progressos; chegou a desenhar com perfeição. Assim a vemos hoje, examinando o seu trabalho, tão vivamente

expresso naquele mimoso livro. Depois, lançou mão do pincel, apoderou-se da palêta e poz-se a desenhar. Parava de quando em quando e contemplava o painel, que sobressaía em gôsto e caprichoso esmero. Toda a sua atenção estava reconcentrada ali; nada mais parecia ver. E de fato: alguém correu subtilmente o reposteiro que vedava a entrada da sua câmara, e avançou, na ponta dos pés, sem que ela se apercebesse da surprêza.

Era seu pai. Colocou-se por traz de Heloisa e atentamente observou a pintura. Viu e empalideceu. Era o bastante para que ele comprehendesse tudo, e então, com a ponta dos dedos, tocou no ombro da virgem. Heloisa estremeceu e voltou-se com rapidez. Ao ver seu pai, que a fitava severamente, soltou um grito de angústia e deixou cair o pincel sôbre a folha do livro. O príncipe d'Arlemont continuava de olhar fixo, revelando em todo o semblante a expressão do ódio.

— Meu pai! . . . implorou a jóven princeza, procurando erguer-se.

— Que significa isto? . . . disse Alberto d'Arlemont, e apontou para o livro.

— Uma insignificante scena que eu tinha imaginado, e agora retocava.

— Mas, é um escândalo! . . . Neste desenho vejo claramente um jardim; uma virgem sentada num banco e um mancebo a lhe beijar a mão. A virgem, és tu; e o mancebo, — esse birbante, a quem chamam — conde de Langeais!

Heloisa ficou muda; o assombro embargava-lhe qualquer desculpa. O príncipe assenhoreou-se do livro; rasgou-o violentamente, e calcou a pés os seus destroços! Em vez de pai, mostrou-se um selvagem. . . Enrugou a fronte e gritou:

— Bem. . . Vê, si acabas com isto, quanto antes. Não me arrastes a uma loucura. Eu odiava o teu predileto; agora faço o juramento de perde-lo para sempre. A origem dessa immoralidade é tua mãe; mas, eu sei do remédio.

E retirou-se possesso : levava a danacão na alma !

Heloisa sufocava os soluços que lhe vinham do coração á garganta. Rompeu finalmente em pranto, e as lágrimas caíram-lhe gôta a gôta nas faces enfebrecidas. Não se ergueu da poltrona em que estava, e ouviu o relógio anunciar a meia noite. Continuou velando, até que o silêncio se fez senhor de todo o castelo. Levantou-se, como quem escuta ; enxugou as lágrimas, que lhe humedeciam as pálpebras, e pé ante pé, abandonou a câmara.

Encaminhou-se a vírgem por diversos corredores e parou numa sala bem pouco frequentada. Tremia, mas, não desanimava. A' luz da escassa vela, procurou na parede uma espécie de trinco mal saliente, e forcejou sôbre ele. Era uma porta oculta, e logo se escancarou docemente. A abertura não se patenteava franca ; mas, era sufficiente á passagem de uma pessoa. Uma escada de mármore conduzia ao pavimento têrreo. Heloisa desceu, quâsi ás apalpadelas ; encontrou, ao sopé da escada, outra porta, bem semelhante á primeira. Abriu-a, do mesmo modo ; e depois de transpor um quarto, pisou no jardim.

A noite continuava trevosa ; mas, isto satisfazia á vírgem, que se aventurava imprudentemente. Ao contacto da brisa, reanimou-se e avançou com segurança. Um vulto, que estacionava á sombra de um caramanchão, abalou-se e veio ao seu encontro. . . E aquella princeza frágil, sem companhia e perdida nas trevas, não teve receio ! . . Tinha um plano consigo e confiava.

O vulto envergava um roeló e aproximou-se logo. Heloisa estendeu-lhe a mão, que agora tremia e regelava de pudicícia. O desconhecido, ou antes o conde de Langeais, percebeu o acanhamento da sua bem-amada, e murmurou :

— Não tremas : só Deus te castigaria ! . .

— Tenho vergonha de mim. Dei um passo errado ! . .  
gemeu brandamente a vírgem.

— Si estás arrependida, volta : ainda é tempo.

— Não posso, sem te conversar primeiro. O coração me arrasta.

— Vem cá: sentemo-nos um pouco. . . e Ricardo de Langeais conduziu-a delicadamente até um banco, que ficava oculto pela folhagem verde-escura das plantas convolvuláceas.

Sentaram-se lado a lado e o conde falou:

— Que me queres dizer? Ordena.

— Meu pai é terrível! Hoje levou a cólera até à brutalidade!

— Sim? . . .

— Surpreendeu-me pintando um quadro relativo aos nossos amores, e esbravejou como um louco. Apoderou-se do desenho; rasgou-o, e impoz-me que olvidasse a tua lembrança. Prometeu perder-te para sempre. Guarda-te, Ricardo! meu pai é feroz e cumprirá a jura. Peco-te que não venhas mais; não desejo que morras.

— Não tenho medo: deixarei de vir, si tu me proibires.

— Não quero. Fiquei aniquilada com a surpresa de meu pai. Chorei as lágrimas do desespero; desejei morrer.

— Ah! não penses assim. A tormenta passará um dia. E, si queres, fuçamos. . .

— Não tenho coragem. . . Minha santa mãe morreria de mágua. Uma princeza não se deve amesquinhar.

E Heloisa se desfez em soluços. O conde afagou-a, comoveu-se, e depoz-lhe um beijo na fronte. A' sensação do ósculo realizou-se o dito de Adolfo Ricard, que sentenciosamente escreveu: « No amor, nada enxuga mais depressa as lágrimas, como seja um beijo. » O pranto da filha do príncipe d'Arlemont cessou immediatamente: iludira-se com a felicidade.

Trocaram ainda algumas palavras confusas; e sempre receiosos de uma surpresa, despediram-se penalizados. Heloisa voltou pelo mesmo caminho, e sem esquecer a necessária cautela; felizmente tudo era soturno dentro do palácio. A virgem lançou, pela última vez,

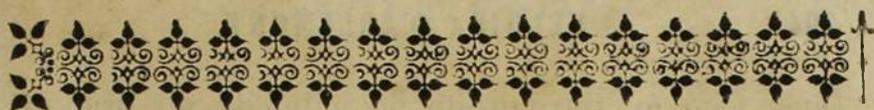
um olhar de tristeza sobre os fragmentos do álbum, que jaziam esparsos por todo o tapete. Desejou apanhá-los, porque lhe eram reliquias; mas, por uma espécie de orgulho, recusou fazê-lo.

Deitou-se e dormiu mal. Os sonhos não lhe davam tréguas, transformando-se às vezes em ofegantes pezadêlos. Quando se levantou, para o meio dia, estava pálida, — sinal evidente de sofrimento grave. Isto inquietou a princeza d'Arlemont, que logo interpelou a filha e soube da verdade. Heloisa nada lhe occultou. Laura d'Arlemont sentiu-se magoada; pendeu a fronte e exclamou, com as lágrimas nos olhos:

— Continuando assim, será feita a vontade de Alberto. . . Eu terei deixado de existir, porque é impossível sobreviver a tantas afrontas, a tantas mortificações, e mais agressivas de dia para dia. . . Infeliz de ti, minha filha! . . . Que serás no mundo, sem tua pobre mãe?!

— Antes a morte. . . soluçou a virgem.





## XLII

### A alegria faz medo

**Q**s primeiros dias de Novembro tinham desaparecido na voragem dos tempos; nenhum acontecimento importante viera sobressaltar os ânimos. Era pela manhã: um cavaleiro louro, de barba à inglesa, alto e bem disposto, deu trez ou quatro argoladas no portão do castelo de Saint-Pont. O porteiro apresentou-se imediatamente. O cavalo ruço-pombo estava coberto de suor; vinha de longe. O viajante, que o governava, não esperou pela usual pergunta, e falou quanto antes:

— Quero entender-me com o sr. príncipe d'Arlemont.

Foi o bastante: o porteiro, sem mais detença, escancarou o portão; o cavaleiro passou e lestamente poz o pé em terra. Trazia uma espada e tinha lama por todo o fato. Incontinentemente foi conduzido ao salão dos hóspedes, onde aguardou a resposta do príncipe. Com o lenço enxugou o rosto que estava suarento, e sem a mínimo cerimónia sentou-se num divan. Pouco depois voltou o criado e disse respeitosamente:

— Sua Alteza, o príncipe, deseja saber a quem tem a honra de hospedar no seu castelo?

— Ao Cavaleiro de Brienne, enviado extraordinário de Sua Majestade, o rei de França... respondeu o recém-chegado, sorrindo altivamente e cofiando o bigode, com o dedo de ouro.

Quási logo foi introduzido no gabinete do príncipe d'Arlemont, que o recebeu circumspecto e sem testemunhas. O Cavaleiro, diante do potentado da Provença, curvou-se em sinal de cortezia.

— Tenha a bondade de sentar-se. . . rogou o príncipe, designando uma cadeira

O Cavaleiro de Brienne obedeceu e tomou uma attitude de fidalgo. Em seguida sacou do bolso do casaco um volumoso maço de papeis, e fazendo uma outra cortezia, passou-o às mãos do príncipe d'Arlemont. Os olhos do potentado luziram, porque notara ele o braço de Luiz XIV estampado no fecho da carta, que lhe era dirigida. Rasgou o envólucro e principiou a ler os papeis: crescia de satisfação a cada palavra que avançava. Terminando a leitura, ja não se continha e ria desbragadamente. Levantou-se em desordem e mal ponde dizer:

— Cavaleiro! continue a cómodo. . . e dê licença.

Saiu apressadamente; parecia um louco. O Cavaleiro de Brienne espantou-se e arregalou os olhos. Nunca presenciara tamanha agitação de espirito num homem sensato e de alta categoria! E resmungou, com um semblante de sarcasmo:

— Cruzes! . . . Que príncipe! . . .

E ergueu-se, para sair tambem, enquanto D'Arlemont aos gritos dizia a cada pessoa que encontrava:

— O padre d'Avesnières? Quem o viu?!

Mas, ninguem lhe sabia responder. Ninguem tinha visto o jesuíta, há muitas horas. E ficavam a mirar o príncipe, considerando na alma:

— Está doido! . . .

Todo o castelo se poz em reboiço. Procurava-se o padre d'Avesnières. O príncipe estava sófrego. Depois de meia hora descobriram o jesuíta no fundo do jardim, deitado na relva, á borda de um regato, em que fazia magnífica sombra, e lendo a **Mónita secreta**.

— Que quererá o príncipe comigo?! . . . disse ele, ouvindo a narração do fato.

E acrescentou no íntimo:

— Só si o danado enlouqueceu!.. Mas, ata-se muito mal comigo: sou peor do que o diabo.

Encaminhou-se para o castelo. O príncipe d'Arlemont apenas o viu, bateu palmas de contente. Riu-se com desprepósito e bradou ansioso:

— Vitória! excelso padre d'Avesnières!.. Tudo vai perfeitamente. A França está salva!..

— Como?!

— Leia.. respondeu o príncipe, avançando para o jesuíta, a quem entregou os papeis do rei.

D'Avesnières foi ávido em recebe-los, e comentou:

— Esta carta é para mim. Reconheço a letra: do venerando padre Lachaise.

Levou algum tempo a ler toda a correspondência; mas, o seu aspecto não se alterava, embora o príncipe reincidisse nas interrupções. Verdadeiro discípulo de Loiola, sabia amoldar-se e fingir todos os papeis. Acabando a leitura, devolveu a correspondência ao príncipe.

— Esplêndido!.. Cedo ou tarde, eu esperava por isto.

— Vai principiar a quadra dos regozijos. Hoje mesmo convocarei todos os membros da *Liga Provençal*.

— Julgo indispensavel.

— Já viu o Cavaleiro de Brienne?

— Não.. Quem é ele?

— O enviado do rei; o correio que nos trouxe a deliciosa notícia.

— Bem.. Quero ve-lo.

O príncipe d'Arlemont guiou o jesuíta ao salão em que estava o Cavaleiro de Brienne, e desapareceu imediatamente. Escreveu a todos os membros da *Liga Provençal*, e despachou diversos portadores para a entrega dos convites. Apesar da antipatia, recentemente criada entre ele e a esposa, não se eximiu de procura-la. Encontrou-a triste e desligurada. Desta vez mostrou-se afável e bondoso para com ela; falou-lhe sôbre o decreto de Luiz XIV, patenteando exaltação em todos os gestos e nas frases proferidas. A princeza escutou-o com inabalável indiferença, e D'Arlemont, não obtendo aplausos

da sua parte, em breve se aborreceu. Não a quiz insultar e retirou-se a rir.

A' tarde ja se tinham reunido todos os membros da *Liga Provençal*. Elevavam-se ao número de 13, — coisa que não podemos explicar como foi admitida por esses carolas, pois, na sua superstição, não deviam esquecer a fatalidade do cómputo. Reunidos que foram, o príncipe d'Arlemont communicou-lhes a revogação do Édito de Nantes. Teve o efeito de uma bomba: todos se levantaram como um só corpo, e um brado enorme, estúpido e terrível partiu dessas bôcas fanáticas. Eram católicos, e portanto, não se transviavam do catecismo.

Ninguem mais se entendeu nessa Babilônia; cada qual que comentasse o fato e quizesse tirar logo as suas conclusões. O fanatismo é cego, e por isto mesmo, o sentimento mais hediondo e mais perigoso, que se pode desenvolver no homem. Misser Gargouche propoz, que em demonstração de prazer organisassem um sarau dansante para aquella noite.

Os gritos de entusiasmo redobraram; Pierrot Follet principiou a recitar, em italiano, as estrofes da **Jerusalem Libertada**, que narram o duelo de Renaud e Germand. Nunca o Tasso fôra tão aplaudido por ignorantes, como nesta ocasião. Mas, a falar verdade, eles não comprehendiam a beleza épica do vate de Ferrara, e só se extasiavam, porque queriam lisonjear Pierrot Follet. Até, indirectamente, insultaram o poeta. . . E, si ele pudesse vir do seu túmulo, exprobraria esses pedantes.

A nossa sociedade conta um espantoso número de entes presumidos. Cada animalejo que se repute um sábio, quando muito mal desempenharia as funções do burro. E' exato. . . Quem não conhece o burro, — um animal inteligente, e indigno de ser o sinónimo do estúpido? Qual o bruto que ja mereceu um pomposo elogio como o do naturalista Buffon ao burro? A quem foi que Victor Hugo deu os fóros de mais sábio do que Platão; e George Sand considerou mais raciocinador do que uma academia?!.. Ao homem estólido ou ao desprezível

burro? Não reste dúvida: foi ao último.

O sarau dansante estava resolvido: era preciso encontrar damas. Trabalharam ativamente, e não houve falhas. Heloísa, convidada por seu pai, quiz recusar alegando incómodo; o príncipe a nada cedeu, e obrigou-a a comparecer no salão. Não obstante a repulsa, e contrariada como estava, dansou, entretanto, a maior parte da noite.

Laura d'Arlemont conservou-se encerrada no seu aposento; esta noite foi mais um choque terrível para a sua delicada saúde. Entre as agonias da vida, que principiava a desbotar como a flor dos montes, — a infeliz princesa ouvia toda a algazarra dos convivas. A música parecia consumir-lhe o coração, para deixar somente o vácuo impreenchível no seu peito enfebrecido. Tudo lhe era fúnebre e de recordações amargas. A última centelha de esperança se lhe extinguiu nessa noite, que a poderemos denominar — uma saturnal católica.

Festejar a morte de tantos irmãos, e pelo motivo mais fútil!.. Pobre Evangelho! que ensinaste tu? Si a humanidade, que finge acolher as tuas palavras como divinas, — despreza a tua essência, para continuar na prática do Velho Testamento!.. Ludibriado Evangelho! nem ao menos encontraste um túmulo condigno no coração dos homens... Eles só te ouvem naquilo que lhes convem. A adúltera te elogia muito; mas, não se afasta do antro da perdição: o criminoso te julga exemplificante e necessário; mas, não deixa de prosseguir no caminho uma vez encetado... Escarnecido Evangelho! ainda o repetimos nós.

Essa noite foi a voragem que absorveu a consciência palaciana. Tantos fidalgos caíram pelos efeitos da embriaguez; tantos lábios se beijaram, e tantas scenas deponentes foram consumadas, que a pena se recusa descrever infâmias. O príncipe d'Arlemont, querendo soleznizar o seu gáudio, tocou a beber vinho, emquanto não sorvia o sangue de seus irmãos, como lhe fôra ordenado pela corte de Versalhes. Esvasiou garrafas sobre gar-

rafas; pela madrugada estava completamente ébrio. Heloisa aproveitou o ensejo e retirou-se do salão, para se desfazer em pranto no seu leito. O jesuíta era o que menos tinha bebido. Algumas damas também cambaleavam!.. Só poderia exceder á luperçalia do castelo de Saint-Pont aquele banquete de *Vénus sensual*, que, segundo os cronistas anti-clericais, Alexandre VI deu no Vaticano, em 1501. Não conhecemos animal mais tórpe do que o homem, quando se degrada.

A baroneza Marion de Beziers acompanhou a neta do duque de Provins, na sua retirada do baile, pois, entendera também, que, aquella carraspana, além de vergonhosa, estava muito imoral. Pierrot Follet, que lastimava não estar presente a viscondessa de Chiourme, dirigiu os seus galanteios a uma lourinha, prima do conde de Saint-Flour, e da qual murmuravam nos seus amores com o primo. Saint-Flour desconfiou da pretensão de Pierrot Follet, e cheio de ciumes consumiu o resto da noite em espionar a volúvel amante.

Angélica, o monstro, teve ardentes desejos de assistir á reunião: mas, seu tio não lhe permitiu. Estimaria mais uma sova de pau, contanto que se desobrigasse de aparecer em público com a repugnante rapariga. Não queria que ninguém se divertisse á sua custa naquella noite de lúbricos folgaes. E fez bem... Até Satan ficaria embasbacado a olhar para Angélica, concluindo, de si para si, em sua maledicéncia de demónio:

— Eu não seria capaz de inventar semelhante criatura! Só o Outro, o meu rival, que tudo pode, teria esta lembrança!.. Juro que este monstro vai ao céu. É imppecavel!.. Que seria de Adão, si em vez de Eva, convivesse com Angélica?! Estaria, ainda hoje, no paraizo terrestre, e eu muito mal servido... Felizmente, existem mulheres lindas, e o meu reino cresce em população.



### XLIII

## Novos dados para a luta

**A** notícia, trazida pelo Cavaleiro de Brienne, causou uma espantosa sensação em Aix. E isto succedia por toda parte onde pulsava um coração francez. No seio de um mesmo povo rugia uma tempestade formidavel. Protestantes despenhavam; os católicos subiam. Eis o motivo porque Lucrécio escrevera: « A religião é a superstição. »

Bôcas fermentidas e criminosas gargalhavam torpezas; lábios confrangidos pediam misericórdia. A França descia ao precipício da miséria, e o abutre da vingança adejava, para arrebatá-la nas garras. Nero cuspi na face de Calvino; Vitélio banqueteara-se com os dragões.

O príncipe d'Arlemont, cercado dos seus cortezãos, annunciara uma conferência na cidade. Endereçava um apelo a todos os orthodoxos da Igreja; o padre d'Avesnières iria fazer, na catedral de S. Salvador, a apoteose de quantos trabalham para o engrandecimento do catholicismo. Logo, na véspera, se dirigiu o jesuita para Aix, e aboletou-se em casa de Pierrot Follet. Gastou o dia em folhear grossos volumes: S. Agostinho, S. Gregório Nazianzeno, S. Ambrósio e S. João Crisóstomo foram consultados minuciosamente. O padre tentou induzir admiradores e fulminar com a sua eloquência

todos os adversários. Massillon, Bourdaloue, ou Flechier pouco o excediam na tribuna sagrada. O jesuíta era um colosso! . . . Como Demóstenes, atacava quando devia defender-se. . . e as palavras acodiam-lhe retumbantes. A cidade estava agitada, febril e vertiginosa. Por toda a parte se ouvia falar nos acontecimentos da época. A espada de Dâmocles, que pendia sobre a cabeça do protestantismo francez, tinha ruído por fim.

Os conspiradores, quando se encontravam, repartiam olhares amedrontados e não ousavam expender claramente os seus pensamentos. Receavam até do deserto e empalideciam a qualquer ameaça de um católico. A plebe fanatizada, que em todos os tempos seguiu o partido do mais forte, — apontava com o maior cinismo um protestante, si este comparecia na praça pública. Oh! era horrível! . . . E como concluir que o dedo da Providência, podendo obstar essas atrocidades, não se demovesse, consentindo, pelo contrário, que os assassinos da França triunfassem nas suas iniquidades?! . . .

A' noite e em diversos pontos da cidade, organizavam-se crescidos agrupamentos, ocupando-se todos eles de assuntos bem palpitantes. Os membros da *Liga Provençal* confundiam-se com eles e pesquisavam as menores conversações; D'Arlemont queria apoderar-se da misera Borgonha Cisjurana. O conde de Grignan, governador efetivo, fôra licenciado a propósito e voltara a Pariz:

O barão de Ráffi, o coronel Idbare de Montargis, o dr. Fabre de Liancourt, o conde de Langeais e o marquez de Clisson faziam igualmente parte de um pequeno comício e conversavam pesarosamente. A noite era bastante escura. A uns vinte passos do sitio em que estavam aglomerados estes protestantes, cresciam dois salgueiros e que derramavam consideravel sombra. Os seus galhos desciam até ao chão, e occultavam ás vistas curiosas quem quer que se abrigasse. Os nossos conspiradores tratavam da conferência annunciada pelo principe d'Arlemont, e um deles falou:

— Vamos ouvir, amanhã, o que dirá aquele jesuíta in-

fame e que hoje abandonou o seu covil de Saint-Pont. Quantas desgraças não estarão reservadas para essa conferência, e sem necessidade alguma! . . Não vivíamos tão bem, gozando de liberdade como todos os católicos? . . Porque a proscrevem?! Desde hoje me declaro republicano; conspirarei sempre contra todas as monarquias. Mesmo depois de morto, a minha alma errará em torno dos tronos, transformada unicamente no espectro do remorso. Ah! não sabem até onde o barão de Ráffi levará o seu desespero. . . Ser preciso arrostarmos com o exílio e com a prisão, ou então abjurarmos miseravelmente, afim de satisfazer os caprichos e o fanatismo de uma barregã, a quem chamam marquezã de Maintenon! . . Ah! frades, príncipes, cortezãs libertinas!

— Disseste uma verdade. . . confirmou Idbare de Montargis. . . Infeliz daquele que viu o dia no reinado de um déspota como Luiz XIV. Nem a flor ressequida do estio sofrerá tanto, como o desditoso vassalo! . . A caverna que escancara a sua bôca para o céu, pedindo água, — si oferece ao desgraçado uma gota para lhe estancar a sede, é com certeza um pouco de nauseabundo lodo. É vaga o miserando á procura de um abrigo. . . Abrem-se-lhe as portas dos hospícios e os alcapões das masmorras. Ali é a loucura que lhe tenta beijar a face; aqui é o patíbulo sedento que o deseja estreitar. . . Que século de degradação moral! . . Como se pode amar um soberano, que, si finge abençoar com a mão direita, segura na sinistra o punhal do salteador?! . .

— Muito bem! Isto é a maviosa poesia que lhe brota dos lábios. . . disse o dr. Fabre de Liancourt, verdadeiramente entusiasmado.

— Não, dr! não é poesia. O que o velho, ferido no seu coração, desprende, é um gemido de dor. A lágrima que rola, é muitas vezes o prenúncio da morte que se aproxima. Já fui conspirador e tive de expatriar-me, para fugir á prisão; no solo estrangeiro o coração morreu-me. Uma mortalha me cobriu a fronte e o sorriso descorou para sempre.

— Todavia eu sou o mesmo! . . . gemeu tristemente o barão de Ráffi.

— Porque dizes isto? interrogou o conde de Langeais.

— Tenho razão, conde. . . Ouve-me um instante e saberás de tudo. A minha pátria é a Itália. Lá vivem os que me são caros. . . e um dia fui obrigado a deixá-los. Sai ás pressas, sem despedir-me ao menos de minha adorada mãe. Hoje, sou um proscrito; a Itália me é vedada. Lá se ficou a virgem dos meus sonhos, e em véspera de ser esposa. A infeliz, perdendo o estremecido noivo, exauriu o último suspiro, — torturada de desgostos. Morreu como a flor sem orvalho; e eu, a chorar no deserto, não a pude beijar no leito da agonia. O meu coração já não palpita; o gelo da desventura me embruscou o sentimento.

O barão de Ráffi parou súbitamente; cerrou as pálpebras, como quem procura reconciliar as idéas, e tomando uma forte respiração, continuou com voz pesada e fria:

— Eu matei um frade, que ousou erguer o seu cajado para me esbordear. Foi o bastante. . . matar um frade, é presentemente o maior de todos os crimes. A justiça tornou-se sanguinária para comigo, e era preciso escapar á sua ferocidade. Assim fugi, e desde esse dia principiei a odiar a igreja Católica. O anátema pesa sobre mim. Ofereceram prêmio a quem me entregasse ao governo romano. Por isto sou um maldito, meus amigos! Quem vive deste modo, não se recorda de amores.

— Para que revelas isto? Não sabes que alguém nos pode escutar? . . . observou o conde de Langeais.

— Pouco importa: estou resolvido a tudo.

Os demais companheiros ficaram pensativos, e em breve se despediram. Cada qual seguiu para a sua residência. Um vulto, apenas tudo era deserto, arredou os ramos dos salgueiros e saiu do esconderijo. Tinha-se occultado ali e ouvira todo o colóquio, não perdendo uma só frase. Aproximou-se da casa de Pierrot Follet e entrou. Era o padre d'Avesnières. Estava contentíssimo,

e avistando o príncipe d'Arlemont, que chegava também, gastou largo tempo em confidenciar sôbre as descobertas que, há pouco, fizera. O príncipe escutou-o com muita curiosidade, e emitiu a sua opinião.

O jesuíta empregou o resto da noite nos necessários estudos para o outro dia. Pela madrugada estava escrita a apoteose. Traçou-a a beber vinho de Bordeaux em grande quantidade; não menos de trez garrafas foram esvasiadas. D'Avesnières tinha o hábito de escrever por algum tempo e erguer-se em seguida, para passear dentro do mesmo recinto. Assim julgava, que as reminiscências afluíam com mais rapidez. Sentava-se então, de novo, e compunha alegremente. Gibson e Walter Scott só podiam compor passeando. Balzac o Moço e Michélet tomavam café amiudadas vezes. E Bossuet?... Oh! seria maçante enumerar manias.





## XLIV

### Consequências imprevistas

**Q**uia esperado pela cidade inteira raiou magnífico de luz. A natureza parecia rejuvenescer; a vida ostentava-se em toda a parte. A catedral de S. Salvador conservava-se aberta á multidão, que, desde cedo, acudia. A conferência estava marcada para ás 10 horas da manhã; uma banda de música tocava sem desfalecimento. O templo tinha um aspecto festivo, e entretanto, não eram raros os semblantes abatidos! Um destacamento de mosqueteiros, ás ordens de um official, aí permanecia, galhardamente vestido e occupando o centro da catedral.

Ás 10 horas o padre d'Avesnières assomou á tribuna e foi saudado pela música. Terminando esta, o jesuíta espargiu um olhar indagador e então principiou a sua apoteose. Tinha a voz do trovão: nas suas exclamações ou quando zurzia os adversários da fé, retumbava sob aquelle tecto majestoso. Reinava um silêncio tumular; todas as vistas convergiam para o jesuíta. Por traz da turba fanatizada e sem a comprehensão do grande e do bello, — via-se o grupo dos protestantes, desses homens envolvidos na conspiração que tendia opor um dique á beatice de Luiz XIV.

Eram poucos, sim; mas, illustres e altivos de carácter. Este grupo estava aparentemente comovido, sem que mostrasse humilhação ou desejos de submeter-se logo.

Cada palavra afrontosa, que o jesuita expelia dos lábios, tinha a força de produzir um estremeamento nervoso no barão de Ráffi. O dr. Fabre sufocava a explosão e o desespero que lhe iam por dentro. O coronel Idbare de Montargis comprimia o sobrolho e levava, insensivelmente, a mão á espada.

D'Avesnières comprehendêra o poder das suas palavras, e aproveitando o ensejo, redobrou de fúria. Houve momentos em que se tornou rubro como um apoplético, e cerrando então os punhos, no cúmulo da virulência, bradava para a multidão. Chegou a um tópicos, em que tratava do Cristo, da sua morte e do sofrimento da Igreja, e parece que a eloquência sagrada nada mais poderia avançar! . . .

O fanatismo da récuá, pela sua vez, igualmente explodiu. Esse povo, sem consciência e sem luz, prorrumpiu em pranto. Transformou-se a conferência num sermão de lágrimas. . . Tal é a força da religião, mal interpretada, que pode transmutar o homem num desprezível bruto. . . E porque chorava? Qual a causa? Por certo que o senso comum é a mais rara de todas as coisas. Boissonade na **Biblia desmascarada** comprova-o exuberantemente. Si o Cristo foi divino; si a boa religião foi obra sua; e si ele morreu voluntariamente para redimir o género humano, — porque lamentam os seus *sofrimentos*?! . . . Um ser divino não sofre; uma obra sobrenatural não cai. . . Derramar uma lágrima pelo Cristo, nestas circunstâncias, é um disparate em face da razão; é mudar os papeis; é fazer-se de misericordioso quem, pelo contrário, necessita da beneficência. Mendigo não dá esmolas, e si as fornece, não tem direito de as pedir.

Sócrates, obrigado a beber a cicuta; Galileu, vítima da Inquisição; e André Vesálio, o pai da medicina, morrendo de fome e de miséria, não recebem uma lágrima! Quanta baixeza! quanta loucura! . . . Choram a *morte de um Deus*, que é onipotente, e desprezam as desditas de um homem, porque é frágil! . . . E' o caso de dizermos como os escocezes: « Si o diabo morresse, pouco se im-

portariam com Dens. » O jesuíta viu um povo a lhe chorar aos pés, e sorriu de contentamento; aquella turba era sua. Mostrava-se uma população de fanáticos, e podia usar dela como bem lhe conviesse. Si D'Avesnières ordenasse uma carnificina, seria executada. Um outro S. Bartolomeu se teria de lamentar nesse dia.

Ao meio dia tinha o jesuíta pronunciado a última palavra. Então um aplauso formidavel ecoou dentro da catedral; á música executou com a majestade que lhe é peculiar e que excita todos os espíritos; os protestantes ficaram taciturnos e ferozes. O barão de Ráffi, logo que o sussurro diminuiu, exclamou despeitado:

— Canalha sem pudor e digna dos jesuítas! . .

Os católicos, sedentos de desordens e afrontados pelo protestante, rebelaram-se contra ele e prorromperam numa grita de muçulmanos. Diversas vozes bradaram:

— Mata os excomungados! . .

O caso complicava-se. Uma indiscrição, ou antes uma insolência do jóven italiano, fôra bastante para atear o incêndio de tantos ánimos exaltados. Era preciso sair desta dificuldade; ja a multidão católica se enfileirava e demais a mais sanguinária. Os protestantes valeram-se então do último recurso: eram vinte, mas, que valiam por cem; desembainharam as espadas e ameaçaram a turba. O efeito foi prodigioso; o terror invadiu a chusma dos fanáticos. Gritos de desespero e de susto atroaram o espaço. A turba comprimia-se em confusão: mulheres desmaiavam; crianças berravam apavoradas. A tropa de infantaria quiz mover-se em sinal de reacção; mas, a um aceno do comandante, não avançou um passo. O qarão de Ráffi, que era o responsavel daquelle conflicto, foi o primeiro a empunhar o ferro e abrir fileira para a sua passagem e a de todos os companheiros de credo. As espadas luziam, os pulsos eram rijos e os lábios tremelicavam de emoção e raiva. Esses vinte homens seriam bastantes para a consecução de uma chacina.

O padre d'Avesnières, que ja se havia retirado da tribuna, voltou a ela, e tendo medido, com uma vista de

olhos, todo o perigo, começou a gritar :

— Aquietem-se, irmãos ! Deus condena este crime. . .

Foi água na fervura. Os ímpetos amainaram, e os protestantes conseguiram sair, sem outro inconveniente. Refugiaram-se todos no sobrado do conde de Langeais, e aí censuraram o barão de Ráffi, pela sua precipitação. O fidalgo italiano confessou-se culpado, alcançando assim o perdão dos seus correligionários. Depois, os olhos se lhe injetaram de sangue ; as faces tornaram-se rubras e logo violáceas ; a fronte enrugou-se e os dedos tremeram. Um acesso de cólera invadia aquele organismo. O barão sentia-se mal, e logo principiou a passear no salão ; os companheiros, admirados do caso, fitaram o doente.

— Que tens ? . . interrogou o marquez de Clisson.

— Não sei ; estou indisposto. Esta cabeça gira, e receio que ela estoire como uma bomba.

— A cólera foi demasiada... disse o médico, examinando-o atentamente. . . Vais ter uma hemorragia nasal, e mal de ti, si não a tivesses, porque inevitavelmente congestionavas.

Realmente : Fabre de Liancourt falara com pleno conhecimento de causa. Manifestou-se a epistaxe e foi copiosa ; logo que estancou, o barão se reconheceu vigoroso. O coronel Idbare de Montargis, que se debruçara numa das varandas do sobrado, notou uma numerosa multidão de soldados e burguezes dirigindo-se para o edificio. Voltou-se para os companheiros e disse :

— Fugamos. Uma corja de soldados e de fanáticos vem assaltar-nos. Ninguem pode resistir.

Nenhum dos conspiradores fez objecção. Lançaram mão das espadas e trataram da fuga, quanto antes. Desceram as escadas que davam para o jardim, internaram-se por ele, conseguiram saltar o muro e acharam-se, no fim de alguns minutos, ao pé de uma cerrada colina. Vagaram todo o dia pelos bosques, e á noite aquartelaram-se á margem de um regato. Era necessário, contudo, que obtivessem algumas noticias, a fim de poderem re-

gressar aos seus lares, ou do contrário, fugir definitivamente. O barão de Ráffi ofereceu-se então para ir á cidade e sondar os ânimos.

— Tu! . . disse-lhe o coronel Idbare de Montargis. . . E's tão perigoso! . . Deitas tudo a perder.

— Terei cautela. Tambem sou prudente, quando o caso se embrulha.

— Vê o que fazes : vamos muito mal.

— Fiquem sem cuidados.

Partiu e entrou na cidade, sem o menor obstáculo. Foi á residência, mudou de trajos, procurou um rocló e lançou-o sobre os ombros. Numa gaveta existia uma pistola e diversos cartuchos : assenhoreou-se de tudo. Embucou-se completamente no rocló ; chamou um criado da sua confiança e conversou-lhe por algum tempo. O fâmullo expoz circunstanciadamente o que ocorrêra durante o dia. Os católicos mantinham grande indisposição contra os calvinistas. Ao chegar a multidão no sobrado do conde de Langeais, e achando-o abandonado, — vingou-se em saquear ; depois resolvêra a busca nos domicílios de outros protestantes, e alguns que foram encontrados, tiveram a sorte do cárcere. O barão ficou pensativo por um momento ; em seguida despediu-se do criado e partiu. Atravessou os lugares menos tranzitados, e ja ia ganhar o trilho seguro, que o levaria aos seus companheiros, quando foi impedido por uma voz que lhe intimou :

— Faça alto.

O barão estacou e trez homens saíram-lhe ao encontro.

— Quem é ? . . disse um deles.

— Sou um burguez, que tem necessidade de ir, hoje, ao campo.

Os soldados aproximaram-se para reconhecê-lo. O mesmo, que havia falado, disse novamente :

— O' sr. barão de Ráffi ! queria iludir-nos ! Felizmente o reconheci. . . Nós temos precisão do fidalgo.

E os trez avançaram para ele. O barão recuou e tirou

pela espada. Os esbirros, a este movimento do inimigo, detiveram-se e trocaram olhares, apesar da treva.

— Esteja preso em nome do rei. . . falou, ainda uma vez, o mesmo soldado, e tratou de segurar o barão.

Este descarregou-lhe um golpe e prostrou-o por terra. Uma luta travou-se entre os restantes. Era silenciosa, terrível e grave. O estampido de um tiro ouviu-se: o barão fôra atingido e arremeteu com fúria contra os adversários. Os dois soldados não suportaram a carga e deitaram a fugir. O barão sacou então a pistola, e disparou-a na direção de um dos fugitivos.

Um grito, medonho e fúnebre, ecoou; o barão não estremeceu. Abaixou-se e examinou o mosqueteiro que lhe jazia aos pés; parecêra-lhe morto. Correu ao segundo: acabava de expirar. Aquele grito fôra o arranco da morte. Apalpou-se, então, a si: uma bala se lhe cravara no peito direito e saíra do outro lado.

— Estou morto. . . balbuciou ele.

Estugou o passo e seguiu; mas, de momento a momento, era obrigado a sentar-se: as vertigens sucediam-se. No fim de meia hora logrou alcançar o acampamento dos amigos; cambaleou e caiu diante deles. Os bravos ergueram-se de súbito e acercaram-no imediatamente.

— Que é isto?! . . . perguntaram diversos.

— Estou morto! . . . respondeu ele. . . Olhem-me o peito.

Não podiam enxergar pela escuridão da noite; mas, o dr. Fabre afastando as vestes do ferido, colocou a mão sobre o seu tórax, e ás apalpadelas encontrou a lesão.

— Aqui está ela; parece um tanto grande. . . disse o médico.

— E sai abaixo da omoplata. . . acrescentou o barão de Ráffi.

— Mas, como foi isto?! . . .

— Eu vinha trazer-lhes as noticias collidas, quando fui atacado pelos beleguins do rei e que estavam ocultos á margem do caminho. Quizeram prender-me: resisti e travou-se luta. Mataram-me a tiro e eu liquidei dois inimigos. . . O terceiro fugiu.

Um sussurro de vozes admirativas percorreu todo o grupo.

— Conta o resto. . . insistiu o dr. Fabre.

— Não posso. . . Aguardem-se, que estão perdidos. . . Adeus, meus amigos! . . eu morro.

O médico amparava-o nos braços e verificou, pouco depois, que ele tinha efetivamente expirado. Chamaram-no. O dr. Fabre disse fleugmaticamente :

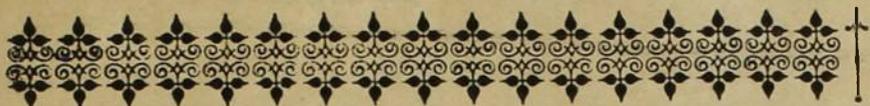
— E' debalde : está morto.

Assim estiveram, grande parte da noite, em tórno de um cadáver e do qual não se podiam apartar. Como se avirem, quando a presença de qualquer deles na cidade, era o motivo bastante de uma prisão, e mormente agora? . . Permanecerem ali, até ao romper do dia, era imprudência : não só, porque um dos soldados da luta fugira, como também, porque o ferimento do infeliz barão deitara muito sangue, e não existia melhor indício para rastejarem o rebelde, do que as manchas em toda a extensão da estrada.

Finalmente resolveram enterrar o barão de Ráffi naquele mesmo bosque, que lhes servia de refúgio. Era o único recurso. Cavaram, ás pressas e com dificuldade, uma cova, e antes da madrugada depositaram nela os restos desse bravo, que morrêra lutando. Todos, ao descerem-lhe o cadáver na sepultura, derramaram lágrimas sinceras.

De vinte heróis que eram, ja restavam dezenove e entregues ao desespero, á fome, á intempérie e á raiva. Imprecações, blasfêmias, juramentos intempestivos partiam daquelas bocas. Decidiram então que cada qual, a sós, procurasse a residência e aí se munisse do necessário para a fuga. E, com efeito, puzeram em prática tão temerário plano.

Tudo sortiu bem. No fim de trez dias, ja não continuava em Aix, um só desses perseguidos. Deixavam as familias, mas, sem que elas ficassem ignorando qual o destino dos seus chefes ou simples aliados.



## XLV

### Como os acontecimentos preparam o terreno



ADA dia mais terrível se tornava a perseguição dos discípulos de Calvino ou de Lutero ; a sombra do mal envolvia-os indistintamente. As portas das prisões abriam-se para depois trancarem vítimas sem crime, que, só pelo ódio dos intolerantes, eram condenadas. Scenas revoltantes, que foram praticadas hontem, ainda hoje se reproduzem á nossa face. Ainda o patíbulo tem a força de subtrair aquilo, que lhe é impossível dar. A vida dos flagelados nada significa para os imperantes.

Lancemos as nossas vistas sôbre a França atual ; meçamos a grandeza da Alemanha e da Inglaterra ; chamemos para o quadro da civilização politica a Itália e os Estados Unidos do Norte. E'-nos forçoso dizer o que sinceramente sentimos.

Enxergamos a iniquidade pelo mundo : vemos a França, apesar de republicana, numa efervescência odiosa. O seu presidente, Júlio Grevy, para sufocar o grito de 20 mil operários esfaimados, que reclamam trabalho, — manda dispersa-los pela policia, como quem reprime uma horda de bandidos ! Quanta diferença entre o cesarismo e a república democrática de 1848, idealizada por Luiz Blanc ! .. A França de hoje, ainda afetada pela diátese imperialista, responde aos seus obreiros com o tribunal do Sena, onde faz condenar Luiza Michel, Pouget

e Marenil, cujos nomes, até então desconhecidos, passarão aos faustos da história.

A Alemanha é um reduto de guerreiros, ouvindo unicamente as ordens do imperador Guilherme I e do príncipe de Bismarck, o chanceler de ferro... Tem leis ferozes para eliminar socialistas, si estes exigem liberdade. A sua espada, sempre ameaçadora, acutilará novamente a França, como o fez em Sedan.

A Inglaterra é um reino que ainda não perdeu os velhos hábitos. Em sua marcha impassível, sitia a Irlanda pela fome, obrigando-a a fugir para o Novo-mundo, si quizer sobreviver ao ódio dos dominadores. Assim nasceram os Finianos, que em sua vingança ameaçam destruir a poderosa Londres.

A Itália é presa do anarquismo e tem pavores, não obstante o seu puríssimo céu, que a faz amena. Humberto, recebendo pesado encargo de Victor Manuel II, não o tem podido zelar com segurança. Roma, a nova capital, lembra a hipocrisia e os grandes crimes que a tornaram lúgubre.

Os Estados Unidos do Norte não são uma perfeição de república, como a Suíça; mas, contudo, progridem e causam inveja, não obstante os preconceitos da raça saxônia e certos prejuízos da mãe-pátria. Por causa da sua aristocracia, contrária aos sentimentos latinos, a terra de Washington lincha os negros, e só o futuro dirá qual o limite do seu expansionismo.

Perante o contristador espetáculo das nações, quem é pessimista, recorda Schopenhauer. O filósofo dissera pela última vez: « Prevendo a morte, declaro que desprezo a nação alemã, por causa da sua estúpidez infinita, e que me envergonho de pertencer a ela. »

Que espantoso número de impostores! Como a sociedade serve de pasto aos poderosíssimos tratantes, que a dirigem a seu bel prazer!... Afirnam os nossos illusionistas que há liberdade, justiça, patriotismo, caridade e outras quimeras de igual jaez!... Simplesmente mentira... Tudo isto não passa de palavras combinadas, pa-

ra encher dicionários e aformosear compêndios de filosofia. Eis a razão porque víamos a França de Luiz, o Grande, entregue á completa ruína. As masmorras pejavam-se de vítimas, sem que a torrente dos horrores paralisasse o curso. Na Provença salientava-se Aix, porque o príncipe d'Arlemont compunha a sua lista de proscricões. Nada arrefecia o furor deste monstro; o padre d'Avesnières incitava-o para a renhida pugna.

Os conspiradores tinham fugido, e a maior parte desejava transpor a fronteira. Já toda a França era conhecedora da revogação do Édito de Nantes, e não dava quartel a um só inimigo da igreja Católica. O conde de Langeais e o dr. Fabre, uma noite, bateram ás portas de Montpellier e ocultaram-se aí. A perseguição tambem devastava esta cidade. Um primo do médico se dignara conceder-lhes pousada e trata-los com delicadeza. Era católico *pro fôrma*, e assim não se envolvia no remoínho das paixões religiosas: occupava-se unicamente de litteratura. Consultava os autores gregos e os filósofos árabes; devorava com avidez os romances da época; relia muitas vezes o teatro de Shakspeare; era, finalmente, um bibliomaníaco. Raul de Saint Lambert, como se chamava, era despido de supersticões e ódios, pouco lhe importando que fôsem católicos ou protestantes, judeus ou muçulmanos. Para si, não queria a realidade em matéria de religião; rezava, porque a sociedade lhe impunha esta penitência, e ele entendia que era melhor obedec-la, do que ser massacrado; assistia ás prédicas do seu cura, e as considerava tão úteis como as do padre protestante. Não discutia de fôrma alguma si o vigário cingira-se ou não, á misteriosa letra do Evangelho. Não o ignorava, mas tambem não se propunha ao trabalho de interpreta-lo. Era um génio esquisito! . .

Deste modo encontramos Raul de Saint Lambert, sendo ortodoxo e dispensando sincero acolhimento a seu primo e ao conde de Langeais. Conversava com eles, até alta noite; discursava sôbre os fatos passados, e depois que se recolhia ao seu gabinete, ainda folheava um livro.

Os dois fugitivos não apareciam em público; nessa época seria uma temeridade atreverem-se a tanto. Um desconhecido era imediatamente cercado pela policia do rei; inquerido, revistado nas suas bagagens, e conforme as desconfianças, metido no cárcere. Eles não estavam para isto. . . Si ja fugiam de Scila, que empenho teriam de cair em Caribdes?! . . . O conde de Langeais expedira um próprio ao castelo de Narbonne; queria ter noticias dos últimos acontecimentos. Obteve em resposta uma chorosa carta da condessa, sua mãe, e na qual esta lhe narrava as crueldades praticadas pelos católicos, e finalizava pedindo-lhe, por tudo, o seu regresso ao lar materno. O conde meditou um pouco. A imagem de Heloisa d'Arlemont surgia aos seus olhos, a lhe suplicar de joelhos, que a não abandonasse ao martírio. O mancebo estava prestes a se tornar visionário, tantas eram as vezes em que se via perseguido por aquela sombra. Depois raciocinou consigo:

— Que faço aqui? . . . Esta casa não me pertence; portanto, devo retirar-me. . . Si não posso permanecer junto de Heleisa, compete-me voltar aos lares, e aí mitigar as dores que me sufocam a existência. Sim; devo partir. . . depois trabalharei por *ela*.

Foi ao dr. Fabre e mostrou-lhe a carta em questão. O médico leu-a serenamente; em seguida fitou o amigo:

— Queres ir?

— Quero. Partamos amanhã.

— Está feito. Incumbo-me de participar a nossa resolução a Raul.

No dia seguinte os dois conspiradores despediam-se de Montpellier e tomavam o rumo de Narbonne. Neste mesmo dia, e talvez que á mesma hora, no castelo de Saint-Pont circulava a noticia de que o marquez de Clisson fôra preso em Digne, e o coronel Idbare de Montargis morto em Barcelonnette, indo ambos para a Itália. Este, sendo intimado para comparecer perante a autoridade e recusando-se a isto, — deu lugar a um conflito entre si e a tropa, e em resultado a sua morte e a de um

soldado. O marquez não opuzera a minima resisténcia, e continuava detido na mesma cidade, pronto a seguir para Aix, sob as ordens de uma escolta. Esta noticia não deixou, comtudo, de impressionar muito; o próprio Alberto d'Arlemont ficou pensativo. O padre d'Avesnières derramou lágrimas; mostrou-se compungido! Mas, quanta cacholice no sotaina!.. Sentia prazer, e para não se trair, apresentava o reverso da medalha.

Laura d'Arlemont, sempre oculta ás vistas indiscretas, deixava-se definhar e morrer pouco a pouco. Aquela alma tinha estiolado. Uma tísica a minava lentamente, não lhe disfarçando os seus letíferos efeitos. A infeliz princeza sorria amargamente e seismava por fim. Sua filha, a doce Heloisa, era um anjo excluído, que lançava em tórno de si um olhar desanimado e pezaroso. O seu coração, pela contínua successão de golpes, ia-se acostumando á dor. Ela vira o dileto noivo expulso do solar de seus pais; condemnado a não mais lhe falar em público, e finalmente banido em nome da rigorosa lei.

Tudo isto era horrível. . .

— Ser preciso que o conde de Langeais ande foragido, para escapar ás agonias de um cárcere! Qual o seu crime?.. interrogava consigo a jóven princeza d'Arlemont.

A mudez dos tûmulos era a resposta que lhe acudia rápida. Desesperava muitas vezes, e então desfazia-se em pranto. A mulher, a mais perigosa, sempre causará compaixão. Ela é um ente essencialmente frágil, que não se fez para sustentar as grandes lutas da vida. E' como essas florinhas á borda da corrente, que se vergam ao menor sôpro do vento, beijam a onda cristalina, e são finalmente arrebatatas por ella: florinhas que se desprendem do galho, boiam na superficie d'água e vão perder-se depois na voragem dos torvelinhos.

O jesuita nada disto enxergava; tinha consigo o deite nefando de causar alliciões. O príncipe d'Arlemont instigava-o á prática indecente de promover o martírio espiritual de duas virtuosas mulheres, despidas de vingança, de perfidia e de reacção. A vitória estava ganha;

D'Avesnières podia tripudiar num charco de infâmias.

A noticia dos últimos sucessos, que gelara todos os corações, deu azo para se suscitarem diversos comentários. A princeza d'Arlemont, ao lado de sua filha, analisava tristemente essas desgraças. Então o padre d'Avesnières, que espreitava uma ocasião propícia, apresentou-se ás princezas; vinha sombrio, e por isto mesmo, horrendo. As duas mulheres calaram-se e ficaram a olha-lo com reserva. O jesuíta sentou-se, encruzou as pernas, encolheu os braços e ficou quieto a examinar os efeitos que a sua presença ia produzindo. Em ato successivo esboçou um leve sorriso de triumpho, e foi o primeiro a romper o silêncio:

— Sabeis, Altezas! o quanto é grave e contristante esta desolação medonha, que vai lavrando entre nós? É, com toda a evidência, a fúria de um Deus que se alarma e nos castiga; nós somos uns desgraçados, indignos de compaixão.

— Mas, Deus não é um ser vingativo e rancoroso... disse a princeza d'Arlemont... Não creio, padre, que ele, o Criador perfeito e onipotente, se queira nivelar com os homens. Nós é que somos umas víboras, inchadas de orgulho, ignorância e vaidade. Deus é o incompreensível, e desta fôrma sempre um infinito existirá entre ele e o homem. Querer explica-lo, é o arrôjo desmedido da estupidez humana. Um Deus compreendido, como deve se-lo, nunca será um monstro. O Deus que nos ordenam adorar, é uma coisa horrível.

— *Non credo, quia absurdum est...* prefiro dizer ao contrario, de S. Agostinho: isto me obscurece a razão. Vossa Alteza com semelhantes heresias!.. Quem vo-las inculca, vos arrastando a tão deploráveis erros?!.. Juro-vos, que lamento de coração estas misérias. A heresia, de todos os peccados, é o mais hediondo: brada aos céus.

— Heresia?!.. Dizer a verdade, confessar o que sente, expor a religião natural, é ser herege?!.. Pois bem: eu creio, mas, num Deus concebido na minha consciéncia. Ele não tem fôrmas; nem ao menos o sei explicar

como seja. E' um Deus — uno, perfeito e eterno; creio na sua grandeza, e que a minha alma é imortal para receber o prémio ou o castigo dos seus atos.

— Não é bastante... refutou o padre d'Avesnières... A blasfémia queima muitos lábios. Deus não dirige o mal, porém consente-o, para experimentar o homem. Sem o mal, o homem não se exporia ás lutas da carne, e a alma deixaria de ser imortal. Onde não há combate, não existe vitória. Deus, criando o homem, deixou-o entregue a si mesmo, para que ele, se aproveitando da sua grandeza, soubesse perseverar na paz. O homem caiu pelo seu orgulho: quiz tudo conhecer e perdeu a sua alma. O livre arbitrio é a grande faculdade que lhe permite — caminhar na vereda do bem ou cair no abismo da perdição. Deus, recebendo o seu espírito, traça-lhe a sentença inexorável. Tudo, no ser Onisciente, é grandeza, perfeição e bondade.

— Assim, cada qual defende o seu Deus, e nada depreendendo, que avance um passo em prol da verdade... interveio Heloisa d'Arlemont.

— V. Alteza também sacrifica a fé!.. Tão criança, e já trilhando pela estrada do demónio!..

— Não, padre! Protestei não revelar a ninguém o que penso. Noto somente, em v. rev<sup>ma</sup>, uma curiosidade excessiva, e sobretudo, dolosa.

— Ah! como é penível a comunicação de um ateu!.. Como esse ente degenerado e tórpe corrompe as inocências mais puras!.. e o jesuíta pendeu a fronte, qual si estivesse possuído de uma dor profunda.

Levantou-se imediatamente e saiu taciturno. Um plano terrível lhe tinha perpassado no cérebro. O filho de Loiola galgava a posição desejada: o seu nome repercutia em toda a Provença. Ele era o assombro dos protestantes; para onde dirigia o assalto, patenteava a vingança. Pobres príncezas! sacrificadas... A dor também avasala o espírito: não é só o organismo que se insensibiliza. Tudo se gasta; a matéria é a expressão mais simples da fraqueza. A vida foi o escárnio da Criação.



## XLVI

### O que alcançam lágrimas de mulher



ÁGRIMAS de mulher, condimento de malícia », disse Públio Siro. Veremos que o poeta latino triunfou ainda uma vez, porque o género humano tem representado todos os papeis. O homem, essa obra prima, que Deus, segundo as Escrituras, amassou com a própria mão, é de todas as invenções, a mais anfibológica nos sentimentos e na intelligência. Mas, vamos ao fato que nos preocupa ; ele é de outro alcance.

Pierrot Follet tinha acabado de ceiar e ainda permanecia na mesa, quando um criado lhe veio anunciar que uma senhora velada o esperava na sala de visitas. O milionário não contava com esta surpresa e ficou admirado. Levantou-se então e foi encontrar uma mulher, vestida de sêda azul, que á sua chegada se ergueu da poltrona, onde estava, e dirigiu-se para ele. Pierrot Follet cumprimentou-a com afabilidade e interêsse ao mesmo tempo. Designou-lhe novamente a poltrona, e logo que a viu refestelada, disse-lhe com afetação :

— Minha senhora ! terei a honra de saber com quem falo ?

A dama não lhe respondeu e cingiu-se unicamente a levantar o véu. Um raio de luz deu-lhe em pleno rosto ; o milionário deixou escapar uma frase de exclamação e correu para a desconhecida :

— Como ! Será possível ? ! A viscondessa nesta casa !

Sentou-se ao lado da irmã do marquez de Clisson ; apoderou-se das suas pequeninas mãos e apertou-as com voluptuosidade. A viscondessa de Chiourme tomou uma posição indolente ; recostou-se ao ombro de Pierrot Follet e prorrompeu em soluços. O libertino arregalou os olhos e encarou a sua amante, com admiração :

— Explica-me, que sentes ! . . disse ele . . . Porque te mostras tão aflita ?

— Ah ! não sabes o quanto sou desditosa ! . . A fatalidade me persegue com a sua fúria de tigre.

— Bem o sei. Si estivesse nas minhas mãos, eu te daria a felicidade.

— Quem duvida ? ! Talvez que o prazer de derramar no meu coração ferido as gótas do bálsamo da paz, seja reservado exclusivamente a ti.

— Prouvera a Deus ! . .

— E porque, não ? .. Seria Deus tão cruel para consentir em semelhante martírio ? .. e a viscondessa acariciava Pierrot Follet.

Este passava-lhe a mão pelos cabelos esparsos e abundantes ; tinha a face tão conchegada á sua, que sentia a respiração tépida e branda lhe humedecer os lábios. Era um quadro de ternura e de incontestavel sentimentalismo. A viscondessa continuava a derramar lágrimas, que lhe deslizavam pelo rosto incendiado de comoção.

— Que exiges de mim ? .. interrogou o milionário.

— Um diminuto ; um quasi nada.

— Fala. Eu tenho uma fortuna, que dará para satisfazer os nossos caprichos.

— Quero que salves meu irmão... e a viscondessa ergueu os olhos marejados de pranto e fitou-os no favorito.

Pierrot Follet empalideceu : não atinara jamais que semelhante súplica lhe fôsse dirigida. O formidavel asomava diante de si ; era preciso retroceder.

— Impossível ! . . balbuciou ele, dolorosamente.

— Que ! . . Tu não és amigo do príncipe d'Arlemont ? Onde a dificuldade ? !

— Mas, eles não perdoarão nunca ao marquez de Clisson.

A cortezã renovou de lágrimas; caiu de joelhos aos pés de Pierrot Follet. Nova Madalena, implorava misericórdia desse Cristo dos bordeis. Abraçava-lhe as pernas, e inconsolavel na sua mágua, inspirava piedade a um coração enternecido. Pierrot Follet, apesar da sua corrução, ainda conservava alguns instintos humanos: sensibilizou-se com a posição humilde daquela mulher orgulhosa, que, ás suas plantas, lhe implorava a liberdade do irmão.

— Levanta-te; não te abatas assim: eu odeio os fracos. . . E dando a mão á viscondessa de Chiourme, sentou-a novamente ao seu lado.

— Emfim, te resolveste? A piedade ja penetrou no teu coração de mármore?!

— Vamos conversar um pouco. Quero saber de tudo, para aventurar o golpe. Porque tua cunhada não se dirige directamente ao príncipe d'Arlemont?!

— Não desconheces o seu orgulho. Ela nada pede, assim enxergue que disso provém uma obrigação.

— Ah! entendo. Recceia que o príncipe exija excessivo prémio. . . E ela sabe que vieste ter comigo?

— Foi quem me lembrou a cartada.

— Ja visitaste teu irmão?

— Hoje, pela manhã, fui á prisão; pude ve-lo com algum trabalho. Está encerrado num quarto estreito, rude e feio, onde se respira, porém, um ar infeto. Acheio-o magro, pálido e muito triste; na minha presença conservou-se sempre calmo. Chorei, com a dor mais aguda que ja senti na minha vida; ele só fez erguer a cabeça e sorrir amargamente! Nunca sofri tanto, como nestes dias; nada existe de mais vergonhoso do que ir á grade de um cárcere para olhar um amigo ou um parente próximo, esquecido ali, de envolta com os crimiñosos!

— Eu avalio o suplicio!.. E quando se é como tu, que sempre viveste cercada de pompas e de prazeres!..

— Não me fales em pompas e nem tão pouco em pra-

zeros. Tudo isto desapareceu com a presteza do raio. Eu tambem ja fui virtuosa ; mas, hoje sou loureira e desventurada. Enodoei a minha existência e deixei-me arrastar pela corrente das paixões. Falo-te a verdade e digo que a sociedade é uma torpeza. Eu sou recebida e festejada nos salões, no seio das familias, e introduzome na alcôva das virgens pudibundas, sem que enrubsçam de mim ! E porque ? Não sou uma favorita ? Que differença pode haver entre mim e a marafona das pragas?!.. É, que eu sou rica e ela é pobre ; eu sou viscondessa e ela é plebéa ; eu não me atiro á devassidão para vender-me, e ela o faz por necessidade de dinheiro. E queres saber ? Sou muito mais criminosa. Eu tive uma educação moral, ao passo que ella não a recebeu ; eu, rica, sou lúbrica unicamente para contentar os meus devaneios, e ella o é para subsistir ; eu, fidalga, deveria envergonhar-me deste procedimento, e ella de nada tem que se confundir, porque nasceu na última escala social. Nas minhas horas de meditação tambem distingo a virtude. E afirmo-te, portanto, que a ventura é uma ilusão completa.

— A tua linguagem é demasiadamente franca ! .. notou o milionário, embasbacado.

— Assim é mister.

— E vais mudar de vida ?

— Por enquanto, não : a carreira, uma vez encetada, tenha de cumprir-se.

— Como és bôa ! .. exclamou Pierrot Follet, com muito desvanecimento.

Seguiu-se um silêncio de alguns minutos. A viscondessa de Chiourme teve de rompe-lo, para interpelar :

— Anda... responde, si me desobrigarás deste tormento. Tira-me este peso enorme, que me sufoca. Não consintas que a tua amante continue a derramar amargo pranto. Tu tens ouro : eu nunca me utilizei dele ; agora é a occasião suprema de salvares uma pobre vítima.

— Isto é uma opressão, viscondessa !

— Como és ingrato ! .. Eu, sendo mulher, não vacilei

em fazer-me tua amante ; tu, que és homem, e que hoje me vês lutando numa causa, mais que justa, — recuas e foges de ampara-la ! . . Assim, são os homens ! . . Iníquos, egoístas e frágeis . . Que mal te pode advir ? De que te aproveita essa abundância de moedas, e o valimento que tens ao pé do príncipe d'Arlemont ? Porque não sou eu, quem ocupa o teu lugar, e o vestido, que me orna, coube a ti ? ! Como a natureza inverte os papéis na terra ! . .

— Si tu soubesses, não me exigirias tamanho sacrificio

— Sacrificio ! .. disse a viscondessa, com uma espécie de risada nervosa. . . Salvar um inocente das malhas da injustiça e recusar faze-lo ! . . De que me serviria amar, si estivesse condenada sempre a combater sozinha, nos peores transes ?

Novos soluços lhe embargaram a voz. Pierrot Follet afastou-lhe os cabelos e beijou-a na fronte.

— Estanca o teu pranto ; embora tenha de me abismar, salvarei teu irmão.

Isto foi de um efeito maravilhoso. A viscondessa ergueu-se repentinamente e colocou-se diante do favorito, com os olhos enxutos e vivos, os cabelos dispersos e os braços cruzados sôbre o seio :

— Sério ! Tu salvas meu irmão ? ! Não me buscas enganar, para que eu creia como a criança inexperiente ? Terei a glória de apertar nos braços o marquez de Clisson, — pobre irmão sem sina, cuja desventura começou na côrte de Luiz XIV ? . . Falas sério, meu Pierrot ? !

— Juro-te, por Deus. Teu irmão será salvo, com sacrificio da minha própria vida. Custa a prometer ; mas, quando o faço, cumprio exactamente.

A viscondessa ficou como louca : bateu as palmas em sinal de regozijo, e riu gostosamente.

— Tu és um herói ! És digno de ser amado por uma mulher formosa. Cem anos que eu tenha de existência, não são capazes de produzir um dia semelhante ao de hoje ! Com que fogo não te amarei agora ! . .

E repoltreou-se donairosamente, a beijar o seu predi-

leto, sem a menor reserva. Entretanto, Pierrot Follet permanecia triste ! Por entre blandícias gorgoeou a viscondessa :

— Quando saí, para te pedir este sacrificio, vinha sem tó ; mas, vejo agora, que sempre te mereço alguma coisa.

— Ah ! lágrimas de mulhor alcançam o impossivel. Deus, si um dia se visse face a face com uma mulher espirotuosa e linda, a lhe chorar aos pés, pedindo-lhe o seu trono, — estou crente, que ele mesmo se comove-ria e lhe faria a graça ! Quem pode resistir a esses diabinhos que nos seduzem de todas as maneiras ? Já um oráculo da Igreja, parece-me que S. Cipriano, escreveu brilhantemente : « As mulheres são demónios, que nos fazem entrar no inferno pela porta do paraizo. »

— Não simulas um pouco de lisonja ? Dizes tudo que sentes ? !

— Não costumo ser fingido.

— Bem. . . agora devo partir ; já é tarde.

— Com quem vieste ?

— Só. O bolecero espera-me no carro.

— Neste caso consente que eu te acompanhe ; tenho grande carência de ver hoje a marquezia, tua cunhada. Precisamos combinar o meio de pôr em liberdade o nosso infeliz amigo.

— Justamente. A tua companhia é sempre agradável.

Pierrot Follet procurou uma capa de veludo e atirou-a para os ombros ; pegou num chapéu de abas largas e com ele occultou o rosto. Deu o braço á viscondessa de Chiourme e saiu para a rua. A noite estava escura. Entraram no carro, e este partiu velozmente, em direção ao palacete do marquez de Glisson. Ouvia-se somente o estalo do chicote do bolecero ; o silêncio dominava nas ruas da cidade.



## XLVII

### Os monstros se exibem

**Q**UE página ultra-realista e feia pela intromissão do antropeide!... dirá algum Tartufo ao finalizar este capítulo. De nossa parte consentimos todo e qualquer juízo, e nem por isto deixaremos de romancear a humanidade, eontanto que não queiramos a pornografia para modelo dos quadros.

Transportemo-nos, pela primeira vez, à habitação de Misser Gargouche. Vamos ao campo, sul da cidade, e deparemos uma casa bastante espagosa, de sedutora aparência, orlada de bosques e dominando uma planície fértil. O fidalgo não vivia só: além dos criados indispensáveis à sua elevada posição de homem dinheiroso, suportava a companhia de Angélica Gargouche, a sobrinha-monstro. E realmente, precisava suporta-la!... Angélica bem poucas vezes saía: os pobres não gostavam de lhe pedir esmolas, porque seria baldado implorar àquêle coração de pedra... Um génio de fera a se alimentar de ódios. Os fâmulos viviam sempre tristes e coléricos; vingavam-se, as mais das vezes, contrariando os desejos da mulher-bicho e rogando-lhe terríveis pragas.

Seu tio a tratava com desprezo... e Angélica, desgraçada como era, sentia-se repelente e repelida do próprio seio da Criação. Comsigo realizava-se o aforismo

de Bacon, o grande filósofo inglez, e que dissera : « O homem verdadeiramente solitário é aquelle que não possui um amigo : o mundo será para ele, um vasto deserto, por onde passe a vida como um irracional vagabundo. » E Angélica era isto : banida de toda parte, podendo unicamente acusar a Natureza, que tão infeliz a *forjara*, não sabia mesmo a que santo se encomendasse ! Nem nas pessoas do seu sexo encontrava uma mais compassiva, que lhe prestasse um pouco de atenção ! De nada lhe servia o ouro ! . . . Ela era uma perfeita anomalia.

Uma vez apparecêra um orangotango á venda, e Angélica conseguiu compra-lo. Mostrou-se satisfeita e orgulhosa de si. Já não vivia só neste mundo. Desde essa occasião dirigiu todos os seus afetos para o animal de Sumatra. Visto que lhe fôra impossivel amar e ser amada pelos seus semelhantes, queria ao menos gozar deste prazer com os brutos.

O orangotango tornou-se o objeto dos seus delirios. Deu-lhe um nome e principiou a chama-lo *Pacaut*, por uma estúpida alusão. Transformou-se em domadora, e tratou, com esmero, da existência do repugnante antropomorfo. Mas, por uma nova fatalidade, parece que o homem das selvas não achava agradável a sua presença ; quando a pressentia, dava pulos na corrente, gritava como um desesperado e mostrava-lhe os agudos e cortantes dentes. Angélica ria com insensatez e notava muito *espírito* nesses tregeitos. Assim decorreram os primeiros tempos, até que, pela perseverança, a mulher-abismo conseguiu o seu intento. O quadrúmano conformou-se com o novo estado, e já por fim não odiava Angélica ; lançava-lhe certos olhares de simpatia, e passou a acompanhá-la como um chichibéu.

Conta-se que uma duquesa de Medina Cœli, de quem o cardeal Polus assistiu o levantar da cama, — fazia um orangotango calçar-lhe as meias. Catarina Sidley, condessa de Dorchester, ia ás sessões do Parlamento numa carruagem com armarias, atraz da qual se viam, de pé, trez macaquinhos, vestidos de grande libré e com ares

de cortezia. Angélica Gargouche, sem que tivesse notícia destes fatos, fizera do orangotango o seu criado grave. Uma feita lastimou que ele não soubesse falar, porque então o mandaria ao estudo, e em breve teria um sábio, para discutir. . . Pobre néscia! nem ao menos enxergava que o *símia sátyrus*, logrando a palavra, começaria a odia-la, desde esse momento, como todos os homens!

Cada dia que Angélica adiantava em idade, sentia que se apossava de si um desespero enorme. Então principiou a se convencer de que nunca seria amada por nenhum homem. Voltava as suas vistas para o mais infimo de todos eles, e sofria a decepção de ver, que até esse desgraçado, — muitas vezes sem um tecto para o abrigar das intempéries do tempo, nem um pedaço de pão para saciar a fome, — imediatamente, logo que lhe conhecia os desejos, esquivava a sua presença e não mais lhe volvia um insignificante olhar! Isto era demais.

Até chegou a pensar no suicídio. Já que os seus sonhos estavam condenados ao desengano, era mister que apressasse a morte e se eximisse do mortificante fardo da existência. Estava nesta colisão aflitiva, quando uma idéa nefanda lhe salteou a mente. Lembrou-se do seu homem dos bosques. . . Pacaut viria trazer a chave do problema: estava descoberta a pedra filosofal.

O monstro girou sôbre os calcanhares, como um grnadeiro; fez uma cara de chôro, porque rira; e correu a procurar o seu criado grave. Encontrou-o escarranchado numa árvore; acenou-lhe com um lenço; chamou-o insistentemente; mostrou-se polida e alegre. Pacaut desceu aos pulos e veio manhosamente acariciar as mãos disformes e rudes da desprezível dona. Isto foi de um efeito maravilhoso para Angélica; ela, que nunca se dera ao trabalho de analisar todos os gatinhos do símio, compreendeu desta vez que ele era um animal inteligente e que lhe adivinhara os pensamentos. Cobriu-o de mimos; chegou a beijá-lo, repetidas vezes! . . . Com certeza que Angélica era uma coisa bem

tôrpe ou mais nojenta ainda do que o orangotango. Em seguida apossou-se da mão peluda e grosseira do animal africano.

Correram os tempos. . . Introduzindo-nos na habitação de Angélica, encontraremos Misser Gargouche pensativo e abatido no fundo do gabinete. Com a fronte enrugada, olha inúmeras vezes por uma janela entreaberta, que dava para o campo. A tardinha se aproxima; o sol vai ocultar-se no ocidente. Misser Gargouche esteve nessa meditação por muito tempo, até que a noite se fez completamente. O silêncio reinou em toda a extensão; a treva, parece que de propósito, era cerrada e feia. Misser Gargouche ergueu-se e foi até á sala, onde ardiam algumas luzes. Deitou-se num sofá e adormeceu em breve. Sendo acordado para a ceia, dirigiu-se á mesa e serviu-se pouco; sua sobrinha não compareceu.

A' meia noite, Misser Gargouche ainda se conservava de pé. Estava a passear no salão, quando se deteve um momento e ficou á escuta; nada tendo obtido de anormal, encaminhou-se para uma gaveta, que abriu cautelosamente, e dela tirou uma pistola e um punhal, — fina lâmina de Damasco, á fôrma do bulhão. Examinou as armas e meteu-as na cinta; aziu uma lanterna e endereçou-se, com reserva, para o quarto da sobrinha.

A porta estava trancada; Gargouche deu algumas pancadas e repetiu-as trez vezes, para lograr o seu intento. Angélica, abrindo a porta da alcôva, não cabia em si de tanto assombro! Seu tio entrou, sem nada lhe dizer e foi sentar-se numa cadeira devoluta, á borda do leito. Angélica não sabia o que fizesse; estava de olhos tresvariados, feições horrendas e com uma palidez de morte.

— Senta-te. . . ordenou Misser Gargouche. . . Tenho muito que conversar contigo.

Angélica obedeceu instintivamente e principiou a tremer, qual um doente de maleitas.

— Do que tremes?! Já te sentes aguilhoada pelo remorse? . . .

O monstro humanizado nada respondeu e ficou a olhar para o tio, com o aspecto dos idiotas.

— Hás de confessar-me, hoje, qual tem sido o teu modo de proceder.

— Eu?! . . . articulou Angélica.

— Sim. . . tu, tens que sido uma devassa. . . uma dessas coisas sem definição!

Misser Gargouche desembainhou o punhal. Sua sobrinha, á vista da atitude que ele tomava, deu um grito de terror e quiz levantar-se; mas, as pernas lhe fraquejaram.

— Caluda! . . . resmungou o bárbaro Gargouche, apontando-lhe a lâmina sôbre o peito.

Angélica, ao sentir o bico do ferro lhe golpear o seio, esmoreceu totalmente, e mal poudo dizer:

— Perdão! meu tio. . .

— Eu não sou tio de uma pústula tão escandalosa e ruim; confessa-me a verdade, sinão, te coserei ás punhaladas. . . Fala, meretriz abjeta.

— Mas. . . não sei. . . de que me acusa. . . gaguejou Angélica.

— Inocente! . . . E isto que aí tens? . . . e Misser Gargouche, assim dizendo, tomou o ar de Otelo, enquanto que designava o regaço da sobrinha.

Angélica curvou a fronte e desatou a chorar. O fidalgo enfureceu-se ainda mais e rugiu:

— Excomungada! queres provar com lágrimas a tua pureza? . . . Hei de te abrir o ventre e estirpar d'aí este novo sobrinho. Nunca julguei que um monstro da tua espécie; um abôrto da natureza fosse capaz de encontrar amantes! . . . Para me desonrar a vida, só faltava um ente como tu, megera dos infernos. . . Eu, que na minha família, nunca tive uma prostituta! . . . Confessa a tua infâmia, mulher danada! . . .

— Eu ainda me conservo casta. . . Lance-me o seu perdão, si é que desconfia de um crime. . . murmurou o produto teratológico.

Misser Gargouche soltou uma gargalhada nervosa,

contraiu os lábios e disse amargamente :

— Julgarás que eu seja um burro?! Pois não vês, que estás muito distante de Maria Santíssima, para teres concebido sempre virgem?! Serei um louco, que me deixe enganar pelas tuas lábias?!

Angélica Gargouche caiu de joelhos; abraçou as pernas do tio e continuou a chorar com desespero. O fidalgo bateu com o pé e bradou-lhe :

— Anda... dize-me logo, como te sucedeu isto... Fala, diabo!..

— Nada tenho a dizer.

— Vais dize-lo imediatamente... e manejando o punhal, principiou a enterra-lo de vagarinho nas carnes da sobrinha.

Esta, sentindo a agudeza do ferro e vendo a resolução do tio, disse com um esforço de voz :

— Espere! Si eu lhe disser a verdade, me perdoará a falta?

— Perdão, desgraçada.

— Eu estou realmente perdida.

— Bem, que ja te decidiste; agora vamos á narração. Conta-me logo, quem o industrial?

Angélica murmurou um nome, que apesar de baixo e estrangulado por um soluço, foi ouvido, comtudo, distintamente, por Misser Gargouche. Este, assenhoreando-se da confissão da sobrinha, deu um salto da sua cadeira e poz-se de pé, com os olhos esbugalhados de assombramento e sem saber o que obtemperasse. Angélica, por sua vez, ocultou o rosto entre as mãos, patenteando o quanto aquele nome, pronunciado por si, era ignominioso e soava mal ao próprio ouvido, comprovando tambem que se via incapaz de encarar por mais tempo a bestialidade do seu crime. Misser Gargouche, não obstante o atordoamento em que estava, proferiu no fim de alguns segundos :

— Que disseste?... Aquele bicho?!..

— Sim... gemeu Angélica, quasi desmaiada.

— Tu és uma alimária... Não deves viver.

Imediatamente agarrou a sobrinha pelos cabelos, er-  
gueu a lâmina e cravou-lh'a no peito. A moça mal deu  
um suspiro e caiu morta. Uma mortalha de sangue co-  
briu-a em poucos instantes. Misser Gargouche ficou a  
olhar para a sua vítima, com o punhal prêso na mão e  
gotejando sangue. Baixou-se em seguida, apanhou a lan-  
terna e saiu. Atravessou um corredor, deu numa sala e  
penetrou num quarto pequeno e escuro. Em cima de  
um leito estava estendido um corpo, envôlto nos len-  
çóis. Apesar da precaução usada pelo invasor, ele mo-  
veu-se, dando, por esta fôrma, sinal de vida. Era o oran-  
gotango. Percebendo o símio, que alguém, áquela ho-  
ra, lhe invadia o aposento, sentou-se na cama e princi-  
piou a mirar. Misser Gargouche estava possesso. Enga-  
tilhou a pistola e disse por entre os dentes :

— Espera, diabo horrendo ! que eu ja te arrumo. Esta  
bala tem a propriedade de festejar os pais.

Apontou a arma e fez fogo, sem que depuzesse a lan-  
terna no chão ou sôbre qualquer móvel. O estampido  
reboou violentamente. O orangotango expeliu um grito  
raivoso, atroando todo o espaço ; saltou do leito em bai-  
xo, e com uma rapidez de felino atracou Misser Gargou-  
che. A lanterna desprendeuse da mão que a segurava  
e fragmentou-se no solo.

Travou-se então, entre os dois monstros, uma luta ás  
escuras. Um, monstro por natureza ; o outro, por cará-  
ter. O antropoide, dispondo de uma fôrça enorme, não  
podia, entretanto, utiliza-la á vontade, porque se sentia  
esgotar pelo ferimento recebido, que lhe vasara um olho  
e fôra sair na parte inferior do cráneo. Comtudo, Misser  
Gargouche foi subjugado, e o orangotango, na sua fúria  
de hidrófobo, começou a dilacera-lo ás dentadas. Re-  
petidas vezes levantou o corpo do fidalgo e atirou-o con-  
tra o ladrilho. Só deixou de exercer a sua vingança,  
quando caiu morto para o outro lado.

Ao ruído ocasionado pelo tiro e pelo combate das fe-  
ras, acudiram diversos criados e em desordem. Um es-  
petáculo pavoroso fazia desviar todas as vistas. Misser

Gargouche, horrivelmente disforme, com os lábios mutilados, e a verter sangue por muitas partes do corpo, era uma coisa repelente. O orangotango jazia-lhe próximo, com um olho arrombado pela bala e o outro fóra da órbita. O terror apoderou-se de todos esses fâmulos ignorantes e supersticiosos; procuraram Angélica, e o mesmo quadro de morte surgia aos olhos obscurecidos pelo horroroso.

Não souberam explicar os fatos, e acusaram fortemente o orangotango. Diziam ter ele cometido os dois assassinios; em Misser Gargouche e sua sobrinha Angélica. . . Assim se definem muitas coisas no mundo.

Na mesma noite, em que estes trez monstros se exhibiram, algumas horas antes, a viscondessa de Chiourme tinha ido cair e chorar aos pés de Pierrot Follet, para que ele lhe salvasse o irmão. O declínio do reinado de Luiz XIV foi grande, porém, em acontecimentos fúnebres.



## XLVIII

### A quebra de um juramento



marquez de Clisson conservava-se numa das prisões de Aix, excluído de visitas e sem que fruisse algumas horas de inocente palestra com os seus amigos. A esposa e a irmã diticilmente obtinham licença para ve-lo, e isto por alguns minutos... Era uma detenção brutal!

Um quarto lúgubre, onde não penetrava uma só rês-tea de sol, era o destinado ao marquez. Sempre á noite, mais abatido se mostrava o prisioneiro; consumia-se com aquella solidão, agravada pela nudez de quatro paredes. Já não ignorava, desde a véspera, qual a sorte que lhe era reservada. Tinha comparecido perante o Conselho que o devia julgar, e ouvira com toda a fleugma a sua condenação: manteve-se, portanto, como um homem.

Cinco membros da *Liga Provençal*, sob a chefia do príncipe d'Arlemont, tinham lavrado a sua sentença. Esse Conselho de sangue, um simile da Câmara Ardente, — havia deliberado a sua prisão perpétua, a se cumprir na Bastilha, ou do contrário, a abjuração solene de todas as suas crenças religiosas e políticas. O marquez não dera o menor sinal de mágua, e há muito que parecia esperar por aquella decisão iníqua e rancorosa. Quando recebeu ordem de regressar ao cárcere, disse

para os seus juizes, com um sorriso de escárneo :

— Venais ! nunca alcançareis de mim uma retratação infame : este papel pertence-vos.

E deu-lhes imediatamente as costas. Um mosqueteiro levantou o braço e esbofeteou-o.

— Não sejas atrevido ; respeita os teus juizes... exprobrou o esbirro.

— Sim ; esmurra-me a face... replicou o marquez, passando a mão pelo rosto. . . Estás no teu direito.

Voltando-se então para o senhor de Saint-Pont, verberou-lhe com impetuosidade :

— Príncipe ! porque não censurais o vosso subordinado ? Ignorais ainda, que isto, que acabo de sofrer, se pode realizar comvosco, no dia de amanhã ? !

O príncipe d'Arlemont empalideceu e baixou a cabeça. Envergonhara-se do ato, para o qual concorrera com tanta infâmia. De algum modo quiz justificar-se, e disse para o guarda, com muita severidade :

— Recolhe-te á prisão.

O marquez de Clisson ergueu a fronte ; espargiu um olhar de desprezo e marchou para o seu cárcere. Si ele ostentava em público essa altivez aos tormentos que lhe eram impostos, — não devemos crer que fôsse natural. A tempestade rebramia-lhe no peito ; no silêncio da sua prisão derramava lágrimas de angústia. Dormira, mas, não recuperara as forças, porque os pesadêlos o perseguiram de contínuo.. Amanhecêra acabrunhado ; aos 32 anos de idade ja simulava um caquético.

Uma palavra sua era bastante para o livrar dessa prisão perpétua, que se lhe designava nas escuras masmorras da Bastilha ; mas, há espíritos excêntricos. Clisson não tinha pudor, nem energia para conter os impetos desordenados de sua irmã, de sorte que viviam numa excelente paz ; mas, sabia ser honrado e firme nas suas opiniões políticas e religiosas ! . .

As suas decepções da vida de áulico contribuíram poderosamente para este modo de proceder. O seu banimento da côrte de Luiz XIV incitara-lhe a vingança ;

viveu, d'aí em diante, para ela. Assim odiou o seu soberano, e no intuito de lhe vibrar maior golpe, tornou-se protestante. Uma vez com estas idéas, pensou, discerniu e comprehendeu que tinha esposado a verdade. Para que se efetue o repúdio da realidade, é preciso que o caráter esteja prostituído. O marquez de Clisson não era totalmente lavado de sentimentos. E desta fórma recusava, com heroísmo, ser o assassino da própria consciéncia. Que lhe importava a morte ou a prisão perpétua? Já não fôra aviltado com o maior sarcasmo?!

Durante o dia ninguem lhe appareceu, afóra as sentinellas rudes e brutais. Achou-se possuído de uma melancolia enorme; recusou o alimento que lhe era oferecido. Deitado no seu leito, que lhe ficava no fundo do quarto, conservou-se todo o tempo; até, para maior tortura, voltou-se á parede, afim de não olhar a luz coada e sombria, que entrava pela grade. A' noite não prestou atenção quando o guarda lhe veio acender a lamparina; deixou-se estar envólto em mil pensamentos. Seriam dez horas, e abrindo-se a porta da sua prisão, deu passagem a um homem, embuçado numa grande capa. O marquez levantou-se. O desconhecido vinha só; não pronunciou palavra e resolutamente sentou-se na borda do leito.

— Quem é? . . . interrogou o marquez, bastante intrigado.

— Um amigo, que vem tratar da sua liberdade.

— Então, bem vindo seja.

— Mas, é preciso excessiva cautela.

— Peor um pouco. Julguei que fôsse uma coisa resolvida.

— Assim é preciso; do contrário, sou eu quem ficará na ratoeira.

— Fale, que eu serei pronto em obedecer.

— Ainda não me reconheceu?

— E nem quero, desde que se confessa um amigo. Os bons são os que vivem á distância.

— Eu sou Pierrot Follet.

O marquez de Clisson, ouvindo este nome, estremeceu involuntariamente.

— Como?! . . disse ele. . . Não era um dos meus perseguidores? Não é amigo do príncipe d'Arlemont?!

— Mas, hoje tenho um compromisso. Sua irmã pediu-me a sua liberdade. Eu arrisco a vida, porém, prometi salva-lo.

— Oh! si a minha liberdade redundar na sua desgraça, eu a rejeito. Já não estou preso e condenado? Não estão satisfeitos?! . . Deixe-me, portanto, com as minhas agonias, e pode retirar-se.

— Não. . . contestou Pierrot Follet com fleugma. . . Além de eu ter jurado salva-lo, compreendo também, que não praticar assim, é fazer-se de monstro. Nós não devemos contribuir para as injustiças; eu fui um réprobo quando apoiei a sua prisão e o persegui. Agora mudei completamente de alvitre; quero lavar-me da nódoa que me conspurcava.

— Está muito consciencioso! Admiro-lhe a honradez! Que significa isto?

— Oh! sr. marquez! não me injurie! . .

— De nenhum modo. Si eu falo sério!

— Bom; vamos ao caso. Vim exclusivamente para faz-lo fugir.

— Tão cedo! . .

— E' verdade; não quero que sofra mais.

— E como se arranjará esta fuga?

— Tudo está preparado. Comprei a sentinela da meia noite, e ela nos deixará seguir em paz. Esta mesma noite, depois de se ter avistado com a família, é imprescindível que o marquez se ponha a caminho: irá para Zurich, na Suíça. Amanhã, quando derem pela sua evasão, já estará longe, e além disto ninguém saberá que estrada tomou. A sentinela vendida desertará, logo que tenha completado as suas horas de vigilância. Eu arranhei tudo da melhor fôrma.

— E não receia que seja descoberto e venha a sofrer por isto?

— Não ; eles não me julgam capaz de semelhante traição.

Houve, entre eles, um prolongado silêncio. O marquez pensava na sua fuga, e quais as consequências que resultariam d'aí ; Pierrot Follet esperava pela resposta decisiva. O marquez falou por fim :

— Explique-me, porque deve ser Zurich o lugar destinado a mim ?

— Tenho um amigo nessa cidade, e ele capricha em me ser agradável. Ninguém melhor o poderá guardar.

— Si eu fôr preso ainda uma vez, será uma fatalidade ; então esta fuga concorrerá grandemente para a minha perda.

— Aí o caso mudará de figura. Todos os fatos da vida são susceptíveis de perigo. Um pouco de cautela desviará tudo.

Conversaram ainda por muito tempo. Perto da meia noite Pierrot Follet ergueu-se, deu o braço ao marquez de Clisson e convidou :

— Vamos ; aproveitemos a ocasião, que é chegada.

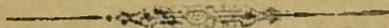
O irmão da viscondessa de Chiourme nada replicou e deixou-se guiar. Ao pisarem fóra da prisão, a sentinela aproximou-se deles, afim de reconhece-los : trocou breves palavras com Pierrot Follet, e permitiu que seguissem em paz. Os fugitivos, prevalecendo-se de rodeios e sempre taciturnos, demandaram o palacete do marquez, sem que encontrassem um só curioso durante o trajeto. A marqueza de Clisson e sua cunhada os esperavam no terraço. A noite não tinha luar ; mas, o céu estava limpo e estrelado, qual si fóra no verão. A marqueza, ao lobriga-los, quási desmaia de prazer : correu a abraçar o esposo ; chorava, como si estivesse acometida de um grande mal. A viscondessa de Chiourme não sabia como demonstrasse a sua gratidão ao favorito ; este mostrava-se orgulhoso e grave.

No fim de uma hora apresentou-se um págem trazendo dois cavalos selados para a viagem : um era destinado ao marquez, o outro seria cavalgado por si. O eva-

dido fez as suas recomendações, abraçou a todos detidamente e partiu em seguida. A alegria, que a sua fuga produzira, transformou-se em amargo pranto. A marquiza de Clisson, essa mulher arrogante, sentia-se desfalecer, sem que um alívio lhe viesse bafejar a alma.

Que é o orgulho? . . . Um pouco de fumo, que se evapora de um corpo em ebulição, e logo desaparece no espaço. « Orgulho! . . . disse Byron. . . desce os olhos dos céus sôbre ti mesmo; e vê como os nomes mais poderosos se vão refugiar num coração. »

A marquiza de Clisson chorava; portanto, o seu orgulho se tinha quebrantado. A lágrima é o emblema da fraqueza, assim como a prece é o produto da credulidade. Os corações sensíveis não podem esconder o pranto. Chorar, é confessar-se fraco, e sobretudo, humano. Até mesmo os imbecis soluçam, mormente quando se estortegam nos arrôchos do dissabor.





## XLIX

### Um nome que se risca do livro dos vivos

**Q**UANDO, pela manhã, o carcereiro foi visitar o quarto em que estava preso o marquez de Clisson, ficou verdadeiramente embasbacado: a célula estava solitária. Depois compreendeu que se havia efetuado uma fuga. . . Mas, como?! A porta da prisão se conservava trancada como ele a deixara; a chave estivera sempre consigo. Poude avaliar que o marquez se servira de uma chave falsa, e que infalivelmente fôra auxiliado por alguém na consecução do seu plano. Em seguida passou a fazer uma revista em todo o quarto e nada descobriu que atestasse a evasão por outro qualquer lugar, a não ser pela porta.

Chamou á sua presença as sentinelas da noite; dentre todas se assinalava o desaparecimento de uma. Não restou a menor dúvida, que fôsse ela quem favorecêra a fugida do marquez de Clisson. Mas, para onde tinham seguido os fugitivos? . . . Ai estava o nó Górdio. Sem que apparecesse um Alexandre, ele não seria cortado.

Poz-se todo o destacamento em diligência, e as autoridades de Aix mostraram-se aflitas pelo fato sucedido. O príncipe d'Arlemont parecia louco; esbravejava e maldizia-se. Exectou muitas prisões e redobrou de ameaças; prometia, por conta e risco, arcabuzar os complicados.

Dos interrogatórios poudo coligir algumas provas, que eram um tanto agravantes. Um soldado revelou, que estando, alta noite, de vigia num bôco, próximo á casa de Pierrot Follet, dela vira sair o companheiro evadido. Isto foi um raio de luz. O padre d'Avesnières, que assistia ao depoimento, sorriu ironicamente. Fez retirar o soldado e voltando-se para o príncipe d'Arlemont, disse-lhe com império ;

— Mandai reunir o Conselho ; Pierrot Follet é criminoso.

— Como o prova ? .. interpelou o príncipe, tomado de espanto.

— Facilmente. Ele é amante da viscondessa de Chiourme ; esta pediu-lhe a liberdade do irmão ; ele prometeu-lh'a. Vai, compra o soldado, introduz-se á noite no cárcere, tira o marquez de lá, e concede-lhe, desta fôrma, a liberdade exigida. Sem isto não teríamos de ver esse soldado penetrando alta noite na sua casa, e depois desertar na mesma hora em que o marquez de Clisson fugia.

— E' uma verdade ! .. concordou D'Arlemont. .. A história tem cabimento.

— E' o que vos digo : mandai reunir o Conselho. Precisamos de muita energia, sinão seremos bigodeados pelos traïdores.

— Mas, si tudo isto fôr uma suposição, redundando, entretanto, na condenação á morte do amigo Pierrot Follet ? ! ..

— Pouco importa. . . E' a vida de um homem que se perde.

— Oh ! padre ! v. rev.<sup>ma</sup> é peor do que eu !

— E' o que vos parece. Sou unicamente inflexível.

— Bem ; hoje se reunirá o Conselho.

— Lembrai-vos do vosso juramento.

O príncipe d'Arlemont tratou immediatamente de convocar cinco membros da *Liga Provençal*, e á noite se reuniu com eles no castelo de Saint-Pont. A questão foi aventada e sujeita á deliberação dos sócios. O padre

d'Avesnières ainda aduziu novos esclarecimentos.

— Pela minha policia secreta eu soube. . . disse ele. . . que trez dias antes da escapula do marquez de Clisson, o carro da viscondessa de Chiourme estacionou á porta de Pierrot Follet. A conversação, travada entre eles, prolongou-se por mais de uma hora; quando a viscondessa entrou novamente no carro, vinha acompanhada pelo amante. Pierrot Follet conduziu-a até ao palacete do marquez, e aí dormiu essa noite.

— E' evidente a sua criminalidade. . . confirmou o conde de Saint Flour.

— E para maior accusação. . . continuou o padre d'Avesnières. . . sabemos que um dia antes de se realizar o fato de que tratamos, isto é, a fuga do marquez, — o nosso Pierrot Follet retirou-se da cidade. Isto foi calculado; assim queria ele innocentar-se, si um dia chegássemos á descoberta da sua tração. Pobre hobo! enganará os outros, menos a mim, que sei perfeitamente o que é o mal, e adivinho onde o diabo dorme. Um camponez contou-me que se encontrara com Pierrot Follet. Seriam nove horas da noite e ele regressava á cidade. Apesar da precaução, em vir occulto numa capa, não escapou ao reconhecimento. Todas estas coincidências cooperam para a sua culpabilidade. Assim de sermos admitidos na *Liga Provençal*, prestámos um juramento terrível. Aquele que fôsse infiel ao pacto, que se baseia na defensão da santa religião católica, romana, incorreria na pena capital, imposta por seus irmãos. Pierrot Follet é um traidor; não defende a sublime causa da Igreja, fazendo ainda mais, — que triunfe um dos seus inimigos. Qual o castigo da felonía?

O jesuíta tinha falado convincentemente; para homens sem brio e já identificados no mal, isto era bastante. Em poucas palavras ficou resolvido que Pierrot Follet seria condenado pelo seu crime de alta tração. Uma votação cerrada decretou-lhe a morte; cinco homens não trepidaram em se banhar num lago de sangue. Pierrot Follet fôra um dos juizes, que condenara

o marquez de Clisson ; agora era julgado com desmedido furor pelos seus pares, por aqueles mesmos que se confessavam seus amigos.

Este Conselho sanguinário e inquisitorial decidiu tambem que a execução seria por meio do punhal, e isto sem que o público entrasse no conhecimento do fato. Era preciso que um dos membros fôsse o encarregado da justiça. Aqui a questão se complicava e assumia caráter mais grave ; voluntariamente ninguem se queria incumbir de tal empreza.

Recorreu-se a um meio expedito e indubitavel ; a sorte. Inscreveu-se o nome de cada um dos sócios, em pequenas tiras de papel, e tirou-se uma delas ao acaso. Aí estava o nome do conde de Saint Flour. Era ele, quem, desde este momento, tinha de vibrar o punhal que roubaria a existência de Pierrot Follet.

Quando leram o seu nome na cédula, o miseravel conde empalideceu visivelmente. Condenado a ser assassinado ! . . . Matar um seu amigo, só porque um juramento estúpido, prestado num pacto de sangue, o obrigava a isto ! . . . E como evitar, si a sentença ja estava lavrada ? Tambem não sentia ele a ponta aguda do punhal se lhe cravar nas carnes ? . . . Como fugir, si o passo, que o tinha de precipitar no abismo, fôra iniciado ? ! . . .

O padre d'Avesnières interpretou perfeitamente a luta que se ateava naquele peito. Quiz tira-lo desse martírio e disse em auxilio :

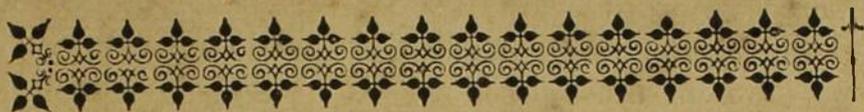
— Vacila, sr. conde de Saint Flour ? . . . Treme ante o dever, e tanto mais, sendo-lhe imposto em nome da religião ? . . . Não sabe que este mundo é um vale de lágrimas, e ao qual só viemos para um sofrimento profundo ? . . . Coragem ! apague esta palidez cadavérica, que lhe transtorna o rosto. Não esmorecer um instante ; lembremo-nos que Jesus Cristo o disse : « Nem todo o que me diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus ; mas sim, o que faz a vontade de meu pai, que está nos céus, esse entrará no reino dos céus. » E qual será essa vontade, sinão o sacrificio pelo Filho ? . . . Tra-

balhar ativamente ; sofrer com paciência ; e até morrer, si preciso fôr, como os primeiros mártires, — eis tudo quanto reconheço de grandioso e nobre. Nada de fraquezas ! . . . As próprias mulheres são heroínas, como Joana d'Arc e Zenóbia de Palmira : milhares de virgens se sacrificaram pela fé do Calvário.

— Eu não recuo ; aceito a missão... e creio firmemente que Deus assim o quer, do mesmo modo que impeliu os guerreiros para a cruzada na santa Jerusalem. . . completou o conde de Saint Flour, porém, sempre transfigurado.

— Perfeitamente ! . . . confirmou o jesuíta, e fez, com a cabeça, um sinal de adesão.





## L

### O príncipe d'Arlemont completa o seu crime

**B**MQUANTO esse tribunal despótico-deliberava a morte de Pierrot Follet, sem mais nenhuma formalidade, afora uma vontade infame e sanguinária, a princeza d'Arlemont compunha as suas **Memórias do Sepulcro**.

Sentia-se morrer, e como o cisne, na linguagem do poeta, queria soltar o derradeiro canto. Assim deixaria uma lembrança da sua existência no mundo e da sua passagem rápida e fantástica. Fúnebres **Memórias!** orvalhadas com o pranto do desespero, sem que um sorriso de ventura lhes viesse fingir uma sombra de grandeza. Empregou a maior parte da noite em escreve-las, com toda a sinceridade de que era ornada. Não consentia que o futuro fizesse um juízo desfavoravel sobre o seu caráter, ou lhe prestasse um elogio imerecido. Essas **Memórias** seriam um fidedigno conselho para sua filha, que principiava a descortinar o infortúnio.

No dia seguinte a princeza estava pálida e ameaçada de febre. Uma tosse pertinaz e seca a perseguia sempre. Pela manhã passeou no jardim, ao lado de Heloisa d'Arlemont, e conversou-lhe muito tempo, em voz baixa. O padre d'Avesnières, que se conservava numa janela, occulto pelas venezianas, sentiu-se remordido de curiosidade. Por tudo desejava assonhorear-se daqule segredo, que lhe parecia tão grave e circumspecto. Uma vez

em que a princeza se demorou ao pé de um caramanchão, — pouco distante da janela —, notou o jesuíta que ella chorava. O crocodilo, nem sequer estremeceu de commoção piedosa; pelo contrário, saboreou no fundo da consciéncia uma alegria cruel! Imediatamente desceu ao jardim; abeirou-se das duas princezas e saudou-as. Ambas demonstraram, pelo semblante, as suas affeições. A presença do jesuíta as incomodava atrozmente. D'Avesnières quiz representar um papel de contrição, e arranjando um aspecto de misericórdia, dirigiu a palavra á princeza d'Arlemont:

— Alteza! crede, com toda a expressão da minha alma, que eu me compunjo da vossa infelicidade. Tendes um nome invejavel, não só por vosso pai, o duque de Provens, como tambem por vosso esposo, o muito alto príncipe d'Arlemont; mas, que desconformidade! . . . A vossa existência é um acervo de dores. Os potentados, nem sempre, são os que gozam da ventura na terra. E que devemos fazer? Já que o mundo é tão desgraçado e tão vil, soframos com resignação, para que logremos na celeste côrte a palma desejada. « Bem-aventurados os que sofrem, porque deles é o reino dos céus. » Tal foi a promessa do Redentor do mundo, quando, do cimo de um monte, falou á multidão que o venerava. Portanto, virtuosa e benigna princeza! tende paciência e fé. Si assim cumprirdes, ganhareis a corôa do altar divino.

— E' muito bonita a sua prática, mas, não me couvem. . . observou a princeza no auge do despeito. . . Padre! permita que lhe diga: eu o detesto sinceramente. Ninguem sabe quantos soluços estão sufocados dentro deste peito. O ocaso da minha vida aproxima-se, e os meus algozes poderão sorrir. Perversos! abreviaram os meus dias, escarneceram da minha bondade. . .

— V. Alteza é muito injusta! . . . e d'Avesnières pesou as suas desliais palavras. . . Acusar-me, sem razão alguma; odiar-me, sem um motivo forte! . . . Eu que tenho pugnado pelo vosso bem-estar, mereço tanto escárneo? Não; sêde mais judiciosa; a minha consciéncia não

tem uma só mancha que a enegreça. . .

— Isto é irrisório !

— Porque ? ! . .

— Não pergunte a causa, que terá o desprazer de ouvir amargas verdades. V. rev.<sup>ma</sup> justificar-se, é o mesmo que dizer um absurdo. O tigre tem desejos de se nutrir de sangue ; o bárbaro, de causar destruição ; e o hipócrita, de cometer torpezas. . . V. rev.<sup>ma</sup> está no último caso ; o seu hábito possui unicamente nódoas.

— Eu não discuto com mulheres, e principalmente, quando exacerbadas. . . Adeus ! . .

E o jesuíta retirou-se. A sua fúria era descomunal ; cerrava os punhos, contraía o sobrolho, cochichava vitupérios. A' noite encerrou-se com o príncipe d'Arlemont no seu gabinete, e aí deu largas ao mau génio. Alberto d'Arlemont estava ansioso pelo desfecho ; o jesuíta aproveitou a monção e disse :

— Desfazei-vos, por tudo, de tão grande obstáculo. Vossa esposa é o que há de péssimo. Uma mulher insolente é a perpétua desgraça do homem.

— Sei disto, padre ! . . Mas, qual o meio de me libertar de Laura ?

— Há muitos : dependem da escolha.

— Também sei... mas, de qualquer fôrma, sempre me sairei mal. Repudia-la ? Não ; não o deverei fazer. Não tenho um motivo que me absolva perante o público. Assim eu seria um outro Paulo Emilio, que repudiou a sua, pelo simples fato de ser incomodado. Eu não me quero nivelar com os gentios : sou católico, apostólico, romano. Faze-la entrar para um convento ? . . Também não ; o caso não muda de figura. Apressar-lhe os dias de existência ? . . Isto horroriza-me. Apesar da antipatia que lhe voto ultimamente, algumas vezes, quando considero, sempre me vejo acabrunhado de remorsos. Devo muito àquella mulher ; ela foi o meu anjo tutelar... Tem sido pura e sincera.

— Isto são asneiras, príncipe ! . . O remorso é uma coisa illusória. Não há nada que seja permanente ; a cons-

ciência humana é uma fantasmagoria. Muitas vezes o mal é superior ao bem. O homem, que tenciona trilhar o caminho da virtude, nem sempre é o mais feliz.

— E Deus?! Como se o pode adorar, sem obedecermos aos seus ditames?

— Calai-vos : Deus é a vontade do homem. Não julgueis que isto seja uma blasfémia. Deus, que vos incita para a luta religiosa, vos protegerá também nas tribulações da vida.

O príncipe d'Arlemont guardou silêncio e ficou a olhar para o jesuíta. Em seguida questionou brandamente :

— Aponte-me um meio de sair deste embaraço. Que deverei fazer ?

— Almejais a vitória em poucos combates ?

— Ah ! si eu a lograsse.

— E' facilimo : com uma taça de veneno tudo ficará resolvido.

— Não, D'Avesnières! . . . Diante desta horribilidade, eu recuo. . .

— Sois um fraco ! . . . Permitti que o diga.

— Embora ! a empreza, que lhe parece comezinha, eu a enxergo perigosa e má.

— Comigo não succede assim. . . e D'Avesnières falou com presunção. . . Quando eu intento uma coisa, arrisco tudo e a ponho em prática.

— Não contesto ; mas, eu posso derrotar-me e sofrer muito pelo crime.

— Qual ! .. vós sois o soberano da Provença e o poderoso comissário de Luiz XIV. Portanto, que vos assombra ainda, si é forçoso triunfar a religião ? . . . Vossa familia é incrédula ! . . .

— E' verdade. . . e o príncipe d'Arlemont fez novo silêncio.

Quando se decidiu a falar, ja o padre d'Avesnières estava impaciente.

— Vou empregar o veneno ; imploro o seu concurso.

— Com todo o gosto. Precisaes que eu forneça o agente ? . . . e o jesuíta não pôde occultar a louca satisfação.

— Preciso; não tenho veneno... respondeu D'Arlemont, com a voz trémula.

— Esperai um pouco.

D'Avesnières levantou-se agilmente, foi ao seu gabinete, abriu uma mala e dela tirou um frasquinho de cristal, que era verde pela cor do liquido. O jesuíta, depois de o ter examinado bem, voltou para junto do príncipe d'Arlemont.

— Aqui temos a solução do problema... disse ele, com um sorriso sardónico... V. Alteza não avalia o quanto é isto poderoso e rápido!.. Basta uma só dose para eliminar de vez qualquer existência. Quem teve a gentileza de me fazer presente deste frasquinho, foi um padre das missões, vindo da China: o tóxico é, portanto, da mesma terra, onde nasceu Confúcio. Eu agradei tal lembrança, como ninguem o faria. Por este mimo ficámos amigos íntimos. Recebi a sua última carta, no princípio deste ano, escrita do Brazil, daquela terra de Botocudos. Mas, vamos ao elogio do veneno; concordareis comigo, que vale a pena. No fim de oito dias morrerá, infalivelmente, o tipo que o tiver ingerido; ou antes, conforme a dosagem. A morte não é lá muito suave: produz fraqueza geral, dores de cabeça, ardência nos lábios e contrações nos nervos, que estalam repetidas vezes. Os olhos tomam um brilho extraordinário; o envenenado torna-se colérico, e sobretudo, estúpido. Algumas horas antes de expirar, perde completamente a razão e cai no estado comatoso. A intoxicação tem visões de atropina.

— Misericórdia! Isto é medonho!.. confessou o príncipe numa convulsão de assombro.

— Nem por isto. Juro-vos que a princeza agradecerá mais esta morte, do que viver condenada ás vossas injúrias.

— Mas, ela está tísica e não pode resistir á moléstia.

— E' o que avaliais. A tísica não é incurável, e outras vezes estaciona.

— Dê-me o frasco.

— Ei-lo : não o esvasieis sem proveito. Deste vidro dependem mais de dez vidas. Trez gótas do seu liquido num copo d'água são bastantes. O veneno tem a especialidade de não deixar cheiro, nem sabor ; só a água ficará meio esverdeada ; mas, não despertará suspeitas ao incauto.

— Principiarei o mais breve possível.

— Entendo, que sim. Quanto mais depressa, melhor. E contai comigo para o que fôr necessário.

Os dois criminosos separaram-se. O principe d'Arlemont quiz aproveitar o ensejo e dirigiu-se á alcôva de sua esposa. Apesar de não ser tarde, ja a princeza estava no leito, desejosa de recuperar uma parte das forças extenuadas. A porta do aposento conservava-se simplesmente cerrada, e a luz da lamparina espargia-se pálida naquele recinto. D'Arlemont cautelosamente empurrou a porta, que cedeu sem ruído ; afastou os sumptuosos reposteiros e introduziu-se como um gatuno. Independente de precaução, abafaria os passos no magnifico tapete : apenas precisava encontrar sua esposa a dormir. . . E parece que Satan, a Fatalidade ou o Aca-so caprichava em auxiliar áquêle facinora! . .

A princeza dormia ofegantemente : os cabelos em desalinho, a fronte coberta de suor, a face desbotada e o seio estuante. Tinha um dos braços fóra do leito : devia sofrer muito! . . D'Arlemont avizinhou-se e examinou-a ligeiramente como quem tem medo de ser surpreendido ; depois tirou da algibeira o maldito frasco, desarrolhou-o, e do seu conteúdo derramou trez gótas num copo d'água, que era sobre a cómoda.

O primeiro passo estava dado ; agora competia esperar pelo resto. Terminando a sua missão de envenenador, continuou ele a mirar aquella infeliz princeza, aquella fiel esposa que ia assassinar. . . Sentia, comtudo, um peso enorme no seu coração implacavel. Houve um momento em que vacilou e teve ímpetos do entornar aquelle tóxico ; mas, isto foi de rápido efeito.

Deu um passo para diante, debruçou-se a meio e bei-

Jou a face lívida daquella condemnada á morte. . . As lágrimas inundaram-lhe a fronte e ella despertou sobresaltada. Fez escapar um pequeno grito e levantou os braços, como si quizesse repellar um fantasma. Seu esposo chorava! . .

— Perdôa-me, Laura! . . dizia elle. . . Eu fui um monstro. Escarnei de ti, abusei da tua bondade. Vi as tuas lágrimas sinceras e rejeitei-as aborrecido. . . Quero o teu perdão e que não me repugnes ao beijar a tua face macilenta pelo soffrer da alma. Si exigires, te cairei aos pés e publicarei as minhas abomináveis culpas. Perdôa-me, Laura! . . Tem piedade de quem se deixou levar pelos conselhos satânicos, esquecendo que o olho da consciência não dorme. Eu tenho medo das infâmias que pratiquei. Como um alucinado não medi a distância que vai da virtude ao vício, e assim desci ao fundo do abismo, onde imperam unicamente as trevas. . . Perdôa-me; eu te peço compungido pelo Deus que nos criou.

O príncipe apertava, entre as suas, a mão da esposa, e soluçava como uma criança arrependida. A princeza também chorava! . . Quadro angustioso e terrível! . .

— Sim. . . disse a princeza com a voz convulsa. . . tu foste mau e perverso; abriste com as próprias mãos a pedra do meu túmulo e gargalhaste de fóra; mas, eu que tenho a piedade n'alma e a grandeza no coração, perdôo-te inteiramente todas as minhas desventuras. Vem; sê o esposo de outrora, embora ja seja tarde. Descansa a tua fronte atormentada de remorsos sobre o meu peito gelado de pezares, que ainda encontrarás alívio. Não me tentes beijar os lábios; talvez que elles te queimem pela sua frieza de morte. Dorme, Alberto; o Deus que eu creio, não é um Deus de sangue.

D'Arlemont estava ébrio de regozijo pelo perdão alcançado; mas, tudo era hipocrisia, unicamente envolta nos andrajos do crime. . . Ocultou o rosto no seio de sua esposa e adormeceu chorando! . . Nunca o género humano registrou scena mais trágica e mais degradante. Dormir com aquella mulher que estava designada para

sua vítima! Chorar, quando a taça de veneno esfriava sobre a mesa! Pedir perdão das faltas cometidas, quando o maior dos seus crimes se ia executar ali! . . . Que é a consciência? . . . Onde o dedo misterioso que o próprio D'Arlemont lingia recear?! . . .

E essa noite passou-se, como si fôra um sonho. D'Arlemont repousaria, pela última vez, ao lado daquela que se chamou Laura de Provins, e era incontestavelmente sua legitima esposa. Viu-a esgotar a taça de veneno, e sentiu-se prestes a desfalecer. Teve medo de si próprio: diligenciou soltar um grito de espasmo, e ele se lhe engasgou na rispida garganta. Cerrou os olhos e só os abriu quando a princeza depoz o copo vazio sobre a cômoda.

Era pela manhã.

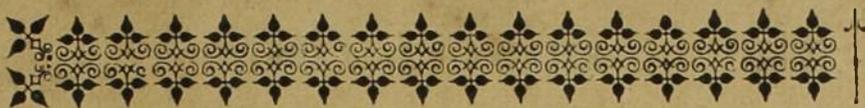
O leito parecia ter espinhos; D'Arlemont levantou-se. Desceu ao jardim e principiou a vaguear como um animal atônito. Tinha o passo trôpego e ás vezes acelerado; cometera um monstruoso crime. Em cada canto ouvia uma voz que lhe bradava:

— Assassino! que fizeste de tua esposa?

E suave e tremia como um cobarde. . .

Só pelas dez horas tratou de recolher-se ao castelo, e numa das janelas percebeu a desditosa Laura, que lhe enviava um sorriso de paz! . . .





## LI

### O mistério desprega o seu manto

**J**A cinco dias eram decorridos, depois da fuga do marquez de Clisson, quando, ao cair da tarde, se toldou o céu tão límpido e tão suave, e desencadeou-se a tempestade furiosa e negra. Em quinze minutos a cidade e o campo ficaram inundados por um aguaceiro que se estendia, como si fôra um imenso lençol. O vento açoi-tava rijo e impetuoso; as árvores curvavam-se até ao chão, rangiam e algumas vezes quebravam. Em toda a cidade não havia uma porta aberta; aquilo simulava um vasto cemitério, ponteados de sepulcros.

Pelas duas horas da madrugada amainara a tormenta. O rio Are soprava; um ronco desmesurado ia perder-se além. Ainda as vetustas árvores gotejavam, quando um cavaleiro transpoz o campo e penetrou na cidade adormecida. O seu cavalo enterrava a pata nesse alagado solo e a retirava preguiçosamente; seguia a passo, sem o menor indicio de viagem forçada. O cavaleiro, envólto num capote, provido de capuz, tinha o cuidado de esconder o rosto. Chegando á cidade, insinuou-se pelas vielas mais escusas, até que parou em frente de uma casa térrea, mas, de aspecto elegante. Apeou-se imediatamente; prendeu o cavalo a um poste e deu de marcha. Galgou a calçada um tanto saliente, e aproximando-se da porta, ficou a examina-la atentamente. Apesar

da noite, ele mostrou-se satisfeito com a inspecção e sacou uma chave da algibeira da capa. Nem uma só pessoa era acordada, para observar o gesto deste misterioso personagem.

Introduziu a chave na fechadura, e sem dificuldade alguma forçou a lingueta; empurrou a porta e entrou. Uma luz opaca iluminava a sala. Esta era a residência de Pierrot Follet. O cavaleiro trazia uma máscara, e desta fôrma não se podia revelar. Penetrando na sala, certificou-se bem de que estava só. Teve então o cuidado de cerrar a porta, afim de prosseguir na sua invasão. Tudo repousava nesta casa; ninguém pressentia o mal iminente. O misterioso atravessou um corredor e deu noutra sala, que, como a primeira, era iluminada frouxamente. Estacou e ficou pensativo por alguns instantes. A' sua direita via-se a porta de um quarto, cujo reposteiro pendente não consentia ver, si estaria aberta ou cerrada. O misterioso dirigiu-se para ela. Afastou o reposteiro e impeliu a porta: estava trancada... O cavaleiro sacudiu a cabeça, em sinal de descontentamento. Fez novo exame á fechadura, e segunda chave lhe saiu da algibeira. Aqui a precaução foi extrema; no fim de poucos segundos tinha vencido o obstáculo. Empurrou a porta; mas, ela era pèrra: forcejou e viu-a ceder com ruído. O desconhecido fez um gesto de enfado e entrou sem detença.

Um leito ostensivo, com as cortinas de sêda, totalmente descidas, occupava grande parte da câmara. Uma lamparina de azeite derramava um ténue clarão. O tapete de ramagens alegóricas cedia á pressão do pé. Um quadro de regular formato, cingido de ouro, embelezava a parede fronteira ao leito. Era a figura de *Vênus Calipígia* em completa nudez, a sorrir da própria sedução. Nada podia ser mais excitante do que esse desenho sensual, exposto ás vistas depravadas.

Logo que o cavaleiro se introduziu no recinto, alguem, com precipitação e rapidez, abriu as cortinas do leito e ergueu-se a meio corpo. Era Pierrot Follet. Acordara

com o ruído, e vendo diante de si um homem, com o rosto escondido por uma máscara, e um punhal scintillante desembainhado na mão, quiz soltar um grito de horror. Não sabia si era acometido de um terrível sonho, ou si estava nos braços da estúpida realidade. Como penetrara aquele extranho? Que viria fazer?.. Tudo isto lhe percorrêra a mente com a presteza do raio. Ia gritar, pedir socorro... mas, não o ponde. O misterioso, percebendo o seu intento, dissera:

— Silêncio! do contrário morre... .

Pierrot Follet caiu esmorecido no leito e tratou de ocultar o rosto entre as mãos. O mascarado abeirou-se da cama; segurou-lhe um braço e esgrimiu o ferro. O milionário cerrou os olhos: nem ao menos podia implorar; tinha desmaiado como um cobarde. O punhal desceu e foi se lhe cravar na garganta; uma golfada de sangue espadanou. A vítima começou a debater-se e a gemer surdamente. O assassino, com toda a ferocidade, tratou de lhe decepar a cabeça. Pouco tempo gastou na operação: o ferro estava afiadíssimo. Acabando de executar tão hediondo crime, tinha as mãos vermelhas, a feição de luvas de sangue. Agora competia fugir... e o scelerado assim fez. Trancou novamente a porta do quarto e retirou-se com a mesma cautela. Chegando à rua, havia o mesmo silêncio; ainda chuvia e a treva era densa. O assassino não queria deixar um só vestígio da sua passagem: venturoso até agora, esperava chegar ao termo. Depois de ter fechado a última porta, desceu a calçada, tomou o corcel e sumiu-se na escuridão. Cometêra o delito, mas, ninguém fôra testemunha de um só ato nesta noite funesta. A treva protegêra a sua iniquidade; a tormenta lhe disfarçara a passagem.

Rompendo o dia, tudo continuava na marcha ordinária, sem que uma simples novidade apparecesse de permeio. Na casa de Pierrot Follet, nada denunciava que um fato qualquer houvesse alterado a paz quotidiana. Os criados entregaram-se á labuta doméstica, e a

cozinheira preparou o almoço, como de costume. Às onze horas o milionário ainda parecia dormir; isto causou impressão a todos os fâmulos, porque ele costumava erguer-se diariamente às nove horas em ponto.

Ah! ignoravam absolutamente que ele estava condenado a não se levantar nunca!.. Não sabiam que ele, há muitas horas, era somente um cadáver!.. Esperaram até ao meio dia. Já, por mais de dez vezes, que a cozinheira tinha ido á porta do seu aposento, notando, com muito espanto, que reinava um silêncio completo, ao passo que a luz da lamparina continuava a arder naquele recinto. Deliberou bater, e foram baldados os seus esforços. Chamou os criados, e estes empregaram as mesmas tentativas.

A desconfiança assenhoreou-se de todos os servos: principiaram a crer que o banqueiro estava morto ou saíra alta noite, sem nada lhes dizer. Um deles foi á residência do juiz de instrução, e circunstanciadamente lhe narrou todo o caso. O zeloso magistrado apressou-se em averiguar o fato. Reuniu os empregados e os curiosos que desejavam saber da verdade, e marchou com eles para a casa de Pierrot Follet. Em chegando aí, concluiu ele que o homem estava morto, porque, si houvesse saído, chamaria alguém para trancar a porta da rua. — a não existirem duas chaves, visto que a própria se conservava presa á fechadura, por um cordel.

Em seguida o juiz convidou um serralheiro e ordenou que arrombasse a porta do aposento. A ansiedade dividia-se em todos os semblantes. Um grupo compacto estacionava junto á porta, esperando que ela cedesse, para dar entrada. A porta foi aberta finalmente, e escancarou-se com fragor. Todos quizeram entrar de supetão; mas, um espetáculo horroroso os fez recuar incontinente... Um grito de assombro escapou dos lábios de quantos presenciavam a scena. Os rostos tornaram-se pálidos.

Um cadáver jazia sobre o leito, cujas cortinas estavam suspensas. Havia um tronco separado da cabeça;

uma nódoa de sangue, que se tinha embebido nos colchões e nos lençóis, descêra pela borda da cama e formara uma grande pôça no tapete. Tudo estava rubro. A cabeça decepada ainda conservava as contorções da morte; os seus olhos vidrados e consideravelmente abertos pareciam fitar os espectadores.

Tudo isto concorreu para infundir a surpresa e o medo naqueles corações mofofos. Aquelas vistas pasmadas não podiam analisar o espetáculo, com a firmeza dos guerreiros. Perturbavam-se como mulheres histéricas. Emfim, nada mais contristador que semelhante scena. Todos vacilavam e não queriam crer que estivessem em face da realidade. Ah! muitas vezes a certeza torna-se um *horroroso*. Desejaríamos em tais casos, que a visão fôsse a autora do drama.

Mas, uma verdade existia: Pierrot Follet estava morto e bem morto. Competia descobrir como se dera o fato. Era evidente que fôra praticado um crime horripilante. Mas, como? . . . Eis a dúvida para todos os espiritos. O juiz não sabia que attitude tomasse, tal era a sua perplexidade. Em ato successivo reuniu os criados do morto e lhes fez um interrogatório longo e minucioso. Por mais que se esforcasse, nada conseguiu, comtanto que um raio de luz viesse aclarar o mistério. Não desanimou. Lavrou ordens de prisão e mandou recolher os miseraveis fâmulos.

O fato delituoso espalhou-se por toda a cidade e em poucas horas. Cada um que fizesse o seu comentário. A opinião mais geral era que o banqueiro fôra vítima de um roubo. O conde de Saint Flour, que tinha chegado, há poucos minutos, — ouvindo a história do crime, encheu-se de espanto, derramou lágrimas de dor e correu á casa do amigo, para abraça-lo ainda uma vez! Ele, chorando! . . . Que é a humanidade?! . . .

Pierrot Follet não tinha herdeiros; os seus bens seriam arrecadados pela Fazenda pública. O juiz mandou lavrar um termo, selou portas, escolheu depositários e tratou immediatamente do entêrro. Chamou peritos e or-

denou que se fizesse o exame cadavérico. Necessária formalidade da lei, e que muitas vezes degenera em ridículo, porque, quasi sempre, os incumbidos da vistoria são mais estúpidos do que mesmo o previram os sábios juriseconsultos.

Exatamente foi o que se deu com o corpo de delicto de Pierrot Follet. Um dos peritos queria, que, em vez de um assassinato, houvesse um suicídio, a ponto do juiz intervir e cabalmente demonstrar, que, quem se suicida, não consegue separar a cabeça do tronco. E, si nessa época ja existisse a guilhotina, não teria o nosso perito apadrinhado bem a sua suposição, com a circunstância de ser retirada a máquina pelo defunto cabuloso?! . . . Deduz-se da lógica desse corrompido perito, que o assassino fôra um verdadeiro beócio, pois, si houvesse premeditado melhor o seu crime, comete-lo-ia de sorte a deixar a dúvida: bastava que tivesse rasgado simplesmente a carótida da vítima.

A tarde ia sair o préstito, A's 5 horas estavam reunidos muitos convidados e diversos curiosos, que queriam acompanhar o morto á última assisténcia. O padre d'Avesnières e o principe d'Arlemont assistiam á scena com a palidez dos mortos estampada nos semblantes. Trez ou quatro carros principiaram a desfilar, emquanto uma multidão a pé se deixava guiar por eles. A plebe estava sorumbática! Toda a policia em movimento fazia investigações, embora nem os agentes secretos desvendassem o mistério. O crime fôra bem feito e melhor patrocinado. Ao deporem o cadáver no túmulo, o povo avançou, como si o quizesse devorar. Ninguem se contentava de olhar uma só vez aquella horribilidade. Todos desejavam mirar aquella cabeça separada do tronco e com os olhos desmesuradamente abertos. Saint Flour, que pegara numa das alças do caixão, limpava, com o seu lenço de seda, o suor que lhe escorria em bagas. Que corja de farçantes e de assassinos consumados!



## LII

### Um chamado a que se acode

**A** noite, quando o príncipe d'Arlemont se recolheu ao castelo, encontrou no seu gabinete uma carta com o selo real. Foi pressuroso em abri-la. Estava só, e quiz fazê-lo sem que ninguém presenciasse a sua exaltação. Quebrou o lacre, extraiu a carta, desdobrou-a com agodamento e começou a ler :

« Príncipe

Parta imediatamente. Em Dijon se encontrará com o Cavaleiro de Brienne, que lhe diz o que ordeno. É negócio grave o secreto.

Luiz, rei de França. »

O príncipe d'Arlemont repetiu a leitura desta carta por duas vezes, sem que demonstrasse estar satisfeito. Em seguida levantou-se, passou a mão pela testa e collou os bigodes. Era um chamado forçoso e ao qual não se podia furtar. Até arrependeu-se de ser grande : lutarria mais, nessa ocasião, si fôsse um pobre campónio. Assim estaria quêdo, a repousar pacificamente na sua paupérrima choupana.

Não atinava com esse negócio grave, que o Cavaleiro de Brienne, por ordem de Luiz XIV, vinha incumbido de lhe explicar. Sentia-se incomodado, cheio de pezares, de cuidados e de remorsos ; mas, era preciso par-

tir e logo. O seu soberano assim lh'o ordenava. Si não o fizesse, aí estava a Bastilha, ou talvez o exílio e o despeito do rei para persegui-lo sempre. Não tinha que pensar; o tempo urgia. Tocou a campainha e esperou alguns minutos. Apareceu-lhe um criado.

— Dize ao meu estribeiro que sele um dos cavalos: vou partir imediatamente e para uma viagem longa. Prepara a minha maca. Depressa.

O criado ouviu e voltou para executar as ordens recebidas. O príncipe d'Arlemont, ficando só, continuou a passear no gabinete e a gesticular ás paredes. Depois foi interrompido; alguém lhe batia na porta. Apressou-se em reconhecer o importuno e encontrou-se cara a cara com o conde de Saint Flour.

— Oh! por aqui, a estas horas?! . . . exclamou o potentado, com admiração.

— Desculpai-me, príncipe! venho trazer uma noticia importante.

— Sobre que?

— Há poucas horas fui sabedor do destino do marquez de Clisson.

— Que ventura! . . . Isto é sério?

— Nunca vos menti, Alteza!

— Vamos. . . desembuche; sou todo ouvidos.

— O marquez de Clisson foi encontrado por alguém, que me pediu reserva sobre o caso; e o tolo fidalgo, sem a menor cerimonia, revelou-lhe que seguia para a Suissa

— Bom... o sr. conde é um homem aproveitavel. Duas missões ja tem desempenhado com a maior sapiência. A primeira foi degolar o perjuro Pierrot Follet; a segunda é esta, e de muito alcance. O nosso soberano não o poderá esquecer. Trabalhe, que terá o prémio. Logo que eu me avistar com Luiz XIV, falarei a seu respeito.

— Obrigado, príncipe!

— Pode retirar-se. Fui chamado a Dijon. Vou partir.

O conde de Saint Flour fez uma rasgada cortezia e afastou-se á semelhança dos servos. O príncipe ficou meio indeciso, como quem procura uma solução. Pensou um

ponco ; nisto os seus olhos brilharam, patenteando alguma coisa de satisfatório. Bateu com ambas as mãos de encontro á testa e riu maliciosamente. Abalou-se através de salas e corredores em busca do padre d'Avesnières. Este escrevia, e ao sentir que alguém lhe penetrava no gabinete de estudo, voltou-se ligeiramente. Ao reconhecer o príncipe d'Arlemont, pintou-se-lhe no semblante um sério desapontamento.

E porque? .. Qual o motivo desta decepção?! .. E' que o jesuíta communicava, numa carta ao padre Lachaise, todas as scenas que se desenrolavam do castelo de Saint Pont, e temia, portanto, que uma imprudência do príncipe lhe viesse desvendar a infâmia. . . Si tinha sabido iludir até agora, não queria desmacarar-se depois de acreditado. Comtudo, conseguiu dominar-se, e fitando o príncipe d'Arlemont, com a maior ternura, saudou-o.

— Meu padre! .. disse-lhe a hiena da Provença... hoje preciso do revº, e mais do que nunca.

— V. Alteza manda ; sou um servo para obedecer-lhe.

— Não ; eu quero contar com um amigo, e não com um súbdito.

— Como quizerdes. . . Falai.

— E' indispensavel que parta para a Suissa : só v. rev.<sup>ma</sup> será capaz de dar fim ao maldito marquez de Clisson.

— Ah ! e ele seguiu para a Suissa ?

— Recebi uma denúncia, ha poucos minutos.

— Bem ; será desempenhada a missão. O marquez de Clisson deixará de viver.

— Um abraço, amigo !

E os dois hipócritas estreitaram-se fraternalmente. Nisto, o príncipe lançou os olhos sobre a mesa em que estava a carta do padre d'Avesnières, e leu de relance : « O nosso D'Arlemont não passa de um infame. » Uma suspeita profunda apossou-se repentinamente do seu espirito ; mas, o príncipe que era um falsário, não deu a menor demonstração de ter descoberto a perfídia do cúmplice ! .. Continuou a conversar com os mais es-

colhidos e delicados afagos, em voz meliflua.

— Também vou partir para Dijon. Recebi uma carta do rei, e tenho de entender-me com o Cavaleiro de Brienne. É um negócio grave e uma ordem a que não posso faltar. Entretanto, ainda não adivinhei qual o assunto reservado para se me explicar.

— Com certeza, a grande questão que hoje domina em França.

— Deve ser... e isto me transtorna muito; principalmente, quando a princeza vai expirar.

— É verdade... e o jesuíta sorriu.

— Eu que tencionava, ao seu último suspiro, lhe cerrar as pálpebras!..

— Paciência! Em primeiro lugar a salvação da pátria.

— É exato.

— Eu só temo uma coisa... disse D'Avesnières pensativo.

— Qual?

— Que durante a vossa ausência, o excomungado médico e o atrevido conde de Langeais se introduzam no castelo.

— Nisto não se meteriam eles; do contrário, farei cortar a cabeça a ambos. A minha justiça é inflexível: v. rev.<sup>ma</sup> bem viu como tratei ao rebelde Junghill.

— A coisa não é a justiça que V. Alteza fará executar depois: é a inconveniência que surge com a presença do dr. Fabre. Ele, observando o estado da princeza, sabe positivamente que ela morre envenenada.

— Tomarei as medidas necessárias, contanto que eles não se aproximem do castelo.

— Bom; quanto mais longe estiverem, melhor será. Sei que sobre o envenenamento, ainda mesmo descoberto, nada conseguirão fazer que prejudique a V. Alteza; mas, fica uma nódoa para a vossa vida. Cuidado!..

— Vou passar ordens terminantes aos meus guardas para que espingardeiem os miseráveis, apenas sejam vistos. Todas as noites rondarão sentinelas. Deste modo ninguém penetrará no castelo.

— Pensastes bem. Sois um portento!

O príncipe d'Arlemont deixou o jesuíta e foi entender-se com o seu cabo de confiança. Era um negro de Loanda, do mais horrendo aspecto: alma perversa, a vencer os próprios chacais. D'Avesnières, vendo-o partir, disse consigo, num sorriso todo irónico:

— Vai bêsta estúpida e vil!.. Eu não me esqueço que tu me preteriste em favor de uma nulidade. Chegou a vingança: hei de perder-te e elevar-me com a tua queda

A's dez horas já trez cavalos estavam encilhados para a viagem. O príncipe, antes da partida, foi á alcôva de sua esposa; encontrou-a na cama, envolta nos lençóis. A febre era intensa.

— Como passas, Laura?.. perguntou o monstro.

A princeza, ouvindo-lhe a voz, estremeceu, qual si recebesse um choque eléctrico, e voltando-se imediatamente para a parede, balbuciou:

— Envenenada...

— Como!.. Que dizes?!..

— Envenenada por ti.

D'Arlemont simulou um assombro: recuou, e logo avançando para o leito, estrugiu:

— Tens a coragem de me dizer semelhante coisa!.. Tu és a infâmia, a calúnia purificada.

A princeza ergueu-se, abriu a cómoda e tirando uma pistola, apontou-a contra o marido. D'Arlemont, vendo a arma abocada para si, e julgando que a princeza ia fazer fogo, principiou a tremer como um cobarde, e deu um grito medonho.

— Não tremas, pusilânime! Este deveria ser o prémio das tuas ações. Só uma bala poria termo aos meus dissabores; mas, eu não sou assassina como tu. Anda, vai cometer novos crimes; deixa-me morrer em paz. Satisfizeste o teu desejo; desaparece dos meus olhos. Eu não me comparo contigo, envenenador!

Ao grito do poltrão acudiram pressurosamente a baroneza Marion de Beziers e Heloïsa d'Arlemont. O príncipe, apenas viu esta, e exclamou lacrimoso:

— Que desgraça, minha filha! .. tua mãe queria assassinar-me! ..

— Pai! não o creio! .. Não é possível... Agora, si me disseres que tu a envenenas! ..

— Tambem, tu! .. Quanto sou infeliz! .. e D'Arlemont se desfez em pranto.

— Deixa-o chorar, filha! .. disse a princeza, no auge do despeito. .. E' o tigre que procura enganar á sua vítima, afim de melhor devora-la.

— Infelizes! .. murmurou a baroneza Marion de Beziens.

— Bem; eu estou de viagem... Talvez que ainda se arrependam de tanta perversidade exercida para comigo. Si não o fizerem: *Anáthema sit*...

E desapareceu como um bandido que foge da policia. O padre d'Avesnières ja o esperava.

— Conversastes com ella?

— Trataram-me rudemente; accusaram-me de envenenador.

— São perspicazes! .. Mas, não tem nada; quem começa uma obra, finda.

— Eu chorei, e o meu pranto não as comoveu! ..

— Que lá se avenham... Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

Um pagem acompanhava o príncipe. D'Avesnières conduzia um par de pistolas e um arguto punhal. Seriam estas as armas que Inácio de Loiola, ao morrer, legou aos seus discipulos? .. Si elle disse: «Cada membro da ordem será nas mãos dos superiores como um cadáver», e sendo isto a última disposição partida dos seus lábios, poderia nunca autorizar o crime? .. O seu fôto era humanitário e de pura disciplina; mas, indirectamente, praticou um mal irreparavel.

Partiram os dois malditos, cada qual em busca de um atentado infame. Ja lestes **Os companheiros de Jehú**, de Alexandre Dumas? Tendes lembrança daquellas terrificas passagens, quando os associados conspiravam nas trevas e saíam a lume, para a execução dos sanguino-

lentos planos?.. Igualmente praticaram o príncipe d'Arlemont e o padre d'Avesnières. Em todo o trajeto, o jesuíta e o envenenador conversaram pouco. Contudo, uma das vezes, disse o fidalgo :

— Padre ! esqueceu-me dizer uma coisa. . .

— Que foi ?!

— Há dois dias Laura exigiu a visita do médico da casa. Eu, que já tinha previsto esse inconveniente, despachei-o antes, observando-lhe que, tão cedo, não puzesse os pés no castelo. Logo que ouvi o pedido verbal de Laura, dei-lhe com um *não*, todo a propósito. Não acha que procedi com acerto ?

— Pois, não !.. V. Alteza é um danado de previdente.

— Livre-me Deus, rev.<sup>o</sup> padre !.. Um danado ?.. Que palavra horrenda !..

— Oh, príncipe ! não sabeis que isto é unicamente um modo de nos expressarmos ?.. Na dor, chama-se por Deus ; na ira, grita-se pelo diabo.

— Laura julgava-me tão pateta que eu lhe cedesse armas contra mim !.. Tinha que ver : eu propinar-lhe uma dose de veneno e em seguida trazer o médico para constatar o meu crime !.. Nesta não caíria o príncipe d'Arlemont. Ainda não enlouqueci.

— Tendes toda a razão.

A' noite, ainda dormiram juntos, na mesma estalagem, os dois facinoras. Quando se separaram, vinha rompendo a aurora. O padre d'Avesnières tomou a estrada da direita, e em breve se perderam de vista.





### LIII

## Despenhou-se no abismo

**O** negro de Loanda, após a partida do seu soberano, tratou de lhe satisfazer as vontades. Principiou postando sentigelas perdidas, em roda do castelo, destinadas a enviar balas, apenas notassem o menor vulto aproximar-se, e que ao grito de — *Quem vem lá?* — não obedecesse á ordem. Os dois primeiros dias passaram-se sem a menor occorrência; isto enfasiava ao cabo de confiança. Esse selvagem, acostumado á caça do tigre e do leão, tinha sêde de aventuras.

Na tarde do terceiro dia dispoz-se a dar um varejo pelos bosques circunvizinhos. O acaso, que tantas vezes tem favorecido ou derrotado os planos do homem, podia ser que desta feita contentasse os projetos do negro. O azeviche desejava encontrar-se com o conde de Langeais ou com o dr. Fabre de Liancourt.

— Quem sabe?! . . . dizia o bárbaro consigo. . . Pode ser que o diabo instigue áqueles dois fidalgotes e eles venham. . . e então eu os espeto com o meu sabre.

Preparou-se como um guerreiro; foi á estrebaria, escolheu o melhor cavallo e selou-o. O corcel era um raio na esperteza; assomado, árdego e formidavel, constitua-se um verdadeiro perigo. Quando tomava o freio nos dentes, nada lhe servia de embarço; transpunha valados, pulava muros, derrubava o que se lhe apresen-

tasse na frente, até cansar ou precipitar-se num abismo. O negro examinou-o ligeiramente e finalizou dizendo :

— Este é que me serve ; nele irei até á África, si preciso fôr, atravessando o mar a nado.

Montou e sumiu-se por uma esplanada ; internou-se depois num bosque que orlava um casebre abandonado, o qual servia de abrigo aos caçadores. Todas as suas tentativas foram infructíferas. Era impossível encontrar o que não tinha perdido. Já exasperado voltou ; o sol desaparecera no ocidente : dominava o lusco-fusco. Estrada á fóra, na travessia de um regato, o cavallo empinou-se nos dois pés, saltou para um lado, bufou como um animal indómito e arrojou-se no cerrado dos bosques : tinha-se espantado, desembestara. A causa foi simplesmente uma raposa oculta por entre as sargas, e que, ao pressentir a tropelada do cavallo, soltou um miau e fugiu. Estava o negro sacrificado ; o cavallo corria em direcção de um despenhadeiro íngreme, no fundo do qual as escarpadas rochas salientavam os agudísimos picos. Nada continha a fúria do animal ; peitava nos grossos madeiros, voava por cima de troncos, encolhia-se aqui, rebentava acolá. Tudo isto o africano padecia, sem escapar um gemido. Só antevia a morte. O vento lhe zunia nos ouvidos ; não mais pensava em coisa alguma. Em farrapos, ensanguentado e horrendo, era a figura do desespero.

O corcel tinha corrido centenas de braças, quando se achou em face do abismo ; não tocou a carreira e partiu para ele. Os olhos do animal scintilavam ; uma espuma de sangue lhe escorria da bôca. O negro quasi desmaia de pavor ; quiz saltar, mas não o pôde. O cavallo precipitou-se ; o bruto de Loanda firmou-se nos estribos e ambos voaram pelos ares, como uma só massa que procura o centro de gravidade.

As ponteagudas rochas foram o leito destes dois selvagens. Quem estivesse de fóra, ouviria distintamente a queda que se efetuara dentro do abismo. O cavallo quebrou o pescoço e desceu pelas escarpas, a rolar pe-

sadamente, enquanto o negro ficava estendido e coberto de sangue como um cadáver escoriado.

Bôa prêsa desejou fazer esta alma daninha, e como tudo lhe saiu ao contrário!.. O mal, algumas vezes, também encontra o seu prêmio. Lembramo-nos de um fato histórico, acontecido nos sertões de Pernambuco, e que narraremos sucintamente. Era em 1878. A sêca do Ceará estava no seu auge. As quadrilhas de bandidos percorriam as regiões flageladas, quasi desertas pelo fenómeno cósmico. Num desses grupos havia um sicário, — irmão do chefe —, perverso e infame até á torpeza. Roubava impunemente tudo que lhe caía nas garras, e do mesmo modo não respeitava o lar das famílias. Um dia este bandido invadiu a casa de um pobre velho e violentou-lhe trez filhas!.. Essa desgraçada gente só encontrou o alivio das lágrimas, e ainda chorava, quando lhe appareceu um outro salteador do mesmo bando, que logo indagou da causa e prometeu lavar com sangue aquella ignominia. Partiu o bandoleiro e se foi ter com o seu camarada, autor de tantas indignidades.

— Estás muito alegre! Viste passarinho verde?.. interrogou fraudulentamente.

— Ora! si estou!.. Passei um dia de rosas.. Regalei-me como nunca!..

— Que fizeste?

— Desonrei trez filhas do velho Tataiba.

— Homem! tu és um perverso!.. Ainda terás coragem de voltar lá?!

— Porque, não?.. Ficaram duas meninas, e eu as de-sejo ainda..

— Mas, eu não consinto.. Isto é miseria!..

E o bandido, voltando o pé atraz, levou o bacamarte ao rosto e disparou-o no peito do companheiro. Este caiu morto. Que tal?! Aquele sicário não disse que se regalara?.. Mas, como o fizera por infame, foi pago na mesma moeda, e triunfou Bocage com o verso da *Epistola*, que sentençaia:

« É castigo do vício o próprio vício. »

O nosso personagem, isto é, o negro de Loanda, encontrou no fundo do abismo o prêmio reservado aos seus horrores. Si quem pratica o bem está sujeito ao mal, por que razão, quem vive da iniquidade, não encontrará, agora ou no dia de amanhã, um tropéço á sua marcha? Que seria da sociedade em peso, si não existissem almas caritativas, cheias de abnegação? . . . Um Vicente de Paulo percorre as aldeias, os campos e os albergues; logo uma parte desses miseráveis que tiram de frio e choram de fome, têm um tecto para abriga-los e um pão que os sacie. Onde uma lágrima borbulha, há, por vezes, uma mão benéfica e carinhosa, que se apressa em enxuga-la com a ponta do seu dedo.

O cabo de confiança do repugnante príncipe, do envenenador como o duque de Cliton do **Livro negro** de Camilo Castelo Branco, ia ser, com certeza, o pasto dos abutres. Ali, naquele antro, ninguem o descobriria, e quando o fizesse, seria simplesmente para recolher uma ossada.

Emquanto o cavalo indomável na sua fúria e nessa carreira vertiginosa procurava a morte, — dois cavaleiros estranhos atravessavam a esplanada. Viram a rapidez do animal e adivinharam logo que uma grande desgraça ia acontecer. Olharam-se, trocaram algumas palavras e seguiram imediatamente pelos vestígios deixados. Nas árvores ficavam evidentes sinais de uma irreparável catástrofe: sangue, farrapos açoitados pelo vento. A noite não era totalmente negra; havia uma ponta de lua. Quando os dois se avizinharam da boca do abismo, pararam.

— Foi aqui. . . disse um deles. . . Deve ter morrido.

— Vejamos. . . respondeu o outro.

Aparearam-se; amarraram os cavalos no tronco de um velho pinheiro e resolveram descer. Ganhar o fundo do precipício, não era trabalho facilimo, tanto mais á noite. A ventania sibilava com um ímpeto tenaz; os grilos chilravam como uns insaciáveis. Os primeiros batentes de pedra, vencidos a muito custo, os desanimaram

completamente : o abismo era escuro como um subterrâneo situado muitos metros abaixo do solo.

— Um facho nos serviria tanto ! Sem ele, nada faremos

— Vou arruma-lo. Conheço uma árvore, que estando sêca, se presta otimamente.

Ambos saíram a explorar o bosque. No fim de quinze minutos encontraram a madeira de que necessitavam e sem detença prepararam, dos seus galhos sêcos, dois importantes fachos. Faltava-lhes fogo, o essencial.

— Como acenderemos isto ?

— Facilmente. Tenho algodão em rama : em uma pedra tirarei fogo com o meu punhal, que é de aço.

— Exatamente. Nem me lembrava !

Voltaram para o precipício. Um deles catou um seixo alvadio, prendeu-o na mão esquerda a pouca distância do algodão, que ficou em baixo, e feriu a pedra violentamente a golpes de punhal, como quem trisca. Saíram chispas e estas se comunicaram ao algodão. Adquirido o fogo, puderam aumenta-lo com folhas sêcas, e os fachos foram acêsos. Em seguida desceram os dois homens ao abismo, e gastaram mais de dez minutos para chegar ao sítio desejado. Era horrendo ! O africano aí permanecia num estado lastimavel.

— Morto ! . . balbuciou um dos cavaleiros, que denotava no porte uma acentuada gentileza.

O outro aproximou-se, examinou, colocou a sua mão sôbre o peito do negro.

— Não. . . o coração lhe bate.

— Então, salvemos este infeliz.

— A dificuldade está em retira-lo daqui para fóra.

— Lutaremos. E o cavallo onde estará ?

Alumiaram para o fundo do abismo.

— Ei-lo ; em baixo. . . Está morto.

— Vamos salvar o negro.

Ambos agarraram o corpo e principiarão a galgar as eminências com aquele fardo. Pesava como chumbo. Descansavam a cada passo, e no fim de meia hora viram-se fóra do perigo.

— Felizmente estamos salvos, e sem desastre da nossa parte. Que faremos agora? Não possuímos um reagente para fazê-lo voltar a si.

Nesse momento o negro estremeceu, abriu os olhos. O ar livre, o tempo decorrido após o choque, a transpiração abundante concorreram para isto. Delirava, contudo:

— Ah! conde de Langeais! fostes causa da minha desgraça. . . murmurou o bruto.

Os dois cavaleiros olharam-se estupefactos.

— Que queres dizer com este nome? . . . perguntou o de figura mais nobre.

O negro nada respondeu: desmaiara pela segunda vez.

— E esta! . . .

— E' indispensavel a vida deste negro; quero apoderar-me do seu segredo.

Novamente agarraram-se com o corpo e partiram. A beira da estrada havia um casebre. Bateram-lhe á porta, e não sem algum custo, foi aberta. Apareceu uma mulher, ainda moça e esfregando os olhos, como quem acorda naquele instante. Ao dar com a vista nos dois cavaleiros, que tinham ao pé de si um corpo imóvel, estendido sobre o dórso, ensanguentado, — ella recuou instinctivamente até ao meio da salêta.

— Meus srs! um defunto na minha porta! . . .

— Não, camponeza! é um desgraçado, que foi sacudido por um cavallo furioso no fundo de um abismo. Ainda não está morto.

A mulher, então, se aproximou da porta; olhou o corpo, depois fitando os dois homens, disse:

— Meu Deus! é o chefe dos guardas do sr. príncipe d'Arlemont! . . .

O assombro foi agora para os dois amigos; arregalaram os olhos, entreolharam-se rapidamente, franziram a testa.

— Que dizes, mulher?!

— A verdade, fidalgo!

— Fidalgo! . . . E porque me dás este este titulo? . . . Tu

me conheces? Descobriste algum distintivo em mim?

— Não; mas, os fidalgos se revelam pelo aspecto.

— Bem: deixemos isto de parte. Então, este negro é o cabo dos guardas do príncipe d'Arlemont?

— Eu não teria empenho em vos iludir.

— Vamos realizar um negócio?

— A's vossas ordens: proponde.

— Tens uma cama?

— Unicamente a minha; mas, é péssima.

— Serve. Si quizeres acolher este moribundo e dar-nos pousada tambem, receberás cem escudos de recompensa, comtanto que guardes segredo.

— E si me vier mal pelo passo arriscado?

— Nenhum. Que mal receias, mulher?

— A vingança do sr. príncipe, que é um homem poderoso e cruel.

— Guarda o segredo, e eu te livrarei da vingança.

A camponeza pensou algum tempo. Tinha medo do potentado da Provença, mas, o dinheiro a fascinava. Nunca possuiria cem escudos, e esta quantia era uma fortuna. Decidiu-so finalmente.

— Aceito, fidalgo!

Num relance o corpo foi conduzido para o miseravel leito. O homem, que falara sempre com a camponeza, disse ao companheiro:

— Volta; vai buscar os nossos cavalos; traze-os, que eu velarei ao pé deste moribundo.

O primeiro cuidado do enfermeiro foi lavar as feridas do africano e aspergir-lhe as faces com água fria. O negro tornou do desmaio. Percorreu todo o casebre com a vista espantada; cerrou os olhos, como quem quer enfeixar os pensamentos e abriu-os novamente.

— Moço! explicai-me como estou aqui!..

O cavaleiro contou-lhe, com minuciosidade, o ocorrido. Um raio de satisfação brilhou no rosto do malvado.

— Serei eternamente grato a quem fez tanto por mim. Antes de tudo: como vos chamais?

— Não te preocupe o meu nome; um dia te o direi.

— Si não sois o conde de Langeais, tendes a sua alma! . . Eu ja vos vi uma vez.

— Enganas-te. E, si fôsse ele, que farias?

— Agora lhe beijaria as mãos; mas, si fôsse antes desta desgraça, que me succedeu, mata-lo-ia.

— Tanto o odeias?!

— Não lhe tenho rancor; cumpria unicamente ordens.

— Pois fazes mal. O conde de Langeais não é um homem desprezível.

— Sei disto; mas, cumpria ordens.

— Quem te as deu, para obedeceres tão cegamente?

— Isto é um segredo. Ja vos disse muito, confiando na vossa bondade.

Calaram-se de vez. O negro adormeceu, sempre a olhar para o bemfeitor. Durante o seu sono chegou o outro cavaleiro, trazendo os animais que tinham ficado nas proximidades do abismo; os dois amigos conversaram muito tempo e fóra do casebre. Depois entraram. O que trouxera os cavalos estendeu o rocló e deitou-se sobre ele; o outro conservou-se alerta e a passear na salêta. O negro remexeu-se no leito e acordou. O cavaleiro, sempre vigilante, abeirou-se da cama; ergueu uma tigela, que estava no chão e continha uma bebida, e apresentou-a ao enfêrmo:

— Bebe; isto te dará a vida. Foste o homem mais feliz do mundo em não ter morrido imediatamente, e encontrares a mim.

O negro, com avidez, apoderou-se da vasilha; mas, antes de a levar á bôca, fitou o cavaleiro e curiosamente questionou:

— Moço! confessai-me a verdade: sois o conde de Langeais?

— Ja te disse que não; bebe e dorme. Amanhã conversaremos.

O bárbaro obedeceu como eriança: recaiu em môdorra. O cavaleiro igualmente tratou de dormir: tinha enfado e muita necessidade de repouso. Descansou quatro horas, e quando despertou, viu que o sol entrava

pelos buracos do casebre. Ergueu-se de um pulo ; o negro, com o ruído, deu acôrdo de si e falou :

— O remédio que me destes, serviu muito ; estou quasi bom !

— Para veres como são as coisas : eu dou a vida, e tu só queres matar ! . .

— Perdão ! foi a lei em que me criaram .

— Exijo que, de ora em diante, sejas um homem .

— E ja não o sou ? !

— Não ; o perverso, o ignorante, o despido de sentimentos nobres, não é homem, — é um bruto .

— Como a vossa linguagem destôa das doutrinas do sr. príncipe d'Arlemont ! . . Assim, só o conde de Langeais falava .

— Oh ! estás maníaco por esse conde ! . .

— Si sois o seu retrato ! . .

— Bem : si eu te dissesse que canheço o conde de Langeais, e ainda mais, que lhe tenho tanta amizade como a poderia ter a um irmão, e depois te pedisse para lhe poupares a vida ?

— Obedeceria ; agora sou escravo de outro senhor .

— Podias mentir-me ; não te creio .

O negro fez um movimento de protesto e retorquiu contristado :

— Tenho sido perverso ; mas, não violo a palavra .

— Gosto disto. Sabes de alguma coisa, quanto á vida do conde de Langeais ?

— Sim, sr ! . . Ele ama á princeza Heloisa d'Arlemont ; o príncipe opõe-se e jura mata-lo .

— Queres saber agora quem sou eu ?

— Faça questão .

— Quem quer que seja, me obedecerás ?

— Ainda que fôsseis o próprio conde de Langeais .

— Pois, bem : estás com ele de testa .

— O conde ? ! . . exclamou o negro, com a voz sumida e querendo levantar-se da cama .

— Sim .

— Perdão, sr ! . . Desculpai ter-vos ofendido tanto. Eu

não sabia que havieis de ser o meu bemfeitor.

— Estás perdoado ; exijo somente que me obedegas.

— E este outro cavalheiro quem é ?

— Perrique Van der Helst, meu irmão colação.

— Estou ás vossas ordens. Que pretendeis de mim ?

— A princeza morre, não é isto ? .. disse o conde de Langeais. . . Quero que esta noite me introduzas no castelo.

— Só quereis isto, conde ?

— Só.

— Estais servido : ainda que fôsse para apunhalar o príncipe d'Arlemont, eu me arriscaria.

— Não ; isto nunca. Tenciono fazer de ti um homem e não um monstro.

O negro sentou-se ; revistou os seus ferimentos e julgou-se apto para voltar ao castelo. Em seguida discreteou :

— Devo tornar quanto antes. Os meus guardas saíram a campo, visto a minha ausência, e é perigoso me encontrarem aqui, na vossa companhia. Eu me fingirei sempre fiel ao sr. príncipe, do contrário, estarei perdido e vós nada alcançareis. Contarei a minha catástrofe de uma maneira que iluda.

— Sim ; procederás de acôrdo. A' noite, onde nos encontraremos ?

— Junto ao portão. Hoje, não porei sentinelas, como o tenho feito nas outras noites. Farei recolhe-las ao quartel, afim de podermos nos introduzir no castelo, sem mais inconveniente. Notai bem, sr. conde ! ás onze horas deveis estar no ponto.

— Falas com a princeza ?

— Não, sr. conde ! .. Ela me odeia.

— E como entregarás um bilhete que vou escrever ?

— Tenho quem o faça.

O conde de Langeais, na folha de uma carteira, traçou algumas palavras, que atentamente releu. Extraiu a folha, dobrou-a a seismar e cedeu-a ao negro, depois de várias observações.

O africano partiu. Pela sua constituição robusta, parecia nada ter sofrido; mas, os ferimentos frescos e bem visíveis atestavam o contrário. Logo que Perrique Vander Helst o viu desaparecer na volta da estrada, observou a seu irmão colação:

— Ricardo! como confias assim?! .. Não receias uma traição?

— Receio; mas, quem não se aventura, jamais lucra.

— Si o negro, designando um ponto de reunião, receber-nos á bala de mosquete, que será de nós?

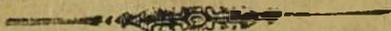
— Morreremos.

— Isto é o peor. Não fiz este contrato de morrer tão cedo. . .

— Não esmoreças, Perrique! seremos bem sucedidos.

— Ah! julgas que as delicias se fizeram para ti?! Lembra-te, que deves viver; tens mãe e irmã para zelar.

— Não me dão cuidados. Si morrermos hoje, elas terão um braço que as defenda. Ivette casará com Fabre; minha mãe encontrará um genro tão dedicado quanto um filho.





## LIV

### Audaces fortuna juvat

**S**r. conde ?

— Pronto.

— Aqui tendes o negro : acompanhai-me.

Assim foi o curto diálogo travado, ás onze horas da noite, junto ao portão do castello, entre o conde de Langeais e o cabo de confiança do príncipe d'Arlemont. Perrique ia tambem. Os dois irmãos levavam as suas espadas. Então o conde de Langeais aproximou-se do negro e cochichou :

— Como vai a princeza ?

— Muito mal.

— Quem entregou o meu bilhete ?

— Cervantine.

— Vamos.

Os trez seguiram. Pisavam com precaução, para que os seus passos não fôsem ouvidos, nem despertassem suspeitas aos espiões. Hoje, o castello de Saint Pont não é o mesmo daqueles dias felizes. Até a iluminação é diminuta e má. Parece um sepulcro revestido de círios. E, apesar de tudo isto, o negro caprichou em guiar os dois temerários pelos lugares mais sombrios e esquisitos. E tinha razão : era este o único meio de preservarem-se de um encontro nefasto. Deixou-os em um quarto estreito, apenas esclarecido por uma luz baça, e desapareceu. Voltou em breve, acompanhado de Cervanti-

ne. Esta, ao fitar o conde, prorrompeu em soluços e apertou-lhe tristemente a mão, enquanto gemia :

— A princeza morre. O luto ja invadiu este palácio. Vinde ve-la.

O fidalgo sensibilizou-se logo com este discurso, e sem mais demora deixou-se conduzir pela açafata. Perrique seguiu atraz. Chegando eles á porta da câmara secreta da princeza, pararam ; Cervantine entrou. . . dentro se ouviam soluços abafados. O conde de Langeais descobriu-se e enxugou uma lágrima importuna, que lhe acudia ás pálpebras. Quando Cervantine appareceu de novo, deu-lhes as mãos e introduziu-os no aposento. O interior oferecia um espetáculo comovente. Bem iluminado ; as cortinas do leito erguidas ; nesse leito uma moribunda a desprender o último suspiro sobre a terra ; ao pé da agonizante e de joelhos, num desespero terrível, uma virgem que incessantemente beijava as mãos da-quele semi-cadáver ; mais para um lado, á cabeceira do leito, o vulto de uma mulher que chorava ; em cima de uma cómoda, cercado de quatro círios fumegantes, um grande crucifixo de marfim.

A' entrada dos novos personagens, todos se voltaram. A moribunda abriu os olhos ; o Cristo pareceu sorrir do alto da sua cruz. Heloisa d'Arlemont ergueu-se convulsa, expeliu um gemido lancinante, atirou-se nos braços do noivo e desmaiou em seguida. Ele susteve-a e involuntariamente beijou-a na fronte. A baroneza Marion de Beziers segurou-a tambem ; chamou-a. . . foi debalde. Correu a buscar um reagente. . . Durante este lapso o conde de Langeais comprimiu-a nos braços e murmurou baixinho :

— Heloisa ! acorda. . . não queiras adormecer para sempre.

A sua voz era doce e grave. Agora que ele estava possuido de uma forte comoção, ela se tornara majestosa para os circumstantes. Como Graziela desmaiada voltou a si imediatamente, apenas Lamartine lhe pronunciou o nome, assim succedeu com Heloisa d'Arlemont. Quando

a baroneza tornou com o reagente, já a virgem se tinha sentado numa poltrona. Então os abraços se reproduziram efusivamente... mas, tudo aquilo era tão lúgubre!

A princeza d'Arlemont, com a presença do conde teve um sópro de vida; sentou-se no leito e sorriu! Coisa estranha!..

— Até que enfim!.. Morro consolada... balbuciou ela.

O conde de Langeais nada respondeu. Olhou-a tristemente; apoderou-se-lhe da mão esquelida e osculou-a com reverência.

— Será possível,.. disse ele, após algum tempo... que o abandono seja o prêmio reservado ás vossas incontestáveis virtudes?!

— Não importa, conde! Basta que aquele seja o companheiro da minha agonia... respondeu, apontando para a imagem do Cristo.

— Contai-me tudo, princeza; quero inteirar-me do que sentis e prestar-vos um socorro, si ainda fôr tempo.

— Um socorro! Oh! não... é impossível... O veneno é senhor absoluto do meu organismo.

— O veneno?!.. e o conde de Langeais involuntariamente recuou, com os olhos tresvariados, quais os de um louco.

— Sim; o veneno.

— Não vos compreendo!..

— Alberto envenenou-me.

— Horror! Aquele homem chegou a tanto!.. É possível!.. Não é um sonho o que ouço dos vossos lábios?!

— Não; é a realidade pura. Ele envenenou-me, uma noite, derramando a substância no copo d'água, que costumo beber. Nessa noite o maldito chorou e veio pedir-me perdão dos males que me tem causado! Que homem nefando! Que monstro depravado!.. Si eu soubesse, jamais que permitisse um assassino me orvalhar as faces com as suas lágrimas impuras. Creio que o instigador de tantos crimes, tem sido o padre d'Avesnières. Sinto febre, ardência nos lábios, sede abrazadora; doe-me a cabeça e tusso como os tísicos...

— E os vossos olhos como brilham, á moda de dois carbúnculos!..

— Sim; ja me disseram isto... o que admira num moribundo!..

— Porque não exigistes a presença de um médico?!

— Eu o pedi, e Alberto recusou obstinadamente! D'aí a certeza de ser ele o legítimo envenenador. Foram-me negados todos os meios; estou reduzida á condição de Ana Bolena. Ninguem me visita, porque há ordens terminantes para voltar quem quer que seja... Nunca imaginei, que eu, Laura de Provins, chegasse a tanta abjeção!.. Que grandes pecados cometi?!..

Reinava um silêncio fúnebre. Heloisa d'Arlemont tinha a fronte recostada ao ombro de Ricardo de Langeais: os seus cabelos esparsos constituíam-se de mau-to. Perriquet Van der Helst, com a espada, á guiza de bastão, e a barba lhe descansando nos copos, -- scismava profundamente. A princeza continuou:

— Como foi possível a sua entrada neste castello interdito?! Eis um mistério que não percebo!.. Quando recebi o seu bilhete, duvidei, julgando que fôsse uma nova cilada. Esmoreci totalmente, apenas Cervantine me disse que aquelle negro servira de portador.

O conde de Langeais apressou-se em detalhar o occorrido. A princeza exclamou:

— Deus é grande!..

— Justamente, e por isto precisamos tratar da vossa moléstia. O tempo urge; Perriquet irá a Aix, afim de trazer um médico.

— E' desnecessário: morreréi esta noite.

— Dissipai essa impressão; o vosso espirito conturbasse de agitado, e deveis serena-lo.

— Eu sinto a morte caminhar a passos rápidos. O que preciso, chegará em breve; conseguí que um criado de toda minha confiança partisse para realizar a missão.

— Quereis dizer...

— Que é um padre... completou a princeza.

Novo silêncio se fez. Laura d'Arlemont, cansada da

posição que mantinha, recostou-se. Há alguns minutos que os seus nervos se contraíam e estalavam a miúdo.

— Ouve? .. disse ela. . . Os meus nervos estalam. Admiro que presentemente esteja de bom humor! Creio que será devido á sua presença; dantes, eu era dominada pela cólera.

— Ouço distintamente. É um veneno excepcional! . . . Que homem nefando o vosso esposo! . . .

— A sorte assim o quiz.

E voltando-se, então, para a baroneza Marion de Beziérs entregou-lhe uma chavinha:

— Abre aquela secretária; vai ao segredo e encontrarás um manuscrito: eu o quero.

A baroneza executou prontamente. Laura d'Arlemont recebeu o caderno, folheou-o rapidamente e passou-o ás mãos do conde de Langeais.

— Aí tem as minhas **Memórias**. Seja depositário para transmiti-las á minha pobre Heloísa; ela não as pode guardar agora, porque vai cair nas unhas do tigre. Estes últimos dias nada escrevi; foi de tudo impossível.

— Juro que serei fiel.

— Bem... agora o último pedido de uma agonizante.

E a princeza rebentou em soluços.

— Não; não choreis. Sufocai o pranto; eu sou vosso escravo, e me vereis cumprir.

— Eu vou morrer. Si eu fui infeliz, mil vezes mais desgraçada será minha pobre filha. Ela já o é; ama e o seu amor está condemnado ás cinzas do sepulcro. Conde! o sr. ainda a ama? Ainda lhe tem aquele desvelo de outrora?

— Eu adoro-a; por ela tenho sofrido todas as calamidades, afrontado todos os perigos. Onde ela estiver, serei uma sombra ao seu lado, ainda mesmo que me despreze. Irei por toda a parte, e quem se atrever offendê-la, generará sob a ponta da minha espada. Os cavaleiros errantes procediam assim, quanto mais eu que sou cativo do seu destino. . . Eu amo! . . .

— Que alívio! . . . A minha gratidão não se define... respondeu a princeza d'Arlemont, apressando-se das mãos

do conde e beijando-as freneticamente.

— Ordenai.

A princeza continuou a prender as mãos do fidalgo entre as suas, e após alguns segundos declarou :

— O padre não se demora ; vem ministrar-me os últimos sacramentos. Imploro, que perante esse mesmo vigário da igreja, por aquele Deus que nos ouve do cimo daquela cruz, — receba minha pobre filha como sua esposa. . . Permita que eu goze essa ventura, poucos momentos, antes de morrer.

— Deus o sabe e eu o sinto. Um complexo de contentamento e de tristeza invade o meu coração. Contentamento, porque vou gozar de uma ventura na terra, que a sonhava unicamente realizavel no céu ; tristeza, porque essa ventura só terá successo á borda de um leito tenebre, quando vos despedis do mundo ! . . Juro que o vosso desejo será satisfeito, ainda mesmo que as legiões se precipitem neste aposento.

E voltando para Heloisa, que se desfazia em lágrimas, continuou, com a mão estendida no espaço, em attitude solene :

— Ouviste, pobre anjo, condenado a ter um leito nupcial á borda de um esquife ! nós voaremos juntos á eternidade. . . Chora, que são lágrimas de filha no regaço de sua mãe cadáver ; chora, que este mundo é um pântano de águas revôltas ; chora, que os teus soluços um dia serão ouvidos no seio da Imensidade.

— Nunca ! . . murmurou Heloisa, agitando a fronte.

E o conde tambem chorava ; Perriquer passeava á distancia, para disfarçar a comoção.

— Morrerei contente. . . balbuciou a princeza e teve um deliquio.

As crises repetiam-se a miudo. Neste interim o repositiro se abriu e appareceu o vulto de Cervantine.

— O padre ja chegou.

— Dize-lhe que espere um pouco. . . advertiu Marion de Leziers.

Quando a princeza tornou a si, foi inteirada da vinda

do confessor. Laura d'Arlemont estremeceu; mas, serenou imediatamente e disse:

— Chamem-no. . . Oh! como sinto o cérebro pesado! Que estupidez me entorpece! . . .

Cervantine, ouvindo a campainha, convidou o sacerdote e introduziu-o na alcôva. Era um respeitavel ancião, de olhar bondoso e triste. Ergueram-se todos á sua chegada.

-- Deus seja comvosco. . . saudou ele.

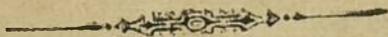
— Amen. . . responderam os circumstantes.

O ministro aproximou-se do leito da moribunda; ella estendeu-lhe a mão descarnada.

— Exigistes os meus socorros espirituais e aqui estou. Sei de todos os infortúnios que têm occorrido e vim. Si fôra um cobarde, não me arriscaria a cruzar os batentes, e ainda menos subir as escadas do vosso castello. Mas eu, que me votei ao sacrificio e fiz juramento de assistir aos moribundos, — não devo recear o martírio. Assim como eu tenho obrigação restrita de guardar o sigilo da vossa confissão, tambem é necessário que haja reserva sobre o meu desempenho. Quando quizerdes, falai; estou pronto a escutar-vos.

— Quanto antes; pouco me resta de vida.

Retiraram-se os circumstantes para a sala contigua. O conde de Langeais oferecêra o braço a Heloisa d'Arlemont, e esta se deixava arrastar num deploravel estado de aniquilamento. A ansiedade, o desânimo e a dor pintavam-se energicamente em todos os semblantes. O conde sentia o coração agitado e palpitando, como si lhe quizesse saltar do peito.





## LV

### Um leito nupcial ao pé de um sepulcro

**A** confissão não foi longa. A princeza não se podia submeter, por muito tempo, àquela prova. O padre no íntimo da consciência considerou-a infeliz esposa, mísera mulher, verdadeira mártir. Ouviu-lhe a última vontade, implorando ela que se realizasse o casamento de sua filha, antes de partir deste mundo; e, como um sacerdote probo, que sabe pesar as consequências, fez-lhe muitas ponderações sensatas. A nada acedeu a princeza d'Arlemont.

— Bem; quereis que eu me perea para sempre; a vossa vontade será feita.

Vibrou o timbre. Todos entraram na alcôva.

— Vinde assistir, irmãos, eu ministrar o pão da sagrada Eucaristia a uma penitente cristã, que, moribunda agora, se prepara à viagem da mansão eccleste. De joelhos, irmãos! . . .

Todos obedeceram como autómatos. O mais profundo silêncio imperou no recinto da morte. Nem um soluço, naquele momento solene, deu sinal de vida! . . . Finda a cerimónia sacra, o sacerdote estendeu a benção sobre todas as cabeças.

— Chegai-vos para o pé de mim... disse depois, designando o conde de Langeais e Heloísa d'Arlemont.

Os dois aproximaram-se. O padre começou a resmun-

gar o seu latim. Perrique Van der Helst, segurando uma vela, servia de testemunha. Heloisa estava tão pálida quanto sua mãe; tremia, tinha os olhos voltados para o chão. Logo que o sacerdote pronunciou a fórmula: *Ego conjungo vos in matrimonio*, — a princeza d'Arlemont prorrompeu numa gargalhada. Estava louca. O veneno ia produzindo todos os efeitos que o jesuita D'Avesnières prognosticara. O sacerdote, ouvindo a gargalhada, sentou-se perplexo; Heloisa correu espavorida, para abraçar sua mãe. . . Era o quadro mais lúgubre que se pode representar entre os humanos. O velho ministro da Igreja sentia-se molestado com aquelas scenas, e declarou então:

— Cumpri o dever como padre, mas, assinei o meu decreto de morte. Não importa; quando me devotei á religião do Crucificado, não foi para colher flores, e sim, para trilhar entre espinhos.

— V. rev.<sup>ma</sup> quer seguir para o meu castelo, em Narbonne? .. disse o conde de Langeais. . . Ao meu lado encontrará asilo, e sobretudo, consideração. O tigre da Provença não será capaz de ofende-lo. O rev.<sup>o</sup> irá comigo; minha esposa acompanha-me, porque é preciso salva-la das garras desse monstro que se intitula de *pai*.

— Obrigado, mancebo! .. O padre Rochetaille não recua diante de perigo algum; quando se convence que procedeu corretamente.

— Isto é uma teimosia da sua parte. Acautelar a vida é um dever sagrado, e nunca uma fraqueza.

— Sei disto; contudo, vou pensar. . . E' tarde da noite e devo partir.

O mesmo criado foi o incumbido de reconduzir o padre Rochetaille. A cada momento esperavam que a desditosa filha do duque de Provins exalasse o derradeiro suspiro. Após a loucura, veio o estado comatoso. Quando no relógio grande soavam cinco horas da madrugada, a princeza contorceu-se, estirou-se, ouvindo-se distintamente os seus nervos estalarem, e ficou imóvel. Acabava de morrer. Heloisa soltou um grito rouco, an-

gustioso, lancinante, e desmaiou nos braços do esposo. A baroneza Marion de Beziers desapareceu soluçando.

E coisa lúgubre! . . . O mais sensível e gemebundo funeral principiou a ser executado no organ. As notas carpiam sob os dedos de quem tivera tão original lembrança; espalhavam-se como lágrimas de fogo em todo aquele recinto, onde o espectro da desgraça acabava de armar o tòlido. Aquilo era o pavoroso na mansão dos mortos, porque traduzia fielmente a máguia dos corações golpeados pela fatalidade. O castelo revolucionou-se num instante. Perriqué Van der Helst e o conde escutavam com uma atenção religiosa, e alquebrados igualmente pela dor. Fámulos, guardas e camponezes correram a perguntar que significava aquella harmonia grave e plangente, quando a princeza estava agonizante. Todos obtinham a mesma resposta:

— Foi a princeza que expirou agora, e Marion de Beziers quiz lastima-la naquelas vibrações que choram!

E as portas foram abertas á concorrência pública. O castelo regorgitava de povo; a consternação era geral. Cada pessoa que affluia, se abeirava do leito para depor uma pétala de rosa, um goivo ou uma violeta sôbre o cadáver da princeza. Todos a adoravam, e si morreu abandonada, é porque seu hediondo esposo proibira expressamente qualquer visita. Ele não queria que fôsem testemunhas do seu crime.

A princeza fazia-se amar pelos miseraveis, que lhe encontravam no coração bondoso um lenitivo ás suas máguas; o príncipe, sempre perverso, era odiado por eles. As almas nobres concediam a devida justiça, quando tinham de tratar em tão desventurada esposa; si falavam sôbre aquele potentado fanático, envenenador e assassino, coravam de envergonhadas, por ter unicamente pronunciado o seu nome. A princeza era grande pela sua força moral, pelo seu caráter íntegro e decidido; o príncipe tornava-se temível pela sua prepotência de déspota.

O veneno, com todos os seus estragos, não conseguiu

ra desfigurar totalmente a majestosa Laura d'Arlemont : ainda se conservava com aquella beleza de um lírio desbotado pelos rigores da canícula. Junto ao seu leito estava um livro : o **Fédon** de Platão, pois ella morrêra, tendo lido do filósofo grego a sua doutrina sôbre a immortalidade da alma. O tapete da alcôva mortuária rescendia de flores olorosas, que se amontoavam á guiza de alcalifa. Si a princeza não era virgem no corpo, ostentava a castidade da alma ; e esta pureza é a única que nobilita a mulher.

Ja o organ tinha emudecido. Eram oito horas da manhã, quando os primeiros fidalgos appareceram. O conde de Saint Flour fingira uma cara de desgosto, para ver, si deste modo, lograria a afeição de Heloisa d'Arlemont. Foi o primeiro a entrar na câmara ardente. Ao dar com os olhos no conde de Langeais patenteou um assombro tão desmedido, que o esposo de Heloisa d'Arlemont, bastante contrariado, carregou o sobrolho.

— Por aqui, sr. conde de Langeais ! . .

— E' verdade, Saint Flour... Isto o incomoda muito ? !

— Não ; pelo contrário. . . Tenho o prazer de cumprimenta-lo.

— Obrigado. Da mesma fórma lhe retribuo a delicadeza. . . respondeu Ricardo de Langeais, com uma sombra de ironia.

Em seguida chegaram Augusto Javelot e diversos fidalgotes. A' vista do conde de Langeais, ficavam bestilicados. Com certeza, o esposo de Heloisa era um homem perdido. O príncipe d'Arlemont podia chegar dum momento para outro, e ai ! do moço que se atrevera a tanto ! . . O padre Rochetaille veio tambem ; estava visivelmente impressionado. Comentavam a morte da princeza d'Arlemont, e cada qual que expendesse a sua opinião. Ignoravam todos que ella morrêra envenenada. Um médico examinou o cadáver ; balançou a cabeça em signal de reprovação ; depois deu um movimento singular aos ombros, para significar o seu indifferentismo, e afastou-se da borda do leito. O esculápio enxergara envena-

mento; mas, julgou prudente silenciar. Interpelado sobre o seu diagnóstico, cingiu-se á seguinte exposição:

— A origem do mal, que lhe deu a morte, está nos nervos. Paixões violentas, cuja causa nos é desconhecida, — ocasionaram uma congestão cerebral, e assim lhe foi impossível sobreviver. Além disto, ela sofria de uma tísica, em grau bem adiantado.

— O que admiro... disse Augusto Javelot... é uma espécie de mistério ter envolvido sempre a sua moléstia!

— E não chamarem um médico!.. acrescentou o discípulo de Hipócrates.

— Realmente, quando o dr. Pérez Loriga é o médico da casa!.. Só, si o illustre príncipe ficou antipatizado de médicos, desde o procedimento indigno do dr. Fabre.

— Não é de razão. . . Si este caso se dêsse entre pessoas do povo, tinha desculpa; mas, no solar de um príncipe!.. Não se admite.

— Como não será imensa a mágua do sr. príncipe, logo que souber de tamanha fatalidade!..

— Pois, não!.. Morrerá de desgosto. . . comentou um dos lisonjeiros. . . Ele que era desvelado pela esposa, regressar da viagem, e em vez do amor, encontrar a tálamo vazio!..

— Isto é verdade!.. e Augusto Javelot acentuou as palavras... Si a tristeza, ultimamente, invadiu este castello, não é que o sr. príncipe a desejasse, e sim, pelas lutas violentas em que ele se vê comprometido a bem da nossa santa religião católica, romana.

A corja de fanáticos tirou o chapéu em sinal de reverência. O conde de Saint Flour conchegou-se para tomar parte no comentário, e aduziu:

— Exatissimo o que dizem. E para maior prova, vejamos este fato: o valoroso príncipe, amando á esposa, com todas as veras do seu coração lial, não se eximiu de a deixar enferma, e correu para ouvir as ordens do nosso soberano Luiz XIV.

— O padre d'Avesnières onde está?.. perguntou o médico.

— Acompanhou o príncipe. O decreto de 22 de Outubro, em alguns lugares, tem encontrado dificuldades na execução, e é de boa política, cerceá-las quanto antes. Brevemente as dragonadas virão ocupar as Cevenas, e dessa vez levaremos tudo a ferro e fogo.

O organ fez-se ouvir novamente. Aquelas notas evolucionadas pareciam dominar os espiritos. Os diálogos pararam. Muitos daqueles homens rudes, acostumados aos rigores da sorte, curvavam a frente e se desfaziam em pranto. Heloisa d'Arlemont gemia dolorosamente; o conde de Langeais amparava-a nos robustos braços.

A marquezia de Clisson, a viscondessa de Chiourme, Elisabeth Javelot e mais quatro irmãs de caridade cuidavam de amortalhar a princeza. Um grupo de outras irmãs, instalado no próprio aposento, cantava melodiosamente officios fúnebres. As vozes repercutiam naquele recinto lúgubre e maceravam profundamente os corações sensíveis. O organ não mais se calou; a baroneza parecia talhada de bronze para mostrar-se tão forte e tão inesgotável nos motivos elegíacos.

A's quatro horas da tarde saiu o préstito. Laura d'Arlemont ia repousar, para sempre, no jazigo da família, ao lado dos avoengos, d'entre os quais se destacava Renato o Bom, duque de Lorena e conde de Provença. A sua mortalha era bordada a ouro, e via-se esculpido, no seu caixão de mogno, o emblema de uma corôa principéscia. Um carro, vestido de crepe e tirado a duas parêlhas côr de ébano, era o destinado para a condução do cadáver. Os fidalgos acompanhavam em outros, enquanto uma multidão crescida seguia a pé. As irmãs de caridade entoavam os seus cânticos de morte. Ouvia-se, sem interrupção, o som plangente e retumbante dos sinos das igrejas.

Quando o enterro desfilou na cidade, na pátria de Tournesfort, o illustre botânico, — mal podia adiantar um passo, tal era a aglomeração de povo. Na catedral de S. Salvador erguia-se uma imponente eça; o caixão foi deposto sobre ela, e rodeado de círios. O padre Roche-

taille, acolitado de mais dois presbíteros, avizinhou-se do catafalco para fazer a encomendação. A filarmónica compareceu e fez realçar o *Memento*.

Dos interessados, só Perrique Van der Helst assistia à lóbrega cerimónia; o conde de Langeais ficara no castelo de Saint Pont, vigiando de perto a desditosa Heloisa, que tanto precisava de resignação. Uma censura grave e tremenda, relativa ao conde de Langeais, voava de boca em boca. Essas almas despeitadas e filhas da mordacidade ignoravam o casamento clandestino, realizado pouco antes do traspasso da princeza, e faziam, a seu bel prazer, um juízo torpe sobre o futuro da infeliz Heloisa.

— Está prostituída! . . . diziam uns.

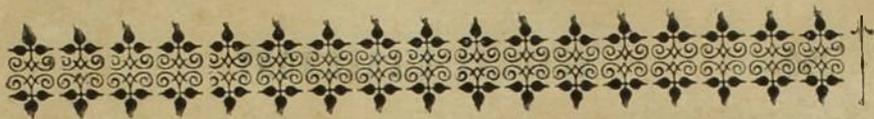
— A vingança do príncipe será terrível! . . . acrescentavam outros.

— Que escândalo insolente! . . . resmungavam muitos.

Perrique, aproximando-se de um grupo, pôde apanhar algumas destas palavras e guardou-as com discriminação. Logo que viu o ataúde descer ao fundo do jazigo, voltou para o castelo, e por mais de uma hora conferenciou reservadamente com seu irmão.

Desde manhã que um portador fôra expedido a Dijon, às expensas do conde de Saint Flour, afim de comunicar os graves acontecimentos ao príncipe d'Arlemont.





## LVI

### O tigre tem sêde de sangue

**A**o romper da aurora do dia seguinte á morte da princeza, seguiu Perrique Van der Helst com destino a Marselha, dez léguas de distância, no propósito de fretar um navio, por ordem do conde de Langeais, a fim de transporta-los, quanto antes, á cidade de Lisboa. Queriam fugir, pois receavam a surpresa do príncipe d'Arlemont. O conde de Langeais, que ficara ao lado de sua esposa, tratou dos preparativos de viagem. Projetava levar consigo a baroneza Marion de Beziers, a fidelíssima Cervantine, o negro de Loanda e o criado que fôra a Aix chamar o confessor da desventurada princeza.

Seriam seis horas da tarde, tempo suficiente para a volta de Perrique Van der Helst, e este não apparecia. O conde inquietava-se com a demora. Princípiavam a acender as luzes do castelo. Heloisa permanecia silenciosa ao lado do noivo; o conde estava pensativo. Pareceu-lhe notar um ruído, como o de muitas pessoas que sobem uma escada, e ergueu-se então da sua cadeira, tomado de sobressalto. Não teve tempo para mais. O príncipe d'Arlemont, acompanhada de seis ásseclas, estava em sua presença! Ele, que, para chegar a Dijon, andara dia e noite, a fim de entender-se com o Cavaleiro de Brienne e voltar na maior presteza, — encontrou-se, quando regressava e perto de Valence, com o emissário

de Saint Flour. Quanto ao falecimento da esposa, já o esperava; mas, o resto que lhe narrava a carta do conde, ele não previra. Então, d'aí em diante, correu. Reuniu os necessários sicofantas e determinou-se a exercer todos os crimes, comtanto que satisfizesse a sua vingança. Assim veio-lo penetrar a essa hora no seu castelo, com enorme espanto do conde de Langeais e verdadeiro pavor de Heloisa. O tigre da Provença, mal foi dando com a vista no genro, gritou-lhe furiosamente:

— Desgraçado! porque me vieste torturar ainda mais, e encher de nódoa o meu nome? Vais ter o prêmio da tua audácia: pagarás com a vida, sedutor!

O conde, tendo medido rapidamente os seus agressores com um olhar experimentado e provocante, levou a mão á cinta, na persuasão de que encontraria as armas. Enganou-se: elas não estavam comsigo, porém, a pouca distância, em cima de uma mesa. De um salto Ricardo de Langeais alcançou-as, e voltou-se para o príncipe, a quem desafiou:

— Si me quizerdes ouvir, nos entenderemos; do contrário, resistirei como um homem que não se apavora.

— Sim, conversaremos; mas, deste modo.

E em ato sucessivo Alberto d'Arlemont engatilhou uma pistola e disparou-a contra o genro. Mais quatro tiros se ouviram. O conde também fizera fogo e a sua bala atingira o sogro no ombro direito. Heloisa perdeu os sentidos aos primeiros sinais de luta e rebolou pesadamente de encontro ao soalho. Travou-se, d'aí em diante, um combate a ferro frio. O conde sentia-se ferido pelas balas inimigas; mas, de espada em punho fazia proezas como um paladino. Foi recuando pouco a pouco até á parede, onde, cobrindo a retaguarda, não mais consentiu que se aproximassem de si: era um leão na fumaça. Dois dos seus inimigos estavam fóra da ação, quando, ferindo o quarto, caiu exausto sobre um joelho e arremessou golpes a esmo. Havia perdido muito sangue. A espada lhe fugiu da mão; cerrou os olhos e abateu-se bruscamente. Os cinco miseráveis, que ainda podiam

lutar, voaram sôbre o conde, e alguns deles embeberam então os perfurantes ferros, que não tinham conseguido, enquanto o herói se conservava de pé. D'Arlemont reconheceu-se triunfante e rugiu :

— Aniquilei-o... graças aos céus !... Está morto o infame que me queria desonrar.

— Cuidado com o vosso ferimento, Alteza !... observou-lhe um dos bandidos.

— Não é nada. A dor é até bem suave : quem vence, não geme.

E voltando-se logo para sua filha, que estava estendida ao lado do esposo e coberta de sangue, designou-a aos sicários, acrescentando :

— Arrastem esta prostituta até á prisão que eu indicar

Os sicofantas obedeceram alegremente. O príncipe guiou-os a um quarto, que tinha por única mobília uma cama sem cortinado e sem lençóis.

— Deitem-na sôbre o leito. . . ordenou rudemente.

Em seguida trancou a porta e meteu a chave na almeida. Ao estampido dos tiros ninguém se apresentou no local. Todos temiam a cólera do príncipe ; cada qual que tratasse de acautelar a vida. A baroneza Marion de Beziers, que, retirada para um canto escuro da galeria, demonstrava pelas feições o terror que lhe ia n'alma, — foi descoberta, enfim, pelo monstruoso D'Arlemont.

— Foge da minha vista ; não me apareças mais, e conta que foste muito feliz em sair sem uma contusão !

Proseguindo na sua correria, descobriu também o esconderijo de Cervantine. Entregou-a aos vis executores.

— Dêem-lhe uma surra que sirva de exemplo.

Os satélites levantaram os paus que traziam em vez de espadas e começaram o seu festim. Malharam rijamente nas costas da açafata, a qual, banhada em sangue, soltando gritos e depois gemidos lastimosos, caiu inanimada.

— Basta ! . . . disse o príncipe. . . O mesmo castigo em qualquer criado que encontrarem. Conduzam o cadáver daquelle biltre que matámos e o atirem numa das salas do pavimento túrreo. Amanhã o mandarei deitar aos corvos.

Um sorriso selvagem deslizou nos lábios daquelas bestas humanizadas. Arrimaram com o cadáver ás costas e desceram as escadas. Numa sala escura e para um canto depositaram-no rudemente, como quem se livra de um fardo, e retiraram-se então. D'Arlemont ainda não estava satisfeito, tanto que reunindo os seus esbirros, lhes conversou com precaução :

— Resta-nos um feito a praticar. Vejam si conseguem, antes de amanhecer, apanhar vivo o negro de Loanda. Aquele maldito, em quem eu depositava toda a confiança, é o causador de tantas desgraças. Quero amanhã, das janelas do meu gabinete, ve-lo pendurado na mais alta árvore do jardim. Só a força me desabafa. Cuidado na sua prisão, para que não suceda uma catástrofe : o negro é valente como uma fera.

— Ele não está no castelo... observou alguém... Desde a chegada de V. Alteza, que desapareceu.

— Ah ! o bicho é matreiro ; desconfiou que eu não o perdoaria e foi dando de gâmbias ! .. Mas, não tem nada : silêncio ! .. e ele voltará.

— Que se faz dos nossos companheiros mortos e daquela mulher açoitada ?

— Enterrem os defuntos, e quanto á mulher recolham-na em uma prisão. Amanhã envia-la-ei para a cadeia da cidade. O menos, que lhe succede, é a deportação, quando não seja submetida á tortura. Levará uma denúncia, assinada por mim, acusando-a de calvinismo.

Os sequazes desceram e principiaram a rondar no jardim. O negro de Loanda não aparecia. Rompeu a madrugada. O sol ergueu-se no oriente. O príncipe d'Arlemont, que não pudera pregar olhos toda a noite, levantou-se também e correu a uma das janelas do seu gabinete, crente de ver o cadáver do negro pendurado na mais alta árvore ; mas, desenganou-se logo e perguntou irado ao primeiro guarda que viu :

— Quê do negro ? Não cumpriram as minhas ordens ?

— Saiba V. Alteza, que, por maiores diligências empregadas, ninguem foi capaz de o encontrar.

— O excomungado fugiu... Ah! negro feliz! Mas, não tem nada; mandarei tropas no seu encalço. Andem! vão buscar o cadáver do diabo; levem-no para o cerrado dos bosques e o deixem escondido numa profunda gruta.

— O cadáver do diabo!... gaguejou a medo o miseravel guarda.

— Sim, burro! Aquelle canalha que matámos hontem.

O guarda inclinou-se e saiu. Convidou os companheiros e foi ao pavimento térreo. Aí chegando, olharam e nada viram. O espanto de todos eles tornou-se indescri-tível, pois, certificaram-se nada mais existir na sala do que sangue sobre o chão. Ficaram pálidos de terror: não sabiam o que dizer ao príncipe! Mas, como tinha desaparecido aquelle corpo?! Seria por efeitos diabólicos, ou por acaso estaria o conde de Langeais ainda vivo e assim conseguira evadir-se? A única hipótese provavel era esta última; mas, eles o tinham examinado, e o conde estava bem morto. Ensandeceram; considera-ram-se perdidos para sempre. Alguem teria roubado o cadáver? Tambem, não... e si preciso fôra, eles jurari-am sobre este ponto. Ainda mesmo que se dêsse o caso, quem o interessado no roubo daquele defunto? E para que?! Como poderia um vivo carregar um morto, sem que deixasse de ser visto por tantas sentinelas?

Estavam perplexos. Não achavam explicação possí-vel. Sabiam unicamente que naquela noite não viram nenhum vulto transitar no jardim, e que era indispen-savel communicarem todas as ocorrências ao furioso prin-cipe. E o tempo corria. Finalmente, um dos sicários, o mais afoito, atreveu-se a ser o mensageiro da má nova, e dirigiu-se ao tigre da Provença.

— Que queres? De que vens tão pálido?!

— Uma grande desgraça, Alteza!

— O negro appareceu e matou alguém?

— Antes fôsse isto.

— Então, que desgraça é essa?

— O cadáver do conde de Langeais sumiu-se!

O príncipe que estava sentado numa poltrona, deu um

salto, e contraindo as feições, avançou para o guarda.

— Que dizes ?

— O cadáver não está no pavimento térreo.

— Quem o tirou ?

— Não o sabemos.

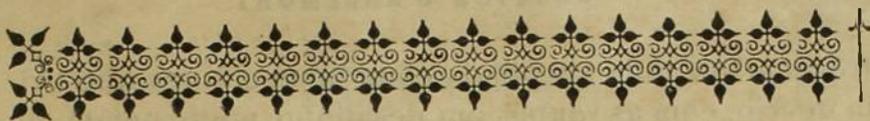
— Como ! . . Não sabem ? . . Que historia é esta ? Dar-me-ão conta do cadáver ou mandarei enforcar a todos.

E desceu as escadas de tropel. Chegou ao lugar em que jazêra o cadáver, e depois de ter pesquisado, adiantou tanto quanto os guardas. A dúvida fez-se no seu espirito. Esbravejou, ameaçou e expediu por fim os seus esbirros para darem uma batida nos bosques. Aquele desaparecimento trazia-lhe um profundo sobressalto.

— Que falta extraordinária me faz o padre d'Avesnières... disse consigo... embora o jesuita ja me esteja traíndo. Aquela carta que ele escrevia, no dia em que parti para Dijon ! . .

A' tarde, alguns aduladores correram a visitar o príncipe, no propósito de lhe prestarem elogios pela justiça, que acabava de executar. Quando lhe deram os pêsames pela morte da esposa, ele que, para recebe-los, tinha preparado o semblante das carpideiras, não se conteve por mais tempo e prorrompeu num pranto copioso ! Continuamente falava na princeza. Voltando os guardas, participaram-lhe que nada haviam descoberto. Em seguida mandou o príncipe conduzir Cervantine para a cadeia da cidade. A infeliz mulher estava rôxa de bastonadas, tumefacta e com a cabeça rendilhada de golpes. A baroneza Marion de Beziers evadiu-se cautelosamente : qual o seu destino, ninguem o soube.

Quanto a Perriquer Van der Helst, porque não vimos o seu regresso ? Qual a causa ? . . Nada mais justo : chegando em Marselha, não se aviou facilmente ; de volta, dois dias depois, foi inteirado de todo o occorrido, apenas se avizinhava do castelo, e discutindo consigo, resolveu salvar a vida. A sua presença seria motivo para novas desgraças, sem nada remediar.



## LXVII

### Perdôa-me, meu pai!

**I**NFELIZ da mulher, a vítima do homem, o efeito dessa grande causa, que se chama *egoísmo*, e que em toda a sua plenitude domina sobre os fracos. . . Desgraçada da mulher de outrora! . . . Escrava perante a sociedade, abjeta em face da religião. Adúltera e escarnejada muitas vezes, sem que se pudesse subtrair dessa rede de torpezas que a envolvia fortemente nas suas intrincadas malhas. Era, nem mais nem menos, o produto da ganância de um terceiro, a válvula de segurança do poderio estulto de um senhor, — dizemo-lo nós, com todas as forças da nossa convicção. A mulher-esposa era simplesmente a máquina de satisfazer desejos; a mulher-filha, uma nulidade, sobre quem exerciam o direito de vida e morte, como se viu em muitas instituições da antiga Roma, da velha Grécia e de outros povos orientais, — rebaixados ao papel de brutos; a mulher-rameira, um charco, ou antes uma cloaca, um esgôto de podridões. Já hoje a sociedade, embora sempre devassa, tem oferecido outro futuro á mulher. No século XVII os ressaibos da antiguidade, as torpezas da idade-média, eram muito recentes.

Heloísa d'Arlemont, abandonada no seu provisório ergástulo, só recebeu a visita do pai na segunda noite. Ele encontrou-a sentada na cama, com a cabeça oculta en-

tre as mãos, toda encolhida como uma criança que tiritava de frio, com as roupas em desalinho, muito pálida, de olhos vermelhos e túrgidos pelo excessivo pranto. Já quasi não derramava lágrimas; tinha soluços, mas, desses que se prendem na garganta. Ao ruído que fez a porta se entreabrindo e rodando nos quícios, a desditosa sobressaltou-se e ergueu a fronte. Deparando a sinistra figura de seu pai, apavorou-se, e de gatinhas fugiu para o fundo do leito, onde voltou a face contra a parede. Offendia-lhe á vista aquella claridade de lamparina, trazida por seu pai, e que inopinadamente penetrava no quarto. Acostumara-se, em algumas horas, á escuridão, e por isto preferia a treva. Não se tinha alimentado durante esse dia; e mesmo, que lhe dessem qualquer coisa a comer, não saciaria a fome. Dores lancinantes ferroavam-lhe o estômago: o apetite desaparecera. O príncipe, segurando sempre a lamparina, falou para a prisioneira, com uma expressão brutal e revoltante:

— Filha maldita! porque fizeste a minha infelicidade? Porque te foste encharcar na lama das sentinas, abandonando o caminho da honra, onde nasceste? . . . Transgrediste as minhas ordens, e enquanto eu desempenhava a missão do dever, tu te lançaste impudicamente nos braços de um amante... Uma filha dos Arlemonts prostituida! . . . Que horror! Como sou desgraçado! . . .

— Nunca! . . . protestou Heloisa, e voltando-se, ergueu altivamente a cabeça.

— Ainda me replicas?!

— Sim... O meu véu de virgem frizou-se apenas, mas, não se cobriu de nódoas. Eu, a mulher proscrita, a filha do infortúnio, amei e o meu amor foi puro como a flor que desabrocha aos raios do sol da primavera. O conde de Langeais. . .

— Morreu sob as balas e as punhaladas do pudor offendido. . . interrompeu o tigre da Provença.

— O conde de Langeais é hoje meu esposo e meu senhor, perante Deus e a sociedade.

— Teu esposo! . . . Como?!

— Quando minha mãe exalava o último suspiro, veio um padre : confessou-a e depois celebrou as nossas núpcias. Elas são válidas ; houve testemunhas, e basta que uma agonizante lançasse a sua bengam.

— Mentira ! .. Dentro da França, e principalmente na Provença, não conheço um padre que tivesse a capacidade de santificar esse escândalo... Tu me mentes, infeliz ! .. O teu casamento foi um concubinato.

— Não ; nunca me viste mentir... Amei ; quizeste opor um óbice ao desejo do meu coração, e eu não te neguei os meus sentimentos. O mais que me podes fazer, é como aquele bárbaro romano, que se mostrando excessivamente cioso pela honra de sua filha Virgínia, a esfaqueou. Derramaste o sangue de Ricardo ; porque poupas o meu ? Assassina-me também, e eu louvarei o teu braço.

— Si eu te quero martirizar ! ..

-- Praticas uma ação hedionda.

— Não quero saber disto ; ordeno que me reveles como se celebraram as tuas negras núpcias ; como o teu amante se introduziu neste castelo ; quem o padre que se atreveu a sancionar o teu concubinato.

— Negras núpcias ! .. Não ; não te expressaste bem ; dize : ensanguentadas núpcias ! Quanto ao mais, ainda que me desses todo o tesouro do mundo ; que me tornasses a mulher mais célebre do universo, — nunca o saberias da minha boca. Jurei um segredo e tenho prazer em guarda-lo. Ainda que não fôsse um segredo, eu teria o cuidado de emudecer, para que mais vítimas não se amontoassem... E saberias tudo, si me entregasses Ricardo vivo e são.

— Eu te submeterei á tortura ; assim falarás.

— Ilusão ! .. Sendo preciso, cortarei a lingua com os próprios dentes.

— Apronta-te para partir amanhã.

Aquele cérebro de mulher mimosa e juvenil ja não era o mesmo. Os choques se haviam reproduzido com intensidade, e rápidas alucinações se operavam. Ouvindo a ordem terminante de seu pai, a desventurada prince-

za levantou-se, caiu-lhe aos pés, abraçou-lhe as pernas, e num soluço de morte exclamou :

— Perdôa-me, meu pai ! . .

— Para ti não ha perdão.

— Meu pai ! tu dizes que existe um Deus . . . abandona-me á fúria desse Deus ; deixa-me vagar como a mendiga de aldeia em aldeia, para que a filha de um príncipe reconheça o seu êrro, si praticou um êrro.

— Levanta-te ; tu me incomodas com as tuas lamúrias. Eu não sei perdoar ninguém.

— Lembra-te dos nossos antepassados ; por eles, pelo Cristo que morreu no alto de uma cruz, afim de redimir os pecadores, — dá-me o perdão. O amor não é um crime. Tu amaste tambem ; esse dogma o recebi da própria natureza.

— Imponho-te que não me fales em amor.

— Pois bem. Nada mais sublime do que saber perdoar. O perdão emanou dos lábios do Crucificado. A tua religião ensina amar ao próximo ; perdôa-me, meu pai !

— Ela tambem ordena castigar os que erram ; e o que te vou infligir, é o castigo merecido.

— Sim ; mas, o castigo que não cause a morte. Si me tivesses feito cair ao lado de meu esposo, banhada em sangue como ele, — seria nobre ; mas, assim como pretendes fazer, — é horroroso ! . .

— Ignoras o meu desígnio e avanças na insensatez. Levanta-te, miseravel ! tu me anojas. Os teus soluços são um sarcasmo atirado á face de teu pai.

Heloisa, totalmente desanimada, compelida por outra alucinação, mas, que indicava somente o ódio, — abandonou os joelhos do pai, ergueu-se com um ímpeto de loucura e fitou-o atrevidamente :

— Monstro ! o sangue de Ricardo caia sôbre a tua cabeça. Assassino ! tu mataste e um dia serás punido. Envenenador ! a morte de minha mãe clamará vingança a todos os povos da terra, e Deus, que destroe um mundo, não consentirá que o verme escarneça da onipotência.

O príncipe d'Arlemont, bárbaro e violento, voou sôbre

a filha, prendeu-a pela garganta e descarregou-lhe muros. Quando a soltou, estava transfigurado horrivelmente: parecia uma hiena em atitude de luta. Com a violência do choque, Heloísa caiu estupidamente sobre o soalho e ficou inerte como um corpo sem vida. O desumano príncipe ergueu a lamparina, que tinha depositado no chão, para exercer a sua hediondez, e retirou-se, trancando a porta em seguida. Quando Heloísa tornou da sua síncope, era bem tarde. Instintivamente passou a mão pelos cabelos e percebeu que estavam molhados, assim como o próprio vestido e o solo em que jazia. A cabeça estalava e as dores cresciam, ameaçando febre. Tudo isso era o resultado de um ferimento que recebera na queda, preservando-a de uma congestão fulminante, que antes se tivesse realizado. Não pôde dormir durante essa noite. Pela madrugada abriu-se a porta do seu quarto. Era o pai, com o mesmo semblante de carrasco.

— Sai. . . ordenou ele, sem mais preâmbulos.

Heloísa obedeceu como um autômato. Uma liteira a esperava no pátio. A infeliz princeza, sempre muda e sem expelir o mais leve gemido, meteu-se no transporte. O príncipe d'Arlemont, cercado de guardas e cavalgando um lindo corcel, acompanhava a liteira. Partiram a passo vagaroso, em direção do ocidente.

Atravessaram colinas, montes, ribeiros, prados e finalmente o Ródano, depois de trez dias de viagem. Continuaram ainda na mesma marcha demorada e lenta, pelo espaço de dois dias, até que ao cair da tarde avistaram uma cidade grande e de aspecto aprazível.

A indiferença assenhoreara-se totalmente do espírito de Heloísa, ela, que outrora fôra uma vírgem literata, e sobretudo, sensível. A desditosa esposa de Ricardo de Langeais, que, durante o trajeto, não havia deitado a cabeça pelas portinholas, afim de examinar, mesmo de relance, as paizagens que se sucediam, — ainda mais se reconcentrou, quando percebeu que batiam ás portas de uma cidade. Ignorava o seu nome, bem como si ali seria o termo da jornada, pouco lhe importando que o

resto dos seus dias se escoassem num sono profundo, onde, nem mesmo o sonho tem a força de interrompe-lo.

— Eis a cidade de Nimes. . . disse um dos guardas para o seu companheiro.

— E' verdade. Eu nunca tinha vindo para estes lados. E' uma cidade bonita!

— Vês aquella casa grande? E' o mosteiro, onde se recolhem as freiras.

— Quantas jóvens encantadoras não estarão encerradas ali! . . . Vida deliciosa é para os frades, que se aproximam dos anjos.

— Não sejas profano. Os frades são uns santos homens, devotados á religião.

— Não digo menos. Afirmo unicamente que eles *apreciam*, isto é, *observam*, porque têm olhos.

— Cala-te com esta heresia. Estamos ao pé do mosteiro de Nimes. Respeito e fé, eis o quanto exijo.

..  
A's portas de um mosteiro! . . .

E assim morreu para o mundo a virtuosa e simpática Heloisa d'Arlemont, — a grande estrela da Côte de Provença. Quem a quizer observar na penumbra, leia o livro que se succede a este.

Ri

**FIM**

98  
Ri

A seguir-se no livro  
O MOSTEIRO DE NIMES.



## Índice

RETROSPECTO	
I — Ao século XX	1
II — A Europa no século XVII	II
UM CONSPIRADOR ( Prólogo )	
I — Os conjurados	1
II — Em Londres	5
III — A filha do banqueiro	10
IV — Repetem-se as aventuras	13
V — O barão de Latour du Pin	20
A CORTE DE PROVENÇA	
I — A caçada entre os nobres	27
II — Um fidalgo fugitivo	33
III — No fundo do mar a pérola	40
IV — Um gabinete singular	44
V — Um almoço divertido e nobre	50
VI — O som da trompa	57
VII — As mulheres sábias	64
VIII — Como se bailava outrora	69
IX — Amor de mãe	74
X — Um raio de luz no lar	79
XI — Conspiravam á meia noite	88
XII — Um dos inimigos do rei	93
XIII — As primeiras impressões	98
XIV — Um espirito que vacila entre dois abismos	105
XV — Um grande homem que não é conhecido	111
XVI — Entre duas garrafas de vinho	117
XVII — Onde se sabe da opinião de um sábio	123
XVIII — Trabalham na sepultura da pátria	127
XIX — Um idílio á sombra dos jasmineiros	133
XX — Termina por um desafio	138
XXI — Um jesuíta em scena	143
XXII — Decide-se a questão	148
XXIII — O que una surpresa pode ocasionar	154
XXIV — O remorso acompanhará o crime	159
XXV — A gota de veneno no cálice da flor	165
XXVI — Nova luta se declara	172

XXVII — Rompe-se o véu	
XXVIII — Um vulto que espreita nas trevas	
XXIX — Uma enferma que se reanima e vive	91
XXX — Uma solidão aprazível	197
XXXI — Um outro filho de Loiola que surge no proscénio desta narração	202
XXXII — Um infeliz condenado á morte	212
XXXIII — Os prenúncios de uma tempestade no lar	220
XXXIV — Um ato infame que se toma por virtude	227
XXXV — Como os espíritos se molestan e cons- piram	234
XXXVI — Carateres nobres	241
XXXVII — O total de uma adição de opiniões	251
XXXVIII — O emissário desempenha as suas funções	261
XXXIX — A resolução de um miseravel	271
XL — O dia 22 de Outubro	279
XLI — A tempestade redobra de fúria	285
XLII — A alegria faz medo	293
XLIII — Novos dados para a luta	299
XLIV — Consequências imprevistas	304
XLV — Como os acontecimentos preparam o terreno	311
XLVI — O que alcançam lágrimas de mulher	318
XLVII — Os monstros se exibem	324
XLVIII — A quebra de um juramento	332
XLIX — Um nome que se risca do livro dos vivos	338
L — O principe d'Arlemont completa o seu crime	343
LI — O mistério desprega o seu manto	351
LII — Um chamado a que se acode	357
LIII — Despenhou-se no abismo	364
LIV — Audaces fortuna juvat	374
LV — Um leito nupcial ao pé de um sepulcro	382
LVI — O tigre tem sêde de sangue	389
LVII — Perdôa-me, meu pai!	395

### Errata

Escaparam vários erros de revisão, mas, de pouca importância, ficando á intelligência do leitor corrigi-los.

20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

24960

